

CAVALEIRO DE OLIVEIRA



RECREAÇÃO PERIODICA

(Prefaciou e trad.

AQUILINO RIBEIRO)

I

LISBOA

OFICINAS GRÁFICAS DA BIBLIOTECA NACIONAL

1922

Sala A
Est. 8
Tab. 2
N.º 33

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
MUSEU NACIONAL DA CIÊNCIA
E DA TÉCNICA

Est. Tab. N.º

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO NACIONAL
MUSEU NACIONAL DA CIÊNCIA
E DA TÉCNICA

N.º 101

BNV: - N.º 1467



PUBLICAÇÕES DA BIBLIOTECA NACIONAL

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

1152
1152

RECREAÇÃO PERIODICA

Tiragem-se desta edição 80 ex. em papel especial
numerados e fabricados; postos à venda de

RECREAÇÃO PERIODICA

TOMO I



Rc
1152
92
91

Editorial da Biblioteca Nacional

Tiraram-se desta edição 80 ex.^s em papel especial,
numerados e rubricados; postos à venda do
N.º 10 a 70.

INV: - Nº 1467



PUBLICAÇÕES DA BIBLIOTECA NACIONAL

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

1152
1152

RECREAÇÃO PERIODICA

(Prefaciou e trad.

AQUILINO RIBEIRO)

TOMO I



Re
MNCT
92
OLI

LISBOA

OFÍCINAS GRÁFICAS DA BIBLIOTECA NACIONAL

1922

BNV - No 1487



PUBLICAÇÕES DA BIBLIOTECA NACIONAL

GAVALHEIRO DE OLIVEIRA

1175
1152

RECREAÇÃO PERIÓDICA

Adquirido Ilustrado



TOMO 1

R. 2
M. 10
P. 5
C. 1

EDITORA
BIBLIOTECA NACIONAL



Contraste vivo em tudo, guiado da mais pura flama e enrovalhado de negruras, arrogante e humilde, mimoso da sorte e senhor apenas dos caminhos, ora original e scintilante, ora plagiário sem vergonha, tal era o Cavaleiro de Oliveira. Nenhum escritor português arrastou cruz mais pesada, nem em nenhum a fortuna e a desgraça se revezaram com mais ardor a deprimir e a exaltar. Camilo descobriu nêlé o seu irmão na sina de sofrer como o era já na arte de rir dos absurdos e necedades do próximo.

Foi um irregular, um leviano, foi o seu século. Amou muita mulher, escreveu sem disciplina umas dezenas de belas páginas, foi até o crime sem dar bem por isso. Perverteu, demoliu, mas demolindo a sua obra moral foi maior que tôdas as suas perversões juntas. E expirou, chorando os desvarios, de olhos no Deus benigno, no Deus novo, cujo credo abraçara.

Os seus livros de controversia religiosa, meio apo-

logéticos meio panfletários, bem certo que morreram. Assinaláveis ao tempo por uma copiosa erudição e não menos cáustica análise, ficaram soterrados, como os fólhos dos enciclopedistas, no desmonte que intentaram e levaram a cabo. Cumpriram liberalmente o seu propósito. Com uma leve ternura, lembram-me êsses carinhos de mão, duma só roda, que, à força de remover escombros, trasfegar materiais, acabam de velhos atirados ao entulho sôbre que se erguerá a edificação moderna. Foi um precursor e, como tal, passou. Mas subsistem as suas páginas de amor, as suas anedotas de tão chistoso contar, e o grande affecto que votava ao seu país. Êste affecto vê-se no alvoroço com que escrevia à princesa Maria Elisabetha, sua amante: «Agora dirá V. A. que sou doido com as coisas da minha terra. Assim é, senhora, eu o confesso». Sentese na melancolia com que diz: «Que me enganaram para me obrigarem a deixar a minha pátria eu o creio; mas que deixe de chorar êsse êrro que fiz até morrer, não o creio».

Êsse sentimento, só, bastaria para lhe perdoar as nódoas negras da sua vida, inquieta e azougada, se legítimo fôsse espreitar o escritor através do homem, pesar suas ideas pelos seus actos. Ainda assim tão alto, tão vigilante é aquêle amor, que tudo deve perdoar-se-lhe, melhor, que está perdoado.

Pertencia Francisco Xavier de Oliveira a uma família de nome limpo e honrado, a qual, se bem que não tivesse entrada na côrte, estadeava as armas fidalgas dos Pereiras. Joaquim de Araújo, que deixou inéditos e até agora inexplorados os seus estudos sôbre o Cavaleiro de Oliveira, entronca-o naquele ramo, hoje representado pelos marqueses de Rio-Maior. Francisco Xavier era cioso da sua cepa como testemunha esta passagem: «Todos os nobiliários do reino, tôdas as histórias nacionais e estrangeiras são unânimes quanto à minha nobre estirpe». Que era de sangue estreme português, não tolera êle que duvidem! Sacudidamente declara a propósito da tolerância que reclama aos inquisidores de Lisboa para com os cristãos-novos: «Semelhante voto não dá direito a que se suspeitê dêle; não promuna do coração dum judeu».

Seu pai José de Oliveira e Sousa, que era contador dos Contos do Reino e Casa, serviu sucessivamente com o marquês de Alegrete e conde de Tarouca em Utrecht e Viena, de 1708 a 1734, na qualidade de escrivão do tesoureiro e secretário de embaixada. Poetou em espanhol, uma vez que se saiba, a quando do casamento de D. João V com D.^a Mariana de Áustria. Do poema chamado Epitalamio en los Felicissimos Despo-

sorios etc., esta quadra coral denota o gôsto alambi-
cado, então de moda:

Llegára la esposa al talamo suyo
En lazos de oro calzado el coturno
Al ala sucedan la antorcha, y el nudo
Y cante Hymeneo, pues calla Mercurio.

Além de Francisco Xavier, houve José de Oliveira e Sousa de sua esposa Isabel da Silva Neves—Tomás Xavier de Aquino, frade bento, décima-terceira testemunha no processo que ao irmão moveu o Santo-Ofício, um outro, José Xavier de Oliveira, de que se não descobri pegada, e uma rapariga que casou com um senhor rico, guarda-roupa do infante D. Pedro, Araújo Banha.

O P.^o Lourenço Pinto formou Francisco Xavier no conhecimento das humanidades, gramática, latim, história, lógica e filosofia de S. Tomás. O Colégio de St.^o Antão era resercado aos nobres; os padres-mestres, com aula aberta num e noutro bairro, recebiam os filhos da burguesia rica e os fidalgos de meia-tigela.

Com o pai no estrangeiro, sem um pulso forte a regê-lo, a educação de Francisco Xavier devia decorrer um pouco à rédea solta, sem sanção nem medida. Tanto assim, que com desprante se inculca como tendo

ficado aos dezasseis anos à testa de familia numerosa e começar desde logo a praticar a galantaria. O fidalguinho, sacudindo a sombra endolorida de sua mãe, condenada desde nova à viuvez, rompia na vida de dissolução e prodigalidade que levaram outros da sua igualha, como aquele D. Pedro Henriques, de Arroios, que torcia para as costas a cabeça a St.^o António, quando lhe não era propício nos amores. Aos dezasseis anos, no entanto, Francisco Xavier entrava como official no Tribunal de Contos, sinecura que lhe era dada, sem dúvida, em consideração com o pai que ali deixara bom nome. Dêsse cargo chasqueia mais tarde numa carta à condessa de Roccaberti, uma das preciosas de Viena: «Já tive a honra de dizer a V. E. que na minha pátria aprendi para ser contador dos Contos, e que me não bastando a prática de dezasseis anos para ser ao menos escrivão dêles, me serve de muita vaidade dar-me V. E. o emprêgo de contador de histórias...»

Ausente, os ordenados foram-lhe mantidos como se depreende das Memórias das Viagens. «Dezassete anos que eu tinha servido a Sua Majestade nos Contos do Reino e Casa me dilataram poucos dias para conseguir da clemência régia poder continuar o serviço na minha ausência, que foi continuar-se em mim a mesma mercê com que meu pai assistiu sempre ao Conde Em-

baixador.» Se mais tarde lhe foram suprimidos, não o diz, nem pudemos averiguar quando.

Os íntimos da família eram muitos e de qualidade e por aí se infere o lustro social que gozava. D. António Saldanha, que foi governador de Angola, Fernão Teles da Silva, tio do conde de Unhão, Valentim de Noronha, amante favorito da Gamarra, José Maria da Costa Pereira, capitão de dragões, homem livre, zombador de frades, de Deus e do Diabo, o capelão do secretário d'Estado Guedes Pereira, o conde de Óbidos são figuras que, no tarde, entre as brumas de Londres, virão voltejar, saudosamente, nas suas evocações de juventude. Se não conviveu com os nobres que vizinhavam o rei, andou por feiras, romarias, arruaças e comédias com esta fidalguia de segunda plana, estiradia por ociosidade, desbaratadora para se dar ares de primeira grandeza. Nas classes mais altas teve, porém, boas relações, como se prova pelas referências e dedicatórias de que enrameiam os seus livros. No Discours Pathétique, lembra aos académicos da Academia Real de História a honra que os dois marqueses de Alegrete, o marquês de Fronteira, José da Cunha Brochado, e particularmente o conde de Ericeira, D. Francisco X. de Menezes, sem falar doutros, estavam empenhados em conferir-lhe, elegendo-o para o douto corpo. Donde se conclui que, além do crédito que gozava como

homem culto, as suas relações na boa roda lisboeta eram das melhores. Em 1729, já dobrando os 27, em atenção a trinta e cinco anos de serviço de seu pai, el-rei o agraciou com o grau de cavaleiro de Cristo e o Tribunal de Consciência o confirmou. A concessão desta honraria, a não ser que fôsse conduzida, de longe, pelo conde de Tarouca, mostra que Francisco Xavier, quando nas ruas de Lisboa chacinava cães e gatos para experimentar o aço da sua lâmina, andava, igualmente, bem acompanhado.

Em 1734 faleceu em Viena o pai, mandando o embaixador celebrar exéquias com grande pompa, ao toque de trombetas e tímboles, como era da pragmática com pessoas gradas. E, «sem embargo de ter já um secretário» Inácio Mauro Valmagini, em homenagem ao servidor em quem «sua secretaria teve grã perda», quem sabe se solicitado na hora extrema pelo moribundo que não podia deixar de se doer com sentir o filho sem carreira, com a fortuna malbaratada, perdido na estroina de Lisboa, o conde de Tarouca o chamou a Viena.

Embarcou Francisco Xavier para a Holanda em 19 de abril de 1734, onde foi recebido na casa de campo de Mon Plaisir por D. Luis da Cunha, o célebre diplomata que, no Testamento Político, indigitou ao rei Sebastião José de Carvalho e Melo como o único ho-

mem de estôfo a arcar com o estado deplorável dos negócios públicos. Dêle traçou mais tarde um retrato ligeiro—doido varrido ao lado da amante, a judia M.^{me} Salvador, grande senhor, grande ministro, mas na pinta um dos lobisomens que corriam Lisboa à horas mortas.

A 6 de junho de 1734 entrava em Viena e, ao tempo que João Gomes da Silva, conde de Tarouca, o investia no cargo, lhe entregava os papéis particulares do pai e o espólio, cujo valor orçava entre duzentos e trezentos mil réis. Do primeiro encontro com o embaixador, deixou esta narrativa, repassada de amargura:

«Chegando a casa do Ex.^{mo} Conde Plenipotenciário o achei fora. Se adivinhasse o que depois me havia de suceder julgaria que este acaso era mau prognóstico; porém, quem tal consideraria vendo a civilidade, a graça, e a distinção que me mostrou logo que se recolheu e eu tive a honra de apresentar-me, abrindo-lhe a portinhola da carroça em que chegou?! Uma certa afeição natural que eu tinha à fama d'este grandíssimo Ministro, se aumentou à vista do conhecimento da sua amabilíssima pessoa. No discurso da assistência que lhe fiz, e na fatalidade dos sucessos, que dessa assistência se me seguiram, se viu e se verá que a minha afeição a seu respeito tinha mais do que naturalidade, pois que teve força de simpatia.»

Daqui em diante, a carreira do secretário do conde de Tarouca seria pouco menos que trevas se o erudito investigador e bibliotecário da Ajuda, Sr. Jordão de Freitas não houvesse desenterrado do Arquivo dos Negócios Estrangeiros preciosos documentos que derramam luz crua e infausta sobre a vida de Francisco Xavier em Viena e sua vereda funesta. Publicados no diário A Epoca, dêles nos socorreremos com a devida vénia sempre que se trate das relações do infortunado escritor com os homens públicos de Portugal. Preferível seria que, a encontrar êstes testemunhos, às mãos do Sr. Jordão de Freitas viesse parar o Plenipotentiaire Parfait et Imparfait, manuscrito de que rezam Barbosa e o próprio autor. A história, porém, não cabe ter simpatias nem guardar confidência de pecados e vergonhas. Êsse critério que punha capricho em beatificar todos os grandes homens, famosos pelo entendimento ou pelo rasgó, caducou. Não se partiu a pena elegante de Júlio César porque tenha sido um dissoluto, mais próximo de nós, Cervantes não deixa de ser um génio pelo facto de incarnar o perfeito malo hombre como o cominou um crítico.

Depressa se familiarizou Francisco Xavier com as práticas, modas e particularidade da vida vienesa. A capital do império de Alemanha era ao tempo um dos grandes centros cosmopolitas da Europa, onde as ra-

ças e as religiões confraternizavam. Levantiscos e ocidentais, emigrados de Este e aventureiros do Norte ali vinham vestir a couraça no exército mercenário do soberbo Habsburgo. Depois, o século XVIII foi de todos os tempos aquele em que o português mostrou maior desapêgo da sua pátria. Dobrava-se o cabo Finisterra nos galeões de Plimouth, ou afrontava-se por essa Castela fora os trabucos dos bandoleiros para ir disfrutar o luxo, a bela aventura das côrtes famosas e turbulentas. O Oriente já não oferecia inédito, o Brasil era uma selva. Nas tropas imperiais, ostentando altos galões, serviam muitos fidalgos portugueses.

Esta facilidade no desarraigamento cõa-se, ainda que sob forma especiosa e com travor de melancolia, da seguinte frase de Francisco Xavier: «O destêrro não é mais que uma passagem feita duma provincia para a outra. Esta outra provincia onde se acha um desterrado é o pais de todos aqueles que nasceram nêle; também o pode ser do desgraçado, se tiver entendimento para se acomodar com a sua sorte».

Em 1735, ei-lo familiarizado com a vida de Viena e na câmara da princesa Maria Elisabetha de Valáquia brincando — modo de a distrair na convalescença do parto — com as coisas mais mundanas e divinas. «...Pediu-me uma santa teresa para a cheirar apenas — disse-me ela. E aqui está, atrás do apetite do

odor veio o apetite do gôsto, e tragou-a toda como, não sem embaraço, se viu obrigada de me referir.» O que a princesa comeu foi uma das pequenas chuchas amassadas com terra tirada da campa de Santa Teresa que as carmelitas vendiam em Lisboa, rescendentes de drogas, e as damas devotas, portuguezas, rilhavam como manjares do céu.

Da menina que veio à luz, tão misticamente propiciada, foi Francisco Xavier o padrinho. E, tempos depois—a princesa era formosa e espiritual, o moço era garboso e galante—amavam-se os dois, e dêste amor, ao que parece, só o conde de Tarouca cobrou sombra.

Breve o secretário de embaixada dava o braço às altas personalidades da côrte imperial, o conde de Claravino, nobre de Florença, que no baile, na comédia e no jôgo queimava os seus belos vinte e quatro anos e a farta legítima, o príncipe Cantacuzeno de Valáquia, rei no exílio, D. Francisco Solano, o velho espanhol galantim, o general de La Cerda «o maior animal que gerou Espanha», o conde de Paar, correio-mor, Carlos Tier que as más linguas davam como irmão bastardo do imperador, o Dr. Pio Garelli, proto-médico da côrte, o P.^e Agostinho de Lugano, conselheiro de consciência de Carlos V, o general Toulon, homem de espirito, e até o próprio conde de Sinzen-

dorf, chanceler, cuja opinião cita em abôno de assertos seus. Pisava ao mesmo tempo os salões mais defesos, o da condessa de Aibell onde se jogava forte, e borbototeava pela Ópera, por alcovas, casas de campo, antecâmaras de preciosas. Se as Cartas não mentem, Francisco Xavier reinava no coração das mulheres e na simpatia dos homens.

O palácio do embaixador ficava no centro de Viena, na Esplanada, dali cómodo lhe era convergir para todos os pontos onde houvesse galas, sorrisos de damas e festins. Tal género de vida era, porém, incompatível com os recursos de oficial dos Contos e secretário de plenipotenciário. A galantaria — embora mal checou àquela côrte lhe aconselhar o conde de Vocrata que se não fiasse em mulher alguma do país porque tôdas eram feiticeiras, — distraía-o dos seus deveres; o gôsto da boa equipagem, o fausto e o vicio do jogo arruinavam a sua bôlsa modesta. Ao conde Claravino escrevia: «Recebo a sua carta em casa do conde Cantó onde não há mais livros que os das quarenta folhas, com os quais nos estamos aperfeiçoando na arte arrenegatória. Quási arrenegado com a pachorra com que estou perdendo...»

Com o custeio da pompa que levava, com as perdas à quadrilha contraiu dividas. Na embaixada havia um homem rasteiro e solerte ante o conde, sombreado da

pessoa de Francisco Xavier, que lhe não perdia voz nem pègada, o milanês Inácio Mauro Valmagini. Êste Valmagini era de sua profissão architecto e, nesta qualidade, conseguira insinuar-se no ânimo do conde, cuja paixão pela architectura o levava a vestir a blusa de trolha e a pegar dos camartelos como um operário. De seu risco era o salão de concêrto que D. Francisco de Liz mandara construir em Haia nos jardins do palácio, onde, tôdas as segundas feiras, vinha ouvir boa música de canto e instrumental a fina flôr da cidade.

O conde era um homem rígido se bem que acolhedor, de moral bastante austera, mas falacioso de práticas, como aconselha a cartilha do diplomata; muito religioso, a ponto que a sua fé ia ao cúmulo de professar que ao poder dos papas era azado entrar no Paraíso e enxotar qualquer santinho que lá estivesse gozando a bem-aventurança; sofria de gota e movia-se com dificuldade; além disso, despótico, cioso da sua soberania, dos seus foros, do seu rei, a que, contudo nem sempre serviu com o aprumo necessário — observa a Recreação.

Êle e Francisco Xavier eram dois temperamentos opostos; um todo pausa, velho método, o outro ardor e indisciplina; um devoto, o outro ganho às ideas da Reforma; o conde no seu antigo e irrepreensível trajo, o secretário de espadim com borlas, chapéu bordado a

ponto de oiro, sapatos rasos, senão o sinalinho «a entrar para a bôca» pois lhe quebraria o donaire másculo que em si admirava.

Por outro lado a versatilidade de Francisco Xavier também não era cômoda, nem aprazível a dirigir. Éle se confessa, ao ouvido duma dama: «A minha melancolia procede, minha senhora, da irregularidade dos meus affectos. O amor, a honra, a vaidade e o arrependimento conspiram para me atormentarem e para me despedaçarem o coração. Não há coisa no mundo em que descubra agora mais contradição do que nos meus pensamentos e nas minhas obras, tornando-me impenetrável a mim mesmo. Ao mesmo tempo que tenho conhecido tôda a vaidade dos pontos do universo, os sigo com maior ardor. Desprezo as injustas censuras do público, e deixo-me conduzir pela sua opinião. Não posso deixar de lamentar a minha triste sina! Vejo que me inquieta a ingratiidão que encontrei na mesma pessoa, que cri minha amiga, e vejo que me inquieta, muito mais, suporem-me a mim ingrato a respeito da mesma pessoa, de quem não posso negar que sou afeiçoado. A-pesar-de tôdas as boas ou más reflexões que faço, confesso-vos que não posso suportar com paciência as calúnias a que me acho exposto. Conheço os meus defeitos e não quero emendar-me. Amo a minha obrigação e não a exercito. Rebelde à auto-

ridade da minha razão, obro directamente contra as suas ordens».

Compreende-se perante êste volúvel e irregular génio de homem, que o velho conde de Tarouca, desse preferência em seus agrados e privança ao Valmagini subserviente e atencioso. E explica-se de parte de Francisco Xavier para o émulo um ódio que, muitos anos decorridos, ainda lhe fazia ranger os dentes.

O conde, de princípio porém, devia ter cometido afeiçãoá-lo, dobrar-lhe o ânimo altaneiro. Testemunham as partidas de jôgo — se a Recreação não inventa — que ficou a dever a Francisco Xavier e que êste, escorraçado, por espirito de picardia, lhe mandava pedir pelos amigos.

Nos documentos, trazidos à luz pelo Sr. Jordão de Freitas, o conde de Tarouca expõe seus agravos e queixas. Dizia êle para Lisboa, num longo officio, libelo caracterizado e todavia delator duma consciência pouco tranquila, pois não tinha que dar explicações sôbre um funcionário que cabia à sua faculdade nomear e despedir:

«Apenas vindo [de Portugal] desejou que eu lhe confiasse os papéis essenciaes, assim como os confiara ao pai, mas, além de que, andando então mui embaraçado nos pés, me repugnava subir uma escada de caracol por onde se ia ao seu alojamento, tive logo

relutância em fazê-lo porque lhe ouvi mui estranhas e mui affectadas expressões, semelhantes a algumas que contem os seus memoriais e assinalei nêles com pontos vermelhos, e lhe disse que lhe seria mais própria outra singeleza no trato. Comecei a pôr cuidado não só nos seus discursos, mas nos seus passos que em mui pouco tempo me desagradaram. Nêles o fui advertindo, e quando lhe mostrei algumas faltas consideráveis no serviço, como, por exemplo, o dormir fora de casa e o não ter apparecido jamais na antecâmara em alguma função, respondeu-me que obrava assim por falta de informações. E de advertir que estas não lhe faltavam porque tinha um íntimo confidente do qual se valeu para os desatinos, que abaixo direi, chamado João Pires, aliás João da Silva, que foi criado de seu pai, e há muitos anos me servia de copeiro. Vi que o pouco que ficara de seu pai se dissipara mui prontamente e entendi adverti-lo persuadindo-lhe moderação nas despesas e fundando-me, especialmente, nas de uma ceia custosa que deu fora desta terra. Respondeu-me:— confesso a V. Ex.^a que não estimo o dinheiro.— Repliquei-lhe que seria bom estimá-lo porque escusaria contrair dividas nas quais já se começava a reparar. Negou-as, e, vendo eu que efectivamente cresciam, lhe mandei dizer pelo meu confessor, que se se não reprimia nesse particular seria obrigado a exclui-lo do meu

serviço antes que o dano fôsse mais irreparável. Sobre esta advertência me veio falar tornando a negar-me as dividas e recorrendo a uma ridicula subtileza — por exemplo: dizendo-lhe eu que a mulher do dito criado João Pires se queixava de que êle lhe não pagasse uns centos e tanto de florins, e acusando-o eu de que me negasse a tal divida, respondeu: neguei-a porque a não devo à mulher, mas devo-a ao marido. Foi-se valendo de desculpas em outras dividas, e concluiu que eu provavelmente seria mal informado sôbre elas pelos irmãos Valmagini, pois eram seus inimigos. Duvidando eu de que o fôssem, instou:—«são tanto meus inimigos que me querem matar», sem se deixar convencer com eu lhe segurar que os tinha por homens de bem, incapazes de um assassinio, especialmente sendo um dêles clérigo e bom letrado.»

O outro Valmagini que era clérigo, Júlio César de nome, fazia na embaixada as vezes de capelão, depois que o dignatário se retirara a gerir a conezia em que fôra encomendado. O conde dava-lhe aposentadoria sempre que o exercicio da predicação o não distraia de Viena e êle dizia-lhe as missas que não deviam ser poucas, e cuidava-lhe dos negócios da alma como é próprio dum grande senhor que não dispõe de tempo para tudo. Francisco Xavier dá-o como um ecclesiástico tão inchado de vaidade e de orgulho que

se inculcava como descendente do imperador romano do mesmo nome quando, segundo os testemunhos dum seu patricio, o P.^o José Augusto, conselheiro de consciência de Carlos VI, os Valmagini eram filhos dum humilde pedreiro de Milão.

O que é fora de dúvida é que os dois irmãos se conjuraram para perder Francisco Xavier. Não foi preciso deitar-lhe, com aquella manha precavida e destreza sem igual que possuem os italianos, a casca de laranja para que escorregasse. O imprudente moço com a sua vida libertina e airada fornecia motivos de sobra para no ânimo formalista do embaixador não haver dúvidas em o condenar.

O ódio dos Valmagini tão bem como os seus quatro olhos pistavam-o a tōda hora e por toda parte e Francisco Xavier era brioso e pouco sofredor. Um dia que Inácio Mauro o afrontou directamente com dizer que a ordem de Cristo só servia ao rei de Portugal para recompensar os rufiões e vadios do reino, esteve para baldeá-lo pela janela. Guardava-se para hora melhor, como parece decorrer da Recreação, mas o rancor dos Valmagini era activo e persistente e, sentindo-se acossado, lançou mão dum recurso que não podia deixar de lhe ser funesto, dada a antecipação que contra êle nutria o plenipotenciário: amarrá-los no pelourinho, com erguer-lhes um libelo que, a avaliar

pela mordacidade da sua pena e pelos sentimentos que o estimulavam, devia ser contundente. Buscava assim um rompimento estrondoso com o conde, já latente é certo, ou tinha em vista jogar uma cartada? No officio que o embaixador endereçou para Lisboa ao secretario d'Estado, contando prolixa e emaranhadamente dos agravos e razões que o levaram a despedir Oliveira, deduz-se que êste lavrara os seus memoriais contra os irmãos Valmagini de peito feito, como quem vai à frente dum desquite ruidoso, cedendo à vaidade da veia literária. Porém, mais lógico parece que Francisco Xavier o fizesse com o intuito de defender a sua situação. A não ser assim, em vez de entregar os memoriais na mão do conde, teria sido mais certo publicá-los, como semanas depois, já na certeza de causa perdida, tentou efectuar em Holanda. Outro tanto se conclui da complacência com que se prestou a entregar o manuscrito das Memórias, o que está em desacordo com os assertos expendidos pelo conde sôbre a previsão que Francisco Xavier tinha quanto a ser despedido. De contrário, que motivos o poderiam ter levado a ceder ante um desejo indiscreto sendo humilhante? Escreveu o conde:

«Como Oliveira já esperava, quando me deu os memoriais, que eu o despedisse do serviço e arrecadasse os meus papeis, tirou do seu quarto para fora alguns

seus que lhe pareceu [dever] ocultar. Quando fiz o último exame nos meus, nos de seu pai e seus, vendo que faltavam as pueris Memórias, que sabia que compunha, as quais divulgava na casa que as mandara a V. Ex.^a na intenção de imprimi-las, perguntei-lhe por elas. Respondeu — que tinham partido. Disse-lhe que desejava ver os borrões para examinar se fazia prejuizo ao Real Serviço ou a mim o imprimi-las. Prometeu comunicar-mas e, nas semanas subsequentes, mas foi mandando da casa do dito principe de Cantacuzeno, aonde desde então mora, dizendo que se enganara, pois que as ditas Memórias, postas em limpo, não tinham partido. Eu lhas restitui, porque ainda que achei nelas muitas coisas contra a verdade, ridiculas e pueris, não respeitavam ao Real Serviço nem a mim.»

Esta embrulhada redacção é amostra do embrulhado entendimento do conde na pendência com Francisco Xavier e da confusão com que se escusou para Lisboa da medida tomada. Pois se o conde estava na persuasão de que as memórias haviam sido remetidas ao Secretário d'Estado, a que titulo se arrogava de censor na parte em que contendiam com o Real Serviço? Se Francisco Xavier passou desde a data em que lhe entregou os memoriais a morar em casa de Rudolfo Cantacuzeno como podia dizer, adiante, no mesmo officio:

«Desde que me deu o primeiro memorial evitou sempre aparecer-me, nem comeu mais em minha casa, adonde vinha muito tarde, sómente a dormir.»?

Entre Francisco Xavier e os Valmagini, no ânimo do conde, êstes pesavam mais. Seriam dóceis, pontuais, tolerantes senão lisonjeiros com suas pechas de velho doente e autoritário, verdadeiros rond-de-cuir's na secretaria—pois é muito provável que o P.^o Júlio César aí desse a sua demão—lisonjeiros se o não sabujavam, insinuantes e hábeis urdidores de maranhas. Francisco Xavier era o contrário. Por seus defeitos, tinha o conde motivo de sobra para alijá-lo. Mas não, não foi por sua vida irregular, seus desmazelos de funcionário que o despediu, foi pela catilinária contra os Valmagini. Queixa-se o conde de que Francisco Xavier se arrogava títulos que não possuía como moço fidalgo da casa real e secretário régio. Compreende-se, bem embora êsses títulos estivessem na tangencial da sua condição e cargo, que tais atribuições fizessem móssega no ânimo do fidalgo, ortodoxo em matéria de honras e de pergaminhos. O que está fora da razão é o apreensivo carinho, a viva susceptibilidade que revela pelos Valmagini. A seguinte citação dá já uma amostra de quanto o bom nome e a invulnerabilidade dêles lhe dava cuidados:

«O [Francisco Xavier] chegou no seu desatino a

tanto que, mui poucas semanas depois de me dar o primeiro memorial contra o secretário, não só o fêz público na casa, lendo-o ruidosamente ao seu confidente João Pires, mas o mandou traduzir por algum estrangeiro em francês e italiano. Pediu aos conhecidos e até a João Henriques de Bem, que não era seu amigo, que o publicassem nesta terra, e o mandou a Holanda, rogando a Joseph Psychoto que ali o publicasse; e Dom Francisco de Liz, por atenção comigo, o resgatou da mão do dito Joseph Psychoto...

«Na tradução francesa lhe emendou o autor dela várias ridicularias como a da Pira do Respeito, mas acrescentou-lhe outras expressões consideráveis, como a de dizer que o título de secretário de El-Rei só podia convir a seu pai e a êle, pela natureza dos negócios nos quais tiveram parte.»

Não sei as normas que regulavam a diplomacia portugueza do século XVIII. Mas de facto, Francisco Xavier tinha justificada razão quando reclamava para si, portuguez, de preferênciã a estrangeiro, um cargo de confiança, que só nacionais podem desempenhar com desvêlo e honra. A última frase do conde é bastante ambígua para não deixar transparecer a malha rôta na defesa que tomou dos Valmagini.

Despedido da embaixada, não interrompeu Francisco Xavier a sua vida de sociedade, nem as Cartas

da época são menos prazenteiras e buliçosas de graça. No officio expedido a Lisboa, reza mais o conde:

«No dia 12 de junho me escreveu Oliveira a carta que vai, copiada, com a letra G na qual tornarei a falar em baixo. Partiu desta terra no dia 16, deixando divulgado que ia a Lisboa, e no dia 16 de julho tornou a aparecer aqui, dizendo alguns dos seus confidentes que não estivera em Lisboa mais do que 24 horas para nelas receber os seus despachos. Como era impossível caber ida e volta naquele tempo fiquei conhecendo que o seu ânimo é dilatar-se aqui à custa do seu imprudente amigo Cantacuzeno e prosseguir nos fingimentos de que havia de ser ministro de Sua Magestade, mas que não mostraria os seus poderes senão depois de eu partir.»

Que Francisco Xavier inculcasse ao conde que partia para Lisboa, é legítimo crê-lo, pois com tal devia pretender que lhe pagassem a viagem de volta que lhe era devida. Tal intuito ressalta da passagem a que o próprio conde se reenvia e onde declara: «[Na] qual carta [que] deixou na mão de Cantacuzeno diz que lhe era necessário recolher a Lisboa a tratar das suas dependências e oculta que eu lhe ordenei que fôsse informar os ministros de Sua Magestade dos crimes que imputava (ao embaixador ou aos Valmagini?) e que suposto fêz para encobrir ao Cantacuzeno, a quem

tem miseravelmente enganado, que não obrava por ordem minha mas pelos seus interesses. A dita carta se me deu uns dias depois dêle partido e por isso lhe não paguei a jornada senão depois que voltou de Amsterdão, aonde foi pedir a Alvaro Nunes da Costa (conforme o dito avisou) que lhe desse os papeis que guardava de seu pai».

Notem-se as contradições aparentes e contradições veladas dêste escrito: «No dia 12 de junho me escreveu Oliveira — partiu a 16 e se me deu [a carta] uns dias depois», onde, se pode não haver contradição formal, há contradição na lógica como os factos teem o seu curso, dado o carácter de urgente que revestia a carta de Francisco Xavier. Ignora, além disso, a sua jornada para Lisboa e todavia ordenara-lhe «que fôsse informar os ministros de Sua Majestade dos crimes... etc. Observa «... era impossível caber ida e volta naquele tempo» e confessa «... voltou de Amsterdão aonde foi pedir a Alvaro Nunes da Costa (conforme o dito avisou) que lhe desse os papéis que guardava de seu pai». As alegações quanto a Cantacuzeno e seus fingimentos destrói-as também a carta que enviou ao mesmo príncipe Francisco Xavier, de Amsterdão, com a data de 5 de julho de 1737: «Tudo o que V. A. me diz me admira. Sabendo qual é a inconstância e a falsidade que praticam os homens, ignorava que

houvesse homem no mundo tão falso e tão inconstante. O ruído que aí corre de que fui para a Hungria servir, sem dúvida, de maior confusão a quem lhe deu principio, em constando com certeza inegável que me acho em Amsterdão. Não tema V. A. que esse novo falso testemunho me prejudique, porque tendo aqui falado com muitas pessoas do meu conhecimento estive diversas vezes com o agente que aqui há da minha côrte, o qual em todo o tempo que fôr necessário justificará que, quando me fazem no exército empregado contra os inimigos da fé, me acho em campanha contra os adversários da razão. O que V. A. ouviu na Ópera ficará desmentido em poucos dias e a palavra que V. A. deu ao embaixador de V.... será verdadeiramente satisfeita com honra sua, porque se V. A. se obrigou a que eu appareceria em Viena dentro em seis meses de tempo, eu lhe prometo que me vejam todos nessa côrte antes de quinze dias, se a saúde ou a vida me não faltar no caminho.»

O conde buscava explicar-se, mas explicações são estas que ninguém lhe pediu e que não era obrigado de dar, — revelando um estado de alma apavorado e atabiliário, senão uma attitude pouco nobre — ditadas pelo espectro de Francisco Xavier correndo a Lisboa a queixar-se ao ministro e sapando seu bom nome e seu poder. Que outra conclusão se pode tirar daquela

escusa infantil da carta que chegou tarde e de suas atarantadas contradições e menos exactos dizeres?

Mas reatemos o requisitório contra Francisco Xavier quando o dá como revestindo-se da dignidade de ministro de D. João V, mas calando os poderes, até à partida do plenipotenciário. Continua assim o conde:

«Nestes tērmos foi-me preciso tomar medidas sérias, porque enquanto imaginei que êle ia a Portugal, considerei que Sua Majestade mandaria examinar o seu procedimento, resolvendo sôbre isto o que fôsse servido; mas quando vi que êle continuava nas imposturas, julguei que me era indispensável preveni-las, especialmente porque ainda está fresca nesta côrte a memória de um impostor que se fingiu ministro de Saboia, logrou honras e privilégios como tal, e quando se retirava de aqui foi colhido no caminho. Entendi que não haveria tempo para esperar ordens de Sua Majestade na matéria, e que convinha mais ao real decôro remediar eu, por mim mesmo, aquela temeridade, afirmando que ela não tinha chegado aos ouvidos de Sua Majestade. Disse ao chanceler conde de Sinzendorf que, tomando S. Ex.^a para isso ordem do imperador, repreendesse a loucura daquele homem contra a qual eu não poderia proceder como amo, pois que êle já não estava no meu serviço, e que o tal louco ganhava em ser repreendidido e ameaçado, porque se

continuasse no desatino, e El-Rei o soubesse, teria maior infelicidade. O conde de Sinzendorf, com o beneplácito do imperador, fez a diligência, mandando-o chamar. Tomou Oliveira o caminho de negar o seu crime, porém Sinzendorf tinha na mão a certidão do baptismo, apontada já aqui com a letra A. Também negou que elle não difamara a Mauro Inácio Valmagini, sem embargo de que também tinha na sua mão a cópia do memorial que divulgou com toda a publicidade, e vai já aqui apontado com a letra B.

«Respondendo-lhe assim Francisco Xavier, poucos dias depois levou ao conde dois papéis, do mesmo teor, escritos de sua letra e sinal; um em portuguez, outro em italiano, os quais o conde me entregou e vão juntas cópias dêles, com as letras H e I. De sorte que eu conservo agora em meu poder o memorial da sua letra e sinal cheio de calúnias contra o sobredito Valmagini e a revogação também da sua letra e sinal em que afirma que não disse do dito Valmagini mais do que ser milanês e architecto. Isto basta para provar que Oliveira é falsário, pois que formalmente se revoga, e no seu essencial crime de se fingir secretário régio teve o chanceler a confirmação, porque informando-se do conde Bassevitz, conselheiro de estado do imperador, o qual jantou diversas vezes com Oliveira em casa de Cantacuzeno, lhe afirmou aquella impostura...»

«As coisas, que me afirmam que diz, contra a minha pessoa me não fazem a minima pena, porque nunca teem consequência as sátiras de um indigno embusteiro. Todo o meu estudo é evitar ofensas ao decôro de El-Rei, mas essas pareceu-me que podia preveni-las pelos passos que dei com o chanceler. Também a justiça e a cristandade obrigam a reparar o crédito dos irmãos Valmagini; mas êstes, que na presente ocasião se houveram com muita prudência, teem a espécie de satisfação de que Oliveira se haja revogado, suposto que essa revogação se não divulgue, tendo sido divulgado o primeiro memorial. Quanto ao segundo memorial que positivamente acusava ao abade Valmagini de traidor não me consta que Oliveira o espalhasse, ou fizesse traduzir, e por esta razão também eu não falei nesse segundo memorial ao chanceler. E' tal êste embusteiro que havendo cobrado no dia 13 de agosto o dinheiro da jornada e do seu sustento emquanto não partia, que lhe levou a casa do Cantacuzeno o seu confidente João Pires, queixou-se há poucos dias, em companhia do Cantacuzeno ao capucho frei Agostinho Maria de Lugano, de que eu lhe não dera o dinheiro para a jornada, negando tê-lo recebido, sem embargo de eu ter recibo seu que mostrei no mesmo dia ao tal capucho e cuja cópia vai marcada com a letra I. Por eu lhe ter dito, no tempo que o despedi, que lhe daria

para a jornada o mesmo que houvesse despendido quando veio de Portugal (como cumpri) quis meter na conta das adições que prometi pagar-lhe, se êle tivesse despendido outras semelhantes, uma de cincoenta pistolas que D. Francisco de Liz mandou providamente entregar em Osnabrück para que não lhe sendo necessárias as trouxesse ao beneficiado Domingos de Araujo. Êle as trouxe e entregou com efeito de sorte que no livro da receita do beneficiado se acham lançadas com a explicação escrita de letra do tal beneficiado; e este tal livro mandei eu mostrar ao dito capucho para que êle não pudesse duvidar da minha sinceridade. Da conta cavilosa que armou Oliveira da sua letra para lograr aquela velhacaria vai cópia marcada com a letra M.»

«... Aconselhando-lhe o capucho que me pedisse perdão êle se irritou, querendo quási igualar-se comigo. Instou-lhe o capucho que se lembrasse de que fôra meu criado; replicou-lhe: criado do conde não, criado de El-Rei.»

Em boa verdade o decôro de El-Rei não é que estava em causa, mas sim a reputação dos Valmagini sobre a qual o conde não sabe calar as suas apreensões. Acrescente-se a isto aquele regateio de cincoenta pistolas que, positivamente, não reverte em abôno do conde, em despeito dos têrmos, «embuste e velhacaria»,

com que comina a apresentação dum suplemento nas despesas que as contingências da viagem justificam sobremaneira.

Tenha-se, também, em conta que os «crimes essenciais» em que se estriba no cadastro contra Francisco Xavier lhe eram sobejamente conhecidos desde os primeiros tempos, como atrás, de passagens do seu officio, deixa perceber. Se constituíam matéria inibitória, porque não procedeu de comêço contra êle? Acima de tudo, da leviandade e irregularidades de Francisco Xavier, o conde conduziu-se ao sabor dos Valmagini, movido pelo seu ódio, como êstes pela sombra que o colega português lhes fazia.

O conde de Tarouca, com o cavaleiro, não foi generoso, não foi liso, sobretudo não foi português.

Até fins de setembro de 1738, pode seguir-se Francisco Xavier, mediante as Cartas, na vida de Viena. Desapossado do seu cargo, vingava-se em irritar o conde e despachar-lhe mensageiros que lhe requeriam, em seu nome, o pagamento de dividas velhas, contrahidas ao jôgo.

«Forneceu-me [o jôgo], pelo contrário — escreve — pretexto a confundir um ministro que, jogando sob palavra quando perdia e cobrando-se sempre que ganhava, nunca me pagou dez mil florins que a tanto sobem as quantias que me ficou a dever de diferentes

partidas. Durante anos a fio lhe fiz crédito desta importância, não lha pedindo sequer. De igual melindre não usou para comigo o conde de Tarouca. Tendo-lhe eu mandado pedir em carta o dinheiro que me devia, não se dignou responder-me. Em face do seu silêncio, tornei público o caso, não me acanhando de falar no calote, desassombradamente, na boa roda que freqüentava. Cheguei ainda, mais para o arrelhar que para outra coisa, a mandar-lho pedir por Matias da Cunha, cavaleiro de Cristo, que actualmente serve no exército de Sua Majestade Imperial, e pelo P.^o Agostinho Maria de Lugano, prègador, capelão e favorito de Carlos VI, neste momento bispo de Coma, na Itália. Obstinou-se a não me querer pagar; pouco tempo depois morreu.»

O conde de Tarouca falecia a 29 de novembro de 1738, e à mesma data escrevia Francisco Xavier, nesta redacção precipitada, ditada pela pressa de aproveitar a ocorrência, a D. Luis da Cunha, embaixador de Portugal em Paris:

«Ex.^{mo} Sr.

Sendo a minha pouca fortuna o principio de outros muitos que me separaram da companhia, serviço e assistência que vim fazer ao Ex.^{mo} Sr. Conde de Tarouca que Deus haja, e tendo informado a côrte há muitos



mezes da occasião e das consequências dela, faz também a minha pouca fortuna que até ao presente não recebesse resposta, nem decisão, não sómente a respeito dos meus particulares, mas nem ainda daquelles em que se interessa sem disputa o serviço real.

Havendo muitos dias que o Plenipotenciario se achava sem moléstia alguma, nem ainda a de gota que padeceru há mezes, e tendo ceado hontem sem o minimo sinal de novo ataque se recolheu a sua casa na forma ordinária. Antes das seis horas do dia de hoje se levantou em camisa, e indo pessoalmente a chamar um rapaz que dormia junto à sua câmara, êste e o laçao que estava de guarda o levaram instantâneamente ao seu gabinete, onde perdeu a fala apenas que entrou, perdendo poucos momentos depois a vida, sufocado sem poder confessar-se, ainda que o capelão da casa se achava já presente. Pelas seis horas e meia expirou.

Julgando que devia participar o referido ao secretário de Estado e faltando-me outros meios de o executar, cuido que é da minha obrigação informar V. Ex.^a a quem humildemente espero queira ordenar ao seu secretário que, com os despachos de V. Ex.^a da primeira posta, inclua a carta que remeto para António Guedes Pereira.

A justa occasião de tomar esta liberdade me dá va-

For para prostrar-me reverentemente aos pés de V. Ex.^a pedindo-lhe a sua protecção, e os seus sufrágios para a cõrte de Lisboa, onde juro a V. Ex.^a que tenho produzido tôdas aquellas razões e justificações que bastam para me atenderem como a um vassalo honrado e fiel, pode ser que sem exemplo no meu estado.

Dêste informaria a V. Ex.^a se não temesse violar o respeito que lhe devo, mas logo o executarei se V. Ex.^a for servido ordenar-me.

A Ex.^{ma} pessoa de V. Ex.^a guarde Deos muitos anos. Viena de Austria, 29 de Novembro de 1733.

Ex.^{mo} Sr. D. Luis da Cunha.

Criado de V. Ex.^a

Francisco Xavier de Oliveira.»

Obtemperou D. Luis da Cunha aos desejos expressos, remetendo para o secretario de estado a carta, que Francisco Xavier lhe dirigia por seu canal, e interferindo em Viena, a bem das suas pretensões, junto de Manuel Teles da Silva, filho do conde de Tarouca, que ali gozava de grande crédito, a pontos do imperador o haver nomeado seu conselheiro de estado, e membro do Conselho de Flandres, o que lhe rendia nove mil cruzados.

Sob o seu enderêço lhe enviava também, uma carta para Francisco Xavier, que Manuel Teles da Silva se permitiu devolver depois de aberta, com letra, datada de 27 de dezembro de 1738, em que dizia, entre outras coisas:

«Restituo a sua para Francisco Xavier de Oliveira, porque não é digno desta honra, nem a dêste homem está aqui tão segura que, mostrando a carta, não pudesse fazer grande prejuizo á grande veneração que se tem ao talento de V. Ex.^a principalmente aquellas pessoas que sabem o quanto meu pai o avaliava.

O tal desatinado Oliveira intentou nada menos que surpreender ao imperador para se fazer dar todos os papéis de meu pai, e isso no mesmo tempo em que pessoas de má reputação, mas confidentes do tal Oliveira, se faziam inculcas para a venda de várias cartas particulares e familiares de meu pai de que êle dizia ter cópias.

Ora veja V. Ex.^a que personagem é esta para se lhe entregarem os papéis de um tal ministro. Êle veio de Portugal depois da morte de seu pai José de Oliveira para servir na secretaria e cópia do registo, mas desde o principio que aqui chegou teve meu pai alguma desconfiança, ou desagrado do seu modo, e porisso, tratando-o muito bem, nunca se quis servir

dêle até que apresentando um papel insolente e caviloso o deitou fora de casa há mais de vinte mezes.

«Parece-me que esta sucinta relação basta para que V. Ex.^a conheça o motivo porque abri a sua carta, e lha restitua e não digo outras circunstâncias dos desatinos dêste homem porque quero seguir a moderação e paciência de meu pai, que Deus haja, e não fazer o papel de acusador, etc.»

De novembro de 1738 até setembro de 1740, perder-se-ia o rasto de Francisco Xavier de Oliveira, se não fôra uma breve nota da Recreação, de que se infere estar gozando a lua de mel com sua segunda mulher em casa do sogro, o snr. de Puechberg, provavelmente na casa de campo de Pulver-Stamp, a seis léguas de Viena. Ao passo que ali compunha e refundia os primeiros livros que em Holanda deu à publicidade, ia enviando representações para Lisboa que tôdas ficaram sem eco.

Datada de Amsterdão, 4 de agosto de 1741, —deviam ter vindo a lume as primeiras publicações de Francisco Xavier;—recebia Francisco Mendes de Goes, secretário da Embaixada de Portugal em Paris, a importante carta seguinte:

«Meu Sr. — Tendo a honra de escrever hoje ao Excelentissimo Sr. Dom Luis da Cunha, é de tal qualidade o negócio que me obriga a mandar a cópia do

que lhe digo a V. M. cujo zelo e amor pela côrte de Lisboa é tão conhecido que me lisonjeio que, conferindo com o dito Excelentíssimo Sr. e ponderando com êle as consequências dêste caso, seja V. M. o que lhe dê o remédio, estando certo em que El-Rei N. S. o não tem conhecido, como devia, pelo embaraço e descaminho que se deu às minhas cartas e representações.

Como nesta matéria não peço favor para mim, é escusado lembrar a V. M. que sou filho de José de Oliveira e Sousa, sobrinho do padre Manuel Ribeiro com quem V. M. tratou boa amizade; e, sendo o favor que procuro em beneficio e crédito da nossa mesma côrte que V. M. serve com tanta autoridade e distinção, essa razão sómente basta para o persuadir.

Que eu não seja remunerado, em atenção à despesa e o trabalho com que descobri e resgatei o arquivo de que se trata, pode ser sómente desgraça minha, porém, consentirem e cooperarem os ministros da côrte para que se percam papéis desta importância, permitindo que entrem em poder de outro príncipe, quem é que poderá negar, depois, quando eu escrever e publicar as circunstâncias dêste negócio, que êle se perdeu por ignorância, por malignidade, e por cegueira dos parentes do sr. conde de Tarouca e dos ministros que os favorecem contra os interêsses de S. Magestade que Deus guarde!?

Os ditos papéis, que são os que contem a Memória inclusa, se acham na mão de um eclesiástico católico romano, na cidade de Amsterdão, o qual no dia vinte do corrente os entrega, sem dúvida alguma, a quem lhos confisca, e a quem os depositou em seu poder para que eu os desempenhasse, como prometi quando cheguei de Viena. Eu nem os pude desempenhar nem posso embarçar mais a sua perda. O trabalho, a despesa, e o perigo a que os ditos papéis expuseram o meu zelo e a minha fidelidade bem mereciam outra recompensa, porém, já que o poder dos contrários é maior que o valor das minhas acções, fiquem estas muito embora desgraçadas, mas não se deixem perder papéis tão importantes e tão secretos da negociação de um tão grande ministro portuguez, num reinado tão opulento que se admirará o mundo, se é que não vai rir de um êrro semelhante e sem exemplo.

A pressa e o desgosto com que sou obrigado a dar esta noticia a V. M. me não permite ser mais dilatado. Estou persuadido que é muito grande a minha infelicidade, porém estou igualmente certo que a capacidade e a honra de V. M. é também grande, e que por esse principio poderei ainda conseguir que S. Magestade seja ainda servido como pede a razão e a consciência numa matéria tão delicada, e com que, por meus pecados, se me fazem culpas que jamais tive. Deus

permita que se possam salvar as escrituras a tempo, e o mesmo Sr. guarde a V. M. por muitos anos como desejo.

Amsterdão, 4 de Agosto de 1741.

Muito servidor de V. M.

Francisco Xavier de Oliveira.»

A carta para D. Luis da Cunha rezava assim:

«Depois de perder parte da minha vida, toda a fazenda, e muita saúde ao serviço de S. Majestade, que Deus guarde, teve a família do sr. conde de Tarouca, patrocinada pelo favor dos ministros da côrte, o poder de conseguir que eu perdesse também o mesmo serviço, fazendo com que se não desse uma só resposta a tanta representação que fiz, no espaço de onze mezes que tenho estado em Holanda, sem falar nas diligências da mesma natureza que principiei em Viena.

Tôdas as escrituras que há presentemente da secretaria do sr. conde de Tarouca são as que constam da memória inclusa, e como eu julguei que desempenhas e oferecê-las à côrte era uma acção honrada e gloriosa, não duvidei de a executar mostrando diligências muito maiores das que se podião imaginar das

minhas fôrças. O que consegui foi perder, com o cabedal, a reputação, pois que os inimigos e os ignorantes teem chegado a persuadir aos meus mesmos amigos e aos mesmos homens probos que fui eu que alienei tôdas estas escrituras, ao mesmo tempo que elas se achavam empenhadas desde o ano de 1725, nove antes que eu saísse de Lisboa, como posso e quero justificar por escrito que estou imprimindo.

Quem tem as escrituras chegou a conhecer o que tem, e, sendo certo que se negoceiam presentemente, não posso embaraçar que dentro em poucos dias entrem na mão de quem as não dará depois por dinheiro algum. Com mil pistolas se poderia haver todos os papéis da memória inclusa, dos quais muitos são originaes, porém, como não tive até agora essa soma, como não é possível que a espere de Lisboa, e como os papéis passam sem dúvida alguma dentro em quinze dias a outro dominio, antes que suceda essa infelicidade, que sendo irremediável fará injúrias à nossa côrte e descobrirá ultimamente a malignidade de quem tem cooperado para esta perda, tenho a liberdade de representar a V. E. o que se passa nesta matéria para descargo da minha honra e da minha consciência.

Se V. E. entende que é do serviço de El-Rei N. S. acudir a um tal negócio, V. E. me ordenará prontissimamente o que eu devo e o que posso obrar, e se

V. E. não fôr servido de me mandar responder, entenderei que as escrituras não teem merecimento, nem consequência alguma, e deixando-as entrar, a-pesar-do meu coração, nos arquivos de outra côrte, me retirarei logo para a de Viena pedir uma esmola, que é o estado em que me teem posto os ministros da nossa côrte enganando El-Rei, o qual não é possível consentir que outro algum príncipe, talvez com menos dinheiro do que êle, compre os ditos papéis da negociação, como succede em quinze dias se V. E. não pode ou entende que isso se não deve remediar.

Para mostrar a V. E. o grande respeito com que me ponho aos seus pés o comparo ao grande sentimento com que me vejo obrigado a participar a V. E. esta noticia. A Excelentissima pessoa de V. Ex.^a guarde Deus muitos anos.

Amsterdão, 4 de Agosto de 1741.

Francisco Xavier de Oliveira»

Seguia-se a relação dos papéis, subtraídos na secretaria do conde de Tarouca, correspondência do plenipotenciário com os enviados de Portugal em Londres, 1710-15, 1721-23; com o enviado em Madrid, 1720-25; relatórios secretos de devassas mandadas effectuar em

Colónia, Munster, Salzburgo; diário de tudo o que se passou na côrte de Viena de 1726 a 1730, 5 tomos fôlio; todos os tratados que fez a côrte de Portugal com as diferentes côrtes da Europa, 2 tomos fôlio; correspondência regular, duma carta por semana, com Nuno da Silva Teles desde 1726 a 1733, etc., documentos êstes, todos juntos, para carregar um macho.

Como judiciosamente observa o sr. Jordão de Freitas em comentário a êste singular successo, sendo certo que os documentos estivessem empenhados desde 1725, o diário e a correspondência com Nuno da Silva Teles não poderiam figurar entre êles.

Quem cometeu o desvio dêstes documentos? A' primeira vista ressay que tal subtracção, pelo menos de jacto, se não podia fazer por porta falsa. Aquilo, a avaliar pelo arquivo das legações portuguezas modernas, não foi um desvio, foi um saque. Também não podia ter sido Francisco Xavier, até a data pelo menos em que foi despedido do serviço na embaixada. O conde de Tarouca arrecadou os papéis, procedeu de certo a um balanço visto a desconfiança que lhe inspirava o secretario demittido, e, para mais, a guarda dos Valmagini era vigilante. Ter-se-ia apoderado dêles, immediatamente apòs a morte do conde, com o intuito de reaver o seu lugar ou cargo de igual indole, como deixa transluzir a carta de Manoel Teles da Silva de que

atrás se deu a passagem essencial: «o tal desatinado Oliveira intentou nada menos que surpreender o imperador para se fazer dar todos os papéis de meu pai...»?

Tal cometimento teria sido em seu início coroado de êxito e Francisco Xavier houvera à mão o arquivo, na boa fé de exercer uma função que cobiçava, deixando depois de devolver os papéis a quem de direito?

Seria outro, o escudeiro João Pires por exemplo, o autor do furto, aparecendo mais tarde Francisco Xavier como intermediário, exclusivamente, do seu resgate, forçado a isso pela sua situação difícil?

A não ter surpreendido, de facto, o imperador e obtido a entrega da secretaria, Francisco Xavier não podia ter sido o autor da subtração. Que o não foi em vida do conde de Tarouca entra pelos olhos dentro. Por via escusa não é provável que o fizesse depois. Dar-se-ia o caso de sumirem-se os Valmagini por um alçapão, ou na embaixada não haver já continuos, porteiros, e, o que é provável, de pé atrás para com Francisco Xavier? Não residia em Viena o filho do defunto conde, o todo poderoso Manuel Teles da Silva?

Menos me repugna acreditar que outrem fôsse o autor do roubo e que Francisco Xavier, mais tarde, sob o acicate da necessidade, apenas se associasse na al-

moeda dos documentos. Seja como fôr, até que uma prova apareça categórica e definitiva, Francisco Xavier não furtou, mas também, sem luz nova, a sua pessoa moral fica marcada dum labéu que o avilta naquelas qualidades, honra, fidalguia e lealdade, que mais alardeava.

Os documentos, consoante officios que existem nos Negócios Estrangeiros, foram resgatados por ordem de Marco António de Azevedo Coutinho, a rôgo de D. Luís da Cunha em 1744, da mão do livreiro Moetjens, pela quantia de mil ducados, andando cêrca de seis anos o P.^o Filipe Lazaun y Rodriguez a bater à porta das embaixadas de Viena e de Paris, para reaver uns 244 florins, resto de que se dizia desembolsado no negócio.

Cêrca de três anos e meio viveu Francisco Xavier em Holanda. Em meados de 1744 passou a Inglaterra, estava como enviado de Portugal naquela côrte Sebastião José de Carvalho e Melo. Dirigiu-se à embaixada; ausente no reino o senhor enviado, recebeu-o o secretário Francisco Caetano. Dêle falou numa carta, datada de 2 de junho de 1744, para seu amo, nos seguintes termos:

«Há dias que me veio falar um portuguez, o qual principiou o seu discurso dizendo-me: que era um cavalheiro a quem S. Magestade tinha feito a honra de

encarregar de um negócio de muito segrêdo e de grande importância, o qual negócio o obrigara a vir a esta cidade, e que, como não achava a V. S.^a para o ajudar no dito negócio, pelo menos esperava que eu o forniria de meios para poder proseguir. Respondi-lhe que V. S.^a me tinha feito a honra de me deixar aqui como um simples guarda da sua casa, e que assim lhe não podia ser bom para coisa alguma. Tornou a insistir dizendo-me: que do negócio que andava encarregado dependia inteiramente a conservação, ou a ruína de Portugal, e que, como eu o não queria ajudar e êle não podia dizer quem era, se perderia o negócio por falta de meios, os quais não tinha, por ter gasto quanto possuía com correios que tinha expedido a essa côrte. Aqui conheci, claramente, que era aventureiro, e lhe disse: que podia buscar o caminho que lhe parecesse porque eu lhe não havia de fazer nada sem uma ordem expressa de V. S.^a. A isto me respondeu que as suas ordens eram imediatamente dadas por El-Rei N. S. e assignadas do próprio punho, e para assim me persuadir tirou vários papéis nos quais me mostrou sómente a firma real, e ao depois tirou várias cartas de Dom Luís da Cunha e do conde de Tarouca, e, ainda que êle me não mostrava mais do que as assinaturas, contudo vi numa delas um sobrescrito pelo qual conheci que era o secretário do conde de Tarouca que

estava refugiado na Holanda, e para me desembaraçar d'êlle lhe disse: que ainda que eu o não conhecia, contudo tinha ouvido falar nêlle muitas vezes, a respeito das grandes contendas que tinha tido com o conde de Tarouca sendo seu secretário. Tanto que viu que não podia enganar-me, respondeu que antes de pouco tempo o mundo saberia quem êle era e a sua verdade, e despediu-se. De ai a poucos dias me avisou o padre Lazaua de que o Cav.^o de Oliveira tinha fugido de Haia, e recomendando-me me guardasse d'êlle, se acaso aqui viesse, por ser homem mal intencionado».

O pobre, o triste cavaleiro de Oliveira ia arrastando a sua cruz de miséria e rojando-se pelo opróbrio das malas artes. Em 1745 Sebastião José de Carvalho volve a Londres e defronta-se com êle. Assim consta duma carta particular, 23 de março de 1745, sobrescritada a Marco António de Azevedo Coutinho:

« Vim achar em Londres o célebre Francisco Xavier de Oliveira, ou por outra o secretário infiel do senhor conde de Tarouca. Depois de o ter recambiado várias vezes, fui obrigado a ouvi-lo pelas exagerações que fez sôbre a importância do negócio que tinha para me comunicar. Consistia êste em me querer vender vários papéis, que ainda lhe restavam. Respondi-lhe, porém, que de nenhuma sorte me meteria em semelhante ne-

gocio, dizendo-me êle que já o tinha tratado com o senhor Dom Luis da Cunha e que a êle podia recorrer para o acabar.

« V. M. sabe que não desejo fazer mal; mas entendo que é grande bem meter êste homem numa prisão se para isso houver meio; porque na verdade é uma injúria do hábito, que traz, e da Nação a que diz que pertence. V. M. sabe qual é a Constituição dêste Reino».

Esta attitude cominatória de Sebastião José de Carvalho e Melo está em desacôrdo com as palavras seguintes, extraídas do Discours Pathétique na carta que o cavaleiro lhe dirige — occupava já então o alto cargo de secretário de Estado — datada de Londres, 25 de janeiro de 1756: « Je me féliciterai toute ma vie des bontés dont V. E. m'a ci-devant comblé ici à Londres; mais elles me sont plus précieuses que jamais dans la circonstance présente; puisqu'elles me sont de sûrs garants que V. E. est convaincue que je suis véritablement un fidèle sujet de Sa Majesté, un Chevalier de son Ordre, un gentilhomme de sa Maison Royale, un zèle Portugais, et autorisé par cela-même à me dire avec respect, de Votre Excellence, le très-humble et très obéissant serviteur... »

Sebastião José de Carvalho devia, pois, para com êle ter afivelado aquella máscara duplice que lhe reconheceu a história. Amenidades, acolhimento prazen-

teiro, promessas, favores talvez, em face; a punhalada pelas costas, desde que o lance lhe serviu a avançar a pedra no seu taboleiro.

Não nos repugna assim acreditar que, num simulacro de zêlo, tenha feito relaxar em estátua o cavaleiro, por causa dêste mesmo Discours Pathétique em que é lisonjeado, e, mais tarde na luta com Roma, a propósito daquela tentativa duma Igreja Lusitana, explanada no célebre opúsculo do P.^o António Pereira, tenha recorrido às suas raras faculdades de polemista, a bem da causa que tentava fazer vingar. Em reforço do livro do P.^o Pereira appareceram, com efeito, as «Reflexões» de Felix Vieira Corvina de Arcos, anagrama de Francisco Xavier de Oliveira, de sua lavra pois. Libelo encomendado pelo conde de Oeiras ou espontâneo, por estar dentro das ideas do cavaleiro, seria temerário determinar. Mas logo no antelóquio encontramos a seguinte passagem que vem lançar uma suspeita forte quanto a um entendimento entre Sebastião José e o cavaleiro: «Ditoso o homem que tem um amigo verdadeiro. Muito mais ditoso o rei que tem um ministro fiel e um conselheiro consumado na teoria e prática da politica, sábio na inspecção interna e externa dos negócios nacionais e estrangeiros. Prudente e vigilante nos interêsses do principe, activo e circunspecto nos que pertencem ao povo, firme, intrépido

e resolutu em defender, em reclamar e em meter-se de posse de tôda e qualquer prerogativa de jurisdição, usurpada à soberania do seu legitimo principe. Sendo estas as relevantes, illustres e bem conhecidas qualidades do senhor conde de Oeiras, ninguém se admira das vantagens que os portuguezes retiram do seu ministério e ninguém duvida que castigar nesta ocasião o Papa com tanta glória de S. M. Fidelissima, sumamente desconhecida e ofendida por aquele prelado, não seja de tôdas as suas acções a mais justa, a mais assinalada e a mais meritória para aumentar dignamente a grande estimação que dêle faz o monarca; estimação que todos os seus fiéis vassallos devem votar a este excelente ministro, e que os homens probos e doutos de tôdas as nações não faltarão de exaltar, de depositar e de recomendar nos anais da fama, e nos arquivos da posteridade».

Compostas ou não as Reflexões, por sugestão, pedido, ou incumbência do conde de Oeiras, é certo que elas não destoam da directriz religiosa que o cavaleiro imprimira à sua vida e que para êle não constituem, pois, um labéu.

A passagem do Discours Pathétique testemunha que o cavaleiro se não sentia agravado do acolhimento que recebera de Sebastião José de Carvalho e Melo quando enviado em Londres. Pelo contrário, alude às

muitas finezas que lhe prodigalizara, deixa mesmo perceber as boas relações que mantiveram e em que perduraram. Neste problema dos dois textos destoantes, senão opostos, dou mais pela palavra do cavaleiro. Sebastião José era um político na mais alta acepção do termo. Fazia o seu jôgo, ora encoberto, ora de cima do tapete. Não atacava por pouco, não se movia por escrúpulos, não cometia actos inúteis. Hostilizar o cavaleiro, da primeira vez que lhe appareceu na embaixada de Londres, precedido já da fama de aventureiro perigoso, homem de pena apta ao manejo de três linguas, iconoclasta, não devia estar nas suas normas de cauteloso. Estou em crer, antes, que o lisonjeasse, usasse para com êle de tôdas as armas da blandícia e dos prometimentos. Senão, como explicar as palavras de gratidão do Discours?

As Reflexões de Felix Vieira Corvina de Arcos pousam outro problema. O cavaleiro incensa ao ministro poderoso que o fez julgar e relaxar pela Inquisição, ou que pelo menos desdenhou usar de sua fôrça para travar o processo. Acaso Francisco Xavier, ante o repto lançado pelo conde de Oeiras a Roma, teria jogado os seus agravos ao vento do esquecimento? Ou a sua pena teria sido dobradamente recompensada pelo gravame recebido e pelo serviço que julgou prestar com as Reflexões?

Na carta em que Sebastião José alude à primeira visita do cavaleiro à embaixada, aponta os enxovalhos que de pessoa tão escandalosa recebe a nação de que é oriundo.

Do hábito de Cristo, em 1751 pelo menos, tinha-se o cavaleiro despojado, no pudor da sua miséria. «Não ostento a ordem de Cristo. Seria maneira de tornar vergonhosa a minha pobreza. O povo inglês tem amor ao dinheiro e prefere uma rica burguesia a uma nobreza indigente».

Depois de abjurar, remete-se ao silêncio e à vontade de Deus, e lê, escreve, vive o affecto de sua esposa e a estima de alguns raros. Do brilhante e esbelto galã, queda um velho precoce, valetudinário, comendo o amargo pão da esmola— Job nas palhas nuas.

Como Santo Agostinho, o cavaleiro de Oliveira poderia exclamar: Que coisa no mundo me deleitava mais que amar e ser amado? Mas escrevia esta frase que vale como uma divisa: Á l'âge de cinquante ans, serviteur à l'amour. Verdade, a essa época da sua exis-

tência não vivia de amores, escrevia, discorria, porém, sobre amores com a segurança e variedade de homem que beijou muita bôca e por cada beijo soube distinguir o seu travor variável.

A fase culminante da sua vida amorosa transcorreu no estrangeiro e não houve testemunha que contasse os lances do seu coração inquieto, leviano, volúvel e todavia generoso. A Recreação, as Cartas, a Viagem à Ilha do Amor são a única documentação que nos resta e em que é preciso respigar — com mais cuidado que um joieiro na eira — a fantasia da verdade, a galantaria pura do amor que se esconde e é absoluto, a arte da vida.

Que desde muito novo se lançou em aventuras de amor, êle no-lo diz, contrito dos desvarios que cometera: «Na idade de dezaseis anos vi-me à testa duma família numerosa. Remediado de fortuna, mas criado nesta aura de licença que é num país despótico apatnágio de morgados, a minha juventude deslisou em bem-estar e prazer. Á galantaria, que levou o melhor dos meus verdes anos, sacrifiquei fazenda, repouso e saúde».

Moço donairoso, esbelto, tão forte que da sua geração ninguém como êle lançava, aparava e remetia ao ar um pelouro de ferro, que na idade de vinte anos estoqueava um toiro com garbo igual ao do marquês

de Alegrete, incansável a montar, cavaleiro emérito, espadachim, libertino, faceto, as mulheres deviam amá-lo e suspirar por êle. A primeira ligação de que nos fala, com o desembaraço de quem sabe que não traz novidade, foi com Joana Vilorina, uma cigana, que, por modos, lhe deu triaga a beber. «Três anos, dia por dia, passei em escravidão aos seus pés — escreve êle. — Imensos foram os males que me causou tanto no que respeita à saúde, como à tranquilidade e intêrêsses! Profunda a perturbação que levantou no seio da minha família».

Êstes amores espaçaram-se entre 1718 e 1722, tinha êle menos de vinte anos quando começaram, se se considerar que em 1722 o conde de Povolide e outros dois familiares do Santo-Oficio lhe «arrancaram quasi dos braços uma rapariga que de-veras amava» que foi convencida de judaizante e queimada em auto-de-fé. A menos que o moço logo de entrada não fôsse aquele volantim sentimental da côrte de Viena, jurando amor e morrendo de amor por seis belas ao mesmo tempo!

Francisco Xavier, pelo que toca a Portugal, conta apenas seus enredos com mulheres da ralé. As ciganas estavam de moda. O rei dava o exemplo, doido varrido por uma Margarida do Monte que aposentou com o maior luxo numa cela de St.^a Rosa. O erotismo dêste monarca necessitava do aquilhão místico para

refocilar-se. Atrás dêle, no seu sangue, deviam de estar tôdas as nevroses de concupiscência de que foram teatro os mosteiros. Os fidalgos, os valdevinos do reino seguiram-lhe as pisadas. Ao que refere Francisco Xavier, as ciganas do tempo não eram as badalhoqueiras que hoje para ai se vêem, piolhentas, andrajosas, núbeis aos doze anos, chegando a têta turgida aos filhos com uma semcerimónia animal. Eram mulheres de fogo, de ancas rijas e andar bamboleado, descendentes próximas da tribu que alastrou pela Europa com pasaporte de Sigismundo, rei da Hungria. A Vitorina era das tais, de estrêla e beta.

Quanto aos amores com senhoras de nobre dom, Francisco Xavier é discreto. Mesmo de Londres, anos volvidos, quando evoca os seus bons tempos, põe mascarilha nas amantes de qualidade. O piso de Lisboa, no século do rei com papo de pombo trocáz, era contudo bom para caça de altanaria. Francisco Xavier, na Recreação, discreteia doutamente sôbre toiros e minotauros, e fala da mulher, na sua caprichosa e variada estrutura, com a arte de quem correu tôdas as gamas. Ora, com leveza e sainete, touca de graça ingénua aquela moça de vida airada que remetia ao confessor, para o converter em missas pelas alminhas do Purgatório, o dinheiro de abominação ganho no sábado, ora, com voluptuoso assombro, nos pinta aquela pre-

*ciosa J** de Faria que se mostrava às visitas da casa, nua, por único atavio os cabelos loiros que a cobriam dos pés à cabeça e não deixavam ver a mais pequena réstia de sua pele aveludada. Dela traça um destes retratos em ronde-bosse, cheio de ternura e suavidade.*

Velada e brevemente nos fala das suas aventuras por feiras e romagens, às milagrosas N.^a S.^a do Cabo e N.^a S.^a da Nazaré, onde era vergonhoso ir sem a doce amiga. E, igualmente a correr, nos elucida que freqüentou as cómicas, o camarim da Gamarra e, com ela e o amante e talvez alguma amante, as alcovas tresnoitadas.

O seu romance com Antoninha Clara, tomada de salto a D. António Manuel, irmão do conde de Vilaflor, fecha o ciclo de seus amores em Lisboa, pelo que se sabe.

Pouco antes de sair de Lisboa (19 de abril de 1734) consorciou-se com D. Ana Inês de Almeida. Sobre este facto não há elementos que contem, nem datas certas. Pesado mistério esconde as razões, circunstâncias e decurso dum matrimónio que teve pouca dura. Há na Recreação uma noticia breve, mas todavia tumultuosa de interrogações: «...eu próprio, antes de sair de Lisboa, casei na freguesia de S. José com meu cunhado Luís António de Araújo Banha, executor do Conselho Ultramarino e dos Armazens da Coroa e

capaleiro da ordem de Cristo, que representava a irmã...»

Mediante procuração se matrimoniou, pois, Francisco Xavier com a irmã de Araiijo Banha, antes de sair de Lisboa, data que logicamente se deve fixar entre fins de 1733 e começos de 1734. Que não levou consigo a esposa se deduz do silêncio que sobre ela faz, quando tão prolixo se mostra no relato da sua partida e viagem até Viena e, por exclusão de parte, do próprio relatório do conde de Tarouca quando despediu Oliveira.

Casou-se por procuração e pôs-se ao largo. Que razões de família ou conveniências sociais, passo leviano ou tragédia, êste contrato extravagante viria selar? Que Francisco Xavier esteve em relações com a família da esposa atestam-no duas passagens da Recreação, a da ribeira que arrastava na fazenda de Araiijo Banha escumalha de oiro, e o caso de metapsicologia do architecto que estilhaçava as vidraças só com olhar para elas.

Perderam-se de todo os vestigios dêste conjugio que mostra geitos de não ter sido feliz e envolver, porventura, uma dessas tragédias vividas entre quatro paredes e abafadas em lágrimas. Uma indicação sumária vem fechar o drama, senão é duma história chã que se trata. Aludindo às discussões que tinha com Clara-

vino Basso, repisadas já das Cartas diz a Recreação: «Ao tempo das minhas disputas com Claravino em 1735, e ainda em 1736...» e duas páginas adiante, em abono da sua posição de defensor do casamento, acrescenta em nota: «Tinha então enviivado de minha primeira mulher, D. Ana Inês de Almeida».

Sendo a data das discussões 1735, como decorre do texto, e não 1736 como poderia inferir-se da local, amputada da oração, conclui-se que pouco mais de ano subsistiu sua esposa ao casamento. E esta circunstância mais robustece a suspeita de que houve complexa e ignorada história.

Mas ei-lo em Viena de Áustria, secretário de embaixada, blasonando altas fidalguias, no peito a ordem militar de maior distinção dum país que ainda gozava foros de importância, experimentado das mulheres, dominando nos salões pela petulância e o chiste. Nesse meio cosmopolita, onde era de moda as damas da alta roda terem o seu chichisbéu, onde à grandeza naturalmente se vinha ajuntar o relaxamento dos costumes, Francisco Xavier tresvairou e fêz tresvairar muita cabeça de mulher.

Numa das cartas de 1736, dirigida a uma senhora desconhecida, traça o auto-retrato com uma declaração de amor:

«O meu talhe ou a minha estatura é pouco mais

que mediocre. A cabeça uns dizem que é boa, outros que é má. O certo é ser curiosa, quando não seja por outro principio, pelo ornato de cabelos brancos como a neve, misturados com outros negros, da côr mesmo do azeviche. Os olhos são doces e inquietos. Já foram garridos e maganos, porém trinta e cinco maíes que teem visto lhes abateram essas qualidades, as quaes, se eram boas, vão-se cansando. Uma de vossas amigas vos dirá que sou um galante moço. O certo é que para amar três ou quatro formosas ao mesmo tempo, ninguém o faz mais fielmente do que eu.»

Impossível identificar as inúmeras destinatárias das suas cartas de amor como crivar nestas a fantasia da realidade. De muitas se declara louco apaixonado, de algumas logrou favores. As cartas não podem, porém, constituir fonte fidedigna pois que as retocou, inovou, transcreveu para dar à publicidade. É crível até que lhes tenha alterado a ordem cronológica em vista a uma melhor distribuição de assuntos.

As apalpadelas, como homem que joga a cabra-cega diante dum rebanho de joviais e buliçosas damas, estendamos o braço a pilhar, sob máscara, sob disfarce, sob anacronismos, as adoradas de Francisco Xavier. Uma se deixou pegar: Maria Elisabeta de Valáquia, esposa de João Rodolfo de Cantacuzeno, príncipe de Valáquia e duque de Besserábia, neta do landgrave

de Hesse-Darmstat, princesa de sangue Hesse-Cassel. Pela bôca dum rústico chama Francisco Xavier insolentíssimos aos seus olhos e, aqui e ali, pelos livros fora, a imagem dela parece a figura iluminada, adrede disposta para deleitar. Como grandes inculca os dotes da sua formosura e invejáveis as prendas do seu espirito. Falava com elegância tôdas as linguas cultas da Europa e ninguém lhe prelevava em jogos de graça e de entendimento. Era das tûlipas mimosas da côrte. Professando o credo luterano, era tolerante com todos os cultos, com a mesma majestade beijando quer a cruz carmezim, bordada no pantufo de seda branca do P.^e Carriglio, o capelão católico da casa, quer ouvindo missa celebrada segundo o rito grego, para o que igualmente dispunha de capelão.

João Rodolfo Cantacuzeno era um rei no exílio. De comêço, quando Francisco Xavier o conheceu, habitava no bairro modesto de Gunpendorf, vivendo com estreiteza, mas estimado da alta sociedade de Viena. Quando Francisco Xavier ali appareceu ajujado de fidalguias, tilintando o espadim de cavaleiro professo, o principe, porventura, sonhou nêle um filão a explorar. Relacionaram-se e breve eram amigos. Francisco Xavier caprichou em mostrar-se à altura daquela nobre indi-gência, custeando o côche em que madame ia espairecer, os lugares na Ópera, que a face dela iluminava,

e os alfinetes que é o mais caro no orçamento duma princesa. Arruinava-se sem pestanejar. Em paga de tanto, do primeiro filho que houve o casal, êle foi o padrinho.

O príncipe era um homem mole, indolente, mau cavaleiro, nada marcial, todo entregue aos seus cães e ao seu cachimbo, de feitio bonacheirão como transparece de certos lances, narrados por Oliveira. Êle próprio dizia que, ao voltar à posse dos estados de Valáquia e Besserábia, o seu título de soberano seria bougre e de sua esposa bougresse.

Não voltou à posse dos estados, mas o imperador nomeou-o coronel dum dos regimentos de hussares, e o período angustioso das vacas magras passou à história. Já habitava no palácio do arcebispo de Valência que lhe cedera o conde de Cervellon, grande de Espanha, a Josephstat, e permitiu-se, então, cuidar a real bizarria do seu nome. Adquiriu cavalos, galgos e alões, renovou a equipagem e, mandando pintar a esposa por um artista sem nome, que compôs um retrato que se parecia tanto com o original «como uma lagartixa com uma estrêla, ou o sol com um cachimbo», Francisco Xavier, em tom de chalaça, censurava: «Se o pintor tivera trabalhado nesta obra para homem que não lha pudesse pagar, seria pena; porém, tendo-a feito para um príncipe que lha pode satisfazer con-

forme o seu merecimento, sou de parecer que lhe mande cortar a mão direita e, se é canhoto, ambas de duas».

O segrêdo desta abundância estava no bôlso do amigo e na caixa do regimento, caixa que o príncipe — desvenda Francisco Xavier em hora de mau humor — se mostrara hábil a limpar, em menos de vinte e dois meses, das letras de câmbio e preciosas obras de ouro e prata que nela havia.

Mulher amável, espiritual, livre, esposa dum homem pesado, lento, pouco pundonoroso, tão pouco pundonoroso que, cabendo a vez ao seu regimento de partir em campanha, êle se escusou de ir, Maria Elisabeta encontrou em Francisco Xavier o seu pagem. Foi ela a estrêla funesta da sua vida. Por seus olhos «insolentíssimos» se abalançou a despesas incompatíveis com os seus recursos, descurou o serviço da embaixada, alardeou grandezas e títulos que em boa verdade não possuía. Amou uma princesa de carne e ôsso, foi amado, mas queimou-se.

O conde de Tarouca escreverá mais tarde, deixando supor que o palácio do arcebispo de Valência fôra arrendado por Francisco Xavier:

«Foi crescendo a amizade com a tal princesa, de que se murmura muito, com a qual Oliveira fazia grande despesa quotidiana pagando um côche de alu-

quet, até que elle mesmo se encarregou de alugar em nome do príncipe uma casa e jardim, pouco distante da minha, por um contrato que eu vi, e desde então frequentou quotidianamente aquella casa e cometeu várias desordens.»

As Cartas mostram a propensão do enleio amoroso entre Francisco Xavier e a princesa, e a confiança reciproca que pouco a pouco foram ganhando, confiança que elle—ô prática das coisas!—apontará como o escolho da virtude para mulheres casadas. A primeira, subscriptada de agosto de 1736, encerra um madrigal que indirectamente põe na bôca do jardineiro da embaixada, alentejano que percorrera as sete partidas, e em que as linguas se misturavam como nos constructores de Babel. A missiva acaba: «A minha afilhada beijo e abraço de todo o meu coração e a V. A. que a beije e abraçe seu marido a quem me recomendo. Espero na Ópera e vai o bilhete dela. Criado, compadre e venerador de V. A.» Em dezembro seguinte, escusando-se de levar consigo, ao combate de feras, um barão de Beaupremont, jarrêta e enfadonho, declara: «O barão fica melhor quedando em casa e nós iremos à função muito melhor sós do que mal acompanhados.» Depois, conta-lhe, com tôda a vénia a história de dois amantes constantes, discorre sobre veia poética, a qual como é «composta de furor com gravi-

dade e de loucura com juizo» tem a primazia nos espanhóis e portugueses por serem «as nações mais loucas e furiosas que se conhecem», e sente-se nas grandes lacunas do epistolário que a meada se vai dobando. E, não fôsse Francisco Xavier a natureza versátil e imprevista que salta aos olhos, vê-lo-íamos retratar-se, na carta dirigida à condessa de Roccaberti, sob a allegoria de Filandro e de dama Aspásia, quando, prestes a trocar os lábios, estarrecem à idea de enganar o amigo generoso.

Finalmente, Francisco Xavier vai à Holanda a 16 de junho de 1737 segundo testemunho do conde de Tarouca, a 13 a julgar pela seguinte referênciã da Recreação que derrama luz completa sôbre as suas relações com a princesa: «A 13 de junho de 1737, o marquês [Gainmann] deixou Viena para ir buscar a consorte que estava em Londres. Emprêstei-lhe o dinheiro que precisava, rogado pelos príncipes de Valáquia. Dinheiro que caisse nas mãos de Gainmann, nem Deus nem Satanás lhe valia. Deixá-lo, sabia de antemão que era perdido, e não é por dor de logrado que faço esta observação.»

Á face desta breve nota, fica esclarecida a carta abuzo reproduzida, identificadas as personagens, deslindado o romance de amor. Porque seja, além disso, das mais formosas e sentidas composições que deixou

aquele profissional da galantaria, tendo-se dias antes despedido chorosamente de Belisa, a transcrevemos na íntegra:

«Carta a Madame... estando ausente delà!

Quem é que me meteu na cabeça fazer jornadas se eu sabia muito bem que a ausência havia de ser contrária à tranqüilidade do meu coração? Jamais me vi tão penetrado do vosso amor e, para contentar-o meu, busco por todo o caminho alguma pessoa que vos conheça para poder com ela falar em vós. No dia em que saí de Viena não encontrei quem me parecesse capaz de lograr tanta felicidade e, assim, não fiz outra coisa mais do que semear suspiros por tôda a estrada. No dia seguinte achei em Melck um cavalheiro, cujo tratamento e postura me fizeram esperar que sem dúvida vos conhecesse. Depois de nos falarmos com a prática comum e usada entre os viajantes, perguntei-lhe logo de onde vinha? Disse-me que de Viena. Aumentando-se as minhas esperanças, comecei a tratar em termos gerais sobre o capítulo das damas da côrte e da cidade, e queixei-me, de propósito, que não há ali uma só que mereça o nome de formosa, para o obrigar a que me dissesse o contrário, nomeando-vos. O meu cavalheiro não entrou em dúvida, nem disputou

o que lhe disse; respondeu-me a tudo mui agradável e mui politicamente. Cheio da impaciência de querer falar em vós, nomeei-lhe como uma das senhoras mais belas a condessa de M... e perguntei-lhe se a conhecia. Disse-me que a tinha visto, e, lisonjeando-me novamente a esperança, nomeei-vos também e respondeu-me que vos não conhecia, dando-me por excusa que só uma vez estivera na Ópera e que ali tinha visto por acaso a condessa de M... Parti no mesmo instante e deixei-o, e, ainda que veio jantar à mesma hostiaria em que eu o fiz, não o quis ver. Sendo tão agradável a sua conversação, como já vos disse, de que me serviriam os seus discursos se nêles se não havia de tratar da vossa pessoa? Perdendo em fim tôda a esperança de encontrar alguém que vos conhecesse, dispus-me, para ter continuadas ocasiões de falar de vós, a meter na cabeça ao marquês, meu companheiro, que êle vos amava. Ele vai-se persuadindo que é verdadeira a minha idea, e aceita com sorrisos engraçados as saúdes que vos faço à mesa com sorrisos maliciosos. Confesso que compro caro o gosto de falar em vós porque, consistindo a sciência e a prática do marquês na genealogia e grandeza dos seus antepassados, tenho muito trabalho para mudar os discursos que me faz, nesta matéria, em práticas que vos respeitem. Não pretendo que me responda

sempre ao que lhe digo; contento-me com que me escute, e, por pouco que o marquês valha, sempre o estimo mais do que um eco. e do que um surdo, ainda que algumas vezes me parece morto, dormindo na carroça com a mesma quietação e majestade com que os senhores seus avós repousam nos túmulos. Quando atravesso algumas aleas, que são lugares mui saudosos para os amantes, é quasi mortal a lembrança que tenho da vossa formosura, a qual parece fortalecer-se na dureza dos próprios troncos. Encontro algumas vezes rouxinóis com os quais entendo que vos correspondeis, pois, ao ordenar-lhes que me penetrem o coração com a ternura dos seus cantos, tão doces e tão engraçadamente executados são que provam serem verdadeiramente vossos discipulos. Finalmente, a minha saudade, ou outra coisa semelhante, tem-me debilitado de tal forma que não posso ouvir o ruido das ribeiras nem o sussurro dos regatos sem deliquios de coração. Olhando muitas vezes para trás, digo cuidando que vos vejo: — Me amareis vós para sempre? — Cras, Cras — respondeu-me hoje um corvo. Se entendesse a lingua a êstes pássaros poderia formar bom ou mau agouro da sua resposta. Ainda que muitas pessoas tem assentado em que todos os corvos usam dêste vocábulo latino, querendo com êle explicar o dia de amanhã, tenho assentado em não dar crédito a essas

opinões sem que saiam confirmadas no dicionário que os animais estão compondo da sua lingua, no qual temo que o cras dos corvos signifique outra coisa mui diferente da que supuzeram até agora os sábios. Digo-vos que não me entendo a mim mesmo e, se isto que padeço é saudade, juro-vos que não há nome no mundo mais suave e que tenha efeitos tão penosos. Parto e fico, se é que pode ficar quem vai correndo a posta. Deus, que unicamente é e conhece a verdade, vos guarde por muitos anos.

Passau, 20 de Junho de 1737.

Francisco Xavier de Oliveira.»

A carta, immediatamente enviada à mesma dama anónima, que não era outra senão a princesa, completa a decifração:

«A vossa carta dá-me as melhores novas, e eu as não podia esperar mais vantajosas para lisonja do meu affecto. Dizeis-me que a mudança que fizestes para Hlsdorf aliviou as vossas queixas, padecendo sómente a saudade da minha ausência. Se assim é, cuido que não há ninguém que esteja mais tranqüilo do que vós, pois estou certo que o sentimento que mostrais de me não

verdes se não achã tão vivamente impresso no vossor
coração como está exaggerado na vossa carta. En-
quanto vos não considero em outra affição, não espereis
que nesta vos console, porque ainda que as minhas
palavras não sejam de muito preço sinto muito quando
as perco e, além disso, seria obrar contra mim se me
empregasse em adoçar-vos um mal que eu desejo que
se aumente. Consistindo o remédia na minha pre-
sença, ordenais-me que parta daqui com brevidade.
Nunca soube dar ao amor os tributos que estão desti-
nados para a honra. Partirei dentro de vinte e qua-
tro horas instigado do que me escreveu o P. e não
levado sómente da vossa ordem. Na diligência com
que hei de correr a posta, mostrarei que voa, mais do
que anda, o homem que é conduzido pela honra e pelo
amor. O marquês parte amanhã para Londres, e, em
vez de me dar aqui a despesa da jornada, pediu-me
mais cincoenta ducados que lhe dei para continuar a
sua. Se êle vale mais do que o que me tem custado não
o sei, porém que não pesa tanto eu o provarei à vista.
Fratanto mio bel tesoro, vivo per tè, e per tè moro,
& cela pour toujours.

Amsterdão, 5 de Julho de 1737.

Francisco Xavier de Oliveira.»

Simultaneamente Francisco Xavier escrevia de Amsterdão ao príncipe Rudolfo. Dessa carta recortamos uma passagem que vem em refôrço do que fica dito :

« Havendo de entrar por Ilsdorf, estimarei achar ainda a V. A. naquele sítio. O marquês parte para Londres, onde diz que vai buscar a mulher e filho. Muito agradecera a V. A. a sua companhia, se me tivesse dado razões para a estimar, etc.»

De facto, Francisco Xavier regressou de Amsterdão a Viena, percorrendo trezentas léguas de posta em oito dias, para entrar por Ilsdorf a matar « as saudades » da princesa e aparecer à noite, na Ópera, a desmentir os alviçareiros.

Parece, pois, não restar dúvidas sôbre a natureza das relações atadas entre Maria Elisabetha e Francisco Xavier. Desde quando teriam assumido aquele carácter de amor cego e absoluto? Da carta de Passau coa-se uma impressão de recente e alto engôdo, palpitam nela lábios agradecidos e insaciados.

Francisco Xavier fôra a Holanda tentar, porventura, um cometimento audacioso e desesperado. O que fôsse, cala-o êle, ou não são satisfatórias as suas alegações. Já não era o secretário de embaixada, gozando os honorários inerentes, seguro de si, olhando sem pavor para o futuro. Era o desgraçado a descer a

espiral inelutável da adversidade. Maria Elisabetha, em sua alma subtil de mulher, devia ter pressentido a queda. E ela que admirava o gentil-homem soberbo, sentiria uma infinita, inexplicável piedade pelo desditoso. Por aí, desceria à ternura, ao amor inteiro, modo, na mulher, de recompensar os infelizes pelo que sofrem e os fortes pelo que neles há de admirável. Por simpatia, por perversão, por doçura de ânimo, a princesa entregou-se. Que o idílio não foi de grande dura, ou cedo foi vergastado por ventos adversos, julgo adivinhá-lo numa carta à condessa de Brille, outra adorada, onde diz, dois meses decorridos sôbre o seu regresso de Holanda: «Quando avistei Ilsdorf, andava passeando na estrada daquele lugar uma ingrata entre um traidor e um demónio. Tinha o diabo tantos cornos, tinha o traidor tantos rabos e a ingrata tão pouca vergonha que, espantando-se os cavalos, me atemorizei... Vós sabeis muito bem de quem falo».

A confirmar esta suspeita, veem as desavenças com o príncipe, por êste agüentar contra ventos e marés, como amante, uma Benedeta que lhe custava os olhos da cara, ou não sei porquê, desavenças que transparecem dum carta ao P.^o José Augusto em que o mete a jocosos como coronel de hùssares e cavaleiro assustadiço que, ante um cão morto na estrada, apeia e passa de cavalo à rédea. Adiante, chama-lhe baixis-

sima pessoa e demora-se a contar as birras e tricas do casal com uma minúcia de escudeiro que lhe pulsasse a vida íntima.

Depois, os amores com Maria Elisabeta entram num periodo de acalmia, de não existência, parecendo volver à fase primeira do galanteio obsequioso mas descuidado. Ela manda-lhe lenços, um barrete bordado, queijos amassados pelas «mãos saloias» de Burgesdorf, que êle agradece com a solércia de cortesão. Mas o amor havia-se esgarrado... aquele barrete o dizia.

As relações com o príncipe pioravam, também, a ponto de numa das cartas endereçadas a A. J. R. C. D. D. B. (A João Rudolfo Cantacuzeno, duque de Besserábia) rematar, depois de muitos destemperos, com a ameaça dum chicote. Francisco Xavier ia já muito abaixo na rampa da desventura. Com melancolia, se bem que retocada de orgulho, o revela na carta, a última datada de Viena, 28 de setembro de 1738, quando devolve ao príncipe os louvores que lhe tecera: «Nunca me achei tão nú e tão pobre como nesta ocasião, e se o desejo de V. A. fôsse o de me humilhar não o poderia melhor conseguir que elevando-me desta forma».

E aqui feneceu a ligação de Francisco Xavier com a princesa de Valáquia, imagem em princípio, meio e fim, das belas aventuras humanas. Mais tarde na

Recreação, quando o tempo sarou as feridas, os príncipes perpassam como sombras amáveis e saudosas na sua memória agradecida.

Além destes amores, outros logrou em Viena Francisco Xavier, Belisa, a condessa de Brille, freirinhas do convento Ara-Cæli, uma dezena de marquesas e um ror de arvéloas sem título. O seu epistolário é um arquivo de D. João. Sob que nome se encobrirá nêle a segunda esposa Maria Eufrosina de Puechberg? O casamento realizou-se em 1738, data fornecida pela Recreação, havendo em conta que o último algarismo da cifra que ai se lê, ferido do prélo, e que à primeira vista parece um 3, só pode ter sido um 8. Êle o confirma, em nota, ao referir-se ao direito de asilo que cabia à residência dos Puechberg. «A principal destas casas fica no bairro Marie-Hülff, habitada de meu tempo, isto é, em 1738-39 por Ambrosio Caraffa, príncipe de Avelino.» Êste «de meu tempo» reporta-se à sua permanência em Áustria como membro já da família Puechberg.

Pela menção que Francisco Xavier faz dos haveres do sr. de Puechberg, avô de Maria Eufrosina, moradas em Viena, arrabaldes, Naïstat, possuindo tôdas o nobre privilégio de asilo, o seu casamento, se não fôsse a lei dos vinculos que escassas vertalhas deixava aos filhos segundos, não nos pareceria, de todo,

falho de conveniência. Pelo menos, conveniência moral. É possível que representasse para êle a solução do problema immediato, agüentar-se em Viena emquanto a sua deprecada corria em Lisboa o gabinete dos ministros. Os anos que vão de 1738 a 1740 deviam ter sido um ponto morto na sua vida, nem miséria, nem fausto. Ao conde de Fioneta que lhe pedia dinheiro respondia com êste sainete: «V. M. me pede quatro ducados para me pagar em quinze dias. Se me achasse com cabedais para êste desembólso, aceitaria a condição do têrmo; porêm, como a minha bôlsa tem as qualidades de galheta, de prato e de casa, achando-se corrida, lambida, varrida e escorrida, mando a V. M. sómente dois ducados com a condição de mos não pagar, mas com a obrigação de não me pedir outros».

A neta de Puechberg sempre deveria possuir o seu prato de lentilhas e foi em tórno dêle que transcorreram os dias silenciosos de Francisco Xavier, apenas assinalados na Viagem à Ilha do Amor, ainda que a assinatura esconda, provavelmente, um dolo: «Montanha da Aflição, no dia mais critico do ano de 1739».

Não seria pois feliz, não obstante o confôrto dum peito de mulher, Francisco Xavier de Oliveira. A febre da alçada que movia em Lisboa, as recordações amargas do passado, amores e desdens, amizades e ingratições, deviam ulcerar-lhe a alma de decaído. Em

1751, após muito carregar o mau fado, resignadamente escreve: «Já lá vão dez anos que renunciei de-veras a todo o comércio voluptuoso, entregue de corpo e alma ao affecto conjugal. Só este dispõe do privilégio de moderar o meu gôsto pelo estudo que, levado ao excesso, me era nocivo à saúde. Nêle deposito as delicias do tempo que me sobra de vida se Deus, aceitando os meus votos, consercar a esposa, senhora de tôda a minha ternura, pois é modesta, discreta e complacente.»

Com funda melancolia, tôda a sua sensibilidade de homem, que se vê à margem da vida, em transe, escreverá um mês depois: «Frequentemente encontro, sobretudo em St. James-Square, muita mulher bonita e muita rapariga adorável. O meu estado, a minha idade, a minha compleição proibem-me de as cubiçar. Gosto, todavia, de olhar para elas, quanto mais não seja para bemdizer o Criador. Pois, mal me ponho a considerá-las, voltam-me a cara ou largam a fugir sem piedade!»

As raparigas voltavam a cara ao amante de Maria Elisabetha, de Joana Vitorina, da misteriosa e alta-neira Belisa. Que reversão de valores no transcurso do destino!

Francisco Xavier de Oliveira faleceu em Hackney, a 18 de outubro de 1783, com mais de 81 anos de

idade, coberto de achaques, castigado da vida. Em que lance de tão longo caminho ou por que veredas teria ficado Maria Eufrosina? Nunca ninguém procurou sabê-lo, não se sabe, porventura nunca se virá a saber.

Para Joaquim de Araújo, que consumiu anos a estudar o cavaleiro de Oliveira, era ponto de fé que este contraira um terceiro matrimónio. No seu opusculo *Sobre o Túmulo de Camilo* veem insertas umas cartas do grande romancista que nos advertem de tal descoberta. Diz Camilo:

«Não conheço, nem nunca ouvi citar casamento do cavalheiro de Oliveira, além do segundo. Caturei acêrca do famoso personagem com os falecidos conde de Azevedo e José Gomes Monteiro, e conservo reminiscência um tanto nitida de que êsses eruditos ignoravam comigo o terceiro enlace de que V. me fala. Nos *Amusements*, penso que em um dos primeiros números, alude Francisco Xavier a um casamento que eu cataloguei sempre de segundo.» Em nova resposta, diz numa outra carta:

«Relativamente ao terceiro casamento, não tenho a contraditar razões ou a articular embargos. Declaro-me de todo o ponto convencido.»

Em que dados se terá fundamentado, pois, Joaquim de Araújo para lançar tal asserto? De certo que os não colheu na *Recreação*, cujo texto profundámos com

o máximo cuidado exegetico, nem tampouco nos seus outros escritos. Pelo contrario, a passagem atrás citada: «Já lá vão dez anos que renunciei de-veras a todo o commercio voluptuoso, entregue de corpo e alma ao affecto conjugal, etc.», psicologicamente pressupondo uma continuidade que remonta à data historica do seu consorcio com Maria Eufrosina, nos desvia de tal crença. E estranho, de facto, que Francisco Xavier, ligado a uma senhora alemã com raizes na nobreza da sua pátria e parentes vivos, em vez de naturalmente procurar o arrimo dos seus, com ella se acolhesse a Londres a comer a esmola da Igreja Anglicana e o pão amargo do exilio. Mas, também, se até 1751 casou uma terceira vez, uma terceira vez a consorte só tinha de seu as sombras dos caminhos. E, para um praticante do matrimonio, era, além de abuso da má sina, pouca receptividade à experiencia! Se casou depois de 1751, valetudinário como estava, bem ridiculo foi tal passo. Sem duvida que Araújo devia ter argumentos para alicerçar uma conjectura, tão saída debaixo da terra, pois chegou a convencer Camilo que, diga-se, não era difficil a aceitar razões quando não contendiam com as suas. A menos que nas pesquisas pelos arquivos nacionais e estrangeiros tenha palpado o testemunho fidedigno, pode muito bem ter sido conduzido a lôgro por aquelas passagens em que Francisco Xavier se ar-

vora paladino do matrimónio, e alude ao seu estado civil. Enquanto alguém não fizer sair a lume o seu trabalho, mais duma vez anunciado, composto com a ternura dum devoto e destinado, portanto, a jorrar claridade sôbre a meia treva em que se move o cavaleiro, impossivel de aceitar um facto, que, para nós, se entrou em controvérsia, foi graças só às cartas de Camilo. Francisco Xavier, cremos nós, banido de Viena pela sua conduta pouco delicada no negócio da secretaria, vencido pela influéncia do todo poderoso Manuel Teles da Silva, que se aliara mediante casamento aos Holstein e servia o império, consigo arrastou para Inglaterra a alemã Maria Eufrosina, e, se não foram os dedos ternos dela que lhe fecharam os olhos, foram os únicos e últimos de mulher a enxugar-lhes as lágrimas e a partir com êle o pão duro da miséria.

*

* *

Na vida do cavaleiro de Oliveira, nenhum successo preleva ao da sua evolução religiosa. Nenhum mais assinalável nem mais vincado. Sob êste aspecto, porém, o que mais interessa não são as suas páginas de

subtil exegese e apaixonada polémica; mas a vereda que, partindo da crença em que foi nado e criado, o conduziu ao templo luterano de Londres a abraçar a Reforma. De sangue estreme português, de cepa genuinamente católica, o cavaleiro constituiu para o seu tempo um caso singular de consciência. Outros portugueses houve, seus contemporâneos, de entendimento desempoeirado, viajados e cultos; nenhum, todavia, levou tão longe como êle o divórcio com a religião que praticara nem com mais ardor combateu seus abusos, intolerâncias e estreita dogmática. Nisto foi um precursor. Em tudo obediente às solicitações da razão ou tocado pelas oportunidades da existência — é difícil averiguar — foi o primeiro a exercer o livre exame e a pensar sem temor do inferno e dos homens. Na história das ideas é, pois, entre nós, uma figura de realce.

Sob êste prisma, numa época em que a critica racionalista passeou a sua lente sôbre tudo, a contento ou descontento definitivo duns e doutros, parece-me bem que do cavaleiro é preferível conhecer, à pena, a mão que a manejou, ao prosélito, o processus, mesmo, de divida e os factores que o encaminharam à apostasia. Neste processus tanto como o meio estrangeiro — Viena encruzilhada de dois credos, a Holanda «seminário da heresia», a protestante Inglaterra — deve contar-se com o ambiente de Lisboa, a Lisboa do sé-

culo XVIII, «formosa estrivaria», movendo-se ao repique dos cem campanários de suas paroquiais e conventos.

O que era a capital, sob D. João V, está dito e redito pela história, a novela, o teatro; adivinha-se, ainda hoje, nos azulejos plantados por azinhagas, subúrbios e em certos cunhais de prédios urbanos, escapos ao terramoto. Êsses azulejos que representam, uns, a sagrada Custódia com a legenda «Bendito e louvado seja o Santissimo Sacramento», outros, uma alminha abrasada nas labaredas do Purgatório, pedindo padre-nossos ao passante, falam mais alto que os tombos. Portugal andava de rastos; Lisboa era uma tortulheira de frades e devotos. D. João V, piedosamente, consagrava a Deus o ouro recebido do Brasil às rasas. Erguia Mafra; deslumbrava Roma com as suas dádivas; elevava a Patriarcal a primeira instituição do reino. Esta era a sua Ópera e, ao que consta, executava-se lá muito boa música. Os cónegos, recrutados na fidalguia, auferiam uma tença de seis mil cruzados e honras episcopais só para assistir o patriarca nos dias festivos e se passearem pelas ruas, de liteira, entre seis lacaios de libré. O estadão do patriarca envergonharia o dum imperador de Trebizonda. Quando saía a público, Lisboa estacava de bôca aberta. Imagine-se um homem, a cavalo, de cruz

alçada, em guisa de passavante; Sua Eminência, de liteira, a meio duma escolta de vinte criados agaloados; no coice, quatro côches de fábrica preciosa e tamanho descomunal, conduzindo fâmulos e dignatários. Nem o príncipe da Boa Memória quando se dava ao desenfado de espaiarecer pelas ruas da sua mui nobre e leal cidade, num aparato meio europeu meio indiano!

Locupletaram-se os mosteiros de paramentos preciosos e alfaias de custosa indústria. Santo António, como general em chefe do exército, cobrava o pré annual de trezentos mil réis. A procissão de Corpus Christi importava em soma com que armar, ao tempo, uma frota de guerra. As ruas eram cobertas com doces de damasco carmezim, pavezadas de colchas orientais, vestidas de pâmpanos e festões; o Rossio convertido numa Jerusalém de ripas e lona, arcos, coretos, torreões, tudo pintado e pintalgado para passagem do Senhor. O cortejo descia de S. Domingos para a rua dos Ourives, cortava à rua dos Mercadores e ia desarmar na Sé. No vértice das duas ruas, a opulenta e majestosa senhora D. Mariana de Áustria via desfilar a santa cavallhada. Então, e na Semana Santa e quasi sempre, Lisboa atufava-se em padre-nossos. Em frente dos nichos, em plena rua, a multidão — frades, cavaleiros, alcovetas, escravas negras do trapiche e do despejo, aguadeiros — detinha-se a bater no peito

e a rezar. Um ou outro servo de Deus, com cheiro de santidade, flagelava-se. Passo a passo, por cada esquina de prédio nobre com uma imagem e um lampião à dependura, se viam destes agrupamentos. Antes, também, de descer para o Rossio, à hora elegante, dentro das liteiras armoriadas, vagueando ou parando em extravagante arraial, os fidalgos iam molhar a ponta dos dedos na pia benta de S. Roque e de S. Domingos. Nas procissões carregavam, atritivamente, barras de ferro, mas no ombro de mais dum penitente esvoaçava, em sinal de prazodado, o laço garrido. Sem excepção dos escravos, os homens traziam espada; porém, tão indispensável como este atavio lhes era o rosário, que iam desfiando, enquanto conversavam, ajustavam negócios de amor ou mercancia, vendiam a alma a Lucifer. Nunca, também, as igrejas descoalhavam de gente; mais que para adorar Deus, ia-se para lá alardear luxo, jóias, concertar encontros, namorar, seduzir a parenta e a mulher do próximo. Não raro se purava ali da espada. O templo era o que é hoje o salão de inverno dos teatros ou o café. Comentavam-se as belas carnações, assobiava-se a ária em voga, lia-se até a gazeta. Relatam-no o cavaleiro de Oliveira e viajantes vários.

Os outeiros, as festas, os autos-da-fé, as solenidades de capela, perfaziam os regalos da população tão

madraça como beata. Nessas datas, as gelosias ficavam desertas; os ferros dos ciumentos abrandavam; e com a Lisboa libertina fragüava a Lisboa hipocrita, sorna, saida do seu recato. Em tudo uma religiosidade rotineira, sem presa nos sentimentos e muito menos no instinto. Onde houvesse virtude não falhava a superstição, onde fé, fanatismo. Como se estivesse na ante-câmara do Paraiso, enfadada de esperar, Lisboa, à socapa, na esperança de que o Padre Eterno não dêsse conta, e tambem porque o seu pé era alceiro e lho pedia a indole, rompia no meio das preces em bailatas, lunduns e mais mundanidades, tudo arte de Satanaz.

Neste meio dissoluto, trampolineiro, de falsa devoção, se criou e formou o cavaleiro de Oliveira. Sua mãe era uma santa e doce senhora, anjo extremosissimo com os filhos, dona endolorida pela ausência do esposo. «Minha mãe— diz o Cavaleiro— ministrou-me uma boa e sã educação e nunca me faltou com sólidos conselhos e máximas salutaes, próprios a guiar-me no amor e temor de Deus. A ninguém como a ela devo carinho e respeito.» Se nela, o affecto maternal e a dignidade feminina existiam puras, a religiosidade andava inquinada dos vicios ambientes. No oratório familiar, as imagens de N.^a S.^a da Graça e de N.^a S.^a do Carmo estavam sempre a ferros, como os galeo-

tes nas galés. Modo de strangê-las a realizar-lhe os votos, «que todos se resumiam no desejo ardente de tornar a ver meu pai, ausente havia muitos anos em serviço de el-rei, prendia-as, em guisa de algemas, com fitas de seda e fios de pérolas». O mesmo sistema de coacção empregava com o beato Santo António, sempre que o taumaturgo não era bastante lesto a deparar-lhe as coisas perdidas. E se, porventura, o patrono dos portuguezes fazia ouvidos de mercador, preso por um negalho, ia bailar para o poço e ai, consoante a resistêcia do santo, lhe applicava a tortura, gradual como no Santo Officio, suspensão sôbre a água, lava-pés, semi-cúpio, imersão. Depois, quando o santinho cedia, era uma festa, e novenas, incensos, cantares, compensavam-no das injúrias recebidas.

No seu oratório particular, entre muitas imagens, tinha Francisco Xavier, S. Gonçalo e Santo António, advogados de amores e casamenteiros. E o moço, que cedo revelou índole fragoeira, incumbia-os de voluptuosas embaixadas, sob a ameaça de sevicias, se não fôsem prontos a bem servir. O século XVIII está cheio dêstes picarescos processos de forçar a intervenção da côrte celeste, sugeridos pela Inquisição.

Francisco Xavier confessava-se e comungava a miude e no corpo trazia as nóminas mais veneráveis, desde o escapulário de N.^a S.^a do Carmo, de grande

préstimo contra os riscos do mar, aos cornos de S. Cornelio, que os capuchinhos vendiam nos Olivais e êle pendurava aos cós das calças e crinas do cavallo, de efficácia certa contra precalços nas viagens e para livrar do quebranto. O quebranto era o achaque da moda. A medicina era incompetente para moléstia tão incorpórea e vaga. Deixava-a às benzedeiras. A mesma mulherzinha de virtude, Catarina do Espirito Santo, que assistia o cardial da Cunha, inquisidor, vinha operar Francisco Xavier. Tinha dois directores espirituais como cristão, que era, de qualidade: o P.^o Inácio Ferreira, da Congregação do Oratório, e o P.^o Lourenço Justiniano, reitor dos cônegos regulares de S. João Evangelista. Além dos eclesiásticos que havia na familia, seu tio, o P.^o Francisco do Menino Jesus, prior do convento dos Carmelitas Descalços, o P.^o Tomás de Aquino de Oliveira, seu irmão, o P.^o Manuel Ribeiro, que serviu na embaixada de Madrid, também seu tio, conviveu com sacerdotes e frades de várias ordens, de que recorda o bom passado, iguarias finas, vinhos velhos, das vezes em que foi hóspede dos conventos de Lisboa, Santarem, Setúbal, Adolphalvo. E as suas memórias estão povoadas de reverendos dissolutos e bebedores: o P.^o António Gomes, capelão do secretario de Estado; Gomes Pereira, emérita borracha; o P.^o Vicente Correia, brasileiro de nascimento, apre-

ciador do fino; o P.^o Luis Alvares de Aguiar, prior de S. Jorge, que das ovelhas mais tenras recheiara um serralho e, por tal expediente, o Santo Officio desterrou; o cura de S. Filipe de Neri, que lhe recusou dinheiro para dizer uma missa— não era simoniaco o homem— alegando que o sacrificio daquêle dia o tinha de votar a N.^a S.^a para que a amante, de sua profissão religiosa, não fôsse tentada a volver aos braços do antigo galã; o cura dos Anjos, que um dia colheu em trapanças de alcoviteiro; e outros e outros. Não eram companhias estas para morigerar. A vida da Côrte fornecia igual espelho de devassidão religiosa. O rei entrava em Odivelas, na cela de Madre Paula, debaixo de pάλio. Quando as amásias o cansavam, ou tinha dúvidas sôbre a sua fidelidade, remetia-as à guarda de Deus. Assim usou para com Margarida do Monte, que teve cela em Santa Rosa. A Petronilla, da Comédia Espanhola, de que os frades tanta gula punham em espreitar os saracoteios, por detrás das rótulas do camarote que lhes era privativo, passou-se para a sua terra, a tempo do real amante não lhe ter elegido cláustro. Procedimento igual ao do amo adoptou o marquês de Gouveia para com a Gamarra que chegou a tomar o veo de professa. Os locutórios de conventos de freiras eram cais de embarque para Cîteira, e nem de outro comércio era

airoso ali cuidar. E autênticas viagens à mesma ilha eram as romarias, algumas muito faladas, como a de N.^a S.^a do Cabo e de N.^a S.^a da Nazaret, que Francisco Xavier, como era de lei, fazia acompanhado da doce amiga.

Perante todos estes escândalos da prática religiosa, compreende-se que a dúvida cedo começasse a martelar no espirito de Francisco Xavier, tão impressionável e aberto. Não diz em que época, mas devia ser na primeira adolescência, que rebates de septicismo o tomaram quanto a alguns dogmas da Igreja. Dêstes, o que mais móssega fazia no seu ânimo, tão positivo e cioso de claridade, era o mistério da Transsubstanciação, «mercê de aquela alquimia complexa, a obreia das capelistas e o vinho do tonel converter-se em corpo e sangue de N. S. Jesus Cristo». Mas cristão velho, timorato, corria ao confessional chorar e dealbar-se, e os confessores, lançando o pensamento herético à conta do Tentador, conseguiam serenar a alma sobresaltada. Lentamente, porém, a sua inteligência, se não instinto critico, começou a discriminar os absurdos e a estreiteza filosófica da religião que professava. A sua sensibilidade feria-se dumas coisas; o seu ânimo esclarecido chocava-se doutras. O tribunal do Santo Officio foi dentro da Igreja a instituição que mais reprovação e horror lhe causou. Contendia com seu génio

elemente e generoso e com os princípios daquela religião natural, adversa da violência e da tirania, que são a letra viva das almas bem formadas. Desde o dia em que os esbirros lhe arrancaram dos braços, tinha êle vinte anos, a pretexto de judaizante, uma rapariga cristã como as cristãs, o seu rancor tornou-se activo. Se é certo, como pretende Camilo, ter sido o mentor do marquês de Pombal na reforma da Inquisição, ganhou a batalha com as honras todas. Mas, inspirador ou não do Ministro, os seus botes foram certos e incontestavelmente contribuíram para a ruina do odioso tribunal.

Edificado sôbre a licenciosidade da Igreja Romana, rasgada a teia que lhe fazia confundir cristianismo e superstição, instruído, porventura, das ideas novas que andavam no ar, pedaços vivos de fé, como num muro decrépito, foram desmoronando-se na sua alma. Descreu dos escapulários que não tolhiam de morrer afogado ou de morte macaca; descreu das missas e do seu préstimo votivo quando sentiu nelas um meio de vida e «recurso às vezes dos mais vis designios»; dos santos, medianeiros em negócios que são da esfera mundanal; dos sacerdotes, «mais servos da carne e da gula que do Senhor»; dos príncipes da Igreja, «monstros de luxúria e de ambição, tiranos crueis em contra da lei amorosa de Jesus». Embora apensa ao processo

que lhe instaurou o Santo Officio figure uma certidão de desobriga, lavrada pelo punho do reitor da sua freguesia, relativa a tempos muito próximos da sua partida de Lisboa, a verdade é que os esbirros o traziam de olho, — como deixa perceber — suspeito, talvez, de «heretica pravidade». E comprehende-se, dado o desembuço com que expressava, ao que parece, as suas livres opiniões e a convivência com homens, como aquêlê Capitão de cavalos da provincia do Minho, ostensivamente desafectos do poder ecclesiástico. A alegria pressurosa com que aceitou o cargo na embaixada de Viena tem, na ameaça dum acinte por parte do Santo Officio, a sua lógica explicação.

Quando chegou a Viena, já o demónio da análise tinha operado seus efeitos. Com o conde de Tarouca, católico ferrenho, parecerá ainda admitir a vinda do Anticristo, mas disputará já também sôbre o poder temporal dos papas. Em 1737, numa carta ao seu amigo Cantacuzeno, advogará ainda a Imaculada Conceição da Virgem Maria, mas fa-lo há como um cortesão a defender uma pragmática, porque assim foi educado, e o ordenam as regras da cavalaria em que professou. Também nas Memórias das Viagens, após o prólogo ao leitor, insere uma Protestação que reza assim:

«Como verdadeiro, ainda que indigno filho da Santa

Madre Igreja Católica Apostólica Romana, sujeito os meus escritos a tudo quanto dispõe e ordena a mesma Santa Madre Igreja, protestando não haver em mim a menor intenção de referir nem dizer coisa alguma contra o sentido das suas disposições e ordenações. Da mesma forma, sujeito os ditos escritos aos tribunais do Santo Officio e a todos os mais tribunais eclesiásticos e políticos do Reino de Portugal, de onde devo haver as licenças necessárias, e que reverentemente peço, como fiel vassalo, para que os escritos impressos neste primeiro tomo das Memórias das minhas Viagens possam correr no dito Reino e nos seus domínios.—Amsterdão, 12 de Novembro de 1740.—Francisco Xavier de Oliveira».

Sente-se aqui, porém, o acto convencional, pró-forma, como o juramento obrigatório dos senhores deputados, sem destringa de côr política, de defender a Constituição vigente. Necessitando que os seus livros obtivessem o beneplácito do Santo Officio para livre entrada no Reino, comprehende-se que o Cavaleiro pactuasse com uma fórmula que, se não era forçosa, era de uso. Os seus melindres, aliás, não se prendiam em argalhas. Esta vénia à Santa Madre Igreja devia ser para êle uma argalha, que mais não fôsse pela força do hábito com que gravitavam os seus escrúpulos.

Viena era uma cidade onde Catholicismo e Reforma

se defrontavam e cruzavam sem despique nem atritos. Os costumes católicos haviam perdido ali a sua intransigência e o ministério sagrado roçava por uma benignidade que tocava a molície. A vida devôta na capital do Império, em luxo, licença, tibieza de fé, não era mais edificativa que a de Lisboa. Por toda parte, na imensa árvore católica, em vez da seiva viridente, corria a linfa degenerada. Nas Cartas, Francisco Xavier tracejou alguns episódios em que resalta o amortecimento de fé da cidade cristianíssima. Os locutórios estavam, também, adextrados nos ledos colóquios do amor humano. As paredes do claustro eram insuficientes a parar as auras do século e amava-se lá dentro, com pieguice, com paixão, com futilidade, como nos salões mais mundanos de Josephstat. O Cavaleiro praticava com as reclusas das Portas do Céu; a uma ia consolando por lhe ter morrido o pintasilgo, a outra enviava idêntico passarinho para lhe quebrar a melancolia da cela. Igualmente os eclesiásticos, seculares e professos, eram devassos e dados ao comércio terreno. O P.^o Fontaine, francês, protegido do conde de Tarouca, nunca iria dizer missa sem previamente lastrar a estômago com uns copos de Brandwein. O P.^o Carriglio, napolitano, celebrava com pantufos brancos de setim e dava o pé a beijar. As altas autoridades eclesiásticas não forneciam exemplos de diferente moralidade.

O espectáculo que oferecia a igreja vienesa não era para deter uma consciência na vertente do scepticismo. A obra interior de desobstrução religiosa devia seguir seu caminho. Nos salões, as discussões sobre matéria de fê não sofriam entraves; em cada alma de honesto homem não havia um denunciante, nem a cada buraco de fechadura escutava um beleguim. Falava-se alto e claro. O cavaleiro, só de ouvir, devia ter completado a sua educação teológico-filosófica.

Para Viena transportara ainda as reliquias que lhe eram gratas. Era um museu sagrado, pelo número e a variedade. Entre elas, havia um pedaço da Santa Cruz, uma lasquinha da mesa sobre a qual Jesus instituiu a Santa Ceia, um farrapinho do lenço da cabeça da Virgem Maria, e a medida do seu pé tirada sobre a chinela, um fragmento da bandeira que precedia Jesus Cristo quando o conduziram ao Calvário, uma cruz feita das oliveiras do horto de Getsemane, uma cruz com os ossos de S. João, S. Justino, S. Francisco, etc. Além disso, um arrátel da terra tirada do Santo Sepulcro, e chuchas santas, espécies de bonecas, amassadas com a terra da campa de Santa Teresa, de efeito seguro para muitas enfermidades. Algumas destas reliquias as abandonou em Viena, ao transportar-se a Holanda, por pesadas e ridiculas. Outras as conservou como adoráveis recordações da sua candidez e ceguei-

ra. Uma certa ternura pelo que foi, pela sua meninice descuidada, leva-o muitas vezes à indulgência para com as práticas fanáticas do culto cristão, as pessoas e coisas sagradas. Revivendo, se enternece. «Pelo que toca às freiras de Lisboa — diz numa das cartas de Viena — é melhor falar com elas do que nelas. As religiosas do meu país são igualmente virtuosas como as do vosso. Se pudésseis vêr agora Carnide, eu vos asseguro que ficaríeis arrebatado, e, se eu pudesse ver agora a Madre de Deus, juro-vos que estaria como na glória. Eis aqui uma opinião que Sócrates não teve nem escreveu. Eu não só a escrevo, mas sou muito capaz de a imprimir, desejando mais vê-la no coração dos homens do que no papel. Ver a Madre de Deus e estar na glória é o mesmo. Ver Carnide é estar com os anjos. Para ver o Sacramento é necessário tremer de respeito. Ver o Crucifixo não se faz sem profunda devoção. A ver as Francesinhas e Inglesinhas, todos dirão que são coisas raras, estrangeiras e peregrinas. Ver as Bernardas e as flores que elas fazem tudo parecerá jardim onde só há flores. Não cuideis que vos falo de duas léguas fora de Lisboa; tudo o que digo é de Mocambo.»

Nos últimos anos de Viena, em despeito da proes-
tação nas Memórias das Viagens, a derrocada das
suas crenças devia estar perto de consumir-se. Êle o

confessa implicitamente quando, comentando a censura que sofreu o 2.^o volume das Cartas, escreve: «Ao tempo das minhas disputas com o conde de Claravino, em 1735 e ainda em 1736, conservava-me em inteira comunhão com a Igreja Romana, dai o poderem, aqui e ali, resentir-se os meus argumentos de papismo.» Saindo de Viena para se fixar em Holanda em 1740, nos tres anos e meio que aí permaneceu completou-se o seu divórcio com Roma. Abandonado já dos grandes da sua terra, para cúmulo, a Inquisição, valendo-se dum texto menos ortodoxo inserto nas Cartas (LVI, do 2.^o vol.) editadas em Haia em 1742, prohibia em Portugal a circulação dos seus livros e mandava arresatar todos os que existissem em depósito nos livreiros. Rezava assim a passagem incriminada: «E' verdade que nos primeiros séculos da cristandade houve alguns padres da Igreja que, levados de certos principios, emprestados se pode dizer dos pagãos que tinham reconhecido a excellência do celibato, preferiam êste estado ao do matrimónio. Alguns dêstes doutores formaram ideas tão arraigadas nesta matéria que chegaram a declarar que o matrimónio era uma pratica illegitima e impura. Isto é assim, como vós affirmais, porém eu digo-vos, em resposta, que não acho coisa alguma na Sagrada Escritura que autorize esta opinião . . . ». O padre inquisidor, Fr. Manuel do Rosário taxou a

local de herética e blasfema e, condenando-a, tolheu o livro de correr. «Com tal medida — elucida a Recreação — me causaram um prejuizo de seis mil cruzados e cavaram a principal fonte da minha ruina.» Por um lado esta prepotência, que tão profundamente devia ferir a sua condição de exilado, e o ostracismo a que o votaram os governantes de Portugal, por outro a influência do meio com filósofos, médicos, judeus cultos homiziados, acabaram por subverter nêle o católico. Transitando a Londres, já porque «os erros do catolicismo repugnassem à sua razão», já porque fôsse aquella o meio de granjear o amparo dos filantropos protestantes, em 1746 abjurava publicamente para abraçar o Luteranismo. Em 1751 começou publicando a Recreação, espécie de folheto mensal, onde, a par de matéria curiosa, trava combate com o credo que bebeu de leite. Dentro do periódico, o tratado Conformidades entre o Papismo e o Paganismo, constitui um trabalho de exegese e de polémica que só tem igual em Voltaire e no barão de Holbach. Ai, além de fazer a apologia da religião que abraçara, escarpeliza a religião que deixou. É uma obra de virulência, servida duma lógica e erudição invulgares. Na Recreação, umas páginas por outras, encontraria o Santo Officio matéria de sobra para queimar o autor em carne e ôsso. Mas aquele tribunal ignorou ou fingiu ignorar

uma publicação que se dirigia especialmente ao público estrangeiro e que só teve quatro subscriptores de origem portuguesa, entre os quais Jacome Ratton. Dai a sua extrema raridade. Pereira Fidalgo, ao tempo enviado de Portugal na Côrte Britânica, lisonjeado, talvez, pela defesa que da pureza do seu nome tomara numa das páginas o cavaleiro, devia ter calado a sua aparição. O conde de Oeiras, se tomarmos a sério o papel de defensor da Igreja que assumiu mais tarde perante o Discours Pathétique, estava em Lisboa, escalando os degraus do poder.

Passou pois a Recreação em julgado, de todos os livros de Oliveira o mais agressivo e contundente para com a Igreja Romana. Em seguida ao terremoto, deu a lume o Discours Pathétique, onde, em contra do partido dos devotos que, pela palavra e pela escrita, atribuíam a destruição de Lisboa a castigo divino da impiedade reinante, convidava o rei e seus vassallos a abraçar a Reforma, em nome da Providência ofendida por uma Igreja atolada no erro e na licença. Pelos exemplares, expedidos pelo próprio punho do autor ao rei, ao secretário de Estado e a outros, tomou a Inquisição conta do agravo. O marquês de Pombal precisava de coonestar, com a condenação de Francisco Xavier de Oliveira, pensador da vanguarda, a execução do fanático, do pobre P.^o Gabriel Malagrida, amo-

tinador de turbas contra as autoridades seculares em nome de Deus. Na balança politica do ministro, o cavaleiro foi o contrapêso da justiça; uma satisfação ao beatério que era poderoso. Por acórdão do conselho geral do Santo Officio, com data de 18 de agosto de 1761, o cavaleiro foi condemnado a ser relaxado em estátua. A sua effigie figurou, assim, no primeiro auto-de-fé que veio a realizar-se e que foi o último, em Portugal. «A estátua do cavalheiro de Oliveira—escreveu Camilo—ardia nos seus intestinos de lã, ao mesmo tempo que os ossos de Malagrida se incineravam na fogueira.» Ao receber em Londres a noticia da execução, segundo uma nota lançada à margem do livro dos autos-de-fé, existente na Biblioteca Nacional, exclamara:—Nunca senti tanto frio na minha vida!

A sentença de que foi objecto levou-o a replicar num opúsculo: O Cavaleiro de Oliveira Queimado em Estátua que não conseguimos haver à mão. Mais tarde, a propósito do debate duma Igreja Lusitana, suggerida pelo P.^o António de Figueiredo, sairá ainda à estacada com as Reflexões de Felix Corvina Vieyra de Arcos e, com êste livro, onde mais uma vez advoga a implantação em Portugal da Reforma, se encerra a sua carreira de polemista e panfletário contra o Catholicismo. Recebido no grémio protestante e de certo amparado pelos protestantes, nesse credo perdurou e morreu.

*
* *
Na guarda do primeiro volume do *Amusement Périodique*, pertença de Joaquim de Araújo, lia-se esta nota, lançada pelo punho de Camilo: «*Dei por êste livro o ms. da Divindade de Jesus, reputado em 14 libras, a José Gomes Monteiro.*» Era êste, ao tempo, gerente da *Livraria Moré*, editora de Camilo, tratando-se, por conseguinte, duma transacção em que o romancista empenhou os seus direitos de autor. O exemplar transitára já pelas mãos de Augusto Soromenho, passando, em seguida aos dois possuidores já citados, a Anibal Fernandes Tomás, na livraria do qual, vendida em hasta pública, o adquiriu Joaquim de Araújo, que dêle reza numa carta que nos mostrou o bibliófilo Josuhá Benoliel. Devia fazer parte, certamente, do seu espolio, deixado em Génova, espólio confiado à guarda do Consulado Português, na dúvida em que o Ministério Italiano estava, ao proceder ao arresto dos bens inimigos, depois de declarar a beligerância, quanto ao direito de successão da viuva, senhora de origem alemã.

- Do opúsculo já citado, *Sobre o Tumulo de Camillo*, esta passagem duma das cartas do romancista elucida-nos sôbre a veia documental e inspiradora que se

lhe deparou no cavaleiro: «Dos Amusements servi-me com vantagem em novelas da velha escola de capa e espada (Judeu, Caveira da Martyr, etc.) e em pequenos esboços esquecidos. Particularizo-lhe as Noites de Insomnia, como repositório da maior parte dessas bagatelas.»

O exemplar, a avaliar por esta referênciã, devia estar completo, pelo menos tanto como o da Biblioteca Nacional, que comprehende os doze fascículos, Janeiro a Dezembro de 1751, podendo, dada a sua natureza de publicação mensal, não ter o Amusement terminado ali. Do seu final não adverte o periódico, nem da continuação de 1752 existem dados, o que não pôde considerar-se como argumento decisivo, em vista da extrema raridade do Amusement e do desapercibimento pelo público em que, como presumimos, a sua curta vida decorreu.

Devia — como dissemos — estar completo o exemplar compulsado por Camilo, pois no Judeu se encontram trechos trasladados do fascículo de Janeiro (as facécias do Doutor Machuca) e no fascículo de Outubro vem historiado o crime de Isaac Elliot, que constitue a trama da Caveira da Martyr. Todavia no Judeu, alludindo ao Amusement, escreve que o periódico tivera, apenas, uma existência de oito meses, quando o exemplar da Biblioteca ai está para atestar que durou pelo

menos doze. O exemplar da Biblioteca compõe-se de três tomos, cada um por grupo de quatro fascículos; o exemplar de Araújo de dois. A tomação é arbitrária, sem dúvida, mas a observação de Camilo mergulha-nos em perplexidade. E ou Camilo cometeu um erro de memória, filiando a Caveira da Martyr no Amusement — erro tanto mais possível que pelo sr. Heitor Antunes, da Livraria Portugália, somos informados existir em seu poder um grosso manuscrito, enriquecido de notas e comentários de Camilo, onde é narrado o crime e execução de Elliot — ou a referência do Judeu é inexacta, ou o exemplar está truncado. Se Camilo utilizou o Amusement na Caveira da Martyr, dêle também foi subsidiado na Lucta de Gigantes, por aquella página em que descreve a batalha de portugueses com espanhois nas ruas de Roma.

Fonte ou não de todos os livros de Camilo acima em discussão, o Amusement forneceu-lhe ainda matéria de critica no Perfil do Marquez de Pombal, e foi decalcado numa das novelas de que se compõe Sentimentalismo e Historia: a Pena de Talião. O episódio dramático da morte do Corregedor, em que o cavaleiro é seguido linha por linha, aparece no Judeu, constitue o nó da Pena de Talião, e volta ainda no n.º 4 das Noites de Insomnia, tanto êle impressionou o romancista, se lhe não foi agradável repousar, repetindo-se.

E' tributário, também, do Amusement o livro sexto da Historia de Portugal, de Oliveira Martins.

Dentre os trabalhos de Camilo, o Judeu é de todos o que mais abundante contribuição deve ao cavaleiro. Êle próprio o declara em nota, no corpo do romance :

« Observo ao leitor que estas e outras miudezas atinentes à biografia do pequeno Francisco Xavier são extraídas dos próprios livros do celebrado cavalheiro de Oliveira que assim ha de êle chamar-se em Portugal e na Europa, quarenta anos depois. Espero poder dar neste romance a mais completa, bem que rápida, biografia de Francisco Xavier de Oliveira, entre todas as publicadas. Dois volumes, os menos conhecidos das suas obras, são os mais importantes para o estudo da vida revezada e desditosa do filho de José de Oliveira e Sousa. Á livraria do erudito bibliófilo José Gomes Monteiro, meu prestante amigo e indicador de óptimos repositários de noticias sôbre coisas nossas, pertencem os dois preciosos volumes de que vou colhendo êstes pormenores interessantísimos, não só pelo que respeita à vida do cavalheiro de Oliveira, senão que dos costumes, crenças e viver daquela geração tão corrompida quanto fanática.»

Não obstante a promessa de «biografia», a personalidade do cavaleiro de Oliveira sai de suas mãos vi-ciada de maravilhoso, interpolada, sob o ajoujamento

romântico, de feitos inverosímeis, atitudes que não deixa supor, relações a que, pela natureza dos figurantes, jamais ousou a licença mais descomedida de novelista. E' certo que aproveita a verdade onde a verdade se lhe oferece como pedra de construção. Mas o material era escasso, e inventa, cria, completa o cavaleiro com o barro virgem que abunda na sua vasta imaginação e suas mãos geniais sabem modelar a primor. E a figura cresce até superar o âmbito moral da sociedade em que se move.

O escritor pega d'êle, ainda menino, e com exactidão histórica — exactidão que corresponde às impressões deixadas pelo cavaleiro — no-lo descreve beato no meio beato de Lisboa. A'parte o comércio de fraternal amizade que nutre com Antonio José da Silva, o Judeu, de que ninguém reza, de que é temerário afirmar que um soubesse da existência do outro, porquanto o cavaleiro não era parco em falar das suas relações com homens de letras, ainda para mais vitima aquêlê do Santo Officio — arbitrio que excede as regras toleráveis da fabulação — a fidelidade psicológica mantém-se até o momento em que, apertado o autor nas malhas do próprio enredo, Francisco Xavier de Oliveira intervirá providencialmente, como os herois de Eugène Sue. E êsse momento é quando o cavaleiro, na peugada da cigana Vitorina, será, junto do alcaide

de Valladolid, a sombra tutelar de Leonor e de Sara, denunciadas como judaizantes. Do lance e circunstâncias que o rodeiam, traçou Camilo páginas de grande alor e brilho, mas de todo fantásticas, pois se são certos os amores do cavaleiro com a boémia, apenas uma vez esteve em Madrid, jornadeando pela Extremadura. Depois, como o interêsse em arte reside nos seres e coisas em crise, Leonor, a noiva do judeu, tomar-se há de paixão surda e estiolante por Francisco Xavier. E porque êste, segundo a norma camiliana, devesse manter a sua feição rectilínea, para desquite da enamorada, se sacrificará a casar com D. Ana Inês de Almeida, menina doente do peito, com mostras de curta vida. E assim obteve Camilo intensidade dramática no jôgo das suas personagens e resolveu o problema emocionante do primeiro casamento do cavaleiro! Depois, atirada fóra toda a circunspecção histórica para com uma figura histórica, o cavaleiro será o vingador de Antonio José, na pessoa do denunciante Bartolomeu Lobo, filho do tradutor da Sentinela contra Judeus. A' hora morta do entardecer, quando as ribas do Tejo estão desertas e silenciosas, no Dafundo, de mão resoluta, travará do patife pela gasnete e afogá-lo há.

A seqüência da vida do cavaleiro, sem relação directá com a meada do romance, é dada a firmes, posto

que breves traços, com grandes lacunas, explicáveis pela minguada documentação de que se servia, suprindo-lhe a intuição maravilhosa os embaraços ante o vazio e a meia sombra em que acaba de perder-se o desditoso cavaleiro. Da miséria que arrostou em Londres compôs um quadro de fortes e maravilhosas tintas. E, discreteando sobre a data do seu segundo matrimónio, que no *Amusement* parece ser 1733, ferido do prelo o último algarismo, que era um 8, diz: «A meu juízo, a incongruência destas datas procede dum êrro tipográfico na última letra numérica do ano designado no periódico do cavalheiro de Oliveira. A publicação era feita em Londres e eu suspeito que o escritor, naquêl ano de 1751, tivesse a vista muito debilitada pelo chorar, senão pela fome.»

No Perfil do Marquez de Pombal encontram-se ainda tópicos importantes sobre a vida do cavaleiro. Ai o inculca em relações de fraternal amizade e analogia de ideas com Sebastião de Carvalho, contraídas em Londres, em 1744, e continuadas em Viena. Que se avistaram em Londres é facto incontroverso, em face da carta do marquês atrás publicada; que ataram comércio seguido, parece deduzir-se passagens das que nas *Reflexões* e no *Discours Pathétique* e ainda no *Amusement* ao ministro de D. José dizem respeito, embora este tenha falado dele com a sobranceira e o acinte

de quem sacode tais contactos. Mas em Viena não podiam conviver, havendo o cavaleiro saído definitivamente da cõrte imperial em 1740, e Sebastião de Carvalho occupado aquella embaixada de 1745 a 1749. «A orçar pelo ano de 1734, em que passei à Hollanda e onde quedei desde 1740 a 1744, para vir habitar em Londres, onde me tenho conservado desde então...» escreve o cavaleiro.

No mesmo livro o aponta Camilo como um dos oráculos do marquês em matéria de reformas inquisitoriais. Aludindo ao capitulo do Amusement, que analisa uma ordenança do rei de Portugal onde se determina que dali em diante as pessoas condenadas à morte pelo Santo Officio não fõssem executadas sem que as sentenças tivessem sido vistas e aprovadas pelo seu conselho e firmadas por sua mão, escreve Camilo: «...e aí aparece, como no Testamento Político, a idea salvadora de chamar ao Conselho de Estado os processos da Inquisição.» Ora, o Cavaleiro não alvitra, limita-se a comentar uma medida que em escrito nenhum seu anterior vimos sugerir. Há, aqui, por parte de Camilo, um abuso de interpretação, pecha a que nem sempre o seu pensamento se furta no ardor da critica, e falsa attribuição, a menos que se aceitem como boas as conferências de Londres entre o cavaleiro, inimigo jurado do Santo Officio, e o ministro, estudando,

já a distância, o programa de reformas cuja prática viria a encetar meia dúzia de anos depois.

Como se vê, a figura do cavaleiro de Oliveira, esboçada por Camilo, não tem inteira realidade, nem histórica nem psicológica. Onde é apenas problemática, Camilo insinua-a como verídica, e onde nebulosa reconstitue-a a palpito e à feição da narrativa.

Este desleixado obséquio à verdade cõa-se ainda de pequenos trechos do Amusement, vertidos para o Judeu, onde se sente o escritor, que enchia o mercado literário do seu tempo, compondo sôbre o joelho, à lufalufa. Assim, trasladando a anedota sebastianista da vara de marmeleiro que, espetada no chão, instantaneamente floriu, se cobriu de folhas e deu marmelos, contada a Francisco Xavier pelo sapateiro Vicente Duarte, com a pressa, se não logrado pelo parentesco gráfico com cordelier, de cordonnier traduziu para frade franciscano.

Na passagem do Amusement sôbre os escândalos amorosos da cõrte de D. João V, estabelece também uma confusão lamentável entre João Gomes da Silva, quarto conde de Tarouca, plenipotenciário em Viena, e o filho, «o cavaleiro de Tarouca», D. Estevão de Menezes, que veio a casar com D. Margarida de Lorenna e, com ser o primogénito, herdou o titulo materno, além de primeiro marquês de Penalva. Foi este que

raptou ao plenipotenciário M^{te} Peles, e não o plenipotenciário ao pai, terceiro conde de Tarouca. Adiante escreve Camilo: «Como bom homem que era êste marinheiro — diz o cavalheiro de Oliveira — conseguiu ser criado supra-numerário da Imperatriz Amélia». O cavaleiro diz textualmente: «M^{lle} Pelles ne prit le nom de Rocha qu'en épousant un Laquais du chevalier de Tarouca qui portait ce nom. C'était un bon homme: et c'est sa bonté qui le fit devenir Valet de chambre surnuméraire de l'Imperatrice Amélie.» Onde iria Camilo desapaafusar aquele «marinheiro»?

Na Pena de Talião, onde descreve a morte do corregedor, permito-me ainda de espulgar uma deficiência de tradução ou de interpretação no gigante da prosa portuguesa. «Quando caiu no lagedo já estava morto, escreve o cavalheiro de Oliveira. O padre, que era o seu confessor, apenas pôde apertar-lhe a mão; porém o marquês não correspondeu à pressão; parece que se correspondesse, teria dado sinal de arrependimento bastante para aquela alma se não perder.» Esqueceu a Camilo, o jornalista católico da Cruz, e enfronhado em literatura sagrada, que, em teologia sacramental, ao acto acima descrito do eclesiástico, se chama «absolvição pelo pulso ou in articulo mortis».

Outros pecadilhos seria fácil joeirar nos muitos empréstimos que Camilo fez ao cavaleiro de Oliveira,

quanto a fidelidade e abusiva interpretação. Não vale a pena; aos seus livros não se vai buscar história, mas arte, uma arte que se não comprazia a respeitos e travões. A verdade é que essa estranha e inditosa figura do cavaleiro de Oliveira só começou a ser divulgada a partir de Camilo. O homem de génio tocou-o com o seu sôpro e trouxe-o à plana pública. Êle lhe serviu de pretexto a belas páginas de prosa, no meio das quais aljofram as lágrimas. Camilo sentiu em Francisco Xavier um irmão no sofrer, como êle mordente no chiste, azorrague de tôdas as tiranias e braço dado em defesa de tôdas as vítimas. Compreende-se daí que Camilo, tomado de carinhos por êle, o enaltecesse.

*

* *

O cavaleiro de Oliveira é o que na ordenança latina se chama um escritor menor. A' sua arte maream os vícios da escola setecentista, acrescidos do imperfeito conhecimento que tinha do francês e das taras, corrupções e barbarismos que a longa permanência no es-

trangeiro e, quiçá, o desuso do idioma lhe imprimiram na sintaxe portuguesa. Éle próprio se penitencia no antelóquio do Amusement de compor numa lingua que não é a sua e, algures, numa lingua que esqueceu. Por aberrante paronimia, sem dúvida, empregará lande por lendia e oublie por obreia; igualmente nos dois idiomas, os solecismos são um joio que seria trabalhoso mondar para não subverter a construção. No francês, a abertura de periodo pela oração gerundiva, só em prática na linguagem judicial; no português, a adulteração pelo galicismo, até no uso das enclíticas, constituem as graves enfermidades do seu estilo. Todavia, como o francês era uma lingua na maturidade e o português uma lingua em plena crecença, maiores estragos padeceu da sua pena o idioma natal que o idioma adoptivo.

Pelo carácter dos escritos, o cavaleiro está entre os mais mimosos da sua plana. Foi fútil como os mais fúteis, e borboleteou por todos os assuntos de história, de moral e de filosofia com o afan e entusiasmo dum enciclopedista. Era, além disso, um homem que tinha algumas ideas de seu e, sobretudo, que sabia muito bem apropriar-se das dos outros. Mas escrevia com uma salercia, uma graça ligeira, quando não ironia, que levaram Gualdino Gomes, êsse nababo dos belos ditos, inimigo de se vêr em letra de fôrma, a chamar-

-lhe Fradique Mendes avant la lettre. Poucos como elle souberam na nossa lingua contar a anedota e suspirar uma declaração de amor. A anedota e o amor são, aliás, a sua vis. Sem rebusca, com uma espontaneidade que contrasta com a redundância então em moda, e de que peca por vezes, sabe encontrar o efeito hilare ou faceto, como em *negócio de mulheres*, *gorgeia*, *trina*, *deslumbra*, como a flauta dum sátiro. Devido à *misoginia*, que o tomou na idade madura, por detrás das lóas e ditirambos que tece em prol das damas, parece ver-se, fazendo arremedos e esgares, um daqueles saguis domésticos, de visagens chocarreiras e deslavadas. A sua prosa é, de resto, sempre bem educada.

Só em matéria religiosa, perdeu esta elástica e sorridente arte de escrever. Ai é directo, cheio de ardor, cheio de fel, golpeando sem ritmo, nem cortesia. O *Amusement* superabunda em ataques cerrados, escurmando rancor, ao *Papismo* e seus dogmas. O *Discours Pathétique* e as *Reflexões de Felix Corvina Vieyra de Arcos* prelevam menos do prosélito que do panfle-tário.

Da sua obra, que seria vasta tomando em linha de conta os muitos inéditos mencionados por Barbosa e Inocêncio, as *Cartas Familiares* são o seu livro mais cuidado e que occupam um lugar de relevo na literatura portuguesa. Nela se podem respigar — com um certo

discrime e a indispensável censura — lances preciosos da sua vida, fatos e dilucidações da época, a par de uma facúndia que se comprazia em deslaçar-se em tudo, e seria a opulência dum chroniqueur de hoje. Quando ali se liberta do gongorismo, de que seu espirito guardou mais fezes que sua alma permeável da superstição antiga, a prosa é louçã, travêssa, duma fluência cristalina de córgozinho de parque. As Cartas quedaram num terceiro volume incompleto, apontando Barbosa, como prontos para a impressão, mais seis tomos, até o nono inclusivè. Em reforço da Bibliotheca Lusitana, anotou Joaquim de Araújo na reedição que fez do Discours Pathétique: «Oportunamente exporemos os motivos que fizeram truncar a publicação das Cartas Familiares; aqui tão sómente deixamos lembrança da existência de mais de duzentas cartas desconhecidas e que constituem o fecho do 3.º volume e bem assim os volumes 4.º e 5.º Ver o nosso futuro trabalho acêrca de Oliveira.»

Antes que luz se faça com a publicação do livro ou borrão de livro de Joaquim de Araújo, seja-nos lícito conjecturar que, de certo, não confundiu a seqüência das Cartas com uma obrinha perdida no mare-magno do epistolário e que, à primeira vista, oferece mais dum titulo de reivindicação à autoria do cavaleiro. E': Lettres / D'amour / d'une / Religieuse / Portugaise /

E'crites au / chevalier de C. / Officier François en Portugal. / Revues, corrigées & augmentées de plusieurs nouvelles Lettres, & de différentes Pièces de Poésie. / Nouvelle Edition. / Tome . . . / A' la Haye, / chez Antoine van Dole / M.DCC.XLII; *dois tomos, in 16, com uma gravura, a talho doce, de Coster, no verso do ante-rosto, representando uma freira em acto de escrever.*

Estas cartas não passam, contra tôda a expectação, duma glosa liberrima do celebrado escrito da pretendida freira de Beja, Mariana Alcoforado. O texto original encontra-se esmoldo, destrôçado na lavra do ampliador, como papoilal num campo de centeio. Mais que trabalho de homenagem à enamorada monja, cometeu-se ali um alto e clamoroso sacrilégio. Após o epistolário com missivas e respostas, endossado à freira e seu galã, succede-se no livro um jôgo de extensa correspondência de amor, espécie de dialéctica dos amantes, poesias do P.^o Regnier Desmarais e, a páginas 99 do segundo tômo, a seguinte composição: Le Voyage de l'Isle de l'Amour. A' Licidas.

Ora succede que a Viagem / à Ilha do Amor: / escrita a Philandro / e dedicada / ao illustrissimo senhor / Diogo de Mendonça Côrte-Real. / por / Francisco Xavier de Oliveyra / Cavalleiro Professo na Ordem de N. S. / Jesu Christo. / Haia / M.DCC.XLIV. (segundo

a edição Rivara) e assinada: Vosso Amigo Tyrso. Montanha da Afflicção no dia mais crítico do ano de 1739, e aquela são, linha por linha, áparte a diferença de idioma, uma e a mesma peça. A primeira anónima e editada em 1742; a segunda, estadeando o nome do cavaleiro e dada a público em 1744. Aquela sem data, nem registo de factura; esta predatada de três anos, em referênciã à edição franceza, e de cinco à portugueza e com a sua nótula local. A darmos crédito a estes últimos dados, Oliveira seria o autor incontestável da pastoral, e, por ampliação lógica, de todo o livro Lettres d'Amour. Contra a sua paternidade militam, porém, argumentos de grande monta. Sem fazer finca-pé no indicio denegativo que decorre do simples exame das duas edições, ressaí que a redacção original devia ter sido a franceza, segundo toda a verosimilhança, pois os versos nela entretecidos, com inteireza métrica, figuram em prosa, caracteres itálicos, no texto portuguez. Teria o cavaleiro composto a fantasia, em primeira mão, na escrita franceza? Podem as poesias haver sido emprestadas a um versejador francês qualquer, não citado? Decerto. Mas por que esta troca de nomes, Lcidas com Philandro, embora não levante reparos de maior a omissão de data e de lugar no Voyage, pelo facto de vir a lume num feixe de várias composições, e em separata quando na

redacção portuguesa? Tanto Le Voyage de l'Isle de l'Amour como as mais partes do livro denotam uma pena impecavel, dir-se-ia «autoctone», no manejo da lingua, a contrastar com o estilo do Amusement, de baixo da agravante, ainda, de êste haver sido escrito muitos anos depois, que contam, mediante continuidade, para o aperfeiçoamento, pelo menos gramatical, dum idioma estrangeiro. Sem d'vida que a Francisco Xavier podia ter-se deparado um revisor à altura, como do requisitório do conde de Tarouca se infere que achara para as primeiras tentativas em lingua não materna. Mas, além de que a redacção francesa se nos afigura mais completa, mais consentânea a modelar o pensamento inicial, criador, uma segunda parte de Voyage, inserta no mesmo livro, faz fê contra o autor portugês que se quedou na primeira parte. Para mais, a circunstância das Lettres d'Amour sairem das officinas de Antoine Van Dole, que nem antes, nem depois, editou o cavaleiro, depõe contra êle.

Certo, pela natureza do livro, a indole do primeiro assunto versado—a paixão da religiosa de Beja—que ocorreria de preferênciã a homem de letras portugês que a autor de outra nacionalidade—pela contextura das matérias, tão em harmonia com o temperamento que se expande nas Cartas Familiares, pela própria trama de Voyage, em que, no primeiro lance, quise-

mos pistar o galante secretário da embaixada de Viena na via demorada que o levou à posse de Maria Elisabetha ou da altaneira Belisa, o atribuiríamos a Francisco Xavier. Mas em definitiva, sem prolongar mais o jôgo de hipóteses e objecções, raciocinando nos primeiros planos, os testemunhos negam-lhe a autoria. E é crença nossa que cometeu um plágio contra anónimo, acobertando-se da possível incriminação com a ante-data que se lê no fecho da versão portugûesa.

Neste particular, o cavaleiro era mediocrementemente pundonoroso. Il prenait son bien où il le trouvait. O Amusement enferma dêste achaque, inserindo e trasladando passagens e capítulos inteiros, sem designação do senhorio. No preâmbulo, como adiante se verá, êle mesmo se escusa, com não ter presentes muitas vezes os autores consultados, e ser-lhe impossivel reportar-se às fontes a que a miude foi beber.

A RECREAÇÃO PERIÓDICA (Oeuvres mêlées: / ou, / Discours / Historiques, Politiques, Moraux, / Littéraires, & Critiques / Publiés dans les mois de / Janvier / MDCCLI, / Sous le Titre / D'Amusement Périodique. / par / Le Chevalier d'Oliveyra / Tome / Londres / MDCCLI) aparecia mensalmente, sob a forma de boletim. Compreende-se, portanto, que, à maneira do processo de tesoura praticado hoje nas gazetas, compusesse uma grande parte copiando, ver-

tendo, adaptando. As enxertias são numerosas e de vulto, não raro. Escrita ao sabor da fantasia, a outra parte, se não mais instrutiva, é mais amena. Quando não moraliza, na peugada de *La Bruyère*, fala de si, dos homens do seu tempo, ridiculos, meritórios ou scelerados, graceja, chora-se, conclama, e ainda encontram eco em nós as suas palavras, proferidas perto há de dois séculos. Bradando, lá longe, no estrangeiro como num deserto, a sua voz ala-se por vezes ao intono ardente dos precursores. Que semeia ao vento, dá-se por quite das suas penas se houver um homem só de boa vontade que o oiça! Estrangeirado, guardou a sua alma portuguesa; esta abafou-a a terra de Londres, mas não a entibiou nem corroeou o céu e meio glacial de Inglaterra. Até o fim manteve uma attitude ou amável, ou de reptador. A's vezes, passageiramente, reveste-se das cinzas humildes dum penitente. Mas, muitas vezes, ri e o seu riso faz tremer os altares. A Recreação é um belo livro de crónicas onde perpassa, aos farrapos, uma vida a que não faltou nada, honras, princesas, fome, fel e lágrimas.

As circunstâncias em que foi concebido e executado o Amusement, «esta compilação deve a sua origem às dificuldades em que me achei e em que, amiudadas vezes, vi envencilhados os meus amigos» meio, à falta de melhor indústria, de não morrer à míngua, sem os

rigores, por conseguinte dum trabalho maduro, consciencioso a tóda prova, obrigou-nos a adoptar um critério de censor na presente versão. Hesitámos, de principio, se não seria mais recomendável reproduzir na integra as suas mil e tantas páginas. Tal emprêsa excedia a capacidade livresca do mercado, se não a do plano editor. O seu francês mediocre e mediocre irradiação no estrangeiro não compensariam, outro-sim, tão extensivo fôlego. Considerámos, depois, se não era mais consentâneo com o respeito que se deve a todo escritor, traduzi-lo de ponta a ponta, periodo por periodo. A tarefa oferecia os inconvenientes da primeira concepção, tirante os prejuízos da lingua, mas aumentados dêste contrasenso: a retroversão de capitulos, como os de Barbosa, o que seria ocioso, ou o seu traslado, o que pecava por destoante e absurdo. O mesmo embaraço se nos antepôs perante os trechos das Cartas Familiares que transportara para o periódico, fielmente uns, troquilhados outros, como aqueles que se referem ao Doutor Machuca, num livro charlatão de Londres, noutro livro charlatão de Lisboa. Atemorizou-nos, também, a abundância de citações e empréstimos a autores e anónimos estrangeiros, à margem dum tema riscado do tempo e do espaço, ou definitivamente arrumado; e, sob o pêsso das suas controvérsias teológicas que passaram à história com alvará de sedições, mandou-nos a razão recuar.

Adoptámos, pois uma norma: expurgar todos os ramos secos, tôdas as frondes parasitárias, tôda a folhagem opaca dêste livro, criação exaustiva de doze mezes. Mas tudo o que era vivo, palpitava de interesse social ou literário, entrelaçava-se na vida do cavaleiro ou na vida portuguesa, quer texto, quer notas, foi respeitado escrupulosamente. Estamos em crer que o mais exacto rabuscador a custo lobrigará fora da nossa joeira pormenor ou ninharia que deixe de pesar na balança da glória de Francisco Xavier.

Certo que o estudo dos trechos bilingues (Amusement, Cartas) poderia levar-aos a uma aproximação rente do seu estilo. Para um livro, como êste, fácil, despresumido, de contexto deleitável, tornar-se-ia um cometimento de rato de biblioteca, sem galardão. Equivaleria, também, a tropeçar nas pechas e vícios de linguagem, correntes no cavaleiro, vícios que o progresso de escrever baniiu até das penas menos dextras. A liberdade absoluta repugnou-nos, também, tanto como a subserviência extrema, atentos como somos a não profanar a côr e indumentária do tempo. Numa palavra, obstinámo-nos a não superar o círculo que o cavaleiro pisaria, transitando pelo purgatório. Para tanto, evitámos o lexicon para cá do século XVIII e as roupagens que não cheirem às eras empoadas. Fugimos, em suma, de abastardar, sem fumos, no

entanto, de restituir à lingua a obra dum filho seu. Foi, apenas, uma tentativa leal, como tentativa despreconcebida e honrada é o ensaio que aí fica da vida e obra do infausto cavaleiro.

Lisboa, 1922.

AQUILINO RIBEIRO

RECREAÇÃO PERIÓDICA

RECREAÇÃO PERIODICA

REGRAS PERIODICA

LEITOR:

Sou homem pela graça de Deus: se és mulher, a minha nobreza é mais elevada que a tua. Sou português: se és hotentote, não tenho dúvidas que te posso marcar um lugar de fila entre os meus concidadãos. Sou pobre: se és rico, há entre nós um abismo formidável que, talvez, nos separe por toda a eternidade. Mas pouco importa: Que sejas pusilânime, ignorante ou orgulhoso, ou ainda mesquinho, sábio ou magnânimo, és sem dúvida uma criatura mortal, e incontestavelmente o meu semelhante, o meu irmão. Nesta qualidade te considero; trata-me da mesma maneira. Que o nosso laço de união seja a humanidade. Ainda que se albergue em teu seio o mais abjecto, o mais néscio, ou o mais malvado dos homens, não hesito em entrar em comunicação contigo. Escrevo, tendo em mente divulgar específicos que te curem das fraquezas, te corrijam dos defeitos, te reprimam nos crimes e te ajudem a vencer os vícios. Sejas, embora, o espírito

mais bem formado dos séculos, sintas esplendidamente a opressão da opulência, e imagines possuir uma sólida e rara ilustração, não me desprezes, não me anavalhes, não me abocanhes. Deixa-me socegado; por mim, do coração te juro que te não toco.

Escondidas, dispersas, e quasi por assim dizer sepultadas em obras célebres das quais as desenterrei, todas estas notas e observações — presumo eu — não eram ali de grande utilidade para os homens. Uns, porque lhes mingua tempo para poderem consagrar-se a uma leitura demorada; outros, ainda que dados aos livros, não estão dispostos a meditar, e, sobretudo, porque a memória é caduca e a lição destas coisas facilmente se desvanece. Certo que mais duma vez terei falhado ao propósito de derramar a claridade necessária sobre este ou aquele dos meus pensamentos e de dar às minhas proposições a força e justeza de que carecem. A razão está em não ter presentes as fontes de que me servi, não apontar as citações, às quais, a-pesar dos melhores esforços, foi de todo impossível reportar-me. Esta compilação deve a sua origem às dificuldades em que me achei e em que, amiudadas vezes, vi envencilhados os meus amigos. Além dos conhecimentos adquiridos numa vasta e variada leitura, tenho a presunção de conhecer um pouco os pontos fracos e fortes da religião, das leis, e dos costumes da minha terra natal. Viajo há mais de dezasseis anos. Com avidéz e pra-

zer aproveitei todas as ocasiões de observar e ter comércio com homens de diferentes nacionalidades; algumas luzes adquiri de seu variado carácter, e dos sistemas que professavam em matéria de moral, de filosofia, ou de política. Daí, uma série de ideas, factos, considerações e anotações novas que em parte alguma eu lêra. Trasladando aquelas que mais me agradaram no decurso da leitura, habituei-me a acrescentar as de minha casa. Com publicar ao presente o manuscrito, apresento umas e outras; se as minhas não cativam, fácil é não lhes prestar atenção; acham-se presas nesta obra como numa espécie de cadeia, bem à vista.

No entanto, leitor, se alguma há ao teu paladar e merecedora dos teus favores e da tua aprovação — indulgência para ela e liberdade de sair a público; por quem és, conjuro-te a não pô-la de lado, nem a confundi-la entre o tropel daquelas que tenham a fatalidade de te desagradar. Se não estou em êrro, tens veleidades de ser justo e equitativo. É quanto te peço, quanto me basta que sejas. Não me julgando de todo estranho às belezas da língua franceza, sou o primeiro a notar que a não manejo com a graça, a leveza e ao mesmo tempo a energia de que é susceptível. Uma boa parte dêste trabalho tinha-o composto em portuguez, com o fim de mostrar aos meus compatriotas o que uns ignoram e o que outros não toleram que se lhes diga.

Não posso, porém, escrever mais uma linha no meu

ídioma materno sem que apareçam a fulminar-me os anátemas da Inquisição, perdido assim sem remédio o fruto dos meus trabalhos. Preferirias tu, caro leitor, ver-me mudo? Não, não posso suspeitar-te de semelhante tirania. Ao contrário, quero crer que te não pesa veres-me falar a tua língua, ao meu geito, que me autorizas a oferecer-te a tradução do que meditei em português, e que a generosidade te levará a relevar-me os êrros que cometa. No corpo de algumas transcrições, tiradas dum ou doutro escritor, fortuitamente mudei palavras; noutras ocasiões, acrescentei um ou mais têrmos de minha lavra. Não o fiz com o intuito de alterar ou enfraquecer o pensamento ou raciocínio do autor. Muito menos, com o propósito de o levar a dizer coisas que não tinha em mente. O meu fito foi pô-lo a falar com mais clareza, precisão ou largueza, numa palavra, como eu teria procedido se êsse pensamento que adopto, que decomponho, que aformoseio ou que vario — fôsse minha exclusiva e original pertença.

Louvores a Deus, escrevo sem paixão, sem animosidade de seita. O forte das minhas críticas recai, em especial, sôbre aqueles que constituem a pretensa santa hierarquia de que o Bispo de Roma é o maioral. Obstinado sequaz de suas doutrinas e escravo de todos os seus preconceitos, uma estreita comunhão com êles pareceu-me outrora o meio mais perfeito e adequado a conduzir-me no caminho da salvação. Encrustei-me num tal êrro pelo longo espaço de

trinta anos; mudei de sentimentos fez já dez; hoje, não chego a compreender como possa caber no espirito de alguém alcançar a salvação mediante um sistema tão desvairado como idólatra. E podia eu deixar de opor-me às máximas de Roma? Uma vez compenetrado de todo o seu fundo destituído de verdade, de sentido e de razão, mantendo-se, apenas, mediante a violência, a tirania e a má fé, não estou no meu direito, não é mesmo a minha obrigação, combatê-las com denôdo, sem nada dissimular? Assim fiz.

Leitor, se és romano ou português, não te escandalizes; não me encares como inimigo; já disse, sou teu irmão. Crê em mim e lê as minhas considerações. Por muito pouco que as medites, espero que tenham a força de te libertar de preconceitos, a virtude de te curar da cegueira, numa palavra, possuam as qualidades precisas para te reconciliarem comigo. A minha obra carece de método. Longe de mim pretender que as matérias versadas o fiquem com profundeza e à saciedade. Não vou tentar subjugar-te com grandes raciocínios ou arrastadas controversias, de difícil compreensão.

Leitor, quem quer que sejas, rogo-te que não formes juízos precipitados contra mim, nem temerários sôbre uma obra, cujo espirito está dentro destas palavras de Erasmo: *Admonere volumus non mordere; prodesse, non lædere; consulere moribus hominum non officere.* Em tudo o que acabo de dizer não encontrarás, talvez, nem o estilo nem o tom

que é de moda em preâmbulos-dedicatórias. Sinto eu mesmo a falha; salta aos olhos. Em sete ou oito dedicatórias que pus no rosto doutros tantos livros, acham-se coisas que porventura te seria agradável encontráres aqui. Lá há incenso tributado a um Mecenas; êste patusco, porém, havendo aspirado o odor do fumo sagrado julgou-se um deus; ufanava-se de merecer a apoteose; era um doido varrido. Lá há a lisonja com que me julguei em dever de brindar a um sátrapa. Êste voltou-me o trôco, lisonjeando-me por seu turno; e, maneira de se impor, prometeu-me mundos e fundos, o que, aliás, estava na sua mão, era só êle querer. No entanto, nunca mais se lembrou, e a sua palavra foi vã. Mais tarde vim a averiguar que êste mesmo senhor havia cometido igual indelicadeza com muitas outras pessoas. Inúmeras e variadas coisas te poderia contar a êste respeito. Omito-as porque, para te declarar com toda a franqueza, perdi já o gôsto e a arte de escrever dedicatórias. Para fazer nelas obra bem feita, é preciso possuir o talento das transformações. Dum poltrão há que afeiçoar um bravo, assim como Alexandre Magno; dum biltre um herói; dum pigmeu um colosso; dum néscio um sábio. Em suma, acontece ver-se um homem forçado a formar um ser real duma quimera e uma pessoa eficiente dum puro autómato. Ou chega-se mesmo a um resultado ainda mais incompreensível: transforma-se um padre em homem honrado. Eu, cá, deixo as metamorfoses a Ovídio. Se esta escusa te não basta,

ingenuamente te direi que não sei compor preâmbulos-dedicatórias; por isso te peço que recebas êste em qualidade de *advertência*. E aqui está, não obstante, uma *metamorfose*; tu mesmo a podias fazer sem grande canseira. O que prezo em ti é a virtude. Desejo-te a tranquilidade, o bem até mais não poder, uma saúde de ferro, longa vida, uma morte serena e a Felicidade Eterna!

PARA O MÊS DE JANEIRO DE 1751

I

ACÊRCA DA FALSA APARÊNCIA

Nome fidalgo, parecer prazenteiro, ar livre, seguro e atrevido, trajo esmerado e rica equipagem constituem muitas vezes todo o mérito dum homem, no fundo destituído de virtude, entendimento e dignidade. Um título pomposo, inçado de têrmos arrevesados, esdrúxulos, meio gregos, não raro bárbaros, dá importância a um livro, onde pouco ou nada se aproveita. O homem de bem, o homem sabedor, o homem de merecimento, amortalhado na sua modestia e confinado no silêncio do seu escritório, quasi não é falado.

O bom livro, obra muitas vezes útil e simultaneamente agradável, passa por via de regra despercebido, se o título que ostenta é simples e modesto. Mas ora, pobres dêsses que tudo edificando sobre aparências, homens que são autómatos perfectos, livros que não passam dum praganal de quime-

ras, cavaram o seu eterno divórcio com o valor e a virtude!

II

O PODER DO PAPA

Doutores papistas há, mormente entre os italianos, que sustentam ter o Papa não só o poder de excomungar e de destronar o príncipe mais poderoso da terra, mas também de tirar um santo do Paraíso e de remetê-lo ao Inferno. Assim leio no *Espion dans les Cours des Princes chrétiens*. Na minha vida, só uma vez falei com um homem a quem tal asserção não repugnava. Foi com um nobre de Portugal, João Gomes da Silva, conde de Tarouca, ministro de Estado, e que deixou fama nas côrtes d'Europa por onde passou. Dizia-me êle, um belo dia de 1736, que o poder que Deus confere ao Papa não sofria limites; senhor das chaves que abrem e fecham as portas do Paraíso, o seu papel não era o dum simples porteiro sem autoridade; em nada a figura parada dum suíço. Não sómente tinha a faculdade de receber e despedir a quem muito bem lhe aprouvesse, mas podia entrar pelo Paraíso e expulsar um santinho, por exemplo, que êle ou um outro Papa aí tivesse colocado por surpresa, ou por qualquer outro princípio da mesma índole. Lembro-me que lhe respondi:

— Espero, Monsenhor, que o Papa não esteja no número desses escribas e desses fariseus hipócritas, de que reza S. Mateus, que fecham as portas do Reino dos Céus na cara da gente, e que nem entram para lá nem deixam entrar outros com vontade e em condições de o fazer.

— Por amor de Deus, não blasfeme—redarguiu-me o ministro.— O que acaba de dizer é uma heresia.

— Heresia ou blasfêmia,—tornei eu—encontra-se no Evangelista...

— O autor não se refere ao Papa...

— E caso se referisse, que diria Monsenhor?

— Não teria poupado S. Mateus. Acusá-lo-ia de herético como ao senhor.

III

O ANÁTEMA DO PAPA PODE SER MORTAL

De Joncourt refere que o clero judaico tinha levado tão longe os preceitos e o rigor da disciplina que, de três graus estabelecidos de excomunhão, o último ia até a perda da vida no patíbulo infamante. Prática foi esta usada enquanto o povo judeu foi senhor de si mesmo e não dobrou a cerviz a uma potência estrangeira. Sem dúvida, aqui veio buscar o clero de Roma, tão cuidadoso em granjear autoridade e tão pertinaz em valer-se dela,

os anátemas que os papas e os concílios pronunciam contra aqueles que recusam submeter-se às suas decisões.

Quanto a mim, os anátemas romanos podem muito bem causar a morte. Por acaso não ordenam aos fieis o ser inexoráveis com os excomungados, sejam éstos muito embora os amos ou os senhores, e de se afastarem dêles como da lepra? Todo e qualquer exercício de humanidade para com êles é defeso. Defeso dar-lhes um pedaço de pão ou uma sêde de água. E, sendo assim, o anátema fere mortalmente. Tendo de perecer, que diferença há para os excomungados que seja pela fome ou por uma espadeirada? Matar pela fome, parece-me o mais cruel e insuportável dos suplicios. Mas está conforme ao espírito de Roma; vê-se aí bem assente o sêlo usual da sua tirania

IV

A NATUREZA DO CRIME DO BOM LADRÃO

De Joncourt, ministro em Haia, autor das *Lettres critiques sur divers importants sujets de l'Écriture Sainte* arvora-se em advogado do Bom Ladrão, êsse malfeitor que ditosamente terminou os seus dias ao lado de Jesus Cristo. Tendo em aversão os nomes que lhe applicam de scelerado e de facinora, expõe

e demonstra que podia muito bem ser o contrário; e, por uma série de raciocínios fortes e de sólido fundamento, imagina e faz com que os outros imaginem também que o Bom Ladrão estava muito longe do que ordinariamente se chama um patife.

Pilatos condenou-o ao suplício da cruz, atribuindo-lhe inteira responsabilidade na sedição que Barabás fomentara. É mesmo possível que em toda a vida não tivesse cometido crime digno da pena de morte. A experiência comum ensina aos menos avisados que não é impossível ser-se pessoa de bem e resvalar por fraqueza ou por acidente na mais violenta desordem. Pelos evangelistas estamos inteirados do forte e do fraco de S. Pedro. O seu coração era um duro e sólido coração; as suas intenções óptimas; mas pecava também por vaidoso e presumido.

Que era bulhento, e tanto activo no bem como no mal, temos a prova na história de Malcus. Arrancando da espada, movido por um zêlo indiscreto, rebela-se, a um grau igual, contra a autoridade do Pretor, que havia para ali destacado tropa, e contra a autoridade eclesiástica do grande e potente Sinédrio. Eis um *cabeça de motim* para quem nutra veleidades de imitá-lo. Mas Pedro vai mais longe; descarrega sobre Malcus, com ganas de lhe rachar a cabeça de meio a meio, e se só lhe apanhou a orelha foi por imperícia ou mau geito, ou desandou o golpe um tudo nada à banda. Ora aqui há desordem, violência pura, num homem que, momentos antes,

estava longe de sonhar tal coisa, todo occupado, tanto na Ceia Pascal, ainda grandes horas não eram decorridas, como leva-que-leva monte das Oliveiras a caminho de Getsemani, do amor do Mestre querido. E ei-lo, dum instante para o outro, inopinadamente, réu de lesa majestade. Tudo nos faz crer que, se o divino mestre o não houvesse reservado para mais altos destinos, teria sido preso, algemado, julgado e condenado, como elle, ao suplicio da cruz. O Bom Ladrão podia ser, de seu estado, uma pessoa de bem e incorrer na fatalidade do suplicio, talvez por simples imprudência, e mais por uma eventualidade da má sorte que por depravação do carácter.

O citado autor não tem escrúpulo em dizer que se deve o favor dos *talvez* antes ao Bom Ladrão que a outro supliciado, de que reze a história trágica das execuções. Em verdade, vê-se êste homem, pregado na cruz, verberar a impiedade do companheiro, glorificar a Deus louvando os seus altos juízos, prestar homenagem, face a face do universo, à vida inteira de Jesus e à sua santidade sem mácula, adorá-lo, invocá-lo, professar clara e altamente a fé no seu Reino e a esperança de ser um dos eleitos. Tudo isto testemunha neste homem gérmes certos de virtude, de todo incompatíveis com a vida dum scelerado, nado e medrado no crime. A primeira razão para o enternecimento, está naquella sua paciência, humildade, e ardente piedade, de que dá mostras tão edificantes na hora em que se preparava para morrer.

A segunda, é que uma morte tão santa e tão cristã origina presunções muito legítimas e muito favoráveis sobre a sua vida, de que só conhecemos um acidente e de que ignoramos tudo. Letrados e não letrados, predispostos contra o Bom Ladrão, representam-no como um bandoleiro dos quatro caminhos, correndo a monte, vivendo da rapina e do assassinato. Eu pertencia a este número e não teria mudado de parecer se não fôra a lição das *Lettres critiques*. Mal por mal, — também agora digo — admitindo mesmo que esta benevolência pelo Bom Ladrão tenha menos fundamento que a que lhe inculca o autor, e que seja um problema flutuando no incerto: é sempre mais humano, mais honesto, senão mais certo, *fazer dum patife um homem honrado que dum homem honrado um patife.*

V

O HOMEM IGNORANTE PODERÁ SALVAR-SE

Cabacius — eu digo quem é; Cabacius é o homem cujos discursos não são mais que baboseiras, loquela vã e importuna. Pois Cabacius é muito afeiçoado aos princípios da Religião Católica, pelo que mal não vem ao mundo. Procurei fazer-lhe ver que este credo, supersticioso e idólatra, era por letra e espírito tudo o que há de menos cristão.

— Nesse caso todos os católico-romanos estão condenados... — objectou-me elle.

— Não, Cabacius, não digo tanto. Sei muito bem que a adopção duma religião ou dum culto, feita sem pre-conhecimento, é um facto que mais deve à fatalidade que à malícia. Deus, sem dúvida, saberá ser misericordioso com os simples e ignorantes de todas as *Comunhões*, tanto com os judeus e maometanos como com os papistas. Se me fôsse permitido duvidar da salvação dalguns, seria da salvação dum Papa, dum Inquisidor, dum teólogo, dum filósofo, enfim, de todos os que dispondo de luzes bastantes para conhecer a Deus, se obstinam em venerá-lo a seu modo, exercendo um uso terrível da *verdade de que são os depositários*. Já Cristo dizia para os fari-seus, os temíveis e tredos adversários: «Se fôsseis cegos, *quer dizer ignorantes*, não teríeis pecado; mas dizeis: nossos olhos sabem ver; por isso o vosso pecado pecado é, e pecado fica». Aqui está, Cabacius, o que penso sôbre tal matéria.

— Perdeu a razão — disse-me elle. — Também já pouca havia no seu entendimento.

E, com dizer isto, retirou-se, voltando-me as costas.

VI

QUEIXAS DO AUTOR CONTRA SEUS PODEROSOS INIMIGOS

Arbosab lastima-me e tem razão.

Os homens injustos e crueis com que tenho a lidar não sómente violam a sua fé particular e pública, como faltam aos ditames mais sagrados da humanidade e da vida social. Êsses inimigos, pérfidos na perseguição e na calúnia, são príncipes da Igreja Lusitana e conselheiros do Rei; são juizes na Côrte, aqueles a que ordinariamente chamam ora sustentáculos e colunas, ora luminares e guias da Nação. Bem sabe Arbosab que mal vai para o Estado que *assenta os fundamentos na podridão*. Em tais auges que há de fazer o justo ou a pessoa de bem para escapar à violência? Que maior infortúnio para um corpo, quer natural quer político, *quando a luz que há nêle se converte em trevas*? Quanta reversão, quanta desordem, quanta iniquidade, quando os ministros da Religião, da Justiça e do Estado empregam toda a sua arte em corromper o direito e toda a sua autoridade em oprimir a inocência e padroar o crime! Foi perante um dêstes tristes espectáculos que Salomão levou queixa ao pai: *Vi uma coisa muito deplorável à luz do sol e é que no estrado da Justiça assentaram-se a iniquidade e a perversidade*. Eis o que chora David nos primeiros trenos dum psalmo dirigido às pessoas notáveis e

distintas da côrte de Saúl. *Que fazeis nos conselhos e em vossas bancas de juizes? Sois lisos a pronunciar-vos e direitos a julgar? Não, em vossas almas maquinais toda a espécie de maldade e quem governa a balança que vos confiaram às mãos é a cegueira das paixões.*

Ainda que justamente eu possa lançar em rosto aos meus inimigos que os excessos da malícia, agravados por uma irreprimível pertinácia em lesar, muito pouco se coadunam com a honra e as obrigações do carácter, não levantarei contra elles as imprecações que o profeta emprega contra os áulicos de Saúl. Não, Arbosab, a tanto não desço; contentar-me hei em poder dizer aos ministros de Portugal, causadores da minha ruína e do meu descrédito, que há, *a despeito de tudo, um prémio para o justo, satisfação para o homem honrado, e um Deus que nos julga na terra e nos há de julgar na outra vida.* Podem fazer cara de quem não acredita, estou certo que a sua impudência e a sua perversidade não hão de chegar a pontos de me desmentir. . . .

Não é intuito meu, é certo, abarcar os Poderes todos de Portugal. Tenho respeito, em geral, pela Magistratura; as minhas queixas vão sobrescritadas para os três ministros, apenas, que tão rancorosamente me deitaram às feras. Arbosab, o digno e illustre compatriota, o amigo que me consola, sabe da justiça e razão que me assiste. Por isso só, não aduzo provas. Elas virão no decorrer dêste trabalho, justificando a veemência de minhas expressões contra muitos eclesiásticos e leigos.

VII

BAPTISMO DA LINHA

O que se chama o *baptismo da linha* é uma cerimónia tão ridícula como amalucada. Praticam-na, porém, os homens de todas as nações ao transpor a linha equatorial. Muitos viajantes a descreveram. Conta Frésier na *Relation du Voyage de la Mer du Sud*: «Prendem-se os catecúmenos, pelos pulsos, ao cordame estendido da popa à ré, para os oficiais no castelo do navio, para os marinheiros na ponte; e, depois de momos e macacadas levam-nos ao pé do mastro grande onde os obrigam a jurar sôbre a carta de marear que nunca faltarão a cumprir esta praxe, consoante os estatutos da navegação. Depois condenam-nos a pagar de beber para não ser molhados, o que é uma santa cantiga, pois que do banho nem os capitães são poupados.»

Frésier poderia acrescentar, sem receio de ser desmentido, que se não abre excepção para ninguém e que até os eclesiásticos, que passam a linha, se não mostram mais circunspectos, no desempenho desta prática, que a própria marujada. Meu tio, o P.^o Francisco do Menino Jesus, prior do convento dos Carmelitas Descalços, embarcou em Lisboa para o reino de Angola em companhia de Saldanha, governador dêste estado. Ouvi da própria bôca de meu tio que foi êle quem ministrou o baptismo da

linha a S. Ex.^a o governador. Êste fidalgo não pôde tirar a desforra, pois que meu tio não era catecúmeno; pela terceira vez passava ali e já tinha pago a patente.

VIII

A PROPÓSITO DA TRANSUBSTANCIAÇÃO

Fanerófilo, o meu *bom amigo*, dizia-me ante-on-tem que nas fábulas pagãs e nas quimeras do pas-sado mais remoto, nada havia de análogo à ficção dos católico-romanos no mistério da Transubstan-ciação.

— Aqui está uma invenção extraordinária — acres-centou êle — pela qual não devem nada a ninguém.

— Fanerófilo engana-se — respondi eu. — Na an-tiguidade existe qualquer coisa de parecido e espan-ta-me que não tenha chegado ao seu conhecimento o que Luciano conta sôbre Pancrates, porque veria que sempre abundaram homens aptos a espalhar fábulas desta natureza e outros a dar-lhes crédito.

E como Fanerófilo nunca tivesse ouvido a histó-ria de Pancrates, dei-lha a ler no *Espion turc*, livro que estava sôbre a mesa.

Pancrates era um mago muito famoso do Egipto. De jornada para Mênfis, um dia, êle e um estran-geiro fôram pernoitar a um albergue. Mal tinham

apeado dos camelos, Pancrates olhou para uma perna de carvalho, tocou-a do talismã, e depois de murmurar umas palavras, o tronco mexeu, pôs-se de pé, caminhou, e pegando dos camelos pela rédea levou-os à estrebaria. Após isto, o homem de pau entrou em casa, fez as camas, obediente em tudo às ordens de Pancrates. No momento de retirar, o mago voltou a repetir os seus gestos e frases rituais, e o maravilhoso laçaió regressou a pau. E, assim foi praticado, de albergue em albergue, pela jornada fora. O companheiro, um dia que o mago tinha ido ao templo e se esquecera do talismã, quis experimentar se não seria capaz de produzir o mesmo efeito. E, tomando uma tábua e tocando-a do talismã, depois de repetir as frases sacramentais, *in continenti* o pau se tornou homem e andou. Encantado, ordenou-lhe o viajante:

—Vai-me buscar um balde de água.

O tronco obedeceu. Satisfeito, disse-lhe que era quanto bastava e volvesse à forma primitiva; em vez, porém, de obedecer, o laçaió continuou a trazer água, mais água, a pontos que a casa era um lago. Receando a cólera de Pancrates, o viajante não viu outro remédio senão escavar a tábua que rachou em duas. Peor; em vez dum, eram dois criados a carretar água. E a tarefa só teve fim quando chegou Pancrates e, depois de descompor o companheiro como merécia, fez entrar os dois aguadeiros no estado de imobilidade.

— Esta historieta — replicou-me Fanerófilo — não

foi escrita para ser acreditada. O próprio Luciano, que raro era falar sério, acreditava tanto na sua veracidade como eu.

— Pode ser. Mas não se trata aqui da verdade do facto, mas de mostrar a existência duma ficção muito antiga, em estreita analogia com o mistério da transubstanciação, mistério que consiste nisto: um bocado de pão converter-se em carne e sangue, mediante quatro palavras que lhe sopram.

— E todavia já acreditou... — retrucou-me Fannerófilo, sorrindo.

— Não, nunca acreditei. Trinta e nove anos vivi no grémio da Igreja, mas foi dogma que nunca pude tragar.

E dizia a verdade. E, como eu, que homem, praticante sensato da religião, poderá meter a mão na consciência e afirmar que nunca o acometeram suspeitas sôbre a verdade e possibilidade dêste dogma? E que, adorando a hóstia, não cometeu um acto de idolatria?

A propósito de transubstanciação recorda-me o que se passou com o padre brasileiro Vicente Correia que era da intimidade da minha casa e vinha passar temporadas connosco à aldeia. Tínhamos ali um vinho muito bom, de uva muito fina, e êle, como apreciador, nas suas obrigações de sacerdote não bebia outro. Era um homem novo, eu mais novo ainda, e o nosso passatempo, conforme o carácter da raça, consistia em pregarmo-nos partidas.

No dia de S. João, quando ia para dizer missa na

capela da casa, como tinha por costume, de que me hei de lembrar, eu que era o acólito? Misturar-lhe vinagre, um vinagre que escaldava como pólvora, nas galhetas. Enquanto se revestia na sacristia, fiz a veniaga. Disse-me mais tarde quando lhe contei a pírraça:

— Foi um cális mais amargo, mais detestável que a esponja que deram a chupar a Jesu-Cristo.

Por muito desmemoriado que seja, o bom P.^o Correia ainda se há de lembrar da partida. Êste factó prova à evidência uma de duas: que o vinagrê pode ser transubstanciado tão bem como o vinho, ou que a transubstanciação não se opera, e neste caso, o povo que ouviu a missa caiu em idolatria adorando como Deus uma mexórdia de vinho e vinagre. Outro exemplo, onde se patenteia a irreligião de um dos nossos ecclesiásticos, além de ignorante, blasfemo: o P.^o António Gomes, capelão no solar de Morfacem, do secretário d'Estado Guedes Pereira, foi um dia de romaria comigo e com o Dr. José Antunes Cardoso a Nossa Senhora do Cabo. Gostava da pinga, tanto da boa como da má; mas apresentaram-lhe para a consagração, na missa que ali rezou, um vinho tão ruim, tão miserável, que rompeu em diatribes contra a pessoa que lho forneceu e em alto e bom som nos conjurou por estas palavras:

— O cális tinha um gôsto de todos os diabos. Aconselho-os, meus senhores, antes a passar com água ao almôço que a beber um vinho igual ao que acabo de consagrar.

No decorrer dêste livro, mais duma vez terei ocasião de falar do P.^o Gomes, notável pelas singularidades do seu génio. Mas voltando ao combate natural dos meus sentidos contra o dogma da Transsubstanciação: E' certo que tendo feito saber aos meus confessores as inquietações da consciência, êles souberam dissipá-las e acalmar-me, persuadindo-me que era aquilo tentação do Espirito Infernal, que buscava distraír-me da verdade por meio de illusões falaciosas, capazes de me levarem à condenação eterna se eu não tivesse a força e fé necessárias para as repelir. Mas a sugestão do Demónio, em despeito de todos os esforços, permaneceu dentro de mim, é certo que duma maneira tão pouco latente que mal a sentia. Quando comungava ou assistia à missa, também é verdade que não me podia tolher de considerar que seria o maior dos desastres cair nos êrros grosseiros da idolatria, adorando um bocado de obreia e um pouco de vinho temperado com água. Estas obreias, eclesiasticamente chamadas hóstias, são de forma arredondada. Umas, grandes como a palma da mão, destinam-se aos sacerdotes; as outras, pequenas como um *shelling*, à comunhão dos fieis. Umas e outras teem gravada a cruz ou a imagem da Virgem Santíssima e do evangelista S. João, ao lado do crucifixo, ou então os caracteres I H S, abaixo duma cruz grega e encimando os três cravos, significação abreviada de *Jesus Hominum Servator*. Vendem-se estas obreias em lojas e tendas e, além do divino mister, empregam-nas

para fechar cartas, officios, ou usos semelhantes. Ao servir-me delas, mil reflexões me acudiam, e em meu espirito apostrofava-as :

— Pobres obreias, quanto sois para lamentar! Um padre poderia ter-vos transformado em corpo de Deus e serdes objectos de adoração de todo um povo... E aqui está, cuspo-vos de cima e forço-vos a grudar a correspondência e mais papeis que me venham às mãos! Sois todas da mesma espécie, da mesma massa, e a vossa sorte vária distancia-se um infinito! O acaso ou o destino entregam-vos à mercê do primeiro, e assim, consoante, sois ditosas ou infaustas!

Todas estas dúvidas investiam e recuavam no meu espirito com a intensidade do raio. Fortes que fôsem, não podiam resistir à autoridade da Igreja, que eu acatava, aos conselhos dos meus confessores e a todos os preconceitos da educação do tempo. Ainda há hoje em Portugal quem defenda um dogma tão monstruoso e obtuso. Compreende-se; não é sem razão que Portugal ocupa a orla extrema da terra. Ressente-se muito, mesmo muito, da distância que o aparta da civilização, situado como está para o calcanhar do globo. As modas, as sciências e as artes quando lá aportam é já estafadas de correr as sete partidas. Para apoio, basta citar a frase do abade Barbosa: «a filosofia moderna foi ignorada em Portugal até agora, metades do século XVIII».

No fundo, quer-me parecer que os portuguezes crêem muito pouco na Transubstanciação. Verdade

que afirmam precisamente o contrário; é evidente, porém, que não estão persuadidos nem do que exprimem nem do que fingem acreditar.

— Minto, — poderia perguntar aos meus compatriotas — se disser que as vossas igrejas são o teatro onde quotidianamente ides representar os diferentes papeis que a paixão vos sugere? Não é lá que liquidais pleitos, vos anavalhais, puxais da espada ou jogais a faca, vos matais uns aos outros? Não é lá que se pavoneia o vosso orgulho e vaidade, arreando-vos do maior luxo, das joias mais esplêndidas, fazendo-vos escoltar de numeroso séquito de lacaios? Não é no recinto sagrado que transparece toda a vossa ambição, disputando os melhores lugares com arrogância e invencível teima a pontos de transformar uma bagatela em lance grave? Não é nos santuários que marcais encontros às damas, cochichais uns com os outros sôbre o que vos vem à cabeça, escarneceis, ledes por vezes a gazeta, e cantarolais uma cantiga libertina ou ária em voga? Não é aí que trocáis, amante para amante, a terna missiva? E' também falso, porventura, que certas solenidades, mormente a de quinta feira santa, vos fornecem ocasião propícia a exercer a sensualidade? Não é lá que preparais a desonra das moças, seduzis a mulher casada, corrompeis as vossas próprias parentas? Não é uma verdade incontestável que profanais, então, os santuários, pela prática dos crimes mais abomináveis, o incesto, o adultério, o rapto, o sacrilégio? Sendo tudo como afirmo e pas-

sando-se tudo à face do Sacramento exposto, não tenho o direito de julgar que os meus compatriotas não estão tão persuadidos da presença real de Jesu-Cristo nesse Sacramento como parecem? E se, apesar-de tudo, persistem em dizer que crêem nêlo de todas as veras, firmemente, fazem-me tremer. E a minha persuasão será que nenhum homem honrado lhes recusará o qualificativo de ímpios e scelerados.

A palavra transubstanciação é quási ignorada em Portugal, excepção feita das escolas. O povo emprega para o Sacramento da Eucaristia a expressão de presença real e corpórea. Mas o maior número não penetra a significação exacta de tais têrmos. Uma vez, na igreja de S. Mamede, estava eu presente e mais de duzentas pessoas, o prior, P.^e Tomé Antunes Madeira, perguntou a uma comungante o que havia na hóstia consagrada que se dispunha a receber.

— Está, meu padre, — respondeu a mulher — a Santíssima Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, com a Virgem Maria, S. Pedro e S. Paulo e todos os santos e santas da côrte celestial.

Negou o padre a comunhão ante a herética resposta, e só a muito custo conseguiu, depois, meter na cabeça da criatura que a hóstia encerrava o corpo de N. S. Jesu-Cristo tão real e perfeitamente como existe nos altos céus.

Mas à mulherzinha custava a admitir que a pessoa do Filho pudesse separar-se das restantes pessoas da Santíssima Trindade de modo a residir sòzinha no

Sacramento. Vendo, além disso, a figura da Virgem impressa na hóstia, nenhuma razão lhe podia tirar do entendimento que ela aí não estivesse em realidade.

Um seminarista, em vésperas de prestar provas para presbítero, conhecendo melhor que ninguém a sua insuficiência, pediu a um teólogo, seu amigo, que lhe ensinasse a maneira de se safar do atoleiro.

— Como a moral é uma sciência em que cada ponto é susceptível de controvérsia, — explicou o teólogo — aconselho-lhe, sempre que se veja em embarços, de affectar grande sabença dizendo que, visto as opiniões se dividirem, é conveniente estar de pé atrás, até se apurar a mais autorizada e convincente.

O diácono, enchendo-se de ânimo, apresentou-se, o dia fixo, para ser examinado. Ordenou-lhe o presidente do júri que enunciasse as palavras próprias à consagração. Por felicidade eram em latim e o candidato sabia-as.

— Parece-lhe — perguntou o examinador — que, depois de pronunciadas essas vozes, Jesu-Cristo baixa sôbre a hóstia e aí reside realmente?

Um momento perplexo, lembrou-se o moço do conselho do teólogo, e em voz firme respondeu:

— Os tratadistas diferem sôbre o problema que V. R. me propõe. Uns affiançam que sim, outros que não. É difficil saber qual a opinião que reúne mais probabilidades de acerto, e a nossa obrigação neste caso é tentar todos os esforços para descobrir a verdadeira e adoptá-la depois.

Á resposta do seminarista, tido em geral por néscio, não falha, contas feitas, o bom senso. Eu, por mim, fiquei na dúvida se o homem não era realmente dotado dum espírito perspicaz e, sob capa de ingenuidade, não queria insurgir-se contra o dogma da Transsubstanciação. Se o acto se passasse em Inglaterra, com certeza que teria dado uma resposta mais clara e categórica, semelhante, talvez, à que um dia deu milorde Mulgrave. Escusado é dizer que êste nobre foi camareiro de Jaime II, tendo por estilo acompanhar el-rei à missa e, por consequência, era obrigado a ajoelhar no momento da elevação. Alguns católicos, supondo-o meio ganho à causa, lembraram-se de lhe demonstrar o significado e a existência do mistério da Transsubstanciação.

Milorde Mulgrave ouviu-os sem pestanejar e gravemente redarguiu:

— Sempre tive e tenho o maior prazer em receber lições. Deixem-me, porém, confessar-lhes que só a muito custo me entrou no entendimento que Deus fez o mundo e os homens; agora, persuadir-me que os homens e Deus são tu cá tu lá, é que não será tarefa muito fácil.

Uma outra resposta de milorde Mulgrave sôbre a mesma matéria testemunha da irreligiosidade de que sempre o suspeitaram. Ainda que casado com uma dama católica, poucas esperanças dava de conversão. Mandaram-lhe um padre a catequizá-lo.

— Milorde, está claro, — proferiu o eclesiástico, en-

cetando a prática — acredita no mistério da Santíssima Trindade...

— Quem lhe garantiu que acredito? — exclamou o nobre.

O pobre apóstolo, ficou de bôca aberta, embasbacado, sem atinar com o fio do discurso. É conhecida também a resposta do general Kirk, solicitado a abraçar o catolicismo. A sua réplica foi a dum verdadeiro soldado:

— Já assentei praça e, se tiver de mudar de religião, prometi ao imperador de Marrocos que me faria maometano.

Digna de nota, por ser galharda e atrevida, é a resposta do duque de Norfolk. Um domingo que Jaime II foi ouvir missa, como de acôrdo com a etiqueta, tivesse de entregar a espada, que consoante a praxe lhe vinham trazer à porta principal, a alguê do seu séquito, passou-a ao duque de Norfolk. O duque, porém, não deu um passo, e el-rei disse-lhe:

— Milorde, seu pai teria ido para a frente.

— Sire, — respondeu o duque — mais cortês que o meu era o pai de V. M. e não se permitiria ir tão longe!

IX

ACÊRCA DOS GRANDES E DAS PESSOAS
QUE LHES ANDAM Á RODA

«A vantagem que os grandes levam sôbre os outros homens — diz La Bruyère — é immensa, encarada só por um lado. Já lhes cedo a mesa regalada, o luxuoso estar, os cães, os cavalos, os anões, os bobos e os aduladores; mas tenho, tenho-lhes inveja pela felicidade tão rara de contar ao serviço criaturas que nada lhes ficam a dever, se não os superam, em coração e intelligência.»

— Não posso maldizer da minha sorte — dizia um nobre portuguez ao seu rei — e a dita de V. M. apenas me causa inveja por um particular que justamente lhe dá ventura...

— A faculdade de pôr e dispor...? os meus tesouros sem conto? — inquiriu o rei.

— Nada disso.

— Então quê...? A minha amante...? Confesso-o, formosa como ela não conheço segunda. Tendes-lhe talvez amor, e cobiçai-la?

— Nada disso; o que invejo em V. M. é ser servido por homens do meu carácter, emquanto nós somos assistidos e obsequiados por gente, reles de sentimentos e de espirito, de baixa condição e nenhuma virtude, sem fé, sem honra e sem vergonha.

O pensamento dêste fidalgo parece-me conforme a um alto e grande senhor; e mais amplo ainda que o de La Bruyère.

X

ACÊRCA DOS MÉDICOS

Catapuera diz-me que não há recompensa bastante para um médico que nos restabeleceu a saúde, e nos prolongou a vida à força de cuidados e em virtude dos remédios que nos ministrou.

Catapuera labora num êrro, creia; não ha remédio possível neste mundo capaz de nos aguentar nêle, além do têrmo que nos está prefixo. Êsses elixires e êsses desvêlos, a que se julga tão obrigado, podem, é certo, aliviar-nos os males e curar-nos de enfermidades umas vezes por outras. Mas estão muito longe de ter a importância que lhes attribui; e bem embaraçados ficariam os senhores facultativos se fôsem remunerados na proporção de seus méritos e do seu saber. Astrigilda, mulher de Gontrão, rei de Borgonha, manifestou, moribunda, o mesmo desejo que Herodes, se Flávio José não mente.

Gostaria de ser chorada nos funerais, e, para tanto, pediu ao marido que mandasse matar os médicos, já que não haviam sabido curá-la da sua derradeira enfermidade. O príncipe executou pontual-

mente esta última vontade, e os médicos da rainha foram passados pela espada.

Aqui está uma recompensa de tirano, que acreditava talvez imoderadamente na virtude das medecinas. *L'Espion* conta, também, a seguinte historietta que, porventura, lhe faria mudar de opinião, *Catapuera*, no que diz respeito à paga que aos médicos se deve. Helal era um médico famoso, estabelecido em Bagdad, além de consumado na profissão, muito douto nos variados ramos da sciência, e por isso, a familia real e a nobreza da Arábia tinham por êle grande estima. Um dia receitou para o imperador Tuzun e receitou com bom resultado. O imperador imbuído de ideas, erróneas como as suas, *Catapuera*, procurou recompensá-lo com munificência. Fez-lhe presente duma bela túnica real, de cinco mil piastras e ordenou que fôsse passeado em triunfo pelas ruas da cidade. Ibraím, filho de Helal, notou, porém, que o pai conservava no meio de todas estas honras um ar apreensivo e grave, quando a hora era para que estivesse radioso e prazenteiro. Intrigado, perguntou-lhe:

— Como é isso, meu pai, que está triste, quando toda a gente o julga venturoso?

— Meu filho, — respondeu êle — a homenagem que me tributam vem da mão dum estouvado, que tudo faz à tôa e sem medida. Por isso tolo seria eu se rejubilasse com favores que devo, não ao seu critério, mas à sua leviandade. Em verdade, eu tinha-lhe ministrado uma poção catártica, dum efeito tão vio-

lento, que lhe provocou, com a ruptura do intestino, um grande derramamento de sangue. Quando dei por tal, procurei com outra droga atalhar ao mal inesperado e, de facto, a hemorragia cessou. Por acaso o doente sentiu-se aliviado e, como inepto, foi conduzido a atribuir à evacuação de sangue um bem donde lhe ia resultando a morte. O que me penaliza é que esta mesma necessidade o leve na primeira ocasião a cometer a asneira inversa, tomando como desastrada uma medida de boa inspiração, e, assim induzido, me mande à degola.

Dos muitos médicos de que se orgulha a Arábia, nenhum, ao que parece, pode ser comparado a Thabet, que, pelos movimentos só do pulso, indicava duma maneira irrefragável as causas da enfermidade.

Conheci em Portugal um émulo deste árabe sapiente. Médico como êle, prático especialmente em artes fisionómicas, mestre nas conjecturas. Chamava-se o *Doutor Machuca* e à sua conta correram as versões mais lendárias e singulares. Sabia ler no coração dos enfermos com uma certeza desconcertante. Pelo tatear do pulso, affectava tornar-se sciente de qualquer infracção à dieta: que um tinha bebido vinho, quando lhe fôra expressamente proibido, que outro não observara o silêncio ou repouso aconselhado. Tomava o pulso duma mocinha, duma senhora casada ou dum rapaz novo que estivesse doente. Á primeira dizia, supunhamos: «a menina comeu uma azeitona, a menina chupou uma laranja»; dizia à segunda: «de

ciumes é que a senhora padece, e não deixo de reconhecer que tem razão. O seu marido ama-a de-veras, mas é estroina, gosta de variar». Finalmente, dizia ao terceiro: «eu sei, recebeu uma visita», ou, «recebeu uma carta da sua namorada, escusa de negar, o pulso trai-o!» Era assim, e, como acertava quasi sempre, passava por adivinho. A sua fama andava por longe e daí a clientela ser grande e de qualidade. Enriquecia.

Um seu colega, médico no nome, charlatão de natureza, que morava perto e nutria com elle relações de boa vizinhança, disse-lhe um dia:

— Não sei que pense. Ou eu sou muito desafortunado ou muito sandeu. Exercemos a mesma profissão, começámos a exercê-la ao mesmo tempo, emquanto o colega adquiriu uma imensa e bem remunerada reputação, ninguém sabe a minha porta, ninguém fala no meu nome e a custo granjeio com que sustentar a família. Por Deus lhe peço, revele-me uma ponta do segrêdo em que reside essa sua vista certa e penetrante, êsse condão de adivinhar.

— Não tenho condão nenhum — respondeu o médico afavelmente, porque prezava a galantaria.

Mas o outro tanto instou com súplicas e lamentos que, condoído, lhe confessou que toda a sua sciência consistia numa certa vivacidade, ardil e dextreza que punha em jôgo para a descoberta de pequenos nadas que só os nescios podiam transformar em coisas extraordinárias.

— Entro numa casa — acrescentou elle — e vejo-me defronte duma rapariga incapaz de observar à

risca a abstinência que se lhe recomenda. Casualmente descortino debaixo da cama o caroço duma azeitona ou a casca duma laranja e, tomando-lhe o pulso, digo-lhe que prova desta ou daquela fruta: palpito logo se me quere ou não enganar; a perturbação, o embaraço são indícios seguros. Sustento o que avancei, adopto o tom peremptório, e ela sucumbe, confessa, e imagina-me bruxo e, com tal imaginar, suggestionará quem a oiça. Os vários sucessos a que o meu caro vizinho aludiu são tão simples e tão naturais como este.

— Bem, obrigadinho, — proferiu o charlatão — daqui em diante já sei como hei de triunfar. Eu lhe darei contas do resultado.

Saía a porta do amigo, veio ter com êle uma mulher que lhe pediu para ir ver o marido que estava de cama com febre. Acedeu. O charlatão, pouco depois, encontrou-se perante um homem robusto, hercúleo, que se queixava de violentas dores de cabeça; Ora, sentando-se à cabeceira e tomando-lhe o pulso, reparou numas fêveras de erva que estavam debaixo da cama:

— Sabe qual é a causa do seu mal? É ter comido muita erva.

— O senhor está cheio de vinho! — exclamou o doente.

— E o senhor cheio de erva — replicou o doutor.

E de doesto em doesto, o doente disse na cara do médico que não passava duma refinadíssima cavalgada que a mulher encontrara lá fora, desprendida

da argola. O doutor ripostou que maior cavalgada que aqueles que comem erva não podia haver. Ora, o doente alterou-se e, tão colérico que a cólera lhe varreu duma assentada as dores de cabeça, correu o doutor a pontapés pela porta fora. Ficou o sabichão quite da aventura com uma perna partida, o que o tolheu de ir contar ao vizinho as primícias da nova carreira. Breve, porém, o doutor perspicaz foi informado do lance, e, no bairro, não houve por muito tempo motivo mais fértil em chacota.

XI

SENHORES RICOS E GUARDA-PORTÕES

Se ajuizais da casa dum grande pelo guarda-portão que se perfila à entrada, qual Cerbero, parecer-vos há um inferno. Quando dá uma resposta, o guarda-portão, em geral, é arrogante, impudente, grosseiro e desconfiado. Nunca encaro com um estafermo destes sem que tenha o prazer de lembrar o retrato que dêle traçou La Bruyère. «O guarda-portão, — escreve — o escudeiro, o lacaios, quando o entendimento deles não vai além da condição, não ajuizam de si próprios por sua baixa natural, mas pela elevação e a postura das pessoas que servem, pondo todos aqueles a que abrem as portas e de que anunciam o nome, indiferentemente, abaixo deles

e dos amos; e a prova está em que tantas razões de queixa há a dar dos grandes como daqueles que vivem ao seu sôlido.»

Há muito que observo a espécie de antipatia mal dissimulada que os grandes tributam às criaturas doudas e estudiosas. Nos guarda-portões esta antipatia tem a forma espontânea e contundente. Êstes alarves tratam um homem de pensamento peor que um animal. Preferem-lhe um troca-tintas, um embusteiro, um safardana, um adulator; que digo eu? Pelo respeito que lhe votam, colocam-no, mesmo, muito abaixo dum próprio guarda-portão.

XII

A PROPÓSITO DO BEIJO NO PÉ DO PAPA

Ninguem ignora que o Papa dá o pantufo a beijar e que até os próprios monarcas teem muita honra em praticar esta humilhante cerimonia. Já Rabelais a cobriu de ridiculo, por vergonhosa, a mais não poder. Eu também fui testemunha da zomba que provoca entre pessoas despidas de preconceitos. Foi em Viena, no palacio, a Joseph-Statt, do principe Cantacuzeno de Valáquia, que, posto pertencesse ao rito grego, tinha aparelhadas duas capelas, para o que desse e viesse. Numa, a principal, dizia um padre grego a missa grega, noutra

dizia um padre ortodoxo a missa latina. O abade D. Pietro Carriglio, napolitano de nascimento, obedecia cegamente no segundo altar às ordens que lhe ditava o príncipe no que respeita à prática do ritual. Assim, o príncipe ordenou-lhe que nunca celebrasse o santo sacrificio sem préviamente calçar pantufos de setim branco, em cada um dos quais estava bordada uma cruz a carmezim. Nos dias de festa solene, especialmente quando o príncipe conferia a ordem *Constantineana Aureata* a cavaleiro católico, éle próprio, genuflectindo, beijava a cruz sôbre o pantufo do capelão. Succedia-lhe a princesa, o novo cavaleiro em seguida, paraninfos, magnates, uns gregos, outros papistas, uns compenetrados de devoção até os ossos, outros, por complacência ou respeito para com o príncipe, apenas graves. Na minha qualidade de padrinho do coronel de Zimmermann, do marquês de Maignan e do barão de Hildebrand, também me sujeitei à cerimónia. Desta maneira, por três vezes cometi a fraqueza de oscular o pé crucificado do abade Carriglio. Entretanto que o acto se praticava, havia quem murmurasse e, mesmo, desatasse às gargalhadas. A condessa de Bourlie, católica praticante, que nunca condescendera em humilhar-se daquele geito, censurava uma prática, que aviltava, por imitação, aquella outra em que o Papa dá o pé a beijar aos fiéis. O conde de Tarouca, embaixador de Portugal, affiançou-me que aquella cerimónia fôra denunciada como abusiva e sacrilega ao cardeal arcebispo de Viena, e quei-

as tinham sido mesmo feitas ao Imperador. Ignoro a veracidade da informação, mas é certo que, durante mais de dez anos, esta pragmática se executou sem que ninguém a coarctasse ou suspendesse.

Na Roma pagã, Calígula foi de todos os soberanos pontífices o primeiro que praticou a audácia de dar o pé a beijar. Tal inovação causou o descontentamento de cidadãos, por suas relações na côrte, obrigados a suportar uma tão grande indignidade. Houve quem pretendesse escusá-la, alegando que era menos o orgulho que o prazer de ostentar um soberbo pantufo de ouro, enriquecido de pedrarias, que ditava a Calígula tal prática. Séneca, como era próprio da sua índole, declamou veementemente contra a vaidade dêste tirano. Êste acto de crassa baixeza, consentâneo apenas com vis e estúpidos adula-dores, é hoje a cerimónia mais bela e, ritualmente, a mais observada numa cidade que se intitula de Roma cristã; e é praticada e exigida por um bispo que se arroga o cognome de Vigário de Jesus Cristo. A origem, no entanto, deriva do orgulho e da vaidade dum tirano brutal e pagão.

O Papa, proclamam os católicos, é o sucessor legítimo de S. Pedro. Quando os papistas me observarem que S. Pedro esteve em Roma, pedir-lhes hei que me provem onde e como viveu cercado de pompas e esplendores. Por agora, permito-me julgar que o fausto mundano e a grandeza temporal dos papas não fez mais que succeder ao fausto e grandeza do Sobérano Pontífice ou Sacrificador magno

da Roma antiga. A sua autoridade e a sua dignidade eram as primeiras da República. Como árbitro supremo, julgava todas as dúvidas e pendências em matéria eclesiástica e mesmo secular, decidia em todas as disputas que envolviam os homens ou os deuses.

Nunca a S. Pedro foi atribuído um poder igual. Daí a minha ilação: a grandeza e a autoridade do sacerdócio papal derivam em linha recta da grandeza e autoridade do sacerdócio pagão. O Papa, pois, não recebeu uma tal herança de S. Pedro, mas do Sumo Pontífice, e há muito de ingratidão em renegar uma origem averiguada.

XIII

JUÍZO INFALÍVEL DO ANO DE 1751

Janeiro

Os sábios e os escritores hão de trabalhar muito por todo êste longo mês, uns pela glória, outros pelo interêsse, e alguns ainda com mira no lucro e na nomeada ao mesmo tempo. Cortesãos e políticos farão todos os sacrificios para granjear honra e proveito. Os negociantes, na cobiça do ouro, irão até o crime, se o crime fôr uma solução. E' meu dever avisar uns e outros que correm o risco de passar

desta para melhor, e que alguns, irremediavelmente, não deitarão o mês fora.

Desde o primeiro, ver-se há em Londres, em Paris, como aliás no resto do mundo, uma infinidade de criaturas muito buliçosas e diligentes em aniquillar-se uma às outras, pelo ódio, a inveja e, mormente, pela maledicência.

A lua nova dêste mês leva-nos a augurar que o coração do homem, o seu espírito, os seus pensamentos, as suas reflexões, os seus desejos, as suas empresas, os seus planos, as suas esperanças e os seus temores, não passam de vaidade, pura vaidade, no geral e no particular, por qualquer lado que se encarem.

Durante o mês, cada um será tentado a dentro das suas forças. Cada um carregará a mochila com que nasceu; os néscios, apenas, levarão sôbre a sua a dos outros.

Aqueles que no transcurso do mês forem enterados na vala comum, podem estar certos de que Deus os chamará no dia da Ressurreição com tanta pontualidade como áqueles que forem depositados em sarcófagos e túmulos magníficos de mármore e de bronze.

Muito embora pese ao sentimento dos senhores teólogos e senhores filósofos portugueses, espanhóis e italianos, aqueles que, por todo êste mês fora, tenham residência em Inglaterra, na Holanda, em Genebra, estarão tão próximo do céu, senão mais, que os italianos, os espanhóis e os próprios portugueses.

As pessoas de idade estarão expostas, por todo êste mês, a mil castas de enfermidades, de accidentes e canseiras, que teriam muito bem evitado sujeitando-se ao desprazer de morrer mais cedo.

Aqueles que durante êste mês se derem à pachorra de examinar as cinzas dos mortos, não acharão a mais pequena diferença entre as de Alexandre Magno e as do mais miserável escravo; igualmente, não acharão diferença entre as cinzas dum papa de Roma e as dum mufti de Constantinopla.

Aqueles que tiverem amontoado rumas de conchinhas ou rumas de riquezas — uma e a mesma coisa perante a eternidade — votarão ao maior desprezo, durante êste mês e os seguintes, todos os que tiverem menos, da mesma maneira que hão de encarar de olhinho invejoso os que tiverem mais.

Nenhum dos que falecerem por todo o corrente dêste mês será condenado por ter vivido pouco mas, sim, por ter mal vivido.

PARA O MÊS DE FEVEREIRO DE 1751

XIV

A PROPÓSITO DO AMOR

Chegado à idade dos cincoenta, ainda não abdi-quei do amor. Sei muito bem onde estou e é por isso mesmo que me decido a falar antes do ano que vem, que me carregará mais um pouco, quanto basta para perder o direito de o fazer. As pessoas de idade não estão aptas a versar semelhante matéria; devem ocupar-se com as coisas do outro mundo de preferência a coisas terrenas — sustentam moços impertinentes. — E' bem verdade, todavia:

L'amour qui nous attache aux beautés éternelles

N'étouffe pas en nous l'amour des temporelles.

O homem, emquanto homem, é incapaz de desembaraçar-se desta paixão; vive, tem de amar; vive porque ama. Certo que o amor, nos velhos, é susceptível de derivantes para as riquezas, as honrarias, as dignidades. Simplesmente tudo isto, perfeitamente cómodo e cobiçável, pouco é na vida.

D. Francisco Solano, secretario de embaixada em Portugal, ao tempo de D. Pedro II, e que foi das minhas relações em Viena, onde vivia ainda em 1744, tinha setenta e cinco anos e comportava-se como um rapaz de vinte. Seu bel-prazer era falar de amor e de namoros e exercer a galantaria. Ninguém lhe dissesse que o amor se cifrava numa fonte de dissabores. A moral, que lhe era própria, ditava-lhe precisamente o contrário; daí o seu conselho aos rapazes:

*Soyez toujours amoureux ;
C'est le moyen d'être heureux.*

O conde Copola, que seguia o partido de Carlos III, enquanto Solano estava ao serviço do imperador Carlos VI, declamou um dia diante d'ele:

*La vieillesse affaiblit le soldat et l'amant,
La jeunesse en tous deux triomphe également,
Tous deux sont sans honneur quand ils sont sans courage.*

Tanto bastou para Solano, sentindo-se melindrado em seus brios, romper as relações com o conde.

D. Luís da Cunha, que foi ministro plenipotenciário em Londres, no Congresso de Utrecht, em Haia e em Paris, onde faleceu o ano passado, amou até à ultima. As suas aventuras foram muito faladas em toda a Europa, mórmente em Paris onde esta-

deou como amante Madame Salvador, dama de origem israelita, muito bem aparentada em Inglaterra e Holanda, ia êle nos oitenta anos. Esta paixão muito prejudicou o seu nome, porque a França é o país do bom senso.

Tive ocasião de conhecer D. Luís da Cunha em Haia, à volta de 1734, e mesmo de cear na companhia dêle e da amante. O seu carácter e o seu temperamento amoroso foram-me assim desvendados.

— A arte de ser feliz está em amar — dizia-me êle. — A melhor página da vida escreve-a a paixão, com os seus tormentos, as suas dúvidas, os seus desesperos. Prazeres onde não entre o amor são uma sensaboria.

Madame Salvador, ainda mais espirituosa que bela, cantava às vezes, bem embora a sua voz não valesse as honras de cantarina, uma canção que êle muito apreciava:

*Que peut-on mieux faire
Qu'aimer et que plaire?
C'est un soin charmant
Que l'emploi d'un amant.
Quelle chaîne,
Qu'un amant prenne,
La liberté n'a rien qui soit si doux.*

.....

D. Luís da Cunha, homem de alta envergadura como era, tinha o fraco pelas mulheres, e a amante,

com duas piruetas e uma ária de ópera, levava-o aonde muito bem lhe aprouvesse.

O P.^e Luís Alvares de Aguiar, prior de S. Jorge, em Lisboa, amou também até os últimos dias de vida. Desgostoso com uma amante, que possuira durante muitos anos, vingou-se o seu temperamento de fogo em arranjar uma espécie de divino serralho com tenras e jovens beldades de que se inculcava o director espiritual, mas de que era em realidade o incondicional sultão. Nem por palavras nem por obras, se denunciava nêle o luxurioso. A sua reserva quebrava-se apenas com dizer :

— O amor é o cumprimento e compêndio de toda lei. Esta, consoante o verbo divino, é de seu verdadeiro nome caridade.

E em verdade, posto que amasse de morte as raparigas bonitas e de boa condição, a sua bôca andava cheia do amor de Deus; e eu o cria inundado dêsse amor a avaliar pelas grandes obras de caridade que tão useira e vezeiramente praticava. Denunciaram-no ao santo tribunal da Inquisição como perversador de donzelas mediante o ministério da confissão auricular, tinha cêrca de sessenta e cinco anos de idade. Encarcerado, não escondeu as suas culpas. Foi condenado ao degrêdo, depois de suspenso do exercício de funções eclesiásticas. Era muito das minhas relações como de todas as pessoas da côrte, notáveis pelo nascimento ou o saber, que a todos cativava seu ar afável e distinto.

Êstes exemplos de serôdia galantaria não me aba-

lam. Muito longe de me excitarem, levam-me a re-trair-me. Já lá vão dez anos que renunciei de-veras a todo o comércio voluptuoso, entregue de corpo e alma ao affecto conjugal. Só êste dispõe do privilégio de moderar o meu gôsto pelo estudo que, levado ao excesso, me era nocivo à saúde. Nêle deposito as delícias do tempo que me sobra de vida, se Deus, aceitando os meus votos, conservar a esposa, senhora de toda a minha ternura, porque é modesta, discreta e complacente. Nesta paixão há, pois, virtude. Hoje, estou em considerar criminosa toda a afeição que não seja pautada pelos têrmos da minha. Os libertinos arguirão o contrário sob o falso argumento de que sendo o amor uma paixão natural não carece do estado de matrimónio para se coonestar. A minha opinião, universalmente aceita e bemquista de todos os homens honrados, não precisa de defesa. Notarei apenas que, se a paixão do amor nem sempre é considerada como um delito, ao menos é tida e havida como uma fraqueza nos poemas mais célebres de que há memória; de todos, apenas num aparece como virtude, no *Paraíso Perdido*.

Estou a ver não sómente os libertinos de profissão mas os próprios rapazes assisados revoltarem-se contra mim, sob o pretexto que olho como criminosas; galantarias que não vão além dum vão e fútil entretenimento. Eu lhes digo, a falar franco: Tinha eu dezasseis anos, vi-me à testa duma familia numerosa, bem herdado, desenvolvido, desta desenvoltura que nos países despóticos é o primor na educação de

morgados; podia levar e levei uma mocidade farta e regalada. Todo dado às mulheres, breve sacrifiquei ao meu vício o melhor da minha vida e o melhor da fazenda. Sem falar de enfados morais e contratempos de saúde, a minha consciência ressentiu-se mais que todo o resto. Homem que fui dado a galanteios, se ousa censurar os desvarios da paixão e jogar azagaias contra os voluptuosos, sei também desculpá-los graças a uma experiência que não foi ligeira. No amor há, de facto, razões fortes, muito atendíveis e complexamente soberanas, para uma condenação tão temerária. Aqueles que o fulminam a torto e a direito, são a meu ver moralistas muito bárbaros; um homem que ignora o que é amor é peor que os próprios irracionais, a êle sensíveis, e por seus efeitos benéficos animados. A natureza assim o ordena; e, porque assim o ordena, o homem deixa de ser homem uma vez que se encontre em opposição às leis eternas da vida.

*L'amour, ce beau tyran des hommes et des dieux,
Quoi qu'il soit sans lumière, éblouit tous les yeux.*

Quanto maior é a dose de bom senso no homem, tanto mais está exposto às subtilezas do amor. Um pouco daí o dizer-se que o amor é a primeira das virtudes nas almas bem formadas. A terra toda reconhece o seu poder; os próprios deuses sofreram o seu império. Jupiter amou muitas vezes, e os suspiros de Diana ninguém os soube entender. Resistir

aos seus caprichos é, de facto, uma inutilidade. A defesa mais heróica, a mais activa perseverança acabam por ceder.

Não há mister de indústria, nem de mestre, para aprendermos a amar. Verdade é esta que Boccaccio se aprouve a demonstrar num dos seus contos, com tanto de graça como de finura, plantando um donzel no deserto, donde por um efeito de pura natureza voltou violentamente enamorado. Dentro de nossos corações espontaneamente medra um não sei quê de terno, que não sei que mão misteriosa vai cultivando à medida que crescemos. Tomar precauções, para quê? Mais forte que tudo, nada lhe estorva o desenvolvimento e floração. O amor, de resto, encerra encantos tão singulares que um momento só lhe basta para triunfar das medidas mais exactas que adoptaram contra elle.

Só o amor tem o condão de não poupar ninguém; e, cedo ou tarde, a alma mais cruel rende-lhe homenagem. Também, não haja dúvida, é mais para rezear que um naufrágio; só há uma maneira de o vencer, retirando. Contra um inimigo desta ordem, a verdadeira coragem consiste em ter medo e deitar a fugir; mas a fuga, sem se permitir olhar para trás.

Na intenção de desculpar o vício, figuraram-no em deus. Melhor andariam, representando-o sempre como um menino, pois que, não tendo nada de sagaz, foi sempre louquinho e folgazão.

De verdade, é tirano, cruel, desumano, malicioso, traquinas, um filho de quem o pariu. Está certo;

todavia não seria eu que faria pouco dêle; mormente não ousaria desprezá-lo. Sabe tirar vingança dos que o desdenham, como, depois que o mundo é mundo, ninguêem soube vingar-se. Com todos os defeitos e todas as imperfeições, tenho medo dêle; venha lá com que nome fôr, sejam quais forem as suas qualidades, respeito-o. Como já disse, amar e não amar não depende da nossa escolha; e, em despeito de tudo o que se invoque contra êle, penso que o amor arrasta consigo mil e uma virtudes.

O que mais me indis põe contra êle é a sua cegueira. Esta pecha é detestável, embora não seja culpa sua, se é certo que :

*Les destins seuls en sont coupables,
Ils m'ont voilé les yeux par d'injustes arrêts,
Et je ne saurais voir sur qui tombent mes traits.
Dans une obscurité profonde
Je porte au hasard mon flambeau :
Otez à l'amour son bandeau,
Vous rendrez le repos au monde.*

Tacha é esta tão nociva como contagiosa, pois infesta todos os que amam. Tenho observado que são todos cegos, ou pelo menos procedem de maneira que dá direito a supô-lo.

*La pâle est aux jasmins en blancheur comparable,
La noire à faire peur, une brune adorable,
La maigre a de la taille et de la liberté,*

*La grasse est dans son port pleine de majesté,
La malpropre, sur soi de peu d'attraits chargée,
Est mise sous le nom de beauté negligée,
La géante paraît une déesse aux yeux,
La naine un abrégé des merveilles des cieux,
L'orgueilleuse a le coeur digne d'une couronne,
La fourbe a de l'esprit, la sotte est toute bonne,
La trop grande parleuse est d'agréable humeur,
Et la muette garde une honnête pudeur.
C'est ainsi qu'un amant dont l'ardeur est extrême,
Aime jusqu'aux défauts des personnes qu'il aime.*

Já Ovidio tinha notado este poder de transformação dos olhos namorados.

*Nominibus mollire licet mala, fusca vocetur,
Nigrior Illyrica cui pice sanguis erit
Si pæta, est Veneris similis, si flava Minervæ.*

Não podendo fornecer olhos aos enamorados, dar-lhes hei conselhos que não são para desprezar.

O primeiro é que desconfiem sempre do amor.

É salutar não esquecer que para perder acaricia, e que é sob doces aparências que esconde as suas cáusticas amarguras. É um falsário que tudo comete para ludibriar.

O segundo é que não há outra profissão no mundo, mais própria ao exercício da tolice como a galantaria. Reparar os desacertos é difficil e frequentes vezes a emenda é peor que o soneto.

*Les sottises d'amour quand on les a commises,
Ne se réparent bien que par d'autres sottises.*

Necessário é, também, que estejam aparelhados para dissabores e tormentas, de que não faltarão lições, todos os que entrem para a escola do amor. É amando que se aprende a sofrer.

Em amor, fazer uma escolha com sorte, eis a extraordinária dificuldade. O único árbitro da escolha é o próprio amor. Não esquecer que é cego.

É cego; todavia, seria injusto imputar-lhe disparates que não cometeu e preferências desastradas cuja responsabilidade cabe apenas ao mau gosto e à irreflexão. Um amante deve encher-se de coragem, porque o mais ousado será sempre o mais feliz. Um nobre atrevimento, sem petulância, vence habitualmente no amor; quem perde são os cobardes. Eu, por mim, teria coragem para confessar a paixão a uma deusa, se duma deusa estivesse apaixonado. E não há que ter receios; a mulher que pretende furtar-se ao amor está sempre apta a deixar-se amar. Mesmo que o enamorado não agrade, o amor agrada sempre. Não é gratuitamente que o compararam à fortuna; acaba sempre por ser propício aos audaciosos.

Por mais virtuosa que seja e se courace contra declarações de bem querer, uma mulher nunca sente enfado, talvez, em ser importunada, mesmo que não alimente outro propósito, senão o de recusar. Já no-lo garante Ovídio :

Quæ dant, quæque negant, gaudent tamen esse rogatae.

Galãs há, é certo, ricos, bonitos rapazes, de boa família, que deitam tudo a perder confiados em suas importâncias. Ora o fogo que se ateia no coração da mulher nem sempre é um efeito de qualidades, mas pura obra do capricho. E elas mesmas, agrada-das dum homem, não saberiam dizer porque lhes agrada. Um poeta, muito apreciado di-lo algures com muita graça:

Jadis Saturne aimait une pucelle,

Et dit l'histoire, elle lui fut cruelle,

Tant qu'il s'offrit comme divinité.

Que fit le dieu ? Honteux et dépité,

Il se transforme en cheval moucheté,

Croyant ainsi réussir auprès d'elle.

En fait d'amour

Pas n'y manqua.

Livre pois Deus aos galantes de contar com elemento tão frágil como o do mérito, para o êxito de seus empreendimentos.

Enamorados há, soberbos e impulsivos, que outros chamariam bárbaros, que embalam a sua paixão na veemência e no desespero. Iludem-se redondamente. É pela submissão e de mansinho que a vereda da galantaria leva ao alvo.

Como em amor, só o amor é que manda, perigoso é armar em déspota. Muito ardor, também, em vez

de fazer submissas, faz ingratas. Êste é o peor escolho dos rapazes novos. Mas dar-lhes conselhos para quê? Não os aceitam pela razão mesma que os não ouvem.

Muitas vezes, no amor, uma variaçõzinha é grata. Possível; a afirmação não me é simpática, o que não significa, todavia, que seja totalmente falsa. Não dou apreço à inconstância; e, estou em crer que um amante, feita a sua escolha, deve sempre respeitá-la.

Os que variam d'amor, de-certo que nunca o sentiram. Não são enamorados; são estoura-vergas. Amórios duplicados teem um nome, perfídias; o homem de carácter não vai até aí.

Que amar uma só é, dos cuidados humanos, a mais intolerável escravidão. Sim, os temperamentos naturalmente inconstantes sustentarão mesmo: que ao amor é mister variar de objecto para lhe incutir vivacidade. Que assim fôsse: só o amor dum volúvel poderá aspirar a um tal específico.

O verdadeiro amoroso suporta com invariável prazer e delícia os grilhões que o prendem. Nem elle os quebra, nem nada neste mundo lhos fará quebrar.

Além dos inconstantes, amantes há frouxos e desprendidos que se limitam a amar por decôro e a servir apenas por dever. Não é compatível com o amor uma moderação tão mensurável. No amor, como na guerra, cumprir o dever é pouco.

Bem sei que os inconstantes se defendem, acobertando-se sob a capa da fragilidade humana. No entanto, não aceitam ter a menor indulgência para com

à fragilidade de suas damas, exigindo-lhes uma fidelidade a toda prova. Contas feitas, este comércio, useiro e vezeiro na fragilidade, não passa de libertinagem. E não é só a mulher enxovalhada, mas o homem, muito embora este imagine o contrário.

A galantaria causá pavor a muitos homens, que fogem de cair nela como moscardos em água limpa. São os mal-herdados da natureza; os tacanhos e, talvez, os desconfiados. Mal andam, porém, em se deixar intimidar nestes seus defeitos. O deus que desejam servir é pródigo em milagres e nunca desdenha dos seus devotos.

O perigoso, no amor, é cativar-se de beldades que são cruéis por natureza, affectam não sentir a mínima compaixão pelos que suspiram, e põem todo o afincó em não manifestar esperança aos desesperados. Perante tal insensibilidade, a persistência é, a meu ver, depravação do ânimo.

Toda mulher que não concede finezas a quem a ama, não merece ser amada. As finezas são o alimento do amor. Os meus compatriotas entreteem-se muito neste jôgo de amor que se nutre de olhares, de tagatês, fogo de vistas em que o galante acaba sempre logrado. Tenho pena dêles e, francamente aqui o declaro, neste artigo como em muitos outros, deixei de ser português. Quando amo, quero realmente ser amado. Arguir-me hão de gôsto muito pratico, êles e os adeptos de igual sistema. E' certo que no amôr o aguilhão é a dificuldade; não menos certo, também, que a paixão se apaga, se se deixou

de crer ou de cuidar. A crueldade das damas é a atitude que mais nos perturba ; perturbar-se é a melhor manifestação de que se ama. O amor emornece, o amor expira perante a facilidade e a posse, bem ditosa que seja.

Tudo isto é justo e não serei eu que o negue.

Nesta ordem de ideas, porém, sou do parecer de Horácio, que aconselha o justo meio, nem muito ao mar nem muito à terra. Esta rota é, aliás, a mais útil e cómoda para o amor. De modo algum rechaço como inconvenientes por parte da mulher uma indiferença ficticiamente desdenhosa, uma dificuldade honesta, uma grave compostura, obstáculos que alarmam e excitam a paixão. Mas crueldades sem sentido, negativas presunçosas, orgulhos indomáveis, não são valores humanos no amor. Uma grande facilidade dissuade tanto como retrai o impossível. Com Ausónio sustento que a nudez de Vénus e a cintura dupla e espartilhada me desagradam ; com Petrónio declaro *Nec victoria mihi placet parata* ; com Marcial confesso : *Nec volo quae cruciat nec volo quae satiat*.

Quanto à posse, em sua plenitude de gôzo, de repouso, de tranquilidade, não esquecer a recomendação :

Amants, donc, qui mourrez d'envie
De vous aimer toujours, un peu de jalousie,
D'absence et de difficultés,
Vous feront passer entêtés,
Tout le reste de votre vie !

e a máxima digna de Salomão: «é bom andar alarmado dum amor em que não lavra alarme».

Sobre os amantes avaros e aqueles para quem o interesse é o móbil da galantaria, sabido é que não são escravos do amor mas do dinheiro. O amor?!

*Il n'est pas comme Mars; il ne fait point de course;
Vénus qui frappe au cœur ne coupe point la bourse.*

Entre leais amantes não há separação de bens como não há separação de corpos.

*Les amants sur le bien sont comme les chartreux,
Tout doit être commun entre eux.*

E em face da condição e desigualdade de nascimento:

*L'amour égale sous sa loi
La bergère avec le roi.*

O amante muito reservado não sabe amar. O amor não é secreto, nem mudo. Franco e aberto— armas brancas são as do cavaleiro da Boa Figura.

Amor perfeito não consente segredos. Ingenuamente devem confessar-se faltas e pecadilhos e nunca escondê-los por artificio ou delicadeza.

A balda mais ridícula dos enamorados é pretender disfarçar aos olhos do próximo as chamas em que se vêem abasados.

Tal empenho poderia ser útil, mesmo meritório,

se porventura não resultasse impraticável. Louca é a presunção daqueles que imaginam sujeitar ao seu arbítrio fôrças que, como a do aço e do íman, se buscam pelo instinto mesmo da natureza e que, por um declive irresistível, estão destinadas a encontrar-se e a unir-se. Todos os esforços feitos com o fim de dissimular a chama do amor, as mais das vezes só servem para trazê-lo à luz. Por muito que se constranja um enamorado, um olhar, um gesto, uma palavra só, basta para traí-lo. Terá alguém, porventura, a ságacidade necessária para que os seus artificios passem sempre despercebidos, e o enternecimento pelo ente amado seja fogo sem fumo? É certo que no mistério residem as delicias supremas do amor. O mistério, todavia, nunca pode ir longe. Se não são os próprios que se traem, fá-lo hão aqueles que, por jôgo das circunstâncias, são partícipes nêle. A meu ver, há dois impossíveis, dois impossíveis absolutos, em matéria de galantaria. Um, occultar o amor onde amor há; outro, simular que existe onde não existe. *O ladrãozinho* ou se trai ou é traído. Quanto a mim, não vejo inconveniente nisso. Se o nosso affecto é puro, é legítimo, que mal há em ser publicado, em ser notório? Vergonha, teem-na só aquellos cuja galantaria é ilícita e lhes traz vilipêndio.

Descubro ainda nos enamorados outro fraco, que não tem cura. É a facilidade com que prestam ouvidos a quem lhes vem com ditérios. O mais sensato seria ter a porta fechada para mensageiros; a novi-

dadezinha, filtrada por lábios de hipócrita solicitude, é de todos os venenos o mais funesto ao amor.

Outra fraqueza dos enamorados é o apresentarem-se ante suas adoradas em estado de enfado ou de mau humor.

Nada mais lamentável e, todavia nada mais eventual, que dar mostras de grossaria ou de incivildade. Que haja entre amantes pequenas discrepâncias, nada mais humano. Na leve e rápida guerrilha se robustece o amor. Há amantes que teem por vício estar sempre em ralhos e queixar-se um do outro, reciprocamente. Os excessos são sempre condenáveis, mormente em matéria de arrufos. Separações há que não tiveram outro início. Disputas, amuos, injúrias, ultrages, ao cabo está o repúdio.

Une coupable aimée est toujours innocente é uma opinião errónea, gozando, todavia, de certa aceitação, antes por uso inveterado, que como teoria reflectida. Não há dúvida que queda no coração dos amantes, no mais fundo, não sei que meiguice que, como um fermento, desperta as ternuras da primeira hora, dispondo-os a adoptar, como boas, provas de inocência que examinadas por um juiz estranho seriam muitas vezes menos que equívocas.

Que há mais distância do amor à indiferença que do amor ao ódio; — cá por mim não me lembra voltar a amar criaturinha que uma vez tivesse odiado. Tive também os meus dares e tomares em amor. Despeitado mais duma vez, muitas me aconteceu perdoar peccadilhos que me haviam levado até a

arrelia. A reconciliação espreita por detrás da porta, e, em boa verdade, causa um prazer infinito e traz como que uma alma nova ao affecto e à galantaria.

A minha indulgência nunca foi ilimitada. Perdoei arrufos, brusquidões, mas a minha moral nunca se habituou a sofrer injúrias com paciência e a olvidar ofensas com generosidade. Galantaria tão lassa, acabei com ela sem remorsos e duma vez para sempre. Há quem pratique o contrário e eu conheço bons exemplos. O duque de Cadaval, D. Jaime Pereira Álvares de Melo, cunhado de D. João V, senhor tão nobre de carácter como amável no trato, teve como amante uma rapariga de baixa condição, reles no viver, mas formosa e com certa graça. Pois o duque, embeijado de todo, para a conservar tolerava-lhe uma infidelidade, ao menos, por cada dia. Outro exemplo é o do cavaleiro de Tarouca, que teria perdoado a uma sua amante, M.^{lle} Peles, rapariga que veio a casar com um lacaio do fidalgo, um tal Rocha, mais tarde criado de quarto supra-numerário da imperatriz Amélia, pelo muito aprêço em que eram tidas as suas boas qualidades. Pois a criatura foi raptada ao cavaleiro por um padre, Domingos de Araujo Soares, na mocidade serviçal, depois capelão particular do conde de Tarouca, plenipotenciário de Portugal em Viena. Verdade que nunca dizia missa, coisa que Deus lhe levará em conta dos pecados, que não seriam poucos, scelerado como nasceu e scelerado como vivia. Não

obstante, o cavaleiro de Tarouca teria perdoado, se ela voltasse dos braços do eclesiástico. Mas não voltou, e com isso e com a fuga ficou vingado o conde, seu pai, a quem, por sua vez, a raptara.

O amor produz, é bem verdade, toda casta de desvarios, e das muitas vezes que nos varre o juízo é para nos convencer de quanto as suas voluptuosidades são virulentas.

Grandes contrariedades traz o amor. Que mais horroroso, mais esmagador que perder o ser amado, devido a acidente imprevisto ou extraordinário, a ausência, a clausura fortuita, a morte?!

Na morte, inevitável como é, não há remédio. A ausência, nem sempre evitável, é também um grande mal; para mim, não conheço outro igual em violência e pesadume. Nada mais doloroso no amor que o adeus. Entre amantes verdadeiros é um despedaçar de alma. Que o digam aqueles que passaram pela dura experiência. Quem ama para longe, está lá, no lugar onde ama, e não no lugar onde vive. O amor dum infeliz ausente corre parêlhas com a loucura. Todo o seu recurso é fixar incessantemente um retrato que se desvanece. Miserando alívio! Conta-se que o amor inventou a pintura como lenitivo ao mal da ausência. Já um nobre alemão, durante uma longa viagem que foi obrigado a empreender, para ter sempre presente a sua amada, pendurara às costas do postilhão que conduzia o côche, face voltada para a sua face, o retrato dela. A clausura, a proibição de se mostrar, interditando o comércio da

pessoa adorada, é outro tormento insuportável. Para este há, às vezes, remédio. O amor descobre estratagemas nunca sonhados, artificios novos com que lograr um pai autoritário, ou a malícia da fortuna.

Conheci um enamorado que, ao mais pequeno arrufo com a dama dos seus pensamentos, se ausentava dela, para se punir — explicava. E o pobre, no exílio voluntário, passava o dia inteiro a chorar.

Comumente se diz que o tempo enfraquece o amor; na mesma, se afirma que a ausência, pouco a pouco, evapora a idea do ser amado, acabando por extinguir o amor. Magoa-me que os meus sentimentos não estejam de acôrdo com os universalmente aceitos. Estou, porém, convencido que o tempo fortalece mais e mais o amor e que nada há que mais o reanime que a distância.

Aqui acabariam as minhas considerações, se o meu discurso não parecesse visivelmente incompleto, com não abordar em particular o amor no bello-sexo. Para não me extraviar numa vereda tão escusa, que começa a ficar fora do meu âmbito, não me apartarei muito, a propósito da galantaria feminina, do que outros escritores entreviram e formularam.

As mulheres, pensam elas e penso eu, são de tal maneira propensas ao amor, que o amor as segue pôr toda parte, quer no trono quer no seu gabinete de sábias, se sábias teem o heroísmo de ser. Não é a primeira vez que uma mulher toma em suas mãos frágeis as rédeas dum estado. Também

não é a primeira, nem segunda, que do belo-sexo teem saído génios sublimes, celebrados na filosofia e nas letras. Mas, em todas, a despeito do poder, das luzes, das artes, o amor occupou o lugar por excellência. Mediante os seus dotes excepcionais, puderam, talvez, evitar-lhe os excessos, mas nunca o cometimento. O desejo ardente a que nós chamamos amor é, sem dúvida, em suas almas, o manancial de todas as paixões.

Para muitas donas e meninas que se dão ao árido estudo das filosofias, o verdadeiro mestre é o amor. Quanta doçura em assim aprender e ser ensinado? E quantas conheço eu que não desejam frequentar outra escola?! A máxima favorita de todas as raparigas, sejam sabichonas ou simplesmente belas, é esconder os ardores e renegar a paixão. Escarnecem dos homens e divertem-se imenso com as doces confidências que as amigas ingenuas lhes fazem. Enganadoras aparências! Não é assim que se zomba do amor, nem é impunemente que se zomba. O dogue, com ar mesmo de brinquedo, morde por vezes a mão que o afaga. É muito difficil encarar com indiferença um homem enamorado, mormente se é amável; e, por pouco que cativo, é quasi impossivel deixar de o amar se se vê a miude. Aproximai do fogo matéria combustivel e já não está mais em vossa mão evitar que se inflame. O mesmo se pode dizer do enamorado que a cada passo vos fala de amor. A menos que a sua presença vos repugne, acabará por insinuar-se no

vosso seio. Entre os provérbios portuguezes, muito interessantes por sinal, há um que diz: *O homem é fogo, a mulher estôpa, vem o diabo e assopra.*

Um homem aprouve — vê-se com agrado, vê-se sempre; a filosofia ou a prudência podem criar barreiras inexpugnáveis ao amor? Respondam, bem embora afirmativamente, todos os que se debateram contra a loucura dêste sentimento e contra a mobilidade do coração feminino, que eu contestarei:

Vous qui prônez incessamment

Qu'on est fou quand on est amant,

Aprennez en une parole,

Ce que l'amour est en effet :

Il est fou dans une âme folle

Et sage dans un cœur bien fait.

O coração da mulher foi afeiçoado ao amor. Como poderia Deus exigir-lhe obediência perfeita, se antes de mais nada o não dotasse com a faculdade de amar a aquele a que de si fez entrega? Tendo em horror as pantomimas de desdêm, em que se lhe compraz a altivez, e as suas atitudes estudadas de crueldade, não posso, em compensação, deixar de sentir indulgência pelos seus affectos, quando simples e naturais. O meu regalo seria aconselhar-lhe a ter sempre um enamorado, mas razões fortes me demovem.

Não digo que o homem, em geral, seja mais falso que a mulher; mas estou convencido que, por via de regra, em amor é êle o mais fraco. Se ela tem

outros defeitos, ao menos não tem êste de ser mais infiel e mais leviana que o homem. Em sentimento, mais sincera é a mulher. Muito bem elas sabem com quem lidam, estoura-vergas, prometedores de mundos e fundos, casquilhos que cultivam o amor por gôsto de diversão, ingratos, parece que tomam a peito fazer render um coração para lhe abusar da fraqueza. «Falando com sinceridade — dizia a illustre Scudéri — os homens são em geral tão indiscretos que é quási uma temeridade confiar-lhes a ternura que tenham podido inspirar-nos, muito acautelada que ela ande, e menos ainda por cartas que por fineza de vozes.» Devido a êste justo receio mais que a natural inclinação, é que as mulheres usam de fingimentos, dissimulações e toda casta de artificio em matéria de amor. Forçadas a tomar precauções contra êstes males, começam por ter necessidade de os praticar.

Estão, pois desculpadas; e, enquanto não forem bem scientes da probidade dos adoradores, legítimo se torna que recorram a astúcias, necessárias como garantia dos riscos, que correm da parte de pessoas que lhes armam a rêde mais para as perder que para as cativar.

Mas além dos amorosos, falsos e traiçoeiros, outros há desprezíveis por seus vícios, faltas de carácter ou frouxidão do ânimo. Uns são ternos, bem intencionados, mas o seu amor queda-se em amizade. Outros frios, reservados, e mil anos que vivessem com uma mulher, nunca seriam esposos a valer.

Intrigas de amor com estes arrastam-se, desenxabidas, enfadonhas e perniciosas. São absolutamente condenáveis. O mesmo com os avarentos. Pode ser muito affectuoso, pode ser muito bem intencionado, dum avaro não é legitimo esperar um amante às direitas; o que dêle resultará, em linha recta, é o marido detestável. O avaro está, por natureza, banido da minha república e condenado a nunca entrar no reino do amor. Se algum fôr surpreendido no jardim de Citera, castiguem-no como criminoso e expulsem-no como infame.

Tampouco o santanário e o tartufo teem a minha aprovação para amantes. Homens desta tèmpera, não contentes com empulhar a Deus, não teem outro fito senão iludir o mundo, as mulheres em primeiro lugar, mais fracas como são que os homens. A rainha Dido deixou-se seduzir dum amante que era devoto; com a morte pagou uma tão rematada loucura.

Por vaidade, apenas, se compraz o belo sexo em contar os enamorados ou amantes às dezenas ou às centenas. É engraçado ouvir dizer a uma menina ou a uma senhora, para mostrar quanto é adorável, que traz sempre atrás de si uma praga de apaixonados. Praga, se as mulheres querem. Há um certo ar dulceroso que atrai os homens como o mel atrai as moscas.

As mulheres honestas e as raparigas sérias só pelas maneiras afastam os galanteadores. Aquelas que se sentem lisonjeadas de ser seguidas por muitos, e disso fazem alarde, essas começam a res-

pirar o ar da galantaria libertina que leva mais direito ao amante que ao marido. Díficeis de satisfazer, andam de homem em homem, à espreita do modelo de perfeição que sonharam; e quere a sua má estrela que acabem finalmente por aceitar um esposo ou amante, rebotalho de todos os homens, antipático de presença e falho de carácter. São muitas nestes casos as castigadas. Mulheres que prezam a sua honra não se dão a esta espécie de devaneios. Deixam-nos às namoradeiras e casquilhas, e bem andam.

Da mesma maneira que há galãs que confiam demasiadamente em seus méritos para agradar, há raparigas e senhoras que cometem também a imprudência de depositar uma confiança excessiva na beleza que Deus lhes deu. Quanto a mim, sempre imaginei que há maior galardão em ser amado duma pessoa distinta pelas suas qualidades que duma pessoa notável pela sua beleza. O facto mesmo de ser bela diminui as honras da conquista.

Uma mulher que, por ser formosa, se apodera dum coração, não merece mais glória que um conquistador que, com numeroso e bem equipado exército, tomasse uma pequena praça onde tivesse inteligências secretas. A excelência nas mulheres está, pois, em possuírem mais espirito que beleza e em serem mimosas de predicados que, admitida a hipótese de perderem as louçanias físicas, fôsem ainda o bastante para inspirar amor. Os partidários da beleza

acima de tudo, com não verem nada de mais capital no belo sexo, ofendem as damas.

Ovídio, mestre, aliás, na arte, não compreende o amor sem devaneio e ociosidade. Teofrasto define-o — a afecção duma alma preguiçosa. Animados pelo mesmo pensamento, deviam esculpir Carraeus e Fídias as suas Vénus; uma sentada, outra com a tartaruga aos pés; ambas numa atitude de quebreira.

Eu cá não acredito que fôsse desígnio dos antigos fazer derivar o amor da preguiça; por isto, porque não podiam ignorar que o amor é uma paixão natural e geral, sempre necessária e útil quando legítima e razoável. Prefiro admitir que tinham, antes, em mente a galantaria, que eu mesmo condeno, êste amor vicioso, libertino, despautado, que cria raízes no seio das criaturas, soberanamente ociosas e excessivamente moles. Para estas, sim, a luxúria e o deleite são os únicos móveis da vida.

Sucedem muitas vezes o amor nascer da estima e consideração que duas pessoas de sexo diferente tem uma pela outra. Uma mulher virtuosa pode até muito naturalmente não dar conta dêste acidente; a própria virtude pode causar seus êrros, alimentar uma cegueira porfiosa em não reconhecer como nociva ao sentimento conjugal uma inclinação que põe máscara de amizade. M.^{me} de Houlières conhecia admiravelmente a fraqueza do seu sexo e os riscos que êste corre em vir buscar amigos ao nosso. Para isto a melhor escola é a sociedade. O

que ela diz serve de lição para os dois sexos, em especial para as mulheres casadas quando consagram a certos homens uma exagerada estima.

*Sans cesse je me dis qu'une forte tendresse
Est, malgré tous nos soins, l'écueil de la sagesse.
Comme un subtil poison je regarde l'estime,
Et je crains l'amitié bien qu'elle soit sans crime;
Pour sauver ma vertu de tants d'égarements
Je ne veux point d'amis qui puissent être amants.*

Assim fala uma mulher, senhora da alta roda, cuja autoridade, por consequência, faz pêso. E assim é: uma mulher vê um homem com prazer; pratica com êle a miude; distingue-o com certas deferências; em suma, entabola com êle um comércio em que por nada julga faltar ao seu dever, pois que nunca lhe passou pelo entendimento ser um dia possível enganar o marido. Todavia não toma cuidado, e, lenta, insensivelmente, vai cavando a ruína da sua fidelidade. E o intruso, em seu coração, acabará por sacudir o outro, aquele a quem jurou amor leal e verdadeiro.

Êste amor, que se apodera da mulher sob capa de amizade, só uma noção muito alta do dever o poderá reprimir. O perigo não seria grande se todas as mulheres que se encontram naquele caso fôsem dotadas duma virtude a toda prova; assim não succede, porém; e ainda que virtuosas sejam, o mal subsiste.

Mas tenteando mais longe a sonda naqueles re-
folhos do coração, que a mulher tanto nos esconde.
Uma senhora está em relações muito amistosas com
um homem, tem nêle um amigo. Se é um amigo, é
porque lhe pareceu amável, e se lhe pareceu amável
é em desvantagem do marido. No paralelo entre um
e outro, o marido fica sempre rebaixado. Já é uma
sorte não o achar detestável. E se assim acontece,
não é tanto porque um seja o esposo, mas sim por-
que o outro não o é. Daí essa tristeza, essa melan-
colia de que andam achacadas muitas mulheres; todas
as que não fazem outra vida senão chorar e suspirar,
tornam-se-me suspeitas. Uma mulher virtuosa não
chora sôbre os maus modos ou maus tratos do ma-
rido; chora sôbre a inclinação a que procura resistir
e de que não é senhora, ou pelo menos julga não
sê-lo, o que dá o mesmo.

Tão severo eu sou, em matéria de amizades, para
com senhoras, como indulgente sou para com meni-
nas solteiras, quando os seus amores são honestos e
bem intencionados. A estas digo que amem, amem
a valer, sem dissimulação nem reservas.

*Dans le temps ou l'on est belle,
Rien n'est si beau que d'aimer.*

Todas as mil considerações que se possam tecer
sôbre o amor, quedam sempre imperfeitas; nunca
poderão prever, avaliar, nem explicar as suas muitas
contingências e mistérios. E' uma sciência muito se-

creta, eu o sei. Com oferecer ao leitor um estudo tão incompleto, dou uma prova irrefutável de que não escrevo por vaidade. Não a suprimi da *Recreação* por me parecer encerrar conselhos úteis e advertências memoráveis. Algumas regras foram dum óptimo socorro na minha mocidade e nos tempos em que pude e soube praticar a arte do galanteio. Não tenho dúvidas que nesta matéria o melhor conselheiro não seja a longa experiência. Os meus conselhos teem isto de bom; por aí podem ser aceitos de quem dêles careça e que seja dotado da docilidade suficiente para os seguir. Se alguém se ofender com êles, a culpa não é minha mas sua. Não foi meu intento encaminhar o meu semelhante para a galantaria; pelo contrário, tive em mira inspirar aos enamorados moderação, franqueza, delicadeza e nobres sentimentos. Talvez que a extensão do discurso enfade a uns; alegra-me que distrairá a outros. A êstes e áqueles rogo que se lembrem que em assuntos de amor me despeço. Como hei de dizer adeus a um deus que me foi sempre grato, e em breves têrmos? Já não são poucas as palavras supérfluas e despropositadas que gastou—dir-me há o leitor impertinente.

Humildemente convenho e termino com êstes versos:

*L'amour est un dangereux maître,
Tous ses sujets sont ses martyrs.*

.....
*L'amour est un étrange maître
Heureux qui peut ne le connaître.*

XV

SOBRE A POBREZA

A mãe do crime é a pobreza — oiço dizer ao meu próximo e eu o creio. Mas quero crer também que a pobreza seria uma matrona estéril e inofensiva se não tivesse um mau esposo: o entendimento mal formado. Que a pobreza premedite e maquine o crime, está certo; mas como poderia passar à execução, se não apparecessem a secundá-la os vícios do entendimento? Um entendimento sólido, másculo, de boa compleição, não se deixa seduzir, nem seduz. Se a sorte o associou à pobreza, dirige-a, recalca-a, não se conduz perante ela como um escravo, mas antes como um soberano. Debaixo do seu império, a pobreza não delinqui, não pensa mesmo em delinquir. Como perpetraria ela os delitos? Se a pobreza fôsse a mãe natural de todos os crimes, não haveria pobreza honrada e respeitável. E ela anda por aí, vemo-la, acotovelamo-la na rua e no bazar, estimável, talvez, de poucos, por sua própria dignidade dignificada. Essa pobreza, porém, acompanha os entendimentos sãos e bem formados.

XVI

CARÁCTER DE CLITANDRO

Há cêrca de dois anos que Cleonice me tecia o elogio de Clitandro, seu enamorado.

Nada mais amável, nada mais perfeito há na idea dela, que êste moço. Como não o conhecia, seria atrevido de minha parte pôr em dúvida um tão decantado mérito. Limitei-me a dizer a Cleonice :

— Mas veja lá, minha amiga, êsse alto conceito que faz de Clitandro não será devido um pouco à cegueira que, ordinariamente, acompanha as paixões acrisoladas ?

— Nada disso, — respondeu-me ella — as suas boas qualidades estão muito além de todo elogio. Só quero que o conheça ! Olhe, proporciona-se agora a occasião... Estou com uma grande curiosidade em saber o que pensa dêle, mas tenho a vaidade de supor que vai encontrar-se em face dum homem, amável quanto se pode ser e mais estimável ainda.

Clitandro appareceu neste instante. Cleonice apresentou-mo como um dos seus maiores amigos. Trocámos cumprimentos e começámos a falar de coisas e loisas. Mas pouco durou a nossa conversa, interrompida pela chegada de Leonarda que, com desafiar-nos para uma partida de cartas, nos condenou a ficar quási silenciosos. Desde esse dia pus-me a

estudar Clitandro e a confrontá-lo com o retrato que dêle fizera Cleonice.

Tive, depois, muitas ocasiões de lhe confessar abertamente tudo quanto pensava a seu respeito, com receio, porém, de melindrá-la ou penalizá-la, calei-me. Mais duma vez instou comigo para que falasse, e sempre me desculpei a pretexto de que é temerário definir pessoas que não conhecemos suficientemente ou com quem temos relações recentes.

Cleonice afinal irritou-se. E uma destas manhãs disse-me :

— Um ano, julgo eu, basta e é de sobra para conhecer um homem por dentro e por fora. Vai em dois anos que o senhor vê Clitandro quási sem falhar um dia. De certo que a esta data já não ignora nenhuma das suas boas ou más qualidades. Depois de tantas desculpas, não tenho o direito de lhe pedir que seja franco comigo ; seria tempo perdido. Não lho peço, pois, ordeno-lho.

Afastada toda a possibilidade de mais evasivas, pedi a Cleonice que ao menos me permitisse responder por escrito.

— Não só por escrito — respondeu-me ela — como impresso no primeiro dos seus trabalhos.

Aqui está, devido à injunção duma dama tão imperiosa, porque o perfil de Clitandro vem à luz.

Clitandro é um homem nem bem parecido, nem mal parecido ; dotado dum espírito que nem é largo, nem tacanho ; nem notável porque fale bem, nem notável porque fale mal ; que não sai para fora do

bom senso, mas incapaz também de se elevar a compreender o que é raro e singular. Não padece de vício considerável, mas igualmente não possui virtude que o distinga. Não se sabe que seja réu de cobardia, mas até agora ainda não deu mostras de coragem extraordinária. Tudo o que diz está dito. Se pelos seus actos e feitos não merece ser repreendido, também não vejo a razão por que deva de ser louvado. Toda a sua vida há de decorrer, plácida, anónima, sem que ninguém se lembre de falar d'ele pelo interêsse que lhe mereça. E a melhor maneira de se tornar conhecido será, em vez de dar o nome, anunciar-se como filho do senhor seu pai.

Este retrato parece-se, se não estou em êrro, com o de muita outra gente. Por isso eu aviso aqui o leitor, na hipótese de coincidência de linhas com o seu carácter ou de pessoa sua conhecida, que quis pintar Clitandro e mais ninguém. Que se aplique a outrem, a culpa não é minha. Mas é culpa e grave do leitor reconhecer em Clitandro êste ou aquele indivíduo que eu nunca vi nem conheci. E eu lhe digo : voltava um portuguez, certo dia, do mercado, e trazia escondida debaixo do capote qualquer coisa, necessária ao seu govêrno. Encontrando-se com um amigo, perguntou-lhe êste :

— Que leva aí?

— O que levo — respondeu êle — não o traria às occultas se quisesse que fôsse visto. Fica sabendo porque lhe não digo o que é.

A mesma coisa direi eu a curiosos. Se disfarço ou

oculto nomes é porque desejo que se não saiba quem são. Seria uma perfeita tirania constranger-me a declarar que pessoa se esconde por detrás de Clitandro. Seria, além disso, uma malignidade sem nome, aplicar a Pedro o que digo de Paulo e entrever num inglês ou francês, que mora em Londres, o português ou alemão que conheci em Viena ou em Lisboa, que já não pertence ao número dos vivos ou que só existiu na minha imaginação. Não é raro, concordo, que a um se possam atribuir os predicados que convem a outro. Muitas vezes succede que os escritores, dados à pintura de caracteres, possam dizer ao leitor: *Quid rides? Mutato nomine, de te fabula narratur.* E' verdade; e não menos verdade é que certos leitores, alviçareiros com o que não é seu, se mostram pródigos em identificar com Fulano, Beltrano e Cicerano retratos feitos para uma só e determinada pessoa. Digo isto, porque não há de tardar muito que eu não tenha de sair a público com a pintura, ao vivo, duma burguezona que mora nesta cidade. Fá-lo hei, não por achinalhe, mas sim para castigar as toleimas da criatura, além de ridícula, soberba. Ora, de três pessoas a quem já li o escrito, uma afirmou que se tratava de Aminta, outra de Laura, e a terceira juraria que pintei Jacinta sem tirar nem pôr. Aqui está do que eu me queria acautelar. E, por isto mesmo, dou a minha palavra de honra que o retrato da tal figurona não é outro que o de Madame F... e que o de Clitandro foi expressamente feito para designar o Sr. B...

XVII

A PROPÓSITO DO LOBISOMEM

Loup-garou em França, lobisomem em Portugal, o mesmo é que homem-lobo, ou homem-diabo, como quem diria Lusbel-homem. A idea que os portuguezes formam dêste ser fabuloso, é singularíssima, não obstante terem-me dito umas damas de Jersey que um sujeito, naquella ilha, trocava todas as noites a forma humana pela forma de cão. O lobisomem — dizem os portuguezes — é um individuo que, depois do pôr do sol, perde a forma natural pela forma de cão ou de lobo, consoante o espolinhadoiro dum ou do outro em que se foi deitar. A tal metamorfose chamam fado, quer dizer, destino inevitável se, entre outras razões, por exemplo, se trata do sétimo filho varão, nado da mesma mãe e do mesmo pai, sem nunca terem procriado filha. O infeliz, sob o aguilhão do fadário, corre pelas ruas e encruzilhadas, perseguido e anavilhado das matilhas. Lá se vai defendendo o melhor que pode até romper a alva e voltar à figura humana. Todo o seu maior cuidado, emquanto cumpre o fadário, é evitar o encontro de homens. Mas alguns que são manhosos e valentes andam-lhe no encalço, pondo tanta porfia em caçá-lo como êle em esquivar-se. E se o apanham e lhe assestam uma cutilada, logo a aventesma se volve a homem, e para sempre queda liberto de sua desas-

trada sina. Uma infinidade de casos desta natureza, tidos e havidos em Lisboa como factos certos e averiguados, levou-me à caça do lobisomem com o cristão intuito de o redimir pelo gume da minha espada. Verdade se diga, Lisboa, durante a noite, enxameia de cães e de diabos. Mais duma vez me aconteceu encontrar trinta a quarenta cães engalfinhados uns nos outros sem haver modo de os apartar, por muito que sem dó nem piedade desse nêles à espadeirada. Devido à prevenção que nutria, o facto de entre os pobres animais descobrir um mais taludo e extraordinário, ao qual as dentadas ferravam em especial, mais me animava a bater. Feri muitos, mas nunca tive o prazer de presenciar a transformação maravilhosa. Ficaram o que dantes eram, bichos e demónios; de lobisomem nem sombra. Agora, como de há muito me habituei a não tratar mal os animais, a não ser que primeiro me ataquem, sinto remorsos do que pratiquei em Lisboa. Certo, que se pudessem penetrar o móbil que me animava, torná-los meus semelhantes, haviam de me ficar mais reconhecidos do que muitos dos meus compatriotas que me devem gratidão e me mordem. Acredito, como em artigo de fé, que entre êles não são poucos os que, sem perder a forma ou o nome de homens, são real e calamitosamente mais monstruosos que a quimérica aventesma. Tão feroz como o devoto fingido não quero que haja lobo. Um padre, que é seductor, é a mais perigosa de todas as feras. Um frade ignorante e qualificador do Santo Officio leva as lampas

a Satanaz. Nunca arranquei da espada contra semelhante gente, mas com a pena verberei-lhes as infâmias e os vícios, tantos e tão desconformes que elles mesmos se puseram à margem da humanidade. Êstes monges, êstes padres e êstes devotos, quais lobisomens encarniçados uns contra os outros sôbre as disputas e picuinhas duma moral tão falsa como perniciosa, voltaram as fauces contra mim, contra a minha moral. E, tomando-a em aversão, proibiram-na de correr, amaldiçoaram-na, mais que isto, confiscaram-na. A Inquisição vedou a entrada dos meus escritos em Portugal e apreendeu quantos exemplares pôde haver das minhas obras. Depois, em vez de excomungar os lobisomens, libertando o país desta maldita casta, os inquisidores cometeram a ingenuidade de me fulminar com os anátemas de Roma, esquecendo que os raios perderiam toda a força no caminho e que nunca poderiam atingir-me na terra onde me encontro, de perfectíssima saúde, Deus seja louvado.

Mas voltando aos lobisomens, devo dizer que em Lisboa alguns são conhecidos e apontados a dedo. Um dêles era o meu vizinho Belchior do Rêgo de Andrade, conselheiro da rainha e procurador da coroa. Êste ministro, esquelético, desabrido no temperamento, hediondo de figura, e amulatado de côr, passava justamente por homem de bem, juiz íntegro, zeloso e desinteressado. Não obstante, encarei-o sempre como lobisomem e, como eu, outras pessoas. Quando era pequeno, não o podia ver nem

tragado, nem sentir a sombra d'êle à nossa porta. Com a idade de catorze ou quinze anos, fugia de me encontrar com êle, quando o acaso o trazia a visitar meu pai. Foi só depois de usar espada, que condescendi em travar relações com êle. Do fundo do coração desejava topá-lo durante a noite para lhe assestar uma boa espadeirada e curá-lo do fado. Quando vi também D. Luís da Cunha, embaixador de Portugal em Haia, em 1734, disse comigo :

— Aqui está, de-certo, um grande senhor; um grande ministro por sua muita sabedoria; mas lá pela cara é um dos perfeitos lobisomens de Lisboa.

Outros portuguezes que o conheceram e a quem não é estranha a significação do *Lupus-homo*, tinham opinião igual à minha.

XVIII

JUÍZO INFALÍVEL DO ANO DE 1751

Fevereiro

Conheço muitas pessoas, de ambos os sexos, que durante este mês, como aliás já no pretérito, terão tanto amor ao corpo como se d'êle nunca mais devessem separar-se. E conheço outras que se atiram ao mundo de corpo e alma, esquecidas que o mundo teem de deixar um dia.

Pais e mães terão o desgosto de perder filhos que amavam de preferência a outros que continuarão gozando perfeita saúde e esperança de longa vida.

Ver-se há um ror de criaturas, neste mês e nos seguintes, em estado de poder socorrer com liberalidade a indigência dos seus semelhantes, mas poucas serão as que busquem glorificar a Deus, fazendo bem ao próximo.

Porque se não quer recalcar uma cobiça ou porque se queira aumentar a fazenda, para satisfazer a um amigo e agradar a um superior, para viver honrado e farto, para continuar aparentando prosperidade, para poupar enfados ao corpo e levar vida regalada, muita gente praticará poucas vergonhas que serão o labéu do género humano.

Não poucos enfermos e parvos terão a desgraça, este mês, de peorar de dia para dia; muitos deles darão a alma ao Criador no começo do mês que vem, sem saudades uns, sem chegar a tomar conhecimento do seu verdadeiro estado, outros.

Por todo este mês fora, muitas pessoas que frequentam as igrejas, estarão com mais atenção para o trajo dumas e doutras, se está à moda, se é de bom gosto, se é rico, do que para o serviço divino; e não poucas ficarão magoadas consigo e invejosas.

Para muitas senhoras e raparigas o espelho será um traste tão inútil este mês como já o foi o mês passado. Por bastante que as lisonjeie, nunca chegará de todo a enganá-las. Mas, por outra, pode também gritar, a estas, que são velhas e feias,

áquelas, que se tornam ridículas com seus vestidos estapafúrdios e pretenciosos; sinceridade perdida, não se persuadem, não querem crer, não querem tirar dos olhos o doce argueiro da ilusão.

Poderão apontar-se, neste mês, certas criaturas que vivem em destêrro voluntário, lassas do corpo e indiferentes do espirito, numa soledade, em boa verdade, que, se não faz bem, também não faz mal ao próximo. Não é difficil observar que essas criaturas se julgam justos e santos, ou que pelo menos teem de si uma alta opinião.

Com a lua dêste mês, correrão à solta atrás de sombras e quimeras os loucos visionários.

Muita preciosa, muito casquilho terá a coragem de pegar numa caveira e considerá-la. A caveira poderia dizer-lhes: *O que tu fores eu sou; o que és eu fui.* Felizmente para elles, não ouviriam.

Apenas os moribundos terão da importância dêste mês uma noção exacta.

Se muitos, durante o curso dêste mês, pudessem meter a mão na consciência a sondar o que de activo trouxeram do mês passado, palpariam o vácuo.

Durante êste mês e os seguintes, estará Deus mais disposto a perdoar-nos do que estamos nós dispostos a arrepender-nos.

PARA O MÊS DE MARÇO DE 1751

XIX

PESSOAS NOTÁVEIS PELA FEALDADE

No reino da Polónia — conta *l'Amant oisif* — as raparigas costumam ir servir para os balneários onde o ambiente lhes é propício para granjearem um noivo. Aquelas, porém, que se mostrarem menos severas em sua honra, são condenadas ao fogo. Esta lei feroz vem, no fim de contas, favorecer-lhes os desígnios, porque se a fogueira lhes não tragou o corpo é porque são castas e pudendas.

Foi ao serviço dum destes estabelecimentos que uma donzela, tão notável pela sua beleza como pelas suas boas qualidades, distinta em tudo das outras, teve a desgraça de ser amada por um moço, muito bem apresentado de verdade, e de vir a amá-lo, também. Resistiu ela quanto pôde aos galanteios do seu amado, não só porque temia os rigores da lei, mas porque era séria de seu natural, não tendo nunca dado que falar até a sua entrada para o balneário.

Um dia, afinal, fraquejou; fraquejou num destes momentos em que as mais graves e resistentes atiram para cima do telhado honra e dever, tudo junto.

São as tais horas do diabo, ou maré do carvoeiro de suprema e cega felicidade. Curlane não gozou por muitos meses desses instantes inefáveis sem que as conseqüências do seu pecado se lhe não dessem a conhecer. E tão grande foi o seu desgosto com a descoberta, que caiu doente. Chamados os facultativos, breve fixaram estes a causa da enfermidade, pelo que, sem atenção pela sua formosura e pelos seus bons predicados, foi presa, para ser julgada, e executada depois, consoante o determinado na lei. Na véspera do julgamento, o carrasco apaixonou-se por ela.

Toda a noite andou com a pobre em sonhos e fantasias, e o seu espirito estudou um por um os mil meios de a salvar. Muitos se lhe ofereceram, uns mais falazes que outros. O seu empenho seria encontrar um que lhe acarretasse, ao mesmo tempo, a posse da bela criatura. Acudiu-lhe, finalmente, ao espirito que o melhor seria deixá-la condenar para, uma vez chegadas as coisas até ali, elle aparecer a solicitar o seu perdão, que seria concedido, desde que se propusesse desposá-la. Era esta uma prática estabelecida e seguida na Polónia como em outros reinos. Curlane foi, pois, condenada, e logo o executor se interpôs junto dos magistrados com requerer a sua graça. Necessário se tornava, porém, que ela o

aceitasse para marido e como o seu amor era, de grande, tímido e suspeitoso, o carrasco obteve que a sua resolução não fôsse comunicada a Curlane, senão diante do estrado do suplicio. Movia-o a esperança que ali, mais facilmente que noutra lugar, a sua relutância seria quebrada, se relutância houvesse. Curlane, no dia marcado, foi pois levada a uma praça para queimar. O algoz deixou-a, primeiro, a perceber-se bem da situação, do aparato do suplicio, e declarou-lhe depois que tinha pedido o perdão em seu favor e que o havia alcançado.

— O quê? Tu, pedires o meu perdão?! — proferiu ela com desprezo.

— Sim, eu, — respondeu o carrasco, deitando-se-lhes aos pés — mas com a condição que temos de casar um com o outro.

Curlane voltou-se para o povo, sem tornar resposta ao miserável, e exclamou:

— Já que um carrasco e mais ninguém me quer, só me resta morrer!

E mal estas palavras não eram ditas, ela mesma se atirou à fogueira.

Estava uma outra rapariga para ser enforcada em Viena d'Áustria; um napolitano, homem já maduro e feio como um bode, saiu do meio da turba a solicitar o seu perdão. Segundo a lei, a graça não lhe podia ser recusada, dado que êle se prontificasse a desposá-la e ela anuisse.

— Sou fidalgo, — disse êle para a graciosa criatura — tenho alguma coisa de meu, e só desejaria

ser rei para, com o amor que me inspira, depositar aos seus pés um reino.

— A sua generosidade sensibiliza-me muito, — respondeu ella — mas por mais que queira não posso vencer os meus sentimentos. E os meus sentimentos mandam-me antes morrer que casar com um homem tão feio como o senhor.

Envergonhado, o napolitano sumiu-se na população e a preciosa fez sinal ao carrasco que estava às ordens.

Certo é haver fealdades tão estranhas e raras que que contendem tanto como as belezas mais peregrinas. E' entre os judeus e turcos que, com abundância, se encontram as caras que parecem feitas para correr o carnaval. Em Londres há um judeu, que não quero aqui nomear, senhor duma fisionomia tão disforme e hedionda, que, estou certo, todos aqueles que o encontrarem d'ora-avante perceberão logo que é o sujeito de que falo.

D. Pedro Henriques, filho de Henrique Henriques, de Arroios, era talvez o portuguez mais feio que os meus olhos teem visto. Espirito vivo e alerta, extremamente chasqueador, a si mesmo fazia justiça, dizendo:

— As minhas feições são únicas, tanto melhor. Também me distingo dos outros animais, meus semelhantes. Verdade, que há muito busco o tipo que me vença em fealdade; debalde.

Um dia passámos, eu e elle, pela aldeia do Carvalho em cuja igreja há um Cristo muito venerado,

cortado por um imaginário, tão tõeço como primitivo. Entrámos a fazer as nossas devoções e Henriques, depois de considerar demoradamente a sagrada imagem, proferiu :

— Francisco, não digas nada a ninguém, mas acabo de topar o meu rival. O Cristo, que aqui vês, em fealdade leva-me a palma.

De facto, aquele Cristo metia medo, tão horri-vel era a sua carantonha.

Antes de partir para a Índia, onde foi exercer um cargo público, Henriques declarou ainda :

— Se lá pela Ásia encontrar um homem tão feio como eu, mando-to dizer. Agora mais hediondo que o Cristo do Carvalhal não quero que haja à face da terra.

Ouvi também contar que certo fidalgo, tão mal parecido, senão mais, que Henriques, se tomara de amores por uma moça, viva de sangue e chistosa, que não podia suportá-lo, mas que não tinha a coragem de lho dizer cara a cara.

E para se ver livre dêle recorreu a um estratagemas que não deixa de ser singular. A título de que gostava de possuir um retrato do galã, feito por determinado pintor, pediu-lhe para se pintar. Apres-sou-se o enamorado a obedecer e, entrando na oficina do artista, deparou-se-lhe numa grande tela branca, mal delineada de carácter, mas riscada já de contornos e aparatos, a figura do Diabo. Pôs-se o artista à obra com trasladar para a máscara do Diabo as linhas fisionómicas do fidalgo.

— Que está o senhor a fazer? — perguntou êle.

— Que estou a fazer? Pinto o Diabo...

— O Diabo... Para quê?

— O' senhor, eu não faço mais que executar a encomenda de que me incumbiram. Que pintasse o Diabo exactamente com a cara do sujeito que me haviam de enviar para modelo. Porventura não é o senhor êsse modelo?

O fidalgo compreendeu, e de vez para sempre largou a dama dos seus sonhos.

Ouvi esta história, em Lisboa, há cerca de trinta anos. Um francês, mais tarde, afiançou-me que o facto se passara em Paris. E não ficou aqui; a um italiano ouvi reivindicá-la, como tendo o seu teatro em Roma.

Fôsse lá onde fôsse; há uma infinidade de historietas que não teem pátria, ou antes pertencem a todas as pátrias, como Homero a muitas e várias cidades da Grécia. Trata-se de nos levarem um homem feio como o Diabo; deixá-lo ir, com todo o prazer, quer para a Italia, quer para a França, onde, diga-se em abôno da verdade, as caras feias são mais raras que em Portugal e em Espanha.

XX

A PROPÓSITO DOS GREGOS DE HOJE

De passagem tive ocasião de observar que, em fealdade, os gregos levam vantagens aos homens das outras raças. A classificação entende-se, especialmente, com os gregos que viajam e são praga por essas cidades da Europa. Além de hediondos de presença, são sujíssimos, tanto ou mais que os israelitas de origem alemã. Á mesa, no vestuário, em seu amanho, quer doméstico, quer externo, são os campeões da imundície.

Durante os seis anos que residi em Viena d'Áustria, foi-me proporcionado ligar relações com alguns de condição e índole diversas. Por via de regra, a sua grande característica era aquela. Não tenho memória de nenhum que fôsse bem apresentado e elegante; ao contrário conservo, ainda presentes ao espírito, muitos, monstruosos de figura e reles de costumes. Conheci um, lacaio de profissão, que ao cabo de pouco tempo ninguém queria ajustar, porque comia as velas de sebo que podia colher às mãos. Foi despedido de casa da princesa de Valáquia e de casa da condessa de La Bourlie por esta mesma aberração. Um dos meus criados, que não dava crédito ao que corria sôbre o alarve, pôs-lhe um dia por diante obra dum arrátel de velas, que êle imolou logo sem vergonha, lambendo-lhe o beijo.

Muito havia a dizer, também, se se quisesse dar uma idea do carácter e temperamento das mulheres gregas que, de-certo, devem ser muito depravadas e viciosas. Não me parece que sejam mais limpas que os homens. Talvez, porém, que todas as que eu vi pertencessem à ilha de Miconia «onde para um homem que se avista — diz Tournefort, *Voyage du Levant* — contam-se quatro mulheres, deitadas com os porcos no meio da rua». Ou então, talvez fôsem naturais da ilha de Samos, onde as mulheres, pelo que diz o mesmo autor, «são ascrosas, mal lançadas e só vestem roupa branca uma vez por mês».

Em matéria de civilidade são mais brancas que animais do monte. Tournefort, que passeou por todo o Levante, apenas em Scio foi encontrar mulheres bem educadas e de parecer agradável. Eu não tive necessidade de ir tão longe para descobrir o que se chama com tanta justeza: *rara avis in terra nigraque simillima cygno*. Foi em Amsterdão que tive o prazer de conhecer M.^{me} Weignants. Freqüentei a sua casa e bem alto declaro que é uma das senhoras mais encantadoras e galantes que jamais me foi dado conhecer. É, ao que contam, grega de nação. Estou, porém, em supor que seja turca, não sómente por causa das suas excelentes qualidades mas porque o marido assim mo deu a perceber.

Quanto à igreja grega, não é mais cristã que a igreja latina dos nossos dias. Os gregos são igualmente idólatras, dados ao beatério e tão supersti-

ciosos como os papistas. Eu conto uma história onde se demonstra que em patifaria os eclesiásticos da nova Grécia em nada ficam a dever aos de Roma.

Nos meus tempos de Viena, cerca de 1735-36, conheci intimamente um prelado, pessoa de distinção entre os gregos, muito bem relacionado na alta roda. Êste prelado um dia veio a saber por linhas travesas que um moço, de familia nobre e meu amigo, nutria comércio secreto com uma dama e que o seu maior pesadelo era vir algum dia a perder tão tão grande felicidade.

— Eu sou homem para lhe preparar um remédio, — disse-lhe o prelado, uma ocasião que o encontrou em minha casa, estando eu presente — um remédio infalível, capaz de lhe perseverar para todo o sempre o amor da sua amada.

O meu amigo que daria tudo quanto tinha, e que não era pouco, para garantir o affecto da deidade, agradeceu a oferta do eclesiástico, prometendo pagar-lhe com generosidade o específico, caso a sua virtude se provasse. O prelado replicou que por si não desejava nenhuma espécie de retribuição, mas, já que o seu ânimo era esmoler, promettesse dar cem florins, ao fim de cada ano, por tanto tempo quanto durasse aquella ligação, para alívio dos pobres do seu país.

— Entendido — respondeu o enamorado.

— Nesse caso — tornou o prelado — tem de me confiar uma camisa, um avental, lenço de linho ou qual-

quer peça de roupa de baixo, que a senhora tenha trazido no corpo e antes de ser lavada.

— Está bem, — disse o meu amigo — escolha a coisa mais apropriada, que eu prometo trazer-lha logo que possa.

— A camisa é o melhor. Mas cuidado que a senhora nunca venha a descobrir. O específico perderia a virtude toda.

Votou-se o meu amigo à conquista da camisa, que não lhe devia ficar barata, presumo eu, obrigado a subornar criadas, depois a dar-lhes presentes sôbre presentes para guardar o segredo, mola real da operação. O facto é que dois dias depois o meu amigo depunha a camisa nas mãos do digno prelado que, logo ali, cortou um corporal, do tamanho dum lenço, no pano da frente, dizendo-lhe que no dia seguinte lho devolveria revestido dos encantamentos próprios a conservar o amor até a morte.

— Agora, — acrescentou elle — é mister que o senhor e ela assistam amanhã, às dez horas, à missa que hei de celebrar na capela de Nossa Senhora de Eizing. Nada feito se ambos não estiverem presentes.

E explicou que o específico resultaria do pedaço da camisa, utilizado como corporal no santo sacrificio, depois de proferir sôbre elle certos termos dum psalmo de David, que não nos quis dizer qual fôsse. Depois, bastava trazer o paninho sempre consigo, noite e dia, para a dama ficar ligada por laços secretos, indissolúveis.

— Mas não faltém, — tornou a recomendar — senão, nada feito.

Era fácil ao meu amigo convencer a amante a ir ouvir missa à capela de Nossa Senhora de Eizing, que ficava fora de portas, perto do Palácio Real de Schombrun. A Virgem que aí se venerava passava pela mais miraculosa de Viena e seu térmo, e a devoção que lhe tinham era muita, mormente entre a nobreza.

Foram, pois, os dois amantes a Eizing e eu com elles e, de meus olhos, vi consagrar sôbre o migalho da camisa, a hóstia sacrosanta. Findo o officio, o celebrante entregou o talismã ao meu amigo, que, louco de satisfação e para mostrar quanto lhe estava reconhecido, o convidou a almoçar e a passar o dia connosco em Schombrun. Aí nos demorámos até meia-noite, em alegre e regalado convívio, satisfeitos a mais não poder, que o lugar está mimoso de tudo quanto possam cobiçar os sentidos. Encontram em que esvasiar-se as bôlsas caras, mas também tiram algum regalo as bôlsas magras. E se é certo que já ali tomei parte num banquete que custou duzentos ducados, um banquete de quarenta talheres oferecido ao general Zimmermann, quando foi armado cavaleiro da ordem *Aureata Constantiniana*, o mesmo em Londres, com igual serviço e fausto, nunca poderia custar menos de duzentas libras esterlinas.

Pois ali gozámos uma voluptuosa e leda tarde. Ora o digno prelado grego, ainda um ano não era

decorrido, já tinha escamoteado ao meu illustre amigo a bonita soma de seiscentos florins, para socorro dos pobres necessitados, está bem de prever, não — Deus nos livre de imaginar semelhante coisa! — para as raparigas alemãs, pela beleza e talhe de muitas das quais se arvorara paladino. Uma lhe conheci eu, que era um rebuçado de mel rosado.

Durante três anos, o meu amigo enamorado conservou o talismã do amor imorredouro. Ao cabo, já o eclesiástico grego desaparecera da cõrte vienesa, êle mesmo rompeu as relações com a illustre dama para contrair uma aliança que lhe trouxe honra e proveito. Nestes auges, pedi-lhe que me cedesse o miraculoso paninho. Cedeu-mo gentilmente e ainda para aí o tenho guardado.

Há de haver sete anos, 1743, encontrei-me com o prelado grego em terra protestante, a muitas léguas de Viena, e, naturalmente, fui levado a falar-lhe na peça mágica que preparara. O tom que adoptei entre firmeza e acusação, fê-lo corar e empalidecer ao mesmo tempo. Mas não houve maneira de confessar que tinha praticado uma refinadíssima burla, sustentando até final que o paninho nunca na vida podia deixar de sortir o efeito desejado.

— Pois affianço-lhe que não sortiu efeito algum — disse eu.

— E eu affianço-lhe que sim, a menos... a menos que a criada de dentro, em vez de camisa da ama, trouxesse uma camisa sua.

— Nesse caso — redargui — seria a criada a ligada ao meu amigo O***.

— De maneira alguma. Além de que a intenção do senhor O*** em nada contendia com a criada, como podia ser ela, visto não ter assistido à missa em Santa Maria de Eizing?!

Não vale a pena relatar as mil e umas razões mentirosas e alvares com que pretendeu desculpar-se o impostor. Se o acaso lhe puser diante dos olhos as páginas que aqui vão, ao menos que me faça a justiça de crer que o não ataco com o intuito de me pagar das quantias de dinheiro e dum relógio em ouro, fabricado por *Tompion*, que impune-mente me larapiou. Não; escrevo com o propósito de mostrar o carácter supersticioso, falso e chicanero dos gregos. O senhor P. A. P. de B. pode ficar convencido, ao simples enunciado destas quatro letras capitais, que muito bem me recorde do seu nome, e que se fôsse o espírito de vingança que animasse a minha pena, não teria eu sido tão discreto. A não ser que tenha receitado a outros enfermos de amor o seu estupefaciente específico, o segrédo morrerá entre mim e o meu amigo O***.

XXI

VIVER SUPÉRFLUO E REMEDIADO

Se os cabedais não estão ao nível dos nossos desejos, o que há a fazer é pôr os nossos desejos ao nível dos cabedais. *Ut possumus, quando ut volumus non licet. Quando no si può avere quel che si vuole* — diz o italiano — *bisogna volere quel che si può.*

Contentar-se um homem com uma fortuna modesta, não é coisa fácil, confesso-o; mas também não é impossível como muita gente supõe. Lá se a sorte degenera a pontos de sermos precipitados na indigência, que dúvida que a postura é negra e descarável. Séneca e outros filósofos tentaram, no entanto, reconciliar-nos com a miséria. Creio, porém, que nunca souberam o estôfo de que é feita, tão leve e folgado parece o ânimo com que a discutiram. Sublime, de-certo, era a moral que prégaram mas que nunca deviam ter trazido para a vida prática, pois à natureza humana repugnam o frio, a fome e mais flagelos dos necessitados. Que a miséria é, acima de tudo, o princípio e causa dos males de que enferma a humanidade, quem o contesta? Já a necessidade, por si só, quebra e calca todas as leis. Alcovita, aconselha, arrasta o homem à prática dos peores crimes. Um provérbio no-lo assegura: «Quando a pobreza entra pela porta, sai a virtude pela janela».

Séneca devia ter os pés quentes e o ventre regalado quando solicitava os homens a que se conformassem com a miséria. Ou talvez, por estas palavras «miséria» e «pobreza» quisesse apenas referir-se à modesta fortuna dos remediados. Sendo assim, o seu pensar seria o meu, pois entendo que é uma qualidade meritória manter-se um homem indiferente ao jôgo de cobiças e grandezas de que para o geral dos homens o vasto mundo é o taboleiro.

A fortuna, em si, é vária e inconstante e quanto mais elevada mais batida dos ventos. Tanta prontidão põe a exalçar os deprimidos, como a deitar por terra os que antes engrandecera. Perante um capricho tão cego e estouvado, cabe ao homem sábio encolher os ombros de desdenhoso.

Filósofo, às situações em relêvo, ladeadas, sempre, de resvaladiços precipícios, prefere a sua quieta e obscura mediocridade. Acima de tudo põe a dignidade do carácter e a paz do espírito.

Humano, basta-lhe lançar os olhos pelo mundo para dar fé de que a soberba, a vesânia, o atropêlo veem com a cobiça e a porfia das riquezas. Possuidor das virtudes contrárias áqueles vícios, não aspira, não pode sequer aspirar a elevar-se. Também não ambiciona ser contemplado da sorte que só traz braçadas de riquezas. Vive feliz dobrado sobre a sua modéstia.

Rendido às doçuras extremas da soledade e da meditação, tem, também, horror pelas intrigas e cabalas que conduzem aos ricos cargos e às altas

dignidades. A instabilidade da sorte é o fantasma que mais receia e que mais o robustece em seu inalterável alheamento.

Para um homem desta têmpera nada contende mais como ver certos senhores da classe privilegiada, levando uma vida larga de dissipações, queixar-se que a roda da fortuna emperrou para elles ou anda em falso, nem para trás nem para diante.

Nunca é feliz esta casta de gente — acrescentará o filósofo. — Não se contentam com a sua dita, e à força de dúvidas, apreensões, receios, cavam a própria ruína e a ruína de suas fazendas. E uma vez virados ao ar, caluniam a sorte porque lhes foi madrastra!

Si bien, nous le faisons, le mal c'est la fortune;

On a toujours raison, le destin toujours tort.

XXII

O SEGRÊDO DUMA ATITUDE MORAL

De todos os talentos de Voltaire, filósofo de nomeada e poeta ilustre, o que mais sinceramente lhe invejo é o saber conservar-se dentro duma religião cujos dogmas aquilata de falsos, tenebrosos, monstruosos, opostos ao senso comum e contrários ao entendimento.



O famoso Pope, é certo, e o P.^o Le Couraïer, ainda vivo, estão no mesmo singular e aparente equilíbrio.

Ora, ser-me há permitido consultar êstes homens célebres, Voltaire e Le Couraïer, e os manes de Pope, perguntando-lhes o segrêdo da sua paradoxal attitude? Sendo leal e cristã, o seu exemplo levar-me há a seguí-los. E então, chamar-me hei desgraçado três vezes por ter abraçado o Protestantismo, e abjurado a religião que recebi no berço, com os princípios fundamentais da qual não podia aquiescer. Da sua resposta depende o repouso da minha consciência e a felicidade da minha vida. Nenhuma paixão, nenhuma animosidade me inspira contra êles. Com excepção do P.^o Le Couraïer, ao qual falei uma vez em Londres, nunca vi os outros a menos que não fôsse em retrato, e apenas os conheço pelos escritos. Os de Pope delíciam-me; aos do P.^o Le Couraïer muito devo do que sei, e quanto aos de Voltaire a sua leitura foi-me sempre agradável. Respeito sinceramente a filosofia do inglês, a teologia do religioso e a poesia do francês. Êste último, ao referir-se ao poema épico de Camões, o Vergílio lusitano, achou censurável que o vate misturasse a fábula com a religião, e invocasse simultaneamente os Santos do Céu e as Divindades Pagãs.

A crítica de Voltaire leva-me a supor que nunca leu os *Lusiadas* no original. A língua portugueza deve ser-lhe estranha, segundo todas as aparências; para travar conhecimento com o poema, de-certo, terá

recorrido às incorrectas e reles versões, as francezas, a espanhola porventura, pois, das muitas vezes que escreve o nome do épico lhe chama quasi sempre *Camones* e ainda *Camoës*.

Por aqui só se infere que não teve presente o original.

Imortalizados por uma legítima glória, os *Lusiadas* viverão independentemente da crítica ou do sufrágio de Voltaire. Se a *Henriade* alcançasse apenas metade do êxito dos *Lusiadas*, Voltaire poder-se-ia julgar um autor feliz.

Não é, pois, a crítica de Voltaire à obra de Camões que me leva a estranhar o seu porte, face a face a religião e os seus livros. Nunca fui poeta, não serei eu que saia à liça nesta pendência. A minha qualidade de português, de resto, nunca me levaria a empenhar-me a fundo na defesa de compatriotas, cujos escritos, costumes, ou metodos, não sejam irrepreensíveis.

Ponhamos, porém, de lado, as mais críticas, de pouco fundamento aliás, que Voltaire fez a um poema que não leu no original, e seja-me permitido encarar, apenas, o amálgama, que lhe verbera, de mitologia e cristianismo. «Camões — expõe o illustre pensador — cometeu a pecha de invocar ora os santos ora os ídolos através das estâncias do seu poema; de maneira que, bom *católico romano* na vida, em arte é um poeta pagão.»

Perfeitamente de acôrdo. Tem toda a razão. O argumento é irrespondível. Mas se Voltaire se diz

católico romano, se não está apartado da comunhão com Roma, e se, por outro lado, escreve tão desasombrada e veementemente, como só um protestante o poderia fazer, contra os dogmas da religião de que se inculca um adepto, Camões, ou outro português qualquer, não estarão no direito, por sua vez, de lhe censurar êste contraste e de lhe rogar a especial fineza de nos elucidar francamente como isso pode ser, sem compromisso de consciência e da probidade? Porque, sem elucidação, esta duplicidade é bem mais contundente, que no épico lusitano a sua heterodoxia.

XXIII

A PROPÓSITO DUMA ORDENANÇA DO REI DE PORTUGAL ONDE SE PROVA A SUA MUITA PONDERAÇÃO E AUTORIDADE

Uma gazeta de Londres anuncia que o Rei de Portugal *ordenou que d'ora-avante as pessoas condenadas à morte pelo Santo-Oficio não sejam executadas, sem que as sentenças tenham sido vistas e aprovadas pelo seu conselho e firmadas por sua mão.*

Esta notícia foi-me confirmada por duas cartas particulares, endereçadas de Lisboa a negociantes judeus que aqui teem residência. Ainda bem que a ordenança real vem em apoio do muito que me pró-

ponho escrever contra o iníquo e detestável tribunal da Inquisição, e contra a má fé, perfídia e crueldade dos ministros que o compõem — opróbrio de Portugal e afronta ao nome cristão e género humano. Mais duma vez tenho meditado nos preconceitos e superstições, sem conto, em que os meus compatriotas andam atolados, sem poder imaginar que os meus escritos tivessem a força ou a virtude de salvá-los de tão triste tremedal. Ao lançar ao papel as amargas considerações que me acodem ao espírito muitas vezes disse para comigo: aqui estão verdades, grandes como punhos, raciocínios convincentes, factos incontestáveis e as demonstrações mais evidentes que é possível apresentar, para dissipar a cegueira dos meus compatriotas. Corrigir-se hão, porém, de suas absurdas e grotescas superstições? Voltarão costas aos seus preconceitos, tão antigos como bárbaros? Acabarão por desatolar-se do êrro, despojando-se, ao mesmo tempo, da sua muita credulidade?

A estas perguntas, em minha consciência se respondia: — Não; continuarão os mesmos, ignaros e fanáticos, como há um século atrás, como daqui a um século, para o futuro.

Assim reflectia, não deixando de prever que a turba-multa, eivada do furor e do ódio monacal, se revoltaria contra mim e que condenaria irremissivelmente todos os meus escritos. Esta perspectiva, porém, não me entibiou o ânimo, nem diminuiu o zêlo que sempre tive em dizer a verdade aos portugueses. Esta verdade a alguns não é de todo desafei-

çoada, outros a entrevêem, o que me leva a crer que, afinal de contas, não só a aceitariam, como tomariam a sua defesa, se não fôsse o pavor da Inquisição.

Portugal pode comparar-se a um relógio atrasado pela malícia e perversidade daqueles que teem a cargo dar-lhe corda, isto é, pela torpeza dos inquisidores; o seu estado, pois, não é para desesperar. Uma grande parte dos abusos, superstições e necessidades que lá eram letra viva há cincoenta anos, desapareceram — dizia-me eu. Conheci-lhes a voga e assisti ao seu crepúsculo e desaparecimento. Os êrros, ainda os mais absurdos, de que os portuguezes se acham hoje imbuídos, talvez não existam daqui a meio século; dado que existam, muitos dos meus compatriotas sairão a combatê-los, como hoje eu faço. Muita gente esposará a verdade dos meus escritos, tanta ou mais que aquella que, hoje, a taxa de herética e, como tal, não tem escrúpulos de a condenar ao fogo.

Animado dêste pensar, não hesito dizer o que sinto hoje, amanhã e sempre.

Que não convençam mais que a um português, que não convertam ou ajudem a reformar mais que a um só papista, não é já uma grande honra para mim? Pode haver maior glória que a de apóstolo, apóstolo mesmo dum único homem?

Antes da Reforma que tarde ou cedo, fatalmente, terá de operar-se em Portugal, muitos precursores surgirão, e já alguns houve. Fr. Bartolomeu dos Mártires, arcebispo primaz de Braga, foi um

dêles com sustentar abertamente a necessidade desta Reforma. O jesuita P.^o António Vieira, o mais illustre e mais sábio de todos os oradores portuguezes, opôs-se, no século passado, à opinião ultramontana, e suscitou um movimento de indignação e protesto contra os bárbaros procedimentos da Inquisição.

Quanto a mim, que não me intimidam as crueldades do santo tribunal, em voz alta clamarei as suas depravações e iniquidades, e com tornar desprezível a sua jurisdição, concorro para a Reforma que terá de fazer-se na Igreja Lusitana. O Arcebispo, o Jesuíta e eu, sem falar doutros, vamos desbravando o caminho áqueles que Deus destinou para realizá-la.

Primeiro, todavia, é preciso resgatar os portuguezes do jugo nefando do Santo-Oficio. Vai nisso a salvação da nação, pois que sciências e artes a par e passo do progresso, civilidade e civilização, um comércio próspero, uma autoridade cõscia das suas funções, uma religião, purgada de idolatria, emfim, portuguezes ilustrados e conscientes, não poderá haver emquanto perdure a monstruosa jurisdição.

A ordenança real, estabelecendo que às sentenças do Santo-Oficio não seja dada execução sem préviamente terem sido aprovadas pelo conselho e confirmadas por S. M., coarctando-o desde já, pode muito bem ser o golpe de morte no odioso tribunal.

Rompeu bem o novo Rei e o novo ministério. A hipocrisia, o beatice, a perfidia do governo precedente foram-me de sobra conhecidas por experiência própria. O Rei magnânimo que Portugal acaba

de perder era dotado de excelentes qualidades, capazes de ilustrar a sua terra e dignificar o trono. Desgraçadamente cercou-se dum bando de velhos ministros, desprovidos de outra intelligência que não fôsse a astúcia, os quais de gorra com prelados e inquisidores e amigos e parentes de inquisidores, tiveram artes de converter o soberano em instrumento dócil de seus interêsses. Lisonjeando-lhe as paixões e furtando-o à realidade das coisas, triunfaram à farta. Durante quarenta e três anos, que tanto durou o seu reinado, inútil procurar um só acto do poder real comparável a esta ordenança promulgada contra a Inquisição. Ditosos os príncipes que sabem apoiar-se em ministros cultos, despidos de preconceitos e de ânimo alevantado! Mais ditosos ainda os povos que governa um soberano previdente, sábio e justiceiro.

Poderia citar-lhes os nomes, se não fôra, além do receio de ferir-lhes a modéstia, o melindre da minha situação neste momento. De facto, eu reclamo justiça, que até agora me foi denegada, quanto a justas pretensões que tive, e espero que justiça me seja feita. A amizade e a generosidade com que sempre me honraram, e o espirito de rectidão que os anima, me dão confiança. Mas por isto mesmo, não quero sequer que se imagine que os incenso.

Dizia eu que a ordenança real pode ser o golpe de morte no tribunal da Inquisição. Tenho esperanças que assim seja. Uma vez que S. M. manifesta a vontade de averiguar dos métodos do Santo-Officio

antes que se proceda à execução, sem dúvida que aquele tribunal se lhe tornou suspeito como a tanta gente. E' sabido e notório que muitos dos miseráveis, supliciados pela Inquisição, a pretexto de que são judeus ou praticantes de judaísmo, nunca deixaram de ser autênticos católico-romanos que inimigos implacáveis vão denunciar, e que, submetidos à roda e à tortura, não resistem a confessar os crimes que lhes imputam e tantos quantos se queira, dos quais nem a idea sequer lhes passou pelo entendimento.

Conheço casos extraordinários, desta natureza. Um deles foi muito discutido e anda em livros e folhetos. Um fidalgo português de que se ignora o nome certo, — conde para o Rabi Manasseh-Ben-Israel; duque de Bragança, num velho manuscrito meu; conde do Prado-marquês de Minas em documentos pertencentes ao Dr. António Faustino, e consoante um outro manuscrito que meu pai compulsou na livraria do conde de Vimieiro — pois éste fidalgo, sendo informado que o seu médico particular fôra encarcerado sob denúncia de judaísmo, escreveu a um dos inquisidores, pedindo-lhe a soltura do homem com garantir-lhe debaixo de palavra que se tratava dum bom cristão. Não acedeu o Inquisidor, e levado a tormentos, confessou o preso que era judeu, pelo que foi condenado à perda de bens e ao destêrro. Antes, porém, de partir a cumprir a pena, teve o desgraçado prática com o protector, onde lhe reiterou que era cristão de verdade

e que só a poder de tormentos, superiores às suas forças, fizera a confissão falsa de judeu e judaizante. Estimulado, o fidalgo fingiu-se doente e mandou pedir ao Inquisidor para o vir visitar. Apareceu êste e as primeiras palavras de boa vinda foram que fizesse por escrito declaração de judeu e a assinasse. Como recusasse, deu o fidalgo ordens aos criados para que lhe trouxessem um capacete em brasa, que adrede haviam preparado. Foi quanto bastou; à simples ameaça do suplicio o Inquisidor chamou o nobre de parte e de seu próprio punho lavrou e firmou a confissão de judaizante.

— O meu médico — disse-lhe então o dono da casa — confessou pela mesma maneira. Há apenas uma diferença: êle foi sujeito à tortura, enquanto o senhor apenas intimidado.

Um outro inquisidor, convencido que era à força de tormentos que os prisioneiros do Santo-Officio faziam as confissões mais inverosímeis, quis capacitar-se duma forma iniludível, para o que recorreu a um ardil singular.

Em sua casa, ao serviço da cavalaria, havia um homem, criminoso da peor espécie, foragido da justiça de El-Rei. Ora, entre outros animais de sangue, tinha o Inquisidor um cavallo de boa raça, muito garboso e enfeitado do mais belo rabo que se pode imaginar. Uma noite, quando tudo dormia, o Inquisidor foi à estrebaria pé ante pé e dum golpe cortou a cauda do ginete; depois, atirando por terra a lâmina que lhe servira para a amputação, sorratei-

ramente, como viera, voltou à sua alcova e deitou-se. Sentindo-se, porém, ferido, o cavalo rompeu a estrebuchar, tal ruído levantando, que o moço, o tal bandido, acordou e foi ver. Pôs-se êle a indagar do sucedido e estava já com a faca na mão quando a restante criadagem apareceu. Surpreendido naquele lance, que o dava como suspeito da picardia, algemaram-no, bem embora negasse a pés juntos e protestasse indignadamente estar inocente.

O Inquisidor, entretanto, simulando acordar estremunhado à balbúrdia que ia na cavaliariça, tocou a campainha e perguntou a razão do motim. Posto ao facto do que se passava e sôbre a deposição dos lacaios, fingindo não dar crédito às juras e imprecações do homiziado, entregou-o ao Santo-Officio onde ficou encarcerado.

Aplicaram-lhe a tortura, com o fim de lhe arrancar a confissão do crime de que o acusavam, que era o de ter cortado o rabo ao cavalo. De princípio, a-pesar dos muitos tormentos, a victima negou. Finalmente, não podendo resistir às dores infernais que lhe infligiam, acabou por se declarar o autor da vesânia, confirmando-a com muitas e engenhosas invenções sôbre o fim, a maneira, as circunstâncias do seu abominável cometimento. E, interrogado em presença do Inquisidor, a tudo deu resposta clara e de modo a derramar a luz necessária sôbre o caso.

O Inquisidor, depois de mandar lavrar um auto das perguntas e respostas, corpo do delicto e con-

fissão do réu, mandou-o pôr em liberdade sem mais demora, despachando-o a tratar-se em casa, com seus médicos e apoticários.

A surpresa dos colegas em face duma ordem de soltura tão imprevista, não foi, porém, duradoira. No dia seguinte, o Inquisidor, reunido o conselho do Santo-Offício, expôs o facto como se passara. E, declarando que o ministério de inquisidor não convinha a um homem honrado, apresentou a demissão. Retirado a uma casa de campo, aí completou os dias.

Falha-me a memória e não posso dar o nome dèste cidadão exemplar; é pena.

— Era incontestavelmente um inquisidor honrado — dizia-me o conde de Tarouca, valendo-se desta história para provar que Nuno da Silva Teles, seu sobrinho, podia ser inquisidor e simultaneamente pessoa de bem.

Eu discordava e, embora, estivesse sempre pronto a secundar os justos encómios que o conde tecia ao mérito, capacidade e probidade do sobrinho, objectava-lhe que para se ser perfeito homem de bem era necessário não ser inquisidor, conclusão, aliás, que se tirava da história acima referida.

— Tem razão — disse o príncipe Eugénio, pronunciando-se em favor do meu raciocínio, contra o conde de Tarouca.

Êste príncipe ia ainda mais longe que eu. Modo de mortificar no orgulho e na altivez o arcebispo de Valência, seu temível e antigo antagonista, mais

duma vez lhe ouvi sustentar que um eclesiástico e uma pessoa de bem eram entidades contraditórias.

Não são, apenas, os dois exemplos que narrei, que me deram a conhecer a iníqua engrenagem da Inquisição; de minha própria experiência sei o que é e o que vale. Cerca fins de 1722 o conde de Pölvilde com dois outros familiares do Santo-Offício arrancaram-me dos braços, por assim dizer, uma rapariga que de-veras amava. Ia nos vinte anos, mais prazenteira que formosa, mas bem feita de corpo e dotada de espírito buliçoso. Era uma criatura muito temente a Deus, tão assídua nas devoções, como eu, áquella data. Ia à missa, confessava-se e comungava; reverenciava à Virgem e aos santos, e para as alminhas do Purgatório iam as suas preces mais rendidas. Comia de tudo, de tudo gostava, presunto, chouriço de carne ou de sangue. Para resumir, guardava os domingos e dias santos, nunca na vida abrira a Bíblia e, não só não sabia o que era o Sabate, como ignorava completamente que um Moisés tivesse existido no mundo.

Junte-se a isto o amor que lhe consagrava e compreender-se há que me queixei amargamente da prisão da pobrezinha. Pois tive que me calar. Os meus próprios amigos cobriram de ridículo e impropérios o amor que eu votava a uma judia, cativa do Santo-Officio.

Obra de dezoito meses decorridos, celebrou-se o Auto de Fé, onde a minha amante devia figurar e a sua confissão e sentença ser lidas publicamente. Fui

assistir, e qual não foi o meu espanto ao ouvir que a criatura declarara observar inviolavelmente o Sabate, não provar carne de porco, e abster-se de muitos outros alimentos que mil e uma vez eu lhe tinha visto comer de boa gana! Ante a leitura da sentença, a minha surpresa aumentou. A triste rapariga era condenada à pena de morte, só porque na confissão fôra *diminuta*, isto é, não pudera identificar os nomes das pessoas que falsamente tinham deposto contra.

Cêrca das dez horas da noite, tendo sido entregue ao braço secular, conduziram-na ao Supremo Tribunal, cujos ministros, por fraqueza ou comodismo, nunca deixam de sancionar as sentenças que lhes transmite a Inquisição.

Era-me permitido falar-lhe naquele lugar, falei-lhe:

— Desafortunada, — disse-lhe eu — se para salvar a vida, se fartou de acumular mentiras e falsidades, espanta-me que se deixe morrer só para não denunciar os acusadores!...

— Os meus acusadores — respondeu ela — não sei quem são, talvez nunca os visse, não os posso nomear. Sirva-me Deus de testemunha em como estou inocente. Escuso de lho dizer a si, e toda a gente há de ficar convencida, quando eu daqui a pouco desmentir a confissão que só à fôrça me arrancaram. Nunca na minha vida professei outra fé que não fôsse a de Jesus Cristo; na santa religião me criei, na santa religião hei de morrer.

Submetida a perguntas, energicamente manteve a

declaração que antes me fizera. Os seus protestos, por muito veementes e revestidos de sinceridade que fôsem, não podiam salvá-la da morte. Mas, persistiu nêles até o último, até o derradeiro momento de sua vida, batiam os campanários a meia noite e uma hora. Estrangulada pelo carrasco, o seu corpo foi depois queimado no cais e lançadas as cinzas ao mar.

Pistado pelos aguazis, mesmo assim, altamente clamei a injusta e bárbara conduta do Santo-Oficio. Ainda estão vivos dois inquisidores, Silva e Gomes, que poderão contar as ásperas censuras que lhes dirigi, em réplica às quais, como bons amigos que eram, me aconselharam o silêncio e desvendaram a meus olhos os graves riscos em que incorria. Cominado por um lado, benevolmente advertido por outro, sufoquei a dôr que me trabalhava. Mas a ferida, e a idea exacta do que era o execrado tribunal ficaram indelevelmente.

A orçar pelo ano de 1734, em que passei à Holanda e onde quedei desde 1740 a 1744, para vir habitar em Londres, onde me tenho conservado desde então, tive occasião de coligir muitas e variadas provas das torpezas cometidas pelo negregado tribunal do Santo-Oficio. Em boa verdade, depararam-se-me judeus que não tinham pejo em confessar haverem saído de Portugal pela impossibilidade em que estavam de, sem perigo, praticarem a lei mosaica, que tinham recebido com o leite.

Mas quantos miseráveis não encontrei, em Amster-

dão, sobretudo, que, depois de haverem padecido toda casta de torturas nos cárceres da Inquisição sob pretexto de judaísmo, deixaram Portugal, no pavor de serem recapturados? Quantos destes se não retiraram para a Holanda, carregados de *bentinhos* e relíquias de santos, de rosário na mão a procurar pelas ruas onde é que se ouvia missa?

Podem exigir-se provas mais eloquentes da fidelidade dos pobres homiziados à lei em que foram criados, e que só o temor da perseguição deu aparências de apóstatas ou judaizantes?

A par dos que perseveraram na religião católica, alguns mesmo no que ela tem de mais inflexivelmente papista, outros, é certo, abraçaram o judaísmo.

Mas, fazendo-o, não foi por selecção de fé ou conhecimento antecipado de credo, mas por necessidade. Apertados pela fome, pelos rigores da terra, por toda uma miséria insuportável, condescenderam em professar numa religião onde reina um espírito confraternal que lhes mitiga as agruras e dificuldades da nova vida.

— Se houvesse missa todos os sábados na Sinagoga, — dizia-me em Amsterdão um destes exilados que recebera a circuncisão havia dois anos — não me desagradava nada a nova religião; mas sem missa, não me sinto à vontade. Quanto ao meu Santo Antoninho, nunca me hei de separar dele.

E mostrou-me uma imagem esculpida do santo que conservava com muita devoção.

Factos desta ordem, incontestáveis, deviam cobrir de vergonha e confusão os inquisidores de Portugal.

Mais duma vez tenho lido em escritores estrangeiros que o Rei de Portugal é um instrumento submisso da Inquisição. Os meus desmentidos não encontravam crédito. A ordenança que S. M. acaba de publicar fala mais alto que a minha argumentação. Por ela claramente fica estabelecido que El-Rei não abdica do seu poder absoluto em julgar em última causa, dos seus súbditos, sem exceptuar os ministros do Santo-Officio. Deus que o inspirou a examinar as sentenças dêste tribunal, lhe concederá a graça de penetrar a iníqua, cruel e desumana estrutura.

Papistas e protestantes, turcos e árabes teem no fundo a maior aversão por êstes holocaustos de vidas em prol duma divindade sanguinária. É tempo de aliviar a nação dum opróbrio tão aviltante. Por isso eu junto os meus votos aos das pessoas cultas e bem intencionadas para que o remédio seja tão immediato e eficaz como o mal se tornou violento. Semelhante voto não dá direito a que se suspeite dêle; não sai do coração dum judeu. Se em Portugal houve alguma vez cristãos, eu fui um deles. O Rei, os tribunais de Estado e eclesiásticos, a própria Inquisição reconheceram a pureza do meu sangue, distinguindo a estreme linhagem do meu nome. Que eu saiba, não faltei aos deveres da minha condição; se me refugiei em terra estrangeira, foi precisamente por nobreza de carácter. Nos meus escritos e em todas as

minhas manifestações, tomo a peito de parecer o que em realidade sou. Cristão por sentimentos e nobre por qualidade, desde que se trate de defender ou restabelecer a verdade, falo alto e desassombradamente. É animado de tal propósito que aqui declaro:

— Portugal só será um país próspero e progressivo quando se abolir de vez o tribunal do Santo-Officio. Antes não. Além disso, nada feito, enquanto, no mesmo lugar onde hoje se acha o Palácio da Inquisição, não plantarem os judeus a Sinagoga.

XXIV

ACÊRCA DA BELEZA

A beleza é um dom celeste. O império que exerce nas almas é tão grande que parece governar e dirigir as paixões como coisas muito suas.

É, sem contradição, um dos maiores privilégios que a natureza outorgou a certas criaturas para que possam dominar outras. Êste império degenera às vezes em tirania. Cativos, os corações deixam de ser admiradores para se tornarem escravos.

Formosas há de graças e encantos irresistíveis. Perante elas, o homem mais sapiente como o homem mais bronco, rende-se de pés e mãos. De fraqueza em fraqueza, não é raro que sob o influxo da paixão, se acabe na prática dos peores crimes. Nunca

Urias teria sido sacrificado à paixão de David se Bethsabé fôsse menos formosa. Nero, subjugado pela beleza de Popea, *ipsa corporis pulchritudine ad se vocante trahebat ad Venerem*, nunca mais pôde furtar-se à sua sedução. Foi êste enfeitiçamento que o levou a cometer os excessos mais repreensíveis.

A beleza feminina é, de facto, o grande chamariz do amor. Ninguém como ela sabe triunfar dos obstáculos. O que o advogado Hipérides não pôde obter pela eloquência, conseguiram-no os bonitos olhos de Frinea apenas chorando.

Armas invencíveis as da beleza, perigosos são os seus golpes e muitas vezes funestos. Contra êles toda a defesa ó quebradiça. Em seu auxilio acodem a piedade, a deferência, o respeito de nossos corações conquistados. Coberta de lágrimas, a beleza vence os mais desumanos.

Formosuras perfeitas, como as concebe a fantasia dos poetas e pintores, são difíceis de encontrar.

Há muitos anos que viajo, ainda não encontrei uma dúzia de mulheres peregrinas, dessa beleza perante a qual só um gesto é aceitável: adorar.

Diz-se de Salomão que tinha mil concubinas duma formosura sem par. Talvez; talvez, porém, que o dom da beleza fôsse muito comum nos velhos tempos bíblicos; talvez que a beleza dependesse como hoje da opinião, do gosto, e até do capricho dos homens. Persisto em crer que a beleza perfeita é um ser quimérico, com vida apenas na imaginação dos enamorados.

Para que uma mulher seja real e absolutamente bela, a sua beleza deve ter o consenso universal. Esta condição é irrealizável. A princesa D. Francisca de Portugal, irmã de D. João V, era tida como uma das grandes formosuras do século. Diziam-no os portugueses, e os estrangeiros que a viam, concordavam. Pois o enviado de Portugal em Londres, Sr. Brochado, homem fino, dotado de muito tacto e, por modos apreciador, sustentava que S. A. não passava duma beleza mediana. Êste juízo constou em Lisboa e bastante dano lhe causou na côrte.

Nada mais perturbador que a presença duma bela mulher — oiço dizer a miúde. — E sôbre a perturbação, um amor desponta por vezes tão excessivo, que para o domar são precisas forças sobrenaturais. A muitos homens tenho ouvido discorrer desta maneira, modo de se justificarem de mil fraquezas cometidas para com mulheres que lhes pareciam flôr estreme da beleza e que, a final de contas, não passavam de vulgaridades.

Escritores tem havido demasiado severos com a beleza verdadeiramente beleza. As formosas sem senão, a seu ver, são sempre criaturas dadas à impudicícia. Tenho à vista um autor moderno que afirma: «hoje em dia basta que uma mulher seja bonita para não ser tida como virtuosa, ou para o não ser realmente.» E, versejando, declara:

Que rarement la chasteté

Se soutient avec la beauté.

Êste conceito, além de rígido, é exagerado e mesmo falso. Inclino-me, antes, para a opinião daqueles que vêem em cada mulher bonita um monstrozinho de altivez e de soberba. E tanto assim deve ser que até muitas feias tenho conhecido, inchadas de orgulho, só porque algum lisonjeiro ou homem de gôsto depravado lhes disse que eram sedutoras. Outras, sem nunca lhes terem dado a provar o veneno do desvanecimento, não deixam de se considerar como grandes belezas, e, em consequência, se dão ares augustos, em despeito do espelho que, clara e incessantemente, as adverte da ilusão. São estas que gastam mais em enfeites numa semana que cem lindas beldades num ano.

Ouviram dizer que:

*Il n'est point de serpent ni de monstre odieux,
Qui par l'art imité ne puisse plaire aux yeux,*

por isso pedem ao artificio as louçanias que lhes recusou a natureza.

Mas nem arte nem o Diabo lhes vale. A tanto multiplicar os atavios, tornam-se em monstros de deformidade.

Uma estampa que aparece agora aí por todos os mostruários de Londres dá delas a noção exacta: uma mulher velha e feia que passa o tempo ao tocar a fazer-se hedionda e ridícula à força de querer parecer nova e bem feita.

Criaturas assim são antes um motivo à compaixão.

Aquelas que passam por lindas, por justos títulos, deveriam corrigir-se do defeito que teem de alardear altivez e desdem.

Freqüentemente encontro, sobretudo em St. James-Square, muita mulher bonita e muita rapariga adorável. O meu estado, a minha idade, a minha compleição proíbem-me de as cobiçar. Gosto, todavia, de olhar para elas, quanto mais não seja para bem-dizer o Criador. Pois, mal me ponho a considerá-las, voltam-me a cara ou largam a fugir sem piedade.

Um tal geito attribuo eu à altivez e ao orgulho que lhes inspira a sua reputação de formosas. Por amor delas, magoa-me que assim seja. Há evidentemente um tom que chamam elevado e que dá nobreza e relêvo às lindas criaturas. E' o tom para apanhar o qual as mulheres se matam. Mas aí é que está a grande dificuldade. Êste tom é um dote natural e, portanto, não dimana do artifício. Muito menos consiste nas maneiras pretenciosas e arrogantes. Do fundo do coração gostaria de descobrir-lhe o segrêdo e revelar-lho. Mas não é possível; *é um não sei quê* sem expressão adequada.

Sinceramente dir-lhes hei que o orgulho excessivo e a affectação lhes são nocivos. O seu mor interêsse consiste em ser amáveis e amadas. Ora não é pela vaidade e pela altanaria, mediante o que se tornam ridículas e odiosas, que levam água aos seus moinhos de prata.

Poderão replicar que quanto mais soberanas se

mostram mais suspirosos trazem nas peugadas. Não creio que assim seja, a menos que enamorados de vulgar condição lhes mereçam ufania.

Se mulheres bonitas pudessem dar ouvidos a conselheiros, dir-lhes-ia... que contassem menos com a beleza que com outros predicados. Êstes não se apagam e aquela é caduca.

La beauté passe,

Le temps l'efface,

L'âge de la glace

Vient à sa place.

Sempre tive o meu fraco pelas belezas modestas e despretençiosas; a meu ver são sempre as mais estimáveis e, ao mesmo tempo, as perigosas. A formosura, que recorre a manhas e artificios, indis põe; a formosura, acompanhada de altivez, repele.

A formosura que nada pede à arte nem à affectação, natural como Deus a formou, é uma saborosa água de veia pura, e, visto todos os homens terem sede de amôr, é por ela que se apaixonam.

Homens há bonitos e tão ridículos, como as mulheres que são e sabem que são bonitas. Conheci um, Cyparissi, nobre italiano de nação, que appareceu em Viena em 1736 e que professava:

Quelque rare que soit le mérite des belles,

Je pense, Dieu merci, qu'on vaut son prix commé elles.

Tinha dezoito anos de idade, elegante de talhe e formoso como um deus. As suas maneiras, porém, eram efeminadas. Além disso, uma cabeça de anjo, e miolos de galo. Começando a freqüentar a alta roda, o general de La Cerda disse dêle :

— Aqui está um rapaz que vai encher de ciúme os nossos amigos que são casados...

Pois enganou-se redondamente; quem tinha ciúmes dêle eram as mulheres que não o podiam ver nem queriam consentir que os maridos fraguassem com êle.

Cyparissi levantava-se sempre obra do meio-dia. Passava ao toucador, onde almoçava, e onde consumia duas boas horas a arranjar a cabeça e a empoar-se; a corrigir e a pulir as unhas, tarefa a cargo de duas jovens servilhetas, expressamente trazidas do seu país; a banhar-se em águas aromáticas; a lubrificar-se e a empomadar-se com as drogas mais finas, mais caras e odoríferas. Emfim, só deixava a casa de banho depois de se certificar ao espelho que levaria a palma a Adónis e a Narciso se os encontrasse na sociedade. Em verdade, nunca vi um moço mais formoso que Cyparissi. Tolos como êle, lá isso vejo-os todos os dias, às dúzias. Mas eu lhes digo: faço os maiores esforços para prezar, sem escolha, os meus semelhantes, todos os indivíduos da minha espécie talhados à imagem de Deus. Não quero distinguir da minha estima Narcisos, Adónis, toleirões que sejam; mas com uma condição, que não abduquem da gravidade própria do nosso sexo e das suas regalias.

XXV

ACÊRCA DOS ENDEMONINHADOS

Demonstrado como está que tem havido endemoninhados, não há razão para duvidar ou negar que hoje não os haja. Consoante a experiência, os corpos dos católicos são os mais aptos a servirem de morada a Lucifer pois que é neles, ao presente, que se recruta maior número de demoníacos. O mesmo se poderia dizer dos gregos. «Em todo o arquipélago — diz Tournefort — tem-se a impressão de que o Diabo anda à solta entre os gregos animando a torto e a direito cadáveres que na linguagem local chamam *Vroucolacas*, isto é, almas penadas.

A minha terra, também, está inçada de almas penadas e possessos, a pontos que não é temerário afirmar que em parte alguma do mundo, como em Lisboa, Satanaz tem um alfobre de corpos habitáveis. Não se passa dia que nas igrejas não apareçam um ou dois demoníacos, reconhecíveis pelas caretas horrendas que fazem, acompanhadas de contorsões, gritos e movimentos espantosos. Já ouvi afiançar que a fúria dos miseráveis redobra à vista das divinas figuras, delineadas na hóstia sacrosanta. E tão raiosos e temíveis se tornam, que parecem autênticos diabos ou pelo menos os diabos não teriam fôlego para fazer mais travessuras. Vi uma infinidade deles ao tempo que vivi em Portugal; já lá vão mais de

quinze anos; pois, quando me lembro, ainda sinto um arrípio como se fôra ontem.

Recorrem os endemoninhados aos sacerdotes para que os exorcizem, isto é, enxotem de seus corpos os espíritos imundos mediante as rezas do ritual, aspersões de água benta, e a applicação de santas reliquias. O remédio parece simples e inocente, pois o seu efeito é violentíssimo contra os diabinhos que elegeram guarida nos pobres energúmenos. Uma só gota de água benta faz estrubuchar e danar o demónio mais que se sôbre êle deitassem cântaros de água a ferver. Lembram-me a propósito êstes versos:

*Frère Roch de son froc bridé,
Exorcisait un possédé,
Le diable à l'instant part du gîte
Redoutant moins en frère Roch
La puissance de l'eau bénite
Que la puanteur de son froc.*

O mais curioso de tudo é que o demónio, intimado a mudar de casa, declara pela bôca do demoníaco o dia e a hora exacta da partida. Os padres pedem-lhe então, que dê um sinal certo da despedida. O diabo promete e, por via de regra, cumpre a palavra como o mais galante dos homens ou dos espíritos.

Assisti algumas vezes aos adeuses do diabo.

Uma delas, foi em Lisboa, na igreja de Santo Elói, pertencente aos cónegos regulares de S. João Evan-

gelista. Tratava-se duma rapariga de vinte e quatro a vinte e cinco anos, possessa havia muito. Pois no momento em que o diabo ia largar, vomitou ela um rôr de alfinetes, o que levou os circunstantes a conjecturar que estava possuída de grande cáfila de demónios, uns adultos e outros novinhos, consoante as várias dimensões dos alfinetes. Foi desendiabrada por virtude da imagem da Santíssima Virgem que se venera naquela igreja, após o exorcismo pronunciado pelo padre capelão. Fui testemunha ocular deste successo extraordinário. Andava eu ao tempo, 1714, nos estudos com o P.^e Lourenço Pinto, e, lembro-me que nesse dia, nos dispensou da aula para irmos assistir à cerimónia do esconjuro.

Alguns anos decorridos, propalou-se que a imagem da Virgem, Nossa Senhora do Vale se chamava, por divina graça da qual se operara o milagre, apparecera a chorar, a chorar como uma criança, as faces regadas de lágrimas em fio.

Também eu tive a honra, em 1721, de enxotar o diabo do corpo duma mulher, a mãe de Joana Vitorina, minha amada.

O meu romance com Vitorina foi bastante notório em Lisboa para que eu ainda faça segredo dêle.

As coisas passaram-se assim. A mãe dela, tida e havida por endemoninhada, era de facto o génio mais intratável que tenho conhecido. A cada passo, vinha com as suas diabruras estragar-nos os prazeres mais simples e os mais acautelados. Uma vez chorava e escumava por entre os dentes; outras ve-

zes, punha-se a rebolar os olhos, a torcer os dedos, a ranger os maxilares, a fazer tais momices que a tornavam horrenda, de feia que já era. E acontecia ainda perder o uso da palavra, ou dos sentidos todos.

Os criados viam uma dobadoira quando lhe davam os accidentes, às vezes às quatro horas da madrugada, à busca dum eclesiástico que a viesse exorcizar.

Eu tinha as minhas dúvidas que todo êste endiabramento não fôsse pura obra de artifício. Vitorina, um belo dia, confirmou com as suas as minhas suspeitas, e o que no caso fiz vai ver-se.

Alguns dias antes do Natal, começou a criatura a dar mostras que o seu diabo andava perto. E assim succedeu; nas vésperas da consoada, o delírio empolgou-a, succedendo-lhe um tal estado de aniquilamento que dir-se-ia ter passado desta para melhor.

Ora eu tinha-me munido de dois tijolos, os quais, aquecidos ao rubro, lhe fui gradualmente aproximando da planta dos pés. E eis senão quando tocavam os tijolos na pele, ela deu um salto na cama, e logo voltou a si, sem deixar ir mais longe a minha terapêutica.

Tratou-me, depois, de bárbaro e, a Vitorina, de filha desnaturada; embora, a verdade é que ficou curada duma vez para sempre, talvez porque o seu espírito maligno fôsse incapaz de agüentar a prova do fogo.

Esta anedota e outras de igual jaez, que põem a nú a velhacaria dos eclesiásticos, favorecida pela ignorância ou a má fé de pessoas que complacente-

mente se prestam ao jôgo, simulando de demoniacos, estas anedotas — dizia eu — veem demonstrar o crédito que é legítimo attribuir a tais fenómenos. Muita gente não acredita; eu não sou absolutamente incrédulo. A minha crença funda-se na Sagrada Escriitura que está cheia de endemoninhados. O próprio Salomão foi autor duma «mezinha que tinha a virtude, conta Flávio José, de expulsar os demónios para todo o sempre. O processo ainda está em uso entre os naturais da Judea. Vi um judeu chamado Eleázar, que em presença de Vespasiano, dos filhos e de capitães e soldados, curou muitas pessoas de endemoninhamento. Para isso atava-lhes ao nariz um anel no qual estava engastada a raís misteriosa que Salomão descobrira para o mesmo fim. Mal o diabo tinha cheirado a raís, rompia aos pulos, atirava o doente por terra e largava. Em seguida recitava as palavras cabalísticas, inventadas pelo mesmo Salomão, e em nome do rei sábio conjurava-o a não voltar a ocupar os corpos devolutos. Para prova da eficácia do esconjuro, mandava encher uma cantarinha de água e ordenava ao diabo que a deitasse ao chão. O diabo obedecia».

As circunstâncias maravilhosas dêste feito cheiram, é muito certo, à fábula, posto que Flávio José garanta ter sido testemunha ocular. Mesmo que assim fôsse, o historiador dos judeus podia muito bem ser logrado por Eleázar, prestímano hábil e impostor de alto coturno, como eu o fui pelo reverendo prior de Santo Elói.

XXVI

TRADIÇÕES RELIGIOSAS

Os católicos crêem que as rezas, as esmolas e as boas obras dos vivos podem expiar os pecados dos mortos. Os turcos são de igual parecer conforme a sua doutrina.

Á semelhança do Paganismo, as cerimónias de enterramento dos católicos são pomposas e caras. Então como agora, lavavam os defuntos, fechavam-lhes os olhos com grande cuidado, e acompanhavam-nos até os jazigos no meio de lamentosa grita. Ainda não há cincoenta anos que as carpideiras estavam de moda em Lisboa. Ninguém ignora que eram mulheres pagas para chorar o morto por gemidos, gritos e convulsões horríveis.

A pragmática seguida, quando o cadaver está de posto, é ainda a mesma.

Em Portugal, sempre que há defunto numa casa, nela não se prepara nada ou quási nada de comer. Parentes e amigos teem a obrigação de mandar à familia desolada as vitualhas necessárias. Ás vezes são iguarias delicadas e magnificas. Tira-se o ventre de misérias e bebe-se como nunca. Se para os herdeiros resta alguma consolação, é esta, comer á-tripa-fôrra e de graça. O padre, ou os frades que assistiram aos derradeiros instantes do morto, abancam com a família e comem-lhe e bebem-lhe à grande.

Em suma, não é nada desagradável em Portugal, mormente em Lisboa, viver *em casa de defunto*.

Êstes festins fúnebres, abundantes e opimos, estavam muito em voga entre os pagãos que lhes chamavam *Polluctum* e *Salicernium*.

As exéquias, entre os católicos, são acompanhadas por vezes dum belo concôrto musical, em que tomam parte vários instrumentos, sem exclusão de trombetas e timbales. Em Viena, êstes dois instrumentos eram um sinal de distinção. Só entravam em exéquias de pessoas nobres. O conde de Tarouca, embaixador de Portugal, não omitiu a praxe nos funerais de meu pai em 1734, como em 1738 não foi omitida nos seus. Um e outro repousam lado a lado na catacumba da igreja dos Pieristas, a Joseph-
-Statt.

Á imitação do perfume contínuo dos judeus, os católicos introduziram nas igrejas o uso de braseirozinhos de cobre ou de prata, onde ininterruptamente ardem os aromas mais finos. A esta espécie de braseiros chamam os portugueses *caçoilas*, e são usados tanto nos templos públicos, como nas capelas particulares.

Isto não deixa de acrescentar encanto às igrejas católicas, irrepreensíveis em asseio, sobretudo em Espanha e Portugal. Coisa mais limpa, mais agradável que uma igreja de capuchinhos nestes países não quero que haja. Mas não há regra sem excepção. Um dia, encontrando-me de passagem pela aldeia de Coina, que fica no caminho de Setubal, dirigi-me

a casa do Correio-Mor que ali vinha passar uma parte do ano, para o cumprimentar. Disseram-me que estava ao sol, com os cães de caça, no adro da paroquial. Efectivamente, aquele senhor gozava o sol, encostado contra o muro, mas como as portas do templo estivessem abertas, os cães, uma dúzia déles, todos atacados da tinha, horríveis de ver e mal cheirosos, haviam entrado para dentro e lá, estendidos no chão, beatificamente, se repimpavam ao soalheiro. Não aparecia viv'alma, ninguém lhes perturbava a sesta. Ora, sem dúvida, que esta igreja precisava ser perfumada e com incensos fortes, para no dia seguinte, decentemente, poder servir ao munus divino.

Os católicos incensam aos mortos, porque o perfume sagrado é o emblema da prece, e aos vivos, como sinal de respeito e distinção. A oferenda do perfume tornou-se, porém, com o tempo uma prática abusiva, e inacreditável. Na capela do príncipe Cantacuzeno, em Viena, onde quási quotidianamente se diziam duas missas, uma segundo o rito grego, outra segundo o rito romano, era o abade D. Pietro Carrioglio, celebrante católico, e o P.^e Anastasio, prelado de Bresla, e um monge grego da ordem de S. Basílio, os celebrantes scismáticos.

Um e outros, depois de oferecer o incenso a Deus, voltavam costas ao altar e incensavam primeiro ao príncipe, depois à princesa, e em seguida a mim, porque ordens lhes tinham sido dadas de me honrar com a mesma distinção. Igual cortezia foi concedida

duas ou três vezes ao conde Capitanei, nobre milanês, grande de Espanha e moço fidalgo da camara do Imperador, e ao conde de Pessowitz, enviado extraordinário da Russia.

O abade D. Pietro Carriglio conferiu-me publicamente a mesma alta distinção em Santa Maria de Eizing, um sábado que ali disse missa. E o prelado de Bresla igualmente me honrou, numa igreja que fica no caminho de Viena a Burgstorf.

Além das oferendas do incenso, costumam os católicos, no mais férvido das preces, oscular o chão do altar. Como o movimento é feito quando estão de joelhos, torna-se extremamente ridículo, mormente com mulheres.

— Dir-se-ia — observou-me uma vez José Maria Pereira da Costa, capitão de dragões na provincia do Minho — que damos a beijar a retaguarda uns aos outros.

A mesma prática observam os turcos nas mesquitas, e já os judeus da seita esseniana costumavam beijar a terra a agradecer-lhe os frutos que produz para alimentação do homem.

Codificadas nos Evangelhos, no Velho Testamento ou no Talmud, as leis religiosas e as tradições religiosas identificam-se como sopradas por um só e mesmo Deus.

XXVII

JUIZO INFALÍVEL DO ANO DE 1751

Março

Os escritores dignos de aprêço, todos aqueles que, mediante laboriosas pesquisas e um estudo im-probo e aturado, se esforçam não sómente a re-crear mas também a instruir, correm o risco, êste mês e, porventura, os seguintes, de ser criticados e até enxovalhados pelos espiritos mesquinhos e miú-dos, cujas produções fúteis, sem interêsse substan-cial, são boas para entendimentos na infância e enfado de gente desenfadada. Êstes escritores consciencio-sos, deixando ao público equitativo o cuidado de apreciar o mérito dos seus trabalhos, considerarão com o maior desprêzo as críticas do vulgo, mor-mente se são destrambelhadas e insultuosas. Uma atitude, assim, é nobre e natural. Os próprios ani-mais lhes dão o exemplo. O leão não se rebaixa a castigar a reles môsca que ousou dar-lhe a impo-tente ferroada. O boi da fábula, também, não fez outro mal à rã intrometida senão inspirar-lhe a louca vaidade de querer igualá-lo no tamanho, sob pena antes de estoirar que de o conseguir.

Graças à Divina Providência, um rôr de gente, sem o menor socorro de médicos e apoticários, deu o mês passado um pontapé na morte. Ao contrário,

viu-se uma quantidade de ricos e grandes personagens passarem para o outro mundo, a-pesar da solicitude dos mais hábeis facultativos. Êste mês não faltarão exemplos de igual ordem.

Durante o mês, a maior parte da gente ocupar-se há de coisas que não são do seu mister. Os valentes terão presunções a sábios, os sabios ventilarão da guerra, os negociantes de moral, e os teólogos de comércio. Numa palavra, ver-se há uma infinidade de pessoas quererem decidir em último recurso das questões que menos sabem.

Muitos necessitados terão ocasião de agradecer favores recebidos pelo canal de pessoas, a quem Deus dará, como já deu, propensão e possibilidade de praticar o bem.

Quanto aos avaros, durante êste mês, servir-se hão tão pouco do que teem como do que não teem. A morte constrangê-los há a transmitir a outrem o que, rapinando, não puderam tolerar que doutrem fôsse.

Aquele que meditar a valer na morte próxima, estóico que seja, sentirá a sua alegria tão turbada como Baltasar quando a mão invisível escreveu na parede o anúncio do seu fim iminente.

Pessoas haverá tão pervertidas ou tão estúpidas que terão por ofensa as verdades que lhes digam e a advertência de perigos que corram.

O verdadeiro filósofo, durante todo o mês de março, nada mais verá abaixo e acima de si que céu e terra unicamente.

Não há grandes dias que passei pelo dissabor de me encontrar cara a cara com um dêstes fanfarrões que, parece saíram das profundas do inferno, para desasocêgo da república e tormento dos homens de bem. Tenho muita pena em predizer aos meus semelhantes, que são honrados, que não poderão fugir durante êste mês a encontros análogos.

Por todo o mês fora e nos que vierem, o homem de carácter só temerá a Deus e a mais ninguém. Na terra, no céu, ou no inferno, a sua voz negativa ouvir-se há em todos os cometimentos que mortais ou demónios tramem contra a sua honra.

181

PARA O MÊS DE ABRIL DE 1751

XXVIII

CURIOSIDADES DA HISTÓRIA NATURAL

Tarambola chamam os portuguezes à ave scienti-
ficamente denominada *charadros*. Dizem os crédulos
que um doente atacado de icterícia fica curado mal
põe os olhos neste passaro. Da natureza dos gansos
bravos, vòa ao rez da terra e gosta de pousar na
água. Creio eu que o nome de *charadros* derive do
lago ou rio Charadro, na Sicília, onde havia grande
abundância destas aves.

O jesuita Pereira dá o nome de *torpedo* ou *torpido*
a um peixe que entorpece a mão de quem o pega.
Chamado *tramelga* em portuguez, é peixe muito
comum no Tejo e eu mesmo pesquei alguns e pude
verificar a estranha sensação que provocam. Alguns
maritimos tinham-me afirmado que, quando a tra-
melga morde o anzol, o entorpecimento se transmite
pela linha e pela cana à mão do pescador. Não é
também a primeira vez que vejo escrita tal fábula.

A verdade é que o entorpecimento só é possível quando se aperta na mão. Pesquei alguns que não podia segurar mais de dois minutos; mas também pesquei outros que podia guardar na mão tempo sem fim, causando-me apenas uma impressão levíssima.

«Há no Perú — diz Frésier — um verme chamado *pico* que se vai alojar nos pés da gente entre a carne e o couro, sem ninguê m dar por isso, e aí medra e se desenvolve, chegando a adquirir o tamanho duma ervilha. Põe ovos, uma espécie de lêndeas, que, ao extirpar a larva ou por falta de cuidado, se derramam pelas chagas e dão nascença a outros vermes. Por isso quando se procede à extracção, é costume deitar sôbre a fistula tabaco ou sebo.»

Êstes vermes são também muito vulgares no Brasil, onde, antes de deitar, mormente no verão, toda a gente tem o cuidado de ver os pés, não esteja nêles alojado o verme, que chamam *bicho*. Os escravos sabem arrancá-los de modo a não se inflamar a ferida nem a inçarem por meio das lêndeas. E' possível que no Perú também lhe chamem *bicho* como no Brasil, e que Frésier tenha adulterado o nome para *pico*. Plínio conhecia já o insecto que intitula de *teredo*.

Nos arredores de Colares, a seis léguas de Lisboa, corre uma ribeira, por sinal que rega fazendas de meu cunhado Araújo Banha, duma pureza e limpidez maravilhosas. Em suas águas, rola uma espécie de poeira dourada, muito subtil, poeira que ofusca

os olhos se o sol lhe bate de chapa. Sucede que estes átomos metálicos vão babando sobre as margens e prendendo-se às ervas, parecendo nas manhãs de sol uma chuva faiscante de pedrarias.

Tentei muitas vezes colher do pó precioso, mediante um tamis muito fino. As partículas, porém, são duma tenuidade tal que pouco ou nada conseguia. Estou, porém, em crêr, que uma destas pessoas, que chamam *fariscadores*, empregando os meios adequados, não perderia o tempo a apanhar o pó esplêndido, que muito provavelmente é oiro.

Gemonides chama Plínio a uma pedra, cuja virtude é grande para facilitar o parto das mulheres. D. António de Saldanha, governador de Angola, presenteou-me, há cerca de trinta e cinco anos, com uma pedra que possui a mesma influência benéfica, visto que, muitas vezes empregada, o êxito foi sempre completo. Ignoro se se trata da mesma pedra *gemonides*.

A minha é um quadradozinhó perfeito, obra da natureza, pelo que dizem, que não de artifício. Tem uma côr mineral a puxar para o cinzento, e, em proporção do tamanho, é pesada de mais. Se se põe de cima duma unha, vê-se mover distintamente.

O duque de Cadaval, cunhado de El-Rei, possuia também uma pedra de identica natureza, muito admirada por Lisboa inteira.

Estas pedras, quando verdadeiras, veem duma serra nas Índias Orientais. São tão raras como estimadas. A sua preciosidade foi diminuida ultimamente,

depois que os jesuítas descobriram o fabrico artificial. Tendo propalado que haviam encontrado uma mina delas, vendiam-nas pelos mais altos preços. Mas foi tal a inundaçào por essa Europa fora, que acabaram por se aperceber da falsificaçào e o comérccio decaiu a ponto de se vender cada pedra por menos dùm pataco. Hoje, as pedrinhas quadrangulares ou *gemonides* jesuíticas não valem nada. Em verdade, não possuíam virtude alguma comparável às verdadeiras.

Saurites é uma pedra que dizem encontrar-se no ventre dos lagartos. Em Portugal mandei abrir e examinei muitos destes répteis mas nunca pude topar a decantada pedrinha. Igualmente, nunca pude encontrar aquella outra que se forma na cabeça das andorinhas, por mais trabalho que me desse.

Sitim ou *Setim* é uma madeira incombustível, segundo rezam diferentes escritores. Do Brasil vem o *pau-ferro* que possui as mesmas qualidades. Pelo menos, se arde, é com difficuldade, sei-o por experiência.

Em minha casa havia dois castiçais de pau-ferro; as velas consumiam-se até resto, apagavam-se, e os castiçais, ao cabo de anos, estavam os mesmos ou sem differença sensível, como se fôsem de bronze.

Nos navios, sempre que prateleiras ou outros locais de arrumaçào são construidos com pau-ferro, os marujos deixam para lá as velas, a arder, sem se importar quando acabam. Os officiaes não teem nada que objectar, pois que estão ali como de cima duma pedra.

Do *Lotus* ou *lotos* em latim, *lódão* em português, se pretende que quem dêle come, esquece inteiramente a terra onde nasceu. Certas tribus na África, que comiam desta árvore, eram chamadas lotófagas. Di-lo Ovídio nas *Metamorfoses*: *Illo Lotophages, illo scirenas in antro*. Reza a fábula que a ninfa Lotos foi transformada na planta assim chamada. Também há um arbusto aquático com igual nome: *amnicolaeque simul salices et aquatica lotus*.

Numa região da Abissínia cresce uma árvore, cujas fôlhas são tão grandes que bastam para cobrir um homem. Denomina-se *enseté* e serve a muitos usos. Com as folhas fabricam tapetes, esteiras e muitas alfaias caseiras; das pernadas, extraem uma farinha que, cozida com leite, dá um manjar delicioso; do tronco, serrado em rôlos, vasos e utensílios; do cume toda uma alcofa de figos, mas de fraco paladar.

No Brasil também há uma árvore cujas fôlhas rivalizam em grandeza com as da árvore abexim. Pertencem, talvez, à mesma espécie. Lembra-me, apenas, que o Dr. Cardoso, médico português, me disse uma vez em Haia, que as folhas desta planta possuíam uma virtude singular.

— Uma negra, escrava minha, — contou-me elle — após parto, foi acometida duma hemorragia tão violenta, que lhe pôs a vida em riscos. Todos os remédios que lhe applicava não sortiam efeito. Sucedeu uma outra negra vir trazer-me a casa um molho de lenha e ver a parturiente. «Eu já a curo» — disse

ela. E correu ao mato a buscar fôlhas da tal árvore. Trouxe-as, envolveu a negra com elas e, à medida que a febre as mareava, substituiu-as por outras frescas. Ao cabo de horas, a perda de sangue cessava e três dias depois a negra estava livre de perigo. Por muitos anos, forte e de boa saúde, foi escrava em minha casa.

Passou-se o facto no Rio de Janeiro donde o Dr. Cardoso era natural. Esta história referiu-ma êle para demonstrar que há uma infinidade de simples na América, cuja alta virtude é ignorada dos médicos europeus.

XXIX

ACÊRCA DOS MAUS TRATAMENTOS QUE OS CATÓLICOS INFLIGEM ÀS IMAGENS DA SUA DEVOÇÃO

Na *Rélation du Voyage de la Mer du Sud*, de Frézier, lê-se a passagem seguinte: «Calmaria e ventos do Norte demoraram-nos três dias diante da costa. O mar era liso como a palma da mão. Desesperado, lembrou-se o capitão, que era espanhol, de rezar com a equipagem uma novena a S. Francisco Xavier para que nos propiciasse vento próspero. O milagre, porém, não se efectuou e marujos e passageiros começaram a murmurar contra os santos que não se tinham dignado aceitar-lhes os votos. O capitão, êsse, foi-se a uma Nossa Senhora de Belém, e pendu-

rando-a pela cabeça ao mastro da pôpa, fez-lhe esta intimação e mais vezes lha repetiu:

— Minha boa santa, enquanto não soprar vento de monção, não saís daqui.

E como aquella Virgem não lhe desse ouvidos, outras pôs a tratos naquele lugar, N.^a Sr.^a do Monté Carmelo, do Rosário, e da Soledade, tantas quantas dispunha no navio.»

No oratório da minha casa, em Lisboa, havia duas imagens, muito perfeitas, uma de N.^a S.^a da Conceição, outra de N.^a Sr.^a do Carmo. Lembro-me que estavam sempre atadas por fitas e fios de pérolas, quais prisioneiras, por doce tirania de minha mãe, na crença de obter por êste meio a realização dos seus votos, que todos êles se resumiam no saudoso desejo de tornar a vêr meu pai, ausente, havia muitos anos, em serviço de El-Rei. Para deparar coisas perdidas, submetia Santo António ao mesmo rigoroso tratamento; e, se o santinho fazia ouvidos de mercador continuando no mesmo pé o sumiço do objecto, ao cabo de três dias, minha mãe retirava a imagem do oratório e ia fechá-la no esconderijo; em seguida, persistindo o santo na mesma indiferença, metia-o na tulha; e, em último caso, como pena maior, ia parar ao poço do jardim, onde ficava a boiar sôbre a água suspenso por um cordel. Se neste entretanto minha mãe volvia à posse da coisa desaparecida, o que às vezes sucedia, a veneranda imagem era retirada do penitenciário e processionalmente, pois cada pessoa da casa empunhava uma vela acesa, condu-

zida ao seu pedestal. Ao mesmo tempo, todos celebravam a bondade milagreira do santo e no dia seguinte, fazia-se-lhe uma festa, seguida de banquete, para o qual eram convidados parentes e relações.

Se conto êstes factos, não é com o propósito de dar uma idea triste do carácter de minha mãe, que era uma santa e digna criatura. Deus e a sociedade são testemunhas do carinho e veneração que lhe tributava. Dela recebi boa educação, conselhos sólidos e salutares, e instruções próprias a inspirar-me no respeito e amor de Deus. Tudo o que um homem bem formado pode dever a sua mãe, eu o devo à minha. Acima de todas as criaturas, por sentimento e devoção, eu a coloco a ela.

Citando-a como protagonista destas pequenas anedotas, só quero demonstrar duas coisas: Primeiro, que não há senhora portuguesa, por muito pia e superior, que não caia nos dislates da superstição; segundo, que ninguêem deve levar a mal vêr-se citado nesta obra, pois que não o faço com intuitos de ódio ou malevolência, mas simplesmente com o fim de criticar o mal com a mesma franqueza e liberdade que ponho a enaltecer o bem.

Mas prosseguindo: na minha mocidade tive um oratório só meu, com aquella parte da côrte celestial que me era predilecta. Aí imperavam Santo António e S. Gonçalo de Amarante, por sinal muito provadas as suas imagens por minha desaforada tirania. Uma vez solicitei-lhes que me tornassem favorável certa beldade que, constantemente, me repelia.

Ocupados, porventura, em empresa de maior tomô, os dois santos advogados desdenharam dos meus votos. Comecei por atá-los de pés e mãos e remetê-los para baixo da cama; depois, relapsos ainda aos meus rogos, pois que ela continuava inflexível, transferi-os para a cisterna. Pouco a pouco, à medida que os dias passavam, os descí até o lume de água. E já a minha ameaça de afogá-los estava para cumprir-se, quando uma carta, em trôco de tantas minhas, os salvou do mergulho. Veio-me então ao entendimento que a minha grande felicidade a devia à fineza dos dois santinhos e em conformidade lhes agradei.

D. Pedro Henriques, moço da minha igualha, possuía uma imagem de Santo António, cuja cabeça era de engonços e andava à roda. Quando lhe acontecia pedir alguma coisa ao santo que não fôsse deferida, voltava-lhe a cara para as costas. Pretendia êle que o santo, inconsolável por não poder contemplar o Menino-Jesus que trazia ao colo, lhe concedia, por via de regra, tudo o que solicitava. Ora, como a Henriques faltava quási sempre dinheiro para bambochatas, o pobre Santo António nunca tinha a cabeça no seu lugar. Assim procedem os filhos de católicos, pintalegretes de quinze a vinte anos, no que vão pelas pègadas dos papás, apenas um pouco mais longe como é próprio de novinhos.

Há, porém, a considerar que quando se quere obter um favor de Santo António, trate-se bem embora da mais injusta e criminosa requesta, o pri-

meiro requisito para obter ganho de causa é arrancar-lhe dos braços o Menino-Jesus, maneira de exercer pressão sôbre a sua insuportável amargura. Mas nada é novo nas superstições do Catolicismo; iguais tratos cometiam os pagãos com os ídolos, a fim de os aliciar à sua causa.

XXX

A PROPÓSITO DE MULHERES DOUTAS

Nunca faltaram às mulheres defensores acérrimos das suas qualidades. Alguns, mesmo, levaram o zêlo a preferi-las aos homens, em matéria de espírito e de constância, coisas assim necessárias e apreçadas como o azeite e o vinagre.

O mais recente dêstes advogados é um portuguez, Félix José da Costa, que compôs um singular discurso sôbre o saber e a firmeza das mulheres, chamado *Ostentação pelo grande talento das damas contra seus émulos*.

Tanto êste como outros escritores, apaixonados pela defesa do seu cartel, empregam os esforços mais louváveis em provar assertos que, em boa verdade, eu não posso aceitar, porque me parecem falsos e pouco sólidos, senão absurdos.

As mulheres, asseguram-nos êles, constituem a metade do género humano — o que se admite sem ser

provado — e levam a primazia aos homens na delicadeza do espirito e na finura do gôsto — o que também pode ser exacto, mas não é extraordinário.

De certo que a mulher não é destituída de aptidão para as sciências; a prática das sciências é que lhe é avêssa. Por compleição e temperamento, para a vida interior e caseira é que ela está fadada. E neste âmbito mesmo, seria injusto não reconhecer que se encontram senhoras, com mais gôsto e mais delicadeza de maneiras ou de linguagem que os homens. Estou porém em crer que esta superioridade tem como razão principal a vénia que lhes rendemos. Sem o amor, talvez que não passassemos de tranquilos e sensatos admiradores de suas belezas e qualidades; e muitos dos encómios que lhes tecemos se devessem lançar à conta de favor que não de mérito.

Escritores há parecidos com os mocinhos que imaginam de boa educação nada recusar às damas. Daí vem a superabundância de espirito que lhes atribuem e a infinidade de dislates em que incorrem.

Era mercê dum conceito tão erróneo que Fabrício não se cansava de cobrir de louvaminhas a Clermunda.

Esta joven senhora — garantia êle — vai apenas nos dezanove anos; pois meteu-se-lhe em cabeça aprender o grego e o latim e, hoje, explica com a maior facilidade os clássicos mais obscuros; Persio, que é um autor abstracto, demanda, para uma boa interpretação, humanista consumado; pois ela lê-o

e comenta-o como o melhor latinizante a Vergílio ou Horácio. Disserta admiravelmente sôbre sciências e artes, empregando sempre a terminologia própria. Melhor que ninguêm sabe mondar da linguagem os termos corriqueiros e corruptelas; lê os livros novos aparecidos, e decide do seu valor e perdurabilidade. Nas horas de ócio, entretêm-se a aperfeiçoar a língua, enriquecendo o lexicon de locuções novas, e lançando-lhe à margem apostilas tão exactas como ponderosas. Numa palavra, Clermunda sabe de tudo e pratica de tudo.

Veio-me o desejo de conhecer uma criatura tão celebrada. Fabrício prontificou-se a apresentar-me e eu tive azo a desiludir-me sôbre os dons superiores de Clermunda, produto mais dum amor que idealiza que de méritos entrevistos à luz da realidade.

O que é Clermunda? Puerilidade e pouco mais. Verdade que recita trechos inteiros de autores célebres; mas o seu saber pára aqui. Dispõe duma memória prodigiosa, mas daí resulta, talvez, o seu entendimento ser tacanho. A sua cabeça é um repertório mal ordenado das passagens mais reditas dos poetas gregos, latinos e franceses. E se é verdade que as declama com uma volubilidade assombrosa, não é menos certo que o faz sem oportunidade e sem graça. O fluxo da sua bôca é inexgotável; faria calar os oradores mais veementes e os gramáticos mais afeitos à controvérsia. Um Stentor, um advogado, um sereno, um pregoeiro de profissão e ainda uma outra sabichona, não levariam a melhor à ba-

charellice de Clermunda, mormente quando quere mostrar-se senhora culta e sabedora. O ruído dos campanários todos de Lisboa, quando anunciam a aleluia, não é mais forte.

Muito menos Clermunda é capaz de reconhecer quando um sistema é verdadeiro ou falso. O seu autor predilecto é aquele que decide peremptória e magistralmente sôbre problemas mesmo que não entenda, contanto que o seu estilo seja de moda. Esta é a condição necessária para obter o seu sufrágio.

Gasta rios de dinheiro em livros e folhetos, dos mais extravagantes aos mais quiméricos; não obstante, se soubesse que numa dada brochura não haveria mais que bom senso, elevação e método, não daria por ela um pataco falso.

Sei o conceito em que de ante-mão tem a minha obra. Pode criticar-me à vontade, espostejar-me, dizer o diabo, contanto que não negue a franqueza que ponho em comunicar ao público os meus sentimentos. Quanto a mim a idea que faço dela é constante, emquanto constante ela se mostre.

A ultima vez que tive a honra de lhe falar foi na sua rica e numerosa livraria. Disputou-se sôbre filosofia e separamo-nos indispostos. Aí tive ocasião de me convencer que a sabedoria nas mulheres não passa, em geral, de presunção, apoiada por uma vivacidade que só agrada a inteligências medianas, ou áqueles que não se dão ao trabalho de raciocinar.

Clermunda forneceu-me, também, a ocasião de observar que celebridades há feitas á força de bater a

tecla extravagante e mediante um crédito que começou a avolumar-se, imprevista, miraculosamente, balofo e vazio como odre de vento. Por onde outras pecariam, com bom razão, impuseram-se elas; caminhando contra as regras do bom senso chegaram onde, em boa consciência, deviam ter escorregado. Os defeitos foram a sua condição de triunfo, como para outras, mais idóneas, mais calculadas e merecedoras de êxito, seriam o inevitável escolho.

Félix José da Costa sustenta que, postas a competir com os homens em belas-lettras, as mulheres, todas por igual, seriam as primeiras. E com celebrar os progressos extraordinários de algumas, dadas por sua recreação ou tendência ao exercício das letras, mostra-se pasmado e envergonhado em sua qualidade de homem.

De acôrdo e sem paradoxo. Conhecidas de sobra são as Castros, as Silvas, as Lacerdas, as Safos, as Corinas, as Scudéris, as Daciérs, as Schurmans, as Rowes e tantas outras que passaram à posteridade. Fizeram estas as delicias do seu tempo e ainda hoje são a honra do seu sexo. Á saciedade comprovaram que o gôsto e a delicadeza feminina se compraz e muito bem com a cinzeladura do estilo e os jogos do entendimento.

— «Mas que indica tudo isso? — um misantropo poderia exclamar. — Efeito, um puro efeito de imaginação feliz. Na obra de todas estas duntas criaturas se há brilho, a solidez é pouca e o fundo de pouco pé. Uma mulher douda, a pontos de ven-

cer em controvérsia um sábio da Grécia, é — permita-se-me a comparação — como um bonito e dextro cavalo de circo ou uma bela e rica arma. A arma tem maravilhosos lavrados, singulares e finas peças de serralharia; é um primor. Mas porque assim seja, rara e preciosa, terá ganho em utilidade? De certo que não. É agradável de ver; dá orgulho mostrá-la; mas não acode à idea de ninguém que tenha outra serventia que estar de luxo numa panóplia. Numa palavra, nem presta para a guerra, nem para a caça. Ora, não se pode dizer o mesmo dum cavalo de circo e duma mulher douda?

Não gosto de demorar-me com as opiniões de misantropos, susceptíveis de quarentena. Verdade, que nem todas são gratuitas, e que, portanto, forçoso é admiti-las, depois de joeiradas, para se não cair no êrro contrário dos insensatos louvaminheiros. Uns e outros pecam pelo exagero. Em meu foro, creio que não há nada mais frágil que a mulher. Nisto aparceiro com Cícero que reputava a mulher incapaz de emitir um bom parecer. Era dentro dêste princípio que a lei romana lhe impunha um procurador no tocante à educação dos filhos.

Ora, sendo assim, pode sôbre esta fragilidade fundamentar-se a robustez de espírito e inteireza de juízo que teimam em attribuir-lhe como qualidades muito suas?

Ás damas voto um affecto, estima e respeito sem limites. Não pretendo negar-lhes poder de raciocínio e discernimento. Conheço, mesmo, algumas muito cri-

teriosas e desenganadas. Mas persisto em crer que raramente o entendimento delas é dotado de todas as disposições necessárias a tentar com êxito o estudo das sciências abstractas. Examinar e profundar os mistérios da natureza e decompor-lhe os elementos, mergulhar no abismo dos tempos e sujar os dedos na poeira dos séculos, não é compatível com a sua índole, nem susceptível das suas fôrças. A nossa superioridade está neste campo, a delas noutro, parece-me bem que se podem julgar quites. Na sciência de ser amável e adorável, inteirando-se bem das noções do seu dever, firmando-se nos mandamentos de lealdade e fidelidade, realizando a união absoluta com o homem, dois corpos num só corpo, duas almas numa só alma, está o seu forte e o seu império. Mais, está a sua felicidade e a nossa.

D. Francisco Manuel, illustre por nascimento e mais illustre ainda pelo saber, cifrava a sciência da mulher em saber arrumar um baú de roupa. Esta sentença se lê na *Carta de Guia de Casados*.

Ao tempo, era religiosa no convento de Odivellas, uma D. Feliciano de Milão, que ganhara fama de douta. Estimulada com os assertos de D. Francisco Manuel no que respeitava ao seu sexo, procurou a freira entrar em comércio com elle. E, certo dia, um amigo comum conluiado com ella apresentou-lho no locutório.

A religiosa, em presença de D. Francisco, fez estendal de toda a sciência divina e humana que conhecia, de modo a capacitá-lo, por seu exemplo,

quanto o juízo do moralista sôbre as mulheres era injusto e precipitado. Ouviu-a o escritor com muita atenção e prazer. E certa do seu triunfo, pelo menos na parte que lhe dizia respeito, disse-lhe ao rematar o encontro :

— Julga-me capaz, senhor D. Francisco, de arrumar bem um baú de roupa ?

— Minha senhora, — respondeu elle — julgo-a em estado de poder arrumar até dois.

E, falando certo, castigou D. Francisco a prosápia da freira.

Sem desfiar aqui o rosário de senhoras, cujo saber me é respeitável, seria deslustre não lembrar a condessa de Bedford, cuja memória escreveu o dr. Donne, e passou por ser a mulher mais illustre do tempo.

Mas êste e outros exemplos não podem constituir a prova cabal de que o belo sexo seja mais apto para as sciências que o outro sexo.

Através da historia poderá coligir-se, é verdade, um magote de mulheres doutas que igualaram ou até excederam, se assim o exigem, os mais belos espíritos de homem que têm havido; lá de muito longe em muito longe, uma destas luminares aparece. Perfeitamente; mas são estes fenómenos tão extravagantes como raros. O comum é homens enaltecerem, elevarem ao sétimo céu mulheres que pegam com uma certa habilidade da pena, ou atiram a público com duas ratices bem imaginadas. E como aquella ordem de aduladores é densa e esta ordem de damas rara, daí as mulheres doutas e prodigiosas.

Quando alguma se distingue, é próprio do carácter admirativo do homem engrandecê-la; é uma homenagem ao sexo; é um tributo á singularidade.

Disse que havia pouca robustez no entendimento da mulher e disso estou convencido até a medula. O seu espirito, diria um gracejador scéptico, a nada melhor se compara que a fogo de palhas; se se avalia da chama pelo fumo não há maior; mas, vista de perto, nem é activa, nem de dura, nem de consequência. Uma matrona, tendo-se apresentado um dia perante os juizes a pleitear a sua causa, de tal modo se conduziu que, aterrorizado, o Senado Romano mandou consultar os oráculos para averiguar da significação do prodigio. Nos tempos que correm, o silêncio duma mulher espantar-nos-ia mais que a garrulice da matrona aos bons dos senadores.

O rei Numa, promulgou varias ordenanças, muito severas, contra o falatório das mulheres, chegando a proibir-lhes o uso da palavra, excepto quando o marido fôsse presente. A observação desta lei não remontou até nós; nem poderia ressuscitar-se tão diametralmente é oposta aos modernos usos e costumes da grêi feminina. Numa, se voltasse e tomasse a peito o cumprimento da ordenança, mandava matá-las a todas; e ficavamos viúvos; e extinguir-se-ia o género humano.

Se bem observe, é graças a esta planturosa loquacidade que se exaltam como doudas, mulheres que apenas reúnem duas condições ao título: imaginar-se que o são, e ter fôlego para discorrer três horas a

fiu sem esgotarem — que digo eu? — sem ter abordado sequer um assunto.

Conheço uma toleirona desta espécie. Nas sociedades da sua igualha, mercê de linguaeirice ou casquilhice, que aliás assenta mal á sua idade outoniça, preside sempre, impõe-se. Tinham-me falado dela com encarecimento, apresentando-ma como senhora muito prendada em espirito e maneiras. Encontrei-a algures e dei-me à paciência de a ouvir e de a estudar. Ser-me-ia impossível fazer uma resenha das misérias e necedades que lhe escaparam da bôca. Além disso grosseira como uma mulher a dias.

Por affectação de lisonja para com as amigas e conhecidas, a todas dava o tratamento de *mylady*, titulo que, em boa verdade, se desonrava na senhora *Bacorina* e na senhora *Valenada* e outras comparsas de igual jaez. Tendo, porém, a conversação recaído numa dama que o casamento elevava á plana acima da sua, cometeu a baixa malignidade de recusar-lhe o epíteto de *mylady* para designar simplesmente por *mistress*. Sabido é que em Inglaterra este tratamento é já incivil, applicado à esposa do mais simples cavaleiro.

Esta forma de achincalhe é testemunho eloquente dum espirito mesquinho e dum orgulho mal ensinado. A má educação anda à tona do feito, como o azeite ao decima de água. Mais uma vez a criatura traíu a origem equívoca donde emana e que as suas joias não são bastantes para esconder.

Raparigas há também que se enghem em figurar de sábias quando deviam, apenas, tratar de ser sudsadas. Creio que pouco teem a ganhar com a pretensão. Lá diz o ditado :

De mula que faz him !
e de mulher que sabe latim,
livre-te Deus e a mim.

A sapiência na mulher deve ser como o sal na cozinha ; nem muito, nem pouco ; regrado.

XXXI

A PROPÓSITO DE NAVEGAÇÃO E VIDA DO MAREANTE

A náutica é uma das mais belas e úteis sciências que o homem descobriu. Mediante ella, entrámos na posse de riquezas sem conto e dissipou-se a ignorância em que estavamos sôbre as maravilhas do Criador, dando-nos a conhecer uma infinidade de países, reinos, religiões, costumes, animais, plantas, árvores, frutos, etc. No fim de contas, é nossa obrigação agradecer ao Senhor o ter dado vida a homens de paladar pouco exigente, a pontos de conseguirem limitar o passadio a *stock-fisch*, espécie de peixe-pau, e a biscoito, para poderem regalar-nos com o que as quatro partes do mundo produzem

de mais fino e saboroso. Graças pelo grosseiro gôsto com que os dotou e, também pela coragem que lhes incutiu, provada a cada momento no abastecer os apoticários de drogas e simples, necessários à saúde e salvação humana.

Catão confessava o seu arrependimento em três espécies de coisas: ter deixado passar um dia sem praticar algum bem; haver confiado segredos a uma mulher; e empreender por mar uma viagem que poderia fazer por terra.

Quanto a mim, Catão tinha razão. Na minha mocidade, muitas vezes afrontei com prazer os perigos a que andam expostos os navegantes. Vi a morte de perto, e sempre por temeridade. A pesca era um dos meus passatempos predilectos, que eu exercia com bom ou mau tempo, não só de dia mas até de noite. A's vezes o mar alteava-se em borrasca brava.

Verdade, esta minha audácia não era natural. Trazia sôbre mim relíquias sagradas, daquelas que, segundo a voz da superstição, preservam de naufrágio. Confiado na virtude dos meus talismãs, não raro tentei a Deus, que se dignou perdoar à minha santa ignorância. O escapulário de N. S.^a do Carmo andava ao meu peito, por ser a melhor garantia, segundo a tradição carmelitana, contra os riscos do mar. Um dia, porém, um frade da ordem afogou-se em pleno Tejo e a minha credulidade passou à história. Conservei-me, é certo, fiel devoto de N. S.^a do Monte Carmelo, mas descrente das virtudes miríficas do escapulário.

Muitas vezes fui provado em viagem por mar. Numa delas, de Lisboa para Amsterdão, aconteceu o navio ser batido duma tão grande tempestade que a minha antiga e aventureosa coragem se transformou no firme propósito de fugir o mais possível a semelhantes perigos. De lances graves me vi ainda protagonista no Reno e no Danúbio, o que acabou por me intimidar.

Assim, não deixei de sentir os meus receios quando ultimamente tomei um barco de Holanda para Inglaterra. O trajecto foi bastante castigado pela vaga que era alta; e com isso, se confirmou a minha aversão pelo traçoeiro elemento. Como já são muitas as razões que se combinam a que passe o resto dos meus dias em Inglaterra, a repugnância de me ver sôbre as ondas não contribuirá com menos fôrça a radicar-me neste propósito.

Dizia certo filósofo que o navio é um *louco*, porque está em movimento perpétuo; o marinheiro *louco*, porque varia consoante varia o vento; a água *louca*, porque nunca repousa; e o vento *louco*, porque anda sempre a correr. De acôrdo com o filósofo, acrescento eu que há muita imprudência em se entregar um cristão a uma tão *louca* companhia.

Se é para aprender a rezar que o homem embarca, não há nada melhor. Em parte nenhuma se ora e se repete com fervor o nome de Deus como no mar. *Qui vult scire preces, aequoris intret aquas.*

Não há profissão mais arriscada que a vida náutica — tenho lido em muitos autores. É certo. Para

o homem do mar, continuamente, apenas uma táboa está de permeio entre a vida e a morte. Com freqüência, tem de lutar com os quatro elementos, a um tempo; succede-lhe às vezes ser queimado vivo no meio das águas; o seu fito é varar em terra e a terra é que o despedaça; o vento é a sua esperança e simultaneamente a causa da sua ruína. Anda de Seca em Meca carretando riquezas e o que granjeia, não raro, são misérias, moléstias e um fim trágico.

Certo que se ganha a morte tanto aqui como acolá, ou antes deitando-nos a morte a garra sem exclusão de lugares, não há mister em que o homem esteja a resguardo dos seus golpes. Despido do meu vício antigo de correr mar e de andar à pesca, arrancho com os escritores que consideram a vida náutica, triste, trabalhosa e temerária. De todos os elementos, a água é o mais pérfido, a meu ver. A calma é a máscara da tempestade, e o ventinho fagueiro a guarda avançada do furacão.

No fundo reconheço que o marinheiro não anda mais exposto à morte que outro qualquer homem seja qual fôr a sua condição. Acode-me uma anedota, de pensamento fino e saboroso. Fernando Teles da Silva, tio do conde de Unhão, subia um dia o Tejo, de Lisboa para Santarém, embarcado numa bateira. O tempo estava desabrido e a água encapelada. Naturalmente Teles da Silva foi levado a falar nos perigos a que andam expostos os navegantes.

— Eu cá — disse o arrais — não sei que coisa é medo. Meu avô, meu pai, e um irmão meu morreram afogados no rio, no mesmo rumo que hoje levamos. Se o meu destino é acabar como êles, paciência!

— Então não sente receio, — contestou Teles da Silva — depois dêsses exemplos todos, de continuar numa vida tão arriscada?

— Vossa Senhoria tenha a bondade de me responder: — tornou o barqueiro. — De que morreu seu pai?

— Meu pai morreu na cama, com os dias todos.

— Talvez que seu avô não tivesse a mesma dita?!

— Qual?! Meu avô morreu igualmente na cama com os dias cheios.

— Bem; explique-me agora Vossa Senhoria como é que tais exemplos de família o não impedem de se deitar todas as noites na cama, uma vez que foi aí que os seus acabaram a vida?

Se Teles da Silva, ainda anda no mundo, e lhe chegar às mãos esta obra, deve lembrar-se que me contou a historieta em sua casa, nas lezírias de Santarém. Lembra-me, ainda, que o fidalgo achava razão ao catraeiro. De facto o homem traduziu com justeza e rara felicidade um pensamento de alta filosofia.

Quanto ao pavor da morte, certo, sou da opinião do arrais. Tem-me poupado muitas vezes, na terra e no mar, mas nada me garante que me não saque da cama quando menos o espero, ou agora mesmo, antes de pôr ponto neste parágrafo.

XXXII

SUPERSTIÇÕES QUE VEEM DE LONGE

No ano de 1714, estava-se no mês de julho, tomei um barco para a Póvoa, aldeia ribeirinha que fica a cinco ou seis léguas de Lisboa. A alturas de Sacavém, desencadeou-se uma tão furiosa tempestade que duas embarcações se afundaram num repente e nós vimos a morte diante dos olhos. Invoquei neste transe N. S.^a da Penha de França e tive a sorte de escapar do naufrágio, aportando felizmente à terra.

No regresso a Lisboa, dirigi-me com meus pais e próximos à igreja da Penha de França agradecer a Nossa Senhora o milagre que obrara em meu favor. Mandámos rezar missas no seu altar, deixámos uma esmola em dinheiro, e na parede pendurei um retábulo comemorativo da graça que me dispensou. Ainda lá deve estar, entre os muitos que cobrem os muros do templo.

Abundam estes painelinhos nas igrejas católicas, a recordar um milagre, ou útil intercessão de Virgem ou de santo. Mas nisto, ainda, é imitado o Paganismo e outras religiões idólatras, como se lê nos antigos e descrevem os viajantes.

Neste capítulo e noutros, as superstições andam a par. Assim os católicos portugueses consagraram o rosmaninho a Nossa Senhora a pretexto de que

era com esta planta odorifera que a Virgem perfumava os cueiros do Menino-Jesus. Os pagãos votavam o mirto a Vénus. Mas não levavam a candura a supor que com ela aromatizasse a deusa a roupa branca de Cupido.

No mês de agosto celebram os escravos em Lisboa a festa de N. S.^a das Neves, durante a qual gozam da mais franca liberdade. A mesma concessão lhes é feita no dia consagrado a N. S.^a do Rosário. Idêntico privilégio usufruíam os escravos na antiguidade, durante as Saturnais que caíam no mês de dezembro.

O sábado é o dia de Nossa Senhora. Devotos da Virgem praticam a observância à sua maneira, e eu conheci uma rapariga portuguesa que tinha uma maneira singular e curiosa de santificar esse dia. Profissional da vida airada, era-lhe defeso, a bem do bom crédito que gozava e das exigências da clientela, interromper-se na prática do seu comércio. Todavia, para testemunhar deferência e devoção pelo sábado, não empregava em seu benefício os salários que ia auferindo. O dinheiro de abominação punha-o totalmente de parte; e, escrupulosa, entregava-o ao confessor para dizer missas em honra da Virgem Maria e alívio das Almas do Purgatório.

No Paganismo há uma prática aproximada. Conta Luciano que as mulheres que não desejassem ir à tosquia durante o tempo de luto que em Biblos se votava à morte de Adónis, eram obrigadas a se

prostituir durante um dia aos estrangeiros. A receita proveniente vinha a ser aplicada no culto da deusa Vénus.

XXXIII

JUÍZO INFALÍVEL DO ANO DE 1751

Abril

Durante este mês, a voluptuosidade do avarento consistirá em não tocar na fazenda; pelo contrário o dissipador, gastando à farta do seu e do alheio, só sentirá voluptuosidade quando pensar no que perdeu. São duas extremidades; a extravagância do dissipador fica à direita e a estupidez do avaro à esquerda. O contrapêso está na boa utilização dos bens deste mundo.

Quanto menores forem os nossos desejos menor a injustiça que tenhamos a sofrer dos homens. A moderação servirá ao homem sapiente como de pedra filosofal. Com uma fortuna modesta será tão rico, quanto o avarento é pobre no seio da abundância.

Os casamentos, contraídos com a mira no dote que não no amor e na virtude, teem um nome êste mês e guardá-lo hão no mês que vem: compromissos desgraçados. Consultei os astros e li que estas alianças raro deixam de ser funestas.

Aqueles que andem empenhados em casar neste abril empregarão o melhor dos seus esforços em não se mostrar o que são. A dissimulação permitir-lhes há esconder fracas e disfarçar mazelas. E' um verniz que desapareceu já naqueles que se casaram o mês passado.

Á imitação da aranha, os magistrados estenderão as suas rêdes para colher bandidos e meliantes; apenas, porém, ficarão nas malhas as mûscas mais insignificantes, ratoneiros de cutiliquê.

Durante êste mês, o invejoso nutrir-se há do próprio coração, devorando-o noite e dia, lentamente. Se não vier a corrigir-se, o miserável será detestado dos homens, maldito de Deus, bemquisto, apenas, do Demónio.

O móbil dos actos humanos continuará a ser o intêresse. E' êle que faz girar o grande e o pequeno, o homem e a mulher, tudo o que se agita, tudo o que se move. Ao mesmo tempo, foi êle que o mês passado, sufocou sentimentos que eram nobres no coração de muita gente, rompeu ternas ligações, apartou irmãs e amantes. De-certo que por todo o corrente dêste mês, o funesto, o negregado intêresse não deixará de produzir efeitos identicamente desastrados.

As pessoas menos favorecidas da natureza serão, neste mês primaveril, as mais opiniosas em bem trazer. Porém, quanto mais afinco ponham em adornar-se, mais avultarão os seus defeitos de corpo. Sem galas e sem enfeites, talvez a sua canhestra natureza passasse despercebida.

A indigência será tão insuportável êste mês, como no pretérito. Esmagará pessoas ilustres e de qualidade, que só certos irracionais de duas patas não saberão lamentar.

Gigantes imprevisitamente tornar-se hão pigmeus; anões, por ascensão imperceptível, atingirão uma altura imensurável.

O menor dos nossos inimigos poderá fazer-nos mais mal do que bem o melhor dos nossos amigos.

A presunção dum homem meritório será considerada como brotoeja de virtude. A presunção dum néscio confirmará apenas o justo título que tem a admissão num manicómio.

O homem que, durante êste mês, se mostrar de acôrdo consigo, pode ficar certo que não lhe falta muito para estar de acôrdo com o céu no mês que vem.

PARA O MÊS DE MAIO DE 1751

XXXIV

PESSOAS NOTÁVEIS PELA FÔRÇA

Sansão é o homem de mais fôrça que houve na antiguidade. Canta-lhe as proezas a Escriitura Sagrada, não é permitido duvidar. A seguir, pelos tempos fora, outros o imitaram: Hércules; Polidamanto; Tritano que derribava um homem com o impulso dum só dedo; Bussequa que segurava um toiro bravo com a direita e colhia e detinha outro, à passagem, com a esquerda; Radamanto de Mântua que partia com as mãos um cabo de navio; Fernando Burgo que subia uma rampa com um burro às costas, carregado de lenha. A *Apologia* de Hakewil e a *Teologia fisica* de Derkam abundam em fenómenos de fôrça e resistência. Fronsberg, barão de Mindelheim levantava no polegar um tambor com homem em cima; Roman erguia um boi do chão e marchava com êle ao alto.

Em Lisbôa vi eu um inglês que levantava nos dentes, presa por uma corda, uma peça de artilharia. Aí presenciei, igualmente, um espanhol de Valência agüentar sôbre o peito, deitado no chão, uma

pedra enorme, que outro ia estilhaçando à martelada. Em Lisboa, também, uma mulher dansava na corda com dois cêstos amarrados aos jarretes, tendo dentro os filhos, um de três, outro de quatro anos.

D. Pedro Henriques, fidalgo meu amigo, pegava duma mó de moinho caseiro, estendia o braço direito com ela na palma e agüentava assim três ou quatro minutos. Depois mandava-a à distância de dez a quinze passos. Numa festa dada em honra de N.^a S.^a da Piedade, em casa do duque do Cadaval, estando o Rei presente, fui testemunha do seguinte feito: o marquês de Alegrete, Manuel Teles da Silva, decepar a cabeça dum toiro, com uma só espadeirada. Êste nobre, bem como tantos outros portugueses e espanhóis, duma estocada em combate singular, prostrava o toiro mais ardido e valente.

Nos meus vinte anos não lhes era inferior, provado que nenhum dos meus amigos seria capaz de lançar mais alto que eu, apará-lo e torná-lo a jogar, um pelouro de ferro de dois arráteis. Equilibrado na ponta dos dedos, braço hirto, passeava ainda um tronco de árvore que hoje não teria fôrças para mexer do chão.

De D. Pedro II de Portugal e de Augusto II da Polónia se conta que partiam uma ferradura em pedaços e que, por folgança, rebentavam um cavallo com o apertar entre os joelhos. Êstes dois príncipes mantinham estreito comércio epistolar, não que os negócios do Estado o exigissem, mas para se comunicar seus feitos de fôrça bruta.

Não obstante o que alegam os portuguezes em favor do seu rei, Augusto II era mais forte. E para prova, basta o soberano da Polónia ter quebrado uma perna ao Diabo, arrancar d'ele e deitá-lo pela janela fora. D. Pedro II, é factó, agarrava dum sacco de pão e lançava-o sôbre o ombro; depois com o braço livre, travava dum segundo, e atirava-o sôbre o outro ombro.

Um dia, apresentou-se na côrte um rapagão de vinte e cinco anos, pedindo licença para mostrar a el-rei suas habilidades em fôrça. Aceito o que, rogou que lhe trouxessem três sacos cheios de pão; com os dois primeiros fez o mesmo que D. Pedro; quanto ao terceiro, pegou d'ele com os dentes e arremessou-o sôbre o sacco que já tinha no ombro esquerdo. A façanha surpreendeu os cortesãos, mormente o rei que não cabia de pasmo ante o poder e destreza do homem. Contam que el-rei pretendeu imitá-lo, mas debalde.

O valentão excedia em altura a todos os portuguezes do seu tempo; era magro, ossudo e comia por quatro. Não sei o nome d'ele; chamavam-no na côrte o *Menino do Freixo* por antonomásia da aldeia em que nascera. Mais duma vez deu mostras da sua fôrça extraordinária. Um estouvado, cioso da sua valentia, desafiou-o para duelo; ao cumprimentarem-se em sinal que o repto era coisa assente, o *Menino* de tal modo apertou a mão do adversário que lhe britou os ossos todos, deixando-o em estado de nunca mais poder segurar a espada. Era um autên-

tico hércules; deitava as mãos às chedas dum carro, puxado por seis bois ou seis cavalos, e parava-o. Como esta, forneceu muitas outras demonstrações de esforço sôbre-humano.

De Augusto II reza a crónica que um belo dia, perdendo-se à caça, foi bater a casa dum ferrador onde deu o cavallo a ferrar. Quando o homem ia a deitar a ferradura, o rei pegou dela a ver se era de boa qualidade. E a brincar, como quem parte palitos, fê-la em duas metades. Trouxe-lhe o ferrador outras duas e ambas quebrou com igual facilidade.

— Não prestam para nada, — rosou el-rei — mas ferre lá... ferre.

Feita a operação puxou D. Augusto de três escudos e meteu-os na mão do homem.

— Deixe vêr, tio — disse uma rapariga que ali estava, dos seus quinze ou dezasseis anos de idade. — Pode ser que o dinheiro dêste senhor não seja melhor que o ferro das ferraduras.

E, um a um, partiu a moça os três escudos do rei.

Quedou Augusto II maravilhado do que via e, ainda que se sentisse derrötado, teve a generosidade de conceder uma pensão à moça prodigiosa.

Em Viena, ao ver diante de mim o conde Miltzin-Filtzin-Siltzin, costumava eu dizer que era o homem mais forte do meu conhecimento pois trazia ainda indelével na face, e já lá iam sete anos, a marca do belo sôco que lhe applicou o general T****. O conde

de Tarouca não engraçava com êste litrambo de nova espécie, imaginando-o feito para atingir o marquês de Alegrete, seu irmão, que há muitos anos trazia as ventas assinaladas por um murro que lhe deu em plena praça de Lisboa D. Rodrigo da Costa, visó-rei da Índia.

Imagina muita gente que êstes bruta-montes de fôrça são dotados sempre duma estatura avantajada, fora das márcas, e nisso se enganam. Pelo que li dêles, e pelo que vi, são homens consoante os outros, às vezes dum talhe abaixo do mediano.

Pedro Henriques, além de extremamente magro, não excedia a craveira vulgar; o marquês de Alegrete parecia de compleição delicada, mais sôbre o baixo que sôbre o alto. Verdade seja que D. Pedro II e o *Menino do Freixo* e ainda outros possuíam uma corpulência não comum, mas muito longe de ser gigantesca e fenomenal.

Que os homens não se medem aos palmos — provou-o o rei Pepino de famigerada memória que, por sua estatura atarracada, era a veia cómica da côrte. Um dia, reunida a nobreza no anfiteatro, mandou soltar um toiro bravo e um leão, ao mesmo tempo. Filou-se o leão na cernelha do touro, com tal presa, que o combate não tinha mais honra.

— Qual de vós desce à arena a escorraçar o leão? — perguntou Pepino para os nobres cavaleiros que o rodeavam.

E como nenhum se oferecesse, atónitos com a proposta, êle mesmo desceu à liça e crescendo sôbre o

leão, de espada desembainhada, dum só golpe lhe fez saltar a cabeça. Depois voltando-se para os áulicos, proferiu:

— Sou ou não digno de ser vosso rei?

E' natural, todavia, que a uma fôrça exagerada corresponda uma estatura invulgar. Flávio José fala dum certo Simão, fâmulo do rei Herodes, notável pela bravura, o talhe desmesurado, e a audácia; audácia, que o levou, após a morte do amo, a pôr a coroa real na cabeça. Foi seu contemporâneo um outro hércules, chamado Atronge, tão determinado como éle, pois acalentou a ambição de ser rei. E éste tinha quatro irmãos, quatro varas iguais a éle.

XXXV

MULHER SISUDA E MULHER GARRIDA

Muitas vezes tenho lido que mulher bonita e séria ao mesmo tempo é coisa rara. O asserto tem muita voga e, não obstante, eu o julgo exagerado, por fundado sôbre as aparências que são enganadoras. Em verdade, menina há que passa por virtuosa e é um demónio, e outra que tem tino e ninguém dá dez réis pela sua virtude. E succede assim com esta espécie de mulher, porque forte no seu sério não toma grande resguardo em defender-se das exterioridades que pareçam depor contra ela. E sôbre esta

base falsa se alicerca o juízo que o vulgo forma das mulheres.

Tomásia guarda segrêdo dos anos que tem, e, em boa justiça, é o único que guarda inviolavelmente. Sisuda, mofina por já não ser desejada e suspirada, busca compensar, pela modéstia, a sua formosura emurchecida. Compõe o rosto de modo a nêlé se reflectir uma tristeza inconsolável. Para o público, reveste-se duma virtude feroz e faz semblante de se ofender se lhe dirigem vozes lisonjeiras. Procura, ainda que debalde, dar-se aquele tom de desdenhosa altivez que tanto realça a nobreza duma bella mulher. Mostra-se apavorada com presentes, como finge um arrepio ante as licenciosidades da Comédia, e, todavia, ella que é leviana por índole, amiga da garridice, rende-se de bom grado ao galante que lhe traga uma joia rara ou um tecido precioso. Torna-o o seu favorito, e, se mais não lhe concede que as pequenas finezas ditadas pela gratidão, é porque elle não sabe, pela ousadia, levar sua segada mais longe.

A constância do seu coração é matéria de fé, sobre que ninguém diverge. Amou, fica eternamente fiel ao primeiro amor. E, se devido a considerações particulares, aceitou novos compromissos, no fundo da sua alma arde a saudade imorredoiira, a pungente ternura por aquelle que obteve o primeiro sorriso das suas graças.

Esta mulher, espelho perfeito da inconstância do seu sexo, tomou a capricho parecer mais séria que as sérias. Para tanto, frequenta as igrejas, com o

que dá um espectáculo de piedade e mostra ao mesmo tempo as suas joias esplêndidas e luxuosos vestidos. Com a devoção vem a caridade e, por alarde, faz-se caridosa. Que seja hipócrita — faz bem; é humana.

Passa o dia inteiro ao toucador, menos o tempo em que deve exhibir-se mergulhada em santa e edificativa leitura. Tôdas as noites, mesmo, lerá ante a família reunida um capítulo da Escritura Sagrada. A Comédia poderá desviá-la uns dias entre outros de tão pio exercício; mas fá-lo com náusea, como quem cumpre à sobreposse um dever de sociedade.

O seu ânimo é dóce e afável; tem bom coração e trata com modo muito brando as criadas. E' delicada e cheia de atenções para com os vizinhos; fala-se dela como duma santa.

Tomásia, no fundo, não passa duma destas mulheres complexas, por natureza inclinadas ao mal. O seu primeiro enamorado, que é pessoa de respeito e a conhece à maravilha, diz:

— Tudo nela é artifício, e simulação. Possui todas as falhas... e nenhuma das virtudes do seu sexo.

Ambrósia, pelo contrário, esquecendo que os conceitos se tecem com as exterioridades, zomba das aparências e daqueles que delas fazem caso. Conhece muito bem Tomásia e outras de igual jaez. Sabe que estão tão habituadas em disfarçar-se noutras que nelas mesmo acabam por parecer em disfarçe. O porte delas não a seduz. Não bate no peito, nem se ostenta em atitudes de piedosa hipocrisia para com Deus e a sociedade. É risonha, jovial, galante, tra-

vessa ou inconstante como lhe requiere o carácter.

A sua honestidade não se arma de manhas, nem de artificios. Não tem mêdo dos homens; a uns surpreende por ditos cheios de graça ou leve malícia, a outros ataranta-os com suas maneiras livres, posto que sem soltura. A todos encanta pela sua beleza tão desempoeirada e pelo seu espirito tão espontaneamente buliçoso. Há uma viva idolatria em volta dela de parte de todos os que a conhecem.

Os modos francos, a expansibilidade tão lêda desta rapariga desconcertam as sisudas em sua morfanha e carrancuda austeridade. E, ciosas e malfazejas, propagam a todos os ventos que Ambrósia é doida e leviana. Tomásia é a tecedeira-mor da intriga. Na sua bôca Ambrósia dará, se não se deu já, um pontapé na virtude com o primeiro que lhe acenar.

Ambrósia percebe a trama tôda da calúnia e não muda. Mudar seria a dissimulação e ela é a criatura lisa e leal que não aceita confrangimentos. Não busca nem tem que salvar as aparências e nela a virtude defende-se por si. Poderia desafiar as sisudas, poderia desafiar suspirosos e enamorados de provar a mais leve quebra do seu pudor.

Que Ambrósia é leviana! Ambrósia é tão discreta e tão nobre que não ousaria dizer em voz alta o que são a maior parte das sisudas na opinião dos entendidos.

XXXVI

ACÉRCA DE COMEDIANTES

«A condição dos comediantes, diz La Bruyère, era tida como infamante entre os Romanos e como honrosa entre os Gregos. Nós... nós pensamos acérca dêles como os Romanos e vivemos com êles como os Gregos.»

Reza a história que uma cidade da Grécia não ia buscar embaixadores a outra profissão. Em Roma, além de pouco estimados, a lei era-lhes adversa como a pessoas que se davam à propaganda dos maus costumes. Verdade que a repressão se exercia, sobretudo, contra os histriões ou os pantomineiros públicos que, pelas posturas lascivas, lançavam entre a plebe a semente da corrupção.

À semelhança dos romanos, os portugueses pensam muito desfavoravelmente do mister de comediante. Reprovam-no como baixo e aviltante entre os misteres que o são. E para prova basta lembrar que recusam sepulturá eclesiástica àqueles que o professam, embora a não recusem a assassinos e bandoleiros. Nisso são, de resto, acompanhados pelos franceses que negaram a Molière entêrro religioso.

— Pode-se negar a sepultura a um homem que tem direito ao altar? — exclamou a esposa dêste cómico célebre, ante tal enormidade.

Teólogos há em Portugal que asseveram ser pe-

cado mortal assistir a uma representação. Outros vão mais longe com dizer que os frequentadores de tais espectáculos correm tanto o risco de perdição como os próprios actores. E, todavia, monges professos das ordens mais austeras frequentam o Teatro de Lisboa, para as quais existe reservado o chamado *camarote dos frades*, logo por cima das frisas ocupadas pelas damas de alto dom, vedado por gelosias ou rótulas aos olhares indiscretos da sala. Certo é que os superiores são particularmente severos nesta transgressão da regra monástica. Os fradinhos porém sabem iludir a vigilância e não é raro encontrarem-se aí face a face o religioso noviço e o frei guardião.

No fundo uns e outros são perdidos e achados pelo teatro, embora em público preguem e declamem o contrário. Podem contar-se entre êstes o P.^o Santa Marta e o P.^o Teodósio, um trinitário, o outro cônego regrante da Congregação de S. João Evangelista.

Os ricos senhores, que professam o mais vivo desprezo pelos actores, padecem do fraco mais extremo pelas actrizes. Não há nada que não empreendam para obter as suas graças; e nenhum se julga verdadeiramente *alguém* se não atou ou não nutre intriga com comediante. É um petisco de que são gulosos e que reputam feito só para suas senhorias. Por êles vão às do cabo; empenham crédito e honra. E caprichosos em estadear suas conquistas, denunciam sua tontaria até amar, não uma bela criatura

ou uma excelente artista, mas apenas, uma farçoleira de coturno, uma Petronilha.

Esta cômica, nem notável pela formosura nem pela arte, soube, após um enrêdo demorado, cair nas graças de el-rei. Usurpou-lhe o que pôde que não foi pouco para carregar trinta mulas que com ela passaram a fronteira. Em Madrid, nada e criada no palco, teve saudades do tablado e regressou à sua profissão. As joias que ostentava eram tantas e tão preciosas que as senhoras mais ricas e distintas cobraram inveja. Acabou mal, em hasta os restos dos seus encantos que, a meu ver, não passavam duma viveza de temperamento que degenerava em doirdice pura.

Com a actriz Gamarra teve o marquês de Gouvêa, conde de Santa Cruz, mordomo de el-rei e seu parente chegado, um longo e complicado romance. Casada, de seu nome Isabel Gamarra, professou, no decorrer das relações com o marquês, no convento de S.^{ta} Mónica de Lisboa, da Ordem de S.^{to} Agostinho. Conta-se que o marido era consentidor naquelle comércio, que êle mesmo negociara por uma quantia taluda. O facto é que após a morte do marquês a Gamarra quis regressar ao lar conjugal. Mas como a impedissem os votos contraídos e não achasse modo de anulá-los, um belo dia escapou-se furtivamente do mosteiro e com o esposo tomou o caminho de Madrid onde voltou à vida antiga da ribalta.

A Gamarra com Gouvêa assumira o autêntico papel de sua dona... de marquesa. O galante, depois

que lhe caíra no regaço, mudou; era outro. De senhor dos mais altaneiros da côrte, senão o mais altaneiro, tornara-se escravo submisso às ordens da amada. Antepunha estas às do próprio rei.

Um dia recebeu um correio de el-rei para que se apresentasse imediatamente; recebia, ao mesmo tempo, uma missiva da amante para vir ao pé dela. O marquês subiu para a liteira e disse ao batedor: — Paço.

A meio caminho arrependeu-se e, com receio de desagradar a Gamarra, mandou virar para o convento de Santa Mónica.

— Nunca mais lhe aparecia se aqui não viesse primeiro — disse-lhe ela.

— Não sabe o que arrisco para lhe obedecer — respondeu o marquês.

— Era a sua obrigação. *Antes que todo es mi dama.* — ?

— Podia eu acreditar no seu amor se não fizesse todos os sacrificios para me ser agradável?

Ouvi eu mesmo êste diálogo, e vi, entre juras de bemquerença e solércia em cortejá-la, dar-lhe o marquês o retrato enriquecido de brilhantes. Após o que, o enamorado abalou a servir el-rei.

Isabel Gamarra foi sem dúvida a mais linda actriz que pisou o palco de Lisboa. Era moça, esbelta, blandiciosa; além de graça e chiste no dizer, tinha muita vida e encantos de tóda a espécie. Pecava por um defeito grave: ser infiel, ou, se não constituiu isto defeito numa actriz, ser infiel dissimulada. Traía

igualmente o marido e o amante. Por um tinha aversão, pelo outro apenas estima. A sua ternura ia toda para Valentim da Costa Noronha a quem amava do fundo d'alma. A minha amizade com este fidalgo levou-me ao segredo todo de seus amores. Conheci Gamarra melhor que ninguém. Durante dois anos tive mil ocasiões de vê-la, praticar com ela e avaliar suas qualidades e baldas.

Noronha, levado por uma destas paixões sem freio nem balisas, sacrificou tudo a esta actriz religiosa: o affecto que devia à esposa, o respeito dos seus, a estima dos amigos, a fortuna dos filhos, o descanso, os interêsses, a própria vida.

Mal o marquês se apercebeu do rival, planeou a sua perda. Por duas vezes atentou contra a sua vida. Uma das vezes, era de noite, estava eu com Valentim Noronha, corremos os sicários a ponta de espada. O meu amigo era bravo e destemido, até arrostar encontros com o respeitável e poderoso marquês. Ressentido, o coração a sangrar, obteve este da mão de el-rei uma ordem de prisão para o seu rival. No cárcere ficou nove meses, tempo que deitou além da morte do marquês de Gouvêa, mercê da influencia do P.^e Gaspar, tio do defuncto, que assim pensava vingar os manes do atraído.

Isabel Gamarra amava de-veras o Noronha. No mesmo dia em que o marquês lhe deu o retrato vi-o eu nas mãos do meu amigo.

Mas voltando ao fio do meu discurso: em Espanha e Alemanha os cómicos são tidos como gente

vil. Todavia os grandes senhores não se mostram mais reservados que, em Portugal, os seus iguais em matéria de actrizes. Sem fazer estendal dos exemplos que observei em Madrid, no ano de 1732, e em Viena, de 1734 a 1740, quero notar as desordens de que foi teatro, nesta última cidade, a casa do príncipe Cantacuzeno de Valáquia por sua cegueira para com Benedita. Era esta uma actriz italiana, pequenina de corpo, muito longe de sedutora. Pois o príncipe consumiu com ela bens que iam além de suas posses. Muita lágrima fez chorar à sua bondosa e nobre esposa, princesa de sangue dos Hesse-Cassel, sobrinha do landgrave de Hesse-Darmstadt! Arruinou-se, descuidou inteiramente o futuro dos filhos. E, por não poder suportar os conselhos que lhe dava, resfriou de amizade para comigo.

O autor do *Temple du Goût*, que não é outro que Voltaire, qualifica de preconceito cruel a determinação dos Cânones eclesiásticos que interdizem a sepultura em terra sagrada aos comediantes. Estamos de acôrdo, e quem não tem razão é o autor da *Bibliothèque Raisonnée* quando critica Voltaire neste particular. A bem dizer, devia suprimir-se do Ritual a página que diz respeito ao officio de defuntos, aquella em que se invocam anjos e mártires a que recebam e conduzam as almas à Jerusalem celeste. Não é com effeito um atentado ao bom senso ir cantar sôbre o ataúde duma cortesã de profissão ou dum bandido averiguado a antifona *in Paradisum deducant te Angeli* e recusar o mesmo treno aos comediantes?

— Sim, — diz o escriba da *Bibliothèque* — uma actriz é *virtuose*, mas na voz apenas.

Aqui há exagero evidente. Cómicas tem havido virtuosas por mais dum aspecto. A Faustina foi sempre tida por mulher honesta. Em Veneza, em Viena e noutras cidades que pisou, sempre o seu comportamento passou por irrepreensível, e a sua pessoa desachacada das fraquezas que são próprias do sexo. Ora é legítimo negar sepultura em sagrado a uma criatura destas, quando um ladrão de encruzilhada ou moça de má vida pode ser endereçado ao Paraíso por filas cantantes de sacerdotes?

O espanhol António Ruiz durante muitos anos representou no Teatro de Lisboa. Poeta de merecimento, filósofo, historiador, fino de maneiras, era um actor notável e perfeito homem de bem. El-rei, que muito o apreciava, estabeleceu-lhe uma tença de cento e vinte moedas ao ano. Querido das damas, estimado da fidalguia, nutrindo comércio com alguns prelados do reino, era, além disso, o ídolo do povo. Nunca em vida este homem podia conceber que os seus restos fôsem parar a sítio semelhante ao logradouro em que se enterram os cães.

O P.^o André de Barros, mestre de retórica na *Casa da Cotovia*, membro da Academia Real de História, foi um dia chamado para confessar um homem de boa condição que estava na agonia. Encetada a prática, declarou-lhe o moribundo que há muitos anos vivia em concubinato e que usurpara uma herança contra todo o direito.

— Não lhe posso dar a absolvição — formulou o P.^e André de Barros — sem que: *primo*, se desfaça da amante; *secundo*, restitua os bens de que illicitamente se apropriou.

— Pois aqui lhe digo, nem faço uma coisa nem outra.

— Peor para si, — tornou o jesuita — o Inferno lá o espera.

— Espera ou não vai-se ver. Verdade, é uma linda experiênciã a tentar. Talvez que V.^a R.^a fale com acêrto, mas é possível também que esteja errado — e com dizer isto voltou-se para a outra banda e expirou.

Os Cânones não proibiam que se ministrasse sepultura sagrada a um impenitente desta natureza e scelerado confesso. Foi enterrado como podia sê-lo o mais cristianíssimo santo. De-certo que entoaram à beira da sua carcaça a antífona que encomenda aos anjos que vão depositar a alma ao lado direito de Lazaro. E aqui está da sensatez dos Cânones.

Se sou o advogado dos cómicos não é devido a inclinação para o mister ou paixoneta por actriz ou cantarina. Vai em sete anos que resido em Londres e ainda não pus os pés no teatro de Hay-Market a ouvir a mais apregoada opereta. Posso dizer que há mesmo doze anos que não frequento espectáculos.

Defendo-os duma lei injusta, apenas por isto, porque é injusta.

XXXVII

FIDALGOS DE MEIA-TIJELA E FIDALGOS
DE CONTRABANDO

«O fidalgo da província, — escreve La Bruyère — inútil à pátria, à família, a si próprio, bastas vezes sem lar, sem jubão, e sem mérito, repete dez vezes ao dia que é de sangue azul, trata o juiz e o advogado de burgueses, passa a vida a remexer nos pergaminhos e nos forais, mais empertigado que se tivesse o rei na barriga.»

Um fidalgo sem outra profissão que a de fidalgo é uma grotesca personagem. Se, para cúmulo, resvalou na indigência, e mata o bicho do ouvido ao próximo com a antiguidade e grandeza dos avós, e faz a cada passo estendal dos pergaminhos desbotados, além de hilare, torna-se insuportável.

Catagelasto veio ao mundo filho de algo. Desde menino que o papá lhe fez sentir a sua origem privilegiada. Aferrou-se à idea gloriosa e nela resumiu seu soberano bem.

Dá máxima de Horácio: *a virtude é a única nobreza* extraiu com alceira liberdade, senão teimosa segurança, a sua divisa: *a nobreza é a única e exclusiva virtude.*

Ainda rapazinho, não perdoava aos criados a menor falta de cortesia à sua nobreza.

— Eu cá sou fidalgo! — exclamava, emproando-se.

Aos vinte e cinco anos apenas e pela vida fora, sabia dizer isto:

— Eu cá sou fidalgo!

Só mais tarde se arrojou a falar sôbre outras matérias. Numa roda de illustres e distintas pessoas afirmou um dia que Lisboa, sua terra, era uma cidade tropical. Manuel Pimentel, sábio e talentoso cosmógrafo, pretendeu, benevolmente, adverti-lo do erro. Catagelasto redarguiu que um homem da sua estirpe nunca podia enganar-se.

Os próprios néscios dão conta das suas necessidades. Embora, contradiz a todos e não tolera que o contradigam. Não há remédio senão conformar-se a gente com as suas opiniões, por muito absurdas e erróneas que sejam. Quando não, ei-lo erguendo a grimpa e proclamando:

— Senhor, sou fidalgo...

Foi numa quaresma confessar-se, mordido por qualquer pecado que o punha a muito mal com Deus, não com o próximo, é claro. Por desgraça encontrou-se face a face com um carmelita, por modos severo e desabrido. Rompeu o frade a admoestá-lo e logo Catagelasto, com o brio especial da sua classe, levantou a afronta. Retrucou o confessor ameaçando, e Catagelasto rebentou:

— V.^a R.^a sabe para quem está a falar? É dessa maneira que se trata um fidalgo como eu? Se a religião me manda ajoelhar diante de um reles frade, não esqueça V.^a R.^a quem é, nem quem eu sou.

E depois de desfiar a sua genealogia até a ascen-

dência remota, reis afonsinos ou príncipes godos façanhudos, lhe verberou mais uma vez o descaro com que o tratara.

O carmelita não ouviu até o fim, e Catagelasto, desde esse dia, deixou de freqüentar o confessionário com o mêdo de ver desrespeitada a sua fidalguia.

Catagelasto é católico, e, todavia, não põe rebuço em contar a aventura. Dêle a sabemos, não do frade que era cisgado como um túmulo.

De tômo igual a êste, só Gaspar Vanegas de que Lisboa inteira riu a bom rir.

O duque de Banhos, tendo ganhado o processo, que durou trinta anos, na sucessão da casa de Aveiro disputada pelos três maiores de Portugal, sem falar no Rei, dirigiu-se a Lisboa a tomar posse do que era seu. Gaspar Vanegas soube-o e foi visitá-lo.

— Felicito Vossa Senhoria, — declarou — mas deixe-me dizer-lhe, se eu tivesse recursos quem ganhava a causa era eu.

— O senhor...?

— Sim, a casa e o título de Aveiro pertencem de direito mais a mim que a ninguém.

E para prova sacou da algibeira uns pergaminhos que desdobrou ante os olhos do duque.

— Sabe que mais — proferiu êste — faça favor de se retirar e de não voltar a minha casa.

— Põe-me fora?! — exclamou Vanegas exaltado. — Creia que sou tão fidalgo como Vossa Senhoria.

— O senhor é mentecapto — e, dito isto, mandou pô-lo na rua pelos criados.

Arrependeu-se Gaspar Vanegas, mas já tarde, de não ter pleiteado a demanda, convencido como estava do seu bom direito. Restou-lhe uma vingança — tratar o duque de usurpador. E onde fôsse, na praça, na roda, no teatro, aquele fidalgo não lhe merecia outro nome. O rei, os grandes da côrte, e até o duque não ignoravam nada do que dizia Vanegas e folgavam com os dislates do louco ambicioso. Procuravam mesmo dar-lhe trela; e, chalaceando, com êle, desprezavam-no.

Êste Gaspar Vanegas, segundo se conta, é filho dum homem nada mais, nada menos que criado do conde de Coculi. Tem um irmão André Corsino Vanegas tão cioso e ufano da sua nobre cepa como êle. Em matéria de genealogias o contendor do duque de Banhos passava com efeito por mestre. No seu tempo, ninguém era mais lido e sabido que êle em linhagens e brazões.

José de Brito da Costa Pereira da Silva Castro e Melo blasonava que a Rainha fizera parar o coche para cumprimentar a esposa e saber da sua saúde, querendo assim dar-lhe mostra pública de estima e consideração real. Embora Brito fôsse de legítimo tronco fidalgo ninguém lhe dava crédito.

Natural de Évora e tendo aí solar, costumava ir passar lá o verão. Um ano que na Sé se celebrava uma grande festividade, Brito empoou a cabeleira e foi assistir. Perto do altar-mor, um assento de distinção antolhou-se-lhe: estofado de brocatel, com pavilhão de brocatel, cortinados. Sem hesitar, José de Brito sentou-se nêle.

Vieram avisá-lo que o lugar estava reservado para o irmão de El-Rei, o senhor D. José, filho natural de D. Pedro II, que mais tarde foi bispo na mesma diocese.

— Sou fidalgo — respondeu. — Não me levanto para ninguém, seja quem fôr. Era o que faltava se se preferia um bastardo a um nobre de raça!

Entretanto chegou o príncipe que foi informado do sucedido.

— Ponham-no fora à força — ordenou D. José.

Em resposta Brito puxou da espada, decidido a defrontar a todos. Avançaram para o desarmar; arcou com o primeiro que se aproximava e pregou-o em terra. Atacado por um bando numeroso, defendeu-se a murro, agatanhando à direita e à esquerda, bateu-se como um leão. Sucumbiu afinal e levaram-no manietado para a cadeia. Daí, carregado de algemas, atiraram-no para cima duma mula e, no meio de boa escolta, transferiram-no para o Limoeiro, em Lisboa. E aqui está onde foi parar a arrogância dum fidalgo.

A 30 de maio de 1734 cheguei à cidade Halberstadt que fica situada no Saxe inferior. O alquilador aconselhou-me de aproveitar a berlinda prestes a partir pela estrada de Leipzig em direção a Halle onde ia conduzir um moço, estudante da Universidade. Procurei o viageiro e breve concertámos a jornada, pagando cada um metade do coche. Era alemão, falava alguma coisa o francês, homem de vinte anos a julgar pela aparência.

Logo à saída de Halberstadt me advertiu muito

despropositadamente de sua condição fidalga. Depois, pelo longo caminho fora, não perdeu uma só occasião de me insinuar a mesma coisa. Cinco léguas adiante, em Aschersleben, cidade do condado de Anhalt, já me tinha informado pelo menos doze vezes de qual era a sua linhagem.

Nas estalagens recusou sentar-se à mesa redonda, ainda que limpa e bem servida, alegando que estava habituado a pratos delicados e não àqueles que me via imolar de tão boa gana. No dia seguinte em Kondern, onde jantei, a sua escrupulosa esquisitez repetiu-se; mas desta feita, nem quis presenciar o meu repasto; retirou-se, lábios contraídos, fidalgamente.

Estava espantado duma frugalidade quási asbistente, pois que só lhe vira tomar umas canecas de cerveja e três ou quatro copos de vinho, que lhe ofereci, e êle se dignou aceitar a pretexto de beber à minha saúde. O meu laçao, porém, antes de subir novamente para o carro, veio elucidar-me: encostado à parede do jardim público, o meu nobre amigo deglutia. Cheguei à janela e, com êstes que a terra há de comer, vi-o a rilhar vorazmente uma côdea de pão e um naco de queijo que sacara de sujo guardanapo. Depois, dejejnado, embrulhou cuidadosamente os restos da parva, que naturalmente trouxera de Halberstadt e foi metê-los na malinha.

Dali até Halle ainda se lhe ofereceu a occasião de me falar mais uma vez da estreme pureza do seu sangue, e se não puxou dos pergaminhos que de-certo trazia na equipagem é que eu era felizmente leigo no alemão.

Á chegada à cidade universitária, o meu jovem amigo apeou e, sem voltar a cabeça, despediu sem me dizer: passe bem. Perguntei se não viria buscar a mala.

— Não — respondeu-me o postilhão. — Fiquei de lha mandar a casa.

A maneira brusca como se separou de mim fez-me suspeitar que os meus criados, que falavam alemão, deviam ter troçado do pobre quanto à modicidade do seu farnel, em verdade bem reduzido, tratando-se como era o caso dum tudesco. Por minha parte, posso jurar que nem por sombras tive em mira melindrá-lo. Se me vier a ler, espero que me faça justiça; e, como é gentil-homem, de-certo que ma não negará.

Conheci um outro fidalgo, digno de nota, o mar-
quês de Gainmann. Em 1737 morava em Viena. Con-
tou-me uma vez que nascera em Constantinopla; se-
manas depois, declarou, estava eu presente, que a
sua terra natal era Moscóvia. Inculcou-se à condessa
de Bourlie, viúva do general Guiscard, como fran-
cês; mas na casa de Valáquia, tinham-no ao que pre-
tendia como italiano.

Conhecia as línguas à maravilha, de modo que
para as pessoas desprevenidas fácil lhe era incutir-se
como natural dêste ou daquele reino. O príncipe de
Valáquia, depois de lhe conferir o título de marquês,
dignificou-o com a ordem *Constantineana aureata* de
que era o grão-mestre. O orgulho e a vaidade do
marquesato, os proventos que auferia de Inglaterra,
ao serviço da qual estava como espião, tinham-no

tornado insuportavelmente arrogante. Chegou a faltar ao respeito à princesa-mãe de Valáquia por esta afirmar que o conhecia de ginjeira, filho de padeiro e de lavadeira.

Em Londres matrimoniara-se com uma dama de condição igual à sua — blasonava êle. — Se a princesa-mãe falava verdade sôbre a origem do marquês, sem dúvida que êle também não mentia quanto à descendência da esposa. Em Londres me asseguraram pessoas que viviam no seu comércio que a mulher dêle era, de facto, filha de lavadeira; a respeito do pai, só Deus o poderia nomear. A mulher essa era na opinião geral uma marafona das ruas.

Fôsse como fôsse, havia finura em seu entendimento e malícia e manha do mais puro quilate. Conseguindo, porém, fazer-se aceitar como fidalgo, caíra na asneira de querer persuadir a tuti-li-mundi que nutria relações com damas da alta roda e que estava no segrêdo de negociações secretas de govêrno para govêrno. Isto e as boas graças que alardeava com os grandes haviam-lhe transtornado o miolo.

Um dia encontrei-o em Maria-Hülff-Strasse.

— Há muito tempo que não me era dado o prazer de o ver — disse-lhe eu.

— Tenho estado para o campo com o embaixador da Rússia — respondeu-me êle.

— Agora, vida remansada?

— Olhe, hoje devo jantar com o chanceler, conde de Sinzerdorf.

— Estimo; mesa opípara...

— Pois sim, — tornou êle — elha por elha, antes queria não ter recebido a carta que acaba de me enviar o cavaleiro Walpole. Conhece? Pede-me coisas impossíveis... não sei como hei de servi-lo. Até me anda a cabeça à roda!

— Não se inquiete. Faça o que está no limite das possibilidades e Walpole dar-se há por muito contente.

— Tivesse eu tempo...!? Mas como? Esta noite há baile em casa da princesa de Valáquia e não posso faltar. A princesa Pórcia nunca mais me perdoaria, depois das instâncias que me fez. Noite perdida e amanhã, note, amanhã às oito horas, hei de encontrar-me com o enviado de Inglaterra e à volta do meio-dia com o da Dinamarca.

Deixei-o, mal estas palavras eram ditas, para ir assistir à missa em Maria-Hülk-Kirche. Ao voltar a casa, a coisa que logo me disseram é que o chanceler jantava connosco. Primeira peta do marquês. Á noite, encontrei a princesa na Ópera, que se mostrou de novas quanto ao baile em seu palácio. Segunda peta. No dia seguinte, soube que o enviado de Inglaterra estava gozando ares do campo e o da Dinamarca não recebia ninguém, incomodado de saúde, havia dias. Terceira e quarta peta do marquês. Era o caso de se dizer por cada palavra pronunciada uma mentira.

A 13 de junho de 1737, o marquês deixou Viena para ir buscar a consorte que estava em Londres. Emprestei-lhe o dinheiro que precisava, rogado pelos príncipes de Valáquia. Dinheiro que caísse nas mãos

de Gainmann nem Deus nem Satanaz lhe valia. Deixá-lo, sabia de antemão que era perdido, e não é por dor de logrado que faço esta observação.

O marquês, porém, antes de chegar a Londres já não possuía com que mandar cantar um cego. Voltar a Viena foi a grande dificuldade. O cavaleiro Walpole, é certo, tivera-o outrora ao seu sôlido, mas ao tempo tinha corrido com elle e, por muito atrevido que fôsse, o marquês não ousava aproximar-se do ministro.

Pôs-se Gainmann a caminho, com esposa, um filho e criado. Ao chegar a Colónia, todos os recursos que reunira estavam exaustos. Modo de continuar uma jornada de duzentas léguas num país como a Alemanha onde, sem dinheiro, não se pode dar um passo?

Pois o marquês lá soube haver-se e quando menos o esperavam reaparecia em Viena. Valeu-lhe o recorrer aquellos lugares que dantes atravessara, de escarcela cheia, e ter então ganhado a confiança dos estalajadeiros.

Três annos depois — foi no mês de agosto de 1740 — fui obrigado a tomar este mesmo caminho em direcção à Holanda. Da bôca dos donos de pousada vim a saber dos ardis e artimanhas de que o marquês se socorrera. E tantos e tão vários foram que deixam a perder de vista o do mais consumado burlão.

Em Ratisbona, por exemplo, permaneceu obra de dois meses, com mesa lauta, e estadão próprio do fidalgo que alardeava. Ostentou a gran-cruz, arrotou grandezas, a pontos que o hospedeiro não teve dú-

vidas em emprestar-lhe vinte e cinco ducados, enquanto não chegava de Viena a letra de câmbio anunciada. Senhor desta quantia, o marquês, uma bela tarde, momentos antes de se fecharem as portas da cidade, levantava arraiais sem dizer por aqui me vou. Cêrca da meia-noite o estalajadeiro deu fé da evasão, e limitou-se a levar as mãos à cabeça, com o marquês tragando léguas sôbre léguas, a coberto com a cidade trancada.

Posto que estas alicantinas fôsem ignoradas em Viena acolheram-no friamente. Pouco a pouco esta indiferença degenerou em desprêzo. Em 1740, quando deixei Viena, ninguém lhe ligava a mínima consideração. Apartavam-se dêle. Em Londres vim ao conhecimento de feitos que enriquecem a crónica desta personagem. Um alfaiate francês, de nome Pegus, cortou-lhe dois ricos fatos e viu-os ir. Mas houve melhor e mais reles na sua crónica.

XXXVIII

ACÊRCA DOS BOÉMIOS

Há opiniões diversas quanto à origem dêstes vagabundos, chamados boémios ou egipcianos, com cadastro bastante para entrar na história. Dão-nos como oriundos da Tartària ou da Scítia, e fixam no ano de 1417 a data em que pela primeira vez fize-

ram a sua aparição na Europa. A partir de então, viram-nos acampar no Saxe, por bandos, com passa-porte de Sigismundo, rei da Hungria e filho de Carlos IV. Traziam tambem cartas de recomendação de outros príncipes que os acreditavam como santarrões ou profetas. Segundo tais documentos, os boémios haviam recebido de Deus ordem de correr o mundo, sem se prenderem a bens, casa ou terra. Assim expiavam o pecado dos avoengos que residiam no Egipto ao tempo de Jesus-Christo e se tinham negado a acolhê-lo quando a Santa Família aí se refugiou para escapar à perseguição de Herodes.

Outros historiadores sustentam que são originários da Pérsia, da raça daqueles que adoravam o fogo, e que eram constrangidos, mercê da penúria do país, a dizimar o povo de sete em sete anos e a mandar caravanas pelos reinos estranhos à cata do que comer. Outros ainda pretendem que descendem das dez tribus judias que o rei Salmanázar levou em cativoiro para a Assíria.

Trigueiros de tez, embrulhados em mantéis, gabam-se de falar sete línguas, praticar três sciências e de não dever obediência senão ao rei ou chefe que os conduz.

Chamam-lhes os italianos *zingari* duma palavra que designa um pássaro aquático que não tem ninho fixo e é forçado tôdas as noites de buscar um abrigo diferente. Os alemães denominam-nos *Ziegeuner*, do termo *Ziedel* que assim nomeiam êstes erráticos ao seu rei. Semelham-se por mais dum aspecto aos Tor-

lakinos e faquires do Oriente e, como êstes, se ufamam de possuir luzes extraordinárias, e de Deus os honrar com uma constante familiaridade.

São sebentos a mais não poder; lavam-se de mês a mês e tocam em tôda casta de imundície. As mulheres são de todos, e comem sem escrúpulo cães, gatos, quaisquer animais que possam pilhar.

Léti, no *Ceremoniale* attribui-lhes cepa caldaica e pinta-os como ladrões insignes e habilidosos. Diz-nos ainda que foram banidos da Republica de Veneza sob pena de morte, porque era disfarçados em *zingari* que agentes estrangeiros vinham espionar a Senhoria.

Os portuguezes chamam-lhes *ciganos*, nome, sem dúvida, derivado de *Ziegeuner*, e teem por êles muito pouca estima, devido ao seu carácter hipócrita e traçoieiro.

— Todavia, na plebe, gozam duma certa consideração porque sabem levantar e deitar malefícios, e ler a sina ou *buena dicha*.

— Os ciganos são como as aves de arribação; apparecem com a primavera, somem-se com o inverno. Ninguém sabe donde veem nem para onde vão. Em verdade a índole dêles é detestável; por via de regra, são gatunos, intrujões, traçoieiros, volúveis, atrevidos até a temeridade. Os homens caracterizam-se pela fealdade, a robustez, e pela capacidade em agüentar toda espécie de fadiga. As mulheres são, por vezes, bonitas e simpáticas; algumas mesmo, dispõem de agrados, uma graça e formosura não vulgares.

Quando acampam numa região, produzem elas mais estragos que o resto da tribu. Sabem fazer-se amar por seus mil atractivos selvagens e os homens largam tudo por elas. São temíveis a despertar amores loucos.

Lembro-me de vários exemplos, que tiveram Lisboa por teatro, em que alguns enamorados chegaram à extrema perdição, descanso, fazenda, o juizo, a própria vida. Três anos passei eu, também, na escravidão de Joana Vitorina, rapariga desta raça. Não foram poucos os incómodos que me causou, incómodos de saúde, de tranquillidade, de fortuna. A minha família andava numa inquietação constante.

O próprio soberano andou enfeitiçado, obra de amavios ou de sedução, durante muito tempo por Margarida do Monte, cigana igualmente. As intrigas que urdiu causaram muita desordem, exílios e mortes. Acabou reclusa no convento da Rosa, que pertencia à Ordem do Patriarca S. Domingos. O santo patrono não a curou, porém, de sua natureza desvairada. Mesmo do claustro teve artes de seduzir a um moço e convencê-lo a entrar na sua cela. O doido disfarçou-se em carvoeiro e penetrou no convento. Surpreendido, foi enforcado pouco tempo depois. Daí o chamar-se ainda hoje ao pobre penitenciado o *Carvoeiro da Rosa*.

O conde de Obidos protegia muito os ciganos, provavelmente sem outras vistas que a de passar por generoso, reputação que aliás merecia. Um numeroso bando destes diabos, por ocasião da feira de

Santarêm, ia alojar-se numa casa que o conde possuía na aldeia de Pernes. Aí lidei com êles, chamado também pelas distrações da feira, tanto tempo quanto demorava em Pernes. Embora desconfiado, não podia prescindir dêles, mormente à caça. Empregava-os, por isso, resolutamente, como, com certa desfaçatez, desatei a fazer festas às mulheres e às raparigas. Imaginei que era esta a melhor forma de me pôr a coberto de suas más manhas e patifarias e não me enganei. Obedeciam-me todos como escravos submissos e chamavam-me patrão. Verdade se diga, por mais de doze ou quinze anos que fraguei com êles, não recebi o menor enxovalho. Já os meus amigos e vizinhos das aldeias limítrofes não poderiam dizer a mesma coisa. A maneira de se fazerem respeitar era usando a força, e intimidando, maltratando. Êles, por sua vez, respondiam-lhes na mesma moeda.

Os ciganos professavam o respeito mais imoderado pelo conde de Obidos, seu bemfeitor. Se fôsse preciso dar a vida por êle, estou em crer que não hesitariam. Ao menos, ouvi-lhes fazer juras disso.

Diziam-me êles que não estava no seu génio pagar o bem com o mal e que, nunca por nunca, retribuiriam com a ingratidão uma generosidade recebida. E, de facto, eu fui testemunha de como esta palavra não era vã.

No dia 7 de novembro de 1727, cêrca do meio dia, ia eu a atravessar o Pinhal da Azambuja, saiu-me pela dianteira uma quadrilha de ciganos, armados

até os dentes. Acompanhavam-me apenas dois criados, um dos quais não me merecia confiança alguma. Eu estava armado, é certo, mas de que me valia contra um bando tão numeroso?! O *Ziedel*, rei, chefe ou que era, podia atacar-me com certeza de me vencer, levar-me a bôlsa, arrancar-me a vida. Pois não; como me conhecesse, abeirou-se de mim e, tirando o chapéu, cumprimentou com a mais perfeita cortesia. Depois, conversando, confessou-me que a dura vida o levava a pôr-se á testa duma quadrilha de bandidos que naquela mata exerciam a arriscada profissão. Quanto a mim, era senhor de ir onde quisesse que ninguém me tocava num cabelo. E, para mais garantia, rapou duma carta do baralho, o sete de paus ainda me lembro, e no verso lavrou o meu salvo-conduto. Uma meia hora antes de chegar à Azambuja, apareceu-me nova quadrilha pela espalda. Compunha-se duns quinze a vinte homens e entre êles reconheci três ciganos daqueles que haviam convivido comigo em Pernes. Mostrei-lhes o passa-porte, mas nem isso seria preciso. O facto é que me renderam tôda a espécie de zumbaias e me testemunharam muita estima e reconhecimento pelos beneficios de nonada que lhes dispensei em tempos. E posto que o seu mister de ladrões de estrada consistisse na cobiça do oiro, rejeitaram as moedas que de bom grado lhes ofereci.

XXXIX

ACÊRCA DO RESPEITO E ESTIMA QUE SE DEVEM
AOS GRANDES

Bons escritores teem bordado sôbre esta matéria aprazíveis e delicadas elucubrações. Por isso, ainda que não seja falha de interesse, se lhe não achará novidade.

Os grandes — direi eu, seguindo a Pascal — vivem tão ocupados das qualidades exteriores que constituem o seu grande apanágio, que não prestam atenção a outras íntimas mais reais e estimáveis. Segue-se daí que não buscam adquiri-las e imaginarem que a só prerrogativa de suas grandezas mereça tôda a sorte de reverência e estima, sem necessidade de apoiar-se nos dons do entendimento e do ânimo.

Como, porém, é incontestável que laboram no êrro, é mister instrui-los do que se lhes deve, a fim de não exigirem de nós o que lhes não é devido.

Há no mundo duas espécies de grandezas: umas de instituição, outras naturais. As primeiras dependem da vontade e consenso dos homens que, em boa razão, julgaram rasoavel distinguir certos estados e attribuir-lhes determinadas honras. A nobreza e as dignidades estão neste caso. Numa terra honram-se os fidalgos; noutras os mecânicos; naquella outra os morgados; além, os filhos do último leite. E por que é assim? Porque tal o entenderam e decretaram os

homens. Antes de convenciona da, a coisa era indifferente; estabelecida, é tão legítima que atentar contra ella se reputa um crime.

Grandezas naturais são aquellas que vivem independentes do capricho, porque consistem em predicados reais e effectivos do entendimento ou do físico do homem. A bondade, as sciências, as luzes do espirito, a saúde, a força pertencem a êste número.

A umas e outras o nosso preito. Como seja porém de índole diversa, diversa também a contemplação que lhe devemos. A's grandezas de instituição pertencem de jus respeitos de natureza idêntica, isto é certas ceremónias exteriores que testemunham o reconhecimento a essa convenção, mas que de modo algum podem supor homenagem a um attributo real. Fala-se aos reis, joelho em terra; fica-se de pé na ante-câmara dos príncipes; esboça-se uma mesura ante a passagem duma nobre dama. Seria incivil e disposição mesquinha recusar-lhes estas fórmulas de acatamento. Ainda que sejam menos merecidas, estão consagradas e é quanto basta.

Mas o obséquo, que se traduz em estimação devemos-lo, apenas, às grandezas naturais; pelo contrario, as qualidades que lhes são opostas só devem provocar de nossa parte desprezo e reprovação. Não é necessário que eu estime Bento XIV porque seja papa; como papa tem direito à vénia social e mais nada. Mas, se além de pontífice é um homem digno, um homem meritório, devo respeitá-lo sob uma e outra denominação.

Admitindo que é um refinado velhaco, sem lhe faltar com a consideração que exige a sua dignidade, interiormente votar-lhe hei todo o desprezo que me merece a sua condição de homem.

O critério da boa justiça, em matéria de respeitos humanos, é este. Injustiça seria, pelo contrário, transportar os respeitos naturais para as grandezas de instituição; ou exigir respeitos de instituição para as grandezas naturais. Pedro é mais rico do que eu; mediante tal vantagem, pretende passar adiante de mim; dir-lhe hei que a fortuna não é outra coisa senão grandeza de capricho. Passarei, portanto, antes d'ele, pois que a circunstância de homem rico em nada determina a minha deferência de homem. Pela mesma ordem de raciocínio, se a um duque ou par do reino não basta que me descubra, me mantenha de pé na sua presença, e me exige um testemunho de apreço-consciente, rogar-lhe hei que me dê a conhecer os seus títulos de real valor. Se o faz, e os possui, seria injustiça negar-lhe o meu preito. Pelo contrário, seria uma prepotência insuportável exigir de mim um tal tributo, e, de-certo o não conseguiria, fôsse bem embora o príncipe mais poderoso do mundo, o grande mufti de Roma ou o pontífice de Babilónia.



XL

CASAS ONDE NINGUÉM SE ENTENDE

«Há quem se pergunte — escreve La Bruyère — por que razão os humanos não constituem uma só comunidade, e não quizeram falar uma só língua, e instituir a mesma lei, os mesmos usos, um mesmo culto? Pois eu, ao encontro dos espíritos, dos gostos, dos sentimentos, estou pasmado de ver sete ou oito pessoas reunirem-se debaixo da mesma telha, num mesmo recinto e formar uma só família.»

Afigura-se-nos, em verdade, que em tôdas as famílias pequenas, se devia praticar uma só língua, palpitar um só sentimento, a todos animar o mesmo sôpro de concórdia e de amizade. Mas não.

Em Viena de Austria freqüentei uma casa em que o chefe de família era alemão e se jactava de falar francês, a mulher era italiana e gostava de falar o espanhol, os filhos não entendiam nada do idioma materno e exprimiam-se mal no dos progenitores. Quando o pai lhes dizia que era branco, a mãe ensinava-lhes que era preto; os meninos não os entendiam e crivavam de perguntas os criados. Êstes constituíam a única matéria de fé. Mas como viviam um com outro, ainda que homem e mulher, tal cão e gato, as respostas saíam desacertadas a capricho.

Na casa havia uma velha tia que poderia pôr um pouco de ordem no lar desordenado, mercê da sua

idade respeitável e da deferência que lhe tributavam, devido às suas riquezas que não eram poucas. Mas a velha, de ânimo casquilho, passava o dia inteiro ao toucador. Quando lhe sobrava tempo, ralhava com os criados que, por sua vez, ralhavam com ela. Ia acusá-los à senhora das peores enormidades e a senhora despedia-os; o patrão, porém, aparecia e opunha-se; um rapazelho tomava o partido da mãe e engrimpava-se contra o pai; o outro, mais afeiçoado ao papá, proferia mil injúrias para a mamã. A tia a resmungar, o cão a ladrar, o gato a miar, tôda a casa estrepitava, se convulsionava, rompia nela o dia de juízo.

La Bruyère espanta-se de ver tal raça de gente debaixo da mesma telha e tem razão; mais interessante ainda seria contar o que fazem, do que vivem, para que vivem, mas o moralista tolheu-se de ir mais longe.

XLI

JUÍZO INFALÍVEL DO ANO DE 1751

Maio

Nada mais certo neste mês que a incerteza de tôdas as coisas.

Muitas pessoas que gozam actualmente de boa saúde, prezam a vida, são vigorosos, moderados, com probabilidades de viver mais tempo que os en-

fermiços e os valetudinários, serão fácil presa da morte antes do fim do mês.

Homens ricos, que foram generosos, passarão neste maio a ser avaros. Se percorrerem o caminho todo da cobiça, morrerão de fome com os dedos enterrados no ouro.

Ver-se hão sapientes dar em loucos e loucos recobrar os sentidos todos. Mulheres modestas resvalarão à vida airada e moças de má nota hão de volver à virtude posto que em número insignificante a-par daquelas.

A cavalheiros de bem acontecerá expirar de morte súbita e atroz; scelerados, pelo contrário, morrerão santamente em suas casas.

Uma infinidade de riquezas, durante êste mês, mudarão imprevisadamente de possuidor.

Muitos indivíduos, que apareceram a boiar de repente à tona da sociedade, mercê de suas riquezas ou de seus cargos, perderão, durante êste mês furta-côr, a lembrança da baixeza, da obscuridade, e da indigência em que andaram sepultados até agora.

Os Lidios inventaram o jôgo no intuito de lograr a fome; ao inverso, os homens de hoje expõem-se, neste mês, a morrer de fome com entregar-se ao jôgo furiosamente.

No maio rompe a cantar o cuco, símbolo dos maridos atraçoados. Êste mês é de-veras funesto para os ciumentos. Mas que diz a voz do cuco? A voz do cuco exprime ternura, blandícia, afago pela ave-fêmea que há de vir. Nada sarcasmo. Assim procedessem

os maridos em geitos e modos para com suas consortes e nunca a ave agoirenta lhes pousaria em casa.

No último dia do mês passado, encontrei-me com um homem que muito me divertiu. Pôs-se a falar, e com verdadeiro conhecimento, de casas e fidalguias arruinadas e dos meios de redourar brazões. Soube pouco depois que êste homem fôra rico e estava pobre como Job, devido à devassidão. Receio muito que durante êste mês cada um encontre pelas ruas exemplares vários desta natureza.

Os ricos, por êste bom maio fora, deixarão perder uma magnífica ocasião de aumentar e assegurar as riquezas socorrendo os necessitados.

Algumas pessoas, useiras e vezeiras a prégear o bem e a virtude, não serão capazes de edificar êste mês um só bem-intencionado, se mais lhes não olharem que para o exemplo.

Tudo o que céu e terra podem dar aos homens, durante êste mês, não lhes trará felicidade se não temerem e amarem ao Senhor.

PARA O MÊS DE JUNHO DE 1751

XLII

DA MINHA SITUAÇÃO PRESENTE

A minha vida pode e deve comparar-se a rosário em que cada ave-maria é uma adversidade, cada padre-nosso uma desgraça, e em que a morte, finalmente, virá a ter o lugar da medalha. Idade provecta, saúde precária, uma indigência incompatível com o meu nascimento; mágoas aos milhares, causadas pela calúnia e pela indiferença daqueles que outrora supus meus amigos; acrescenta-se a isto a perda que sofri de pátria, fazenda, reputação, por ter abraçado a religião protestante, e compreender-se há que para mim já não luz esperança de melhores dias neste vale de lágrimas.

Instruído pela experiência do pouco que vale acalentar aspirações, miragens loucas as mais das vezes, manancial de tormentas se chegam a realizar-se, já não ousa formular votos por coisa nenhuma desta vida. Mesmo que me fôsse garantido alcançar a realização dum almejo qualquer, grande embaraço seria o meu em pronunciar-me. Tudo se me afigura tão

imperfeito que me causa enfado, tão insípido que para nada sinto gosto.

Convencido, à custa própria, que as honras dêste mundo só se obteem depois de muito penar, que a inveja ronda em tórno, estão sujeitas a mil accidentes desastrosos, e, por via de regra, revertem em lamentosas catástrofes, de bom grado renunciei a elas. Protesto não dar mais um passo para grangeá-las, e, se hoje se me proporcionassem, estou em crer que as rejeitaria.

Gosto de viver, para que negá-lo?! Mas devendo, em consequência, desejar uma longa vida, não a ambiciono. Para que? Seria prolongar, de peito feito, as agruras do meu espírito e do meu corpo. Todavia a vontade de morrer e a tibieza do suicídio só quadram a loucos, poltrões ou desesperados; e eu fico contente comigo quando, após exame de consciência, me capacito que, não anelando a morte, também lhe não tenho medo.

Estimaria ter saúde? Confesso que êste precioso bem é para mim dos mais tentadores e que nenhum outro me poderia acenar com maior sedução. Considero, porém, que a saúde foi uma das causas principais da minha vida desregrada, e até certo ponto a origem dalguns dos meus dissabores presentes. Além disso, se nesta hora, eu gozasse o vigor fisico dos meus bons tempos, ser-me-iam indispensáveis mil coisas, de que prescindo francamente, inúteis como são ao meu estado de valetudinário.

Não desejaria, por outra, um grande e sublime

entendimento, ao menos para fazer aceitar meus escritos daqueles que cravam as garras tôdas a rasgá-los? Nem mesmo isso, porque observo — e fique dito de passagem — que, por via de regra, o génio é a fronteira da loucura.

Nem ao menos um verdadeiro amigo? De-certo que sim. A uma tal aspiração chamam, porém, químera os filósofos. E todos, após longas e dolorosas experiências, decidiram que um tesouro desta natureza não se encontra sôbre a terra.

A tanto não chego eu. Há, de facto, boas e honradas criaturas que, conhecendo-me, se doeram da minha deplorável situação e fizeram o possível para suavizar meus males e aligeirar o pêso dos meus desgostos. Sem elas, teria há muito succumbido.

Obraram assim comigo, movidos pelos principios cristãos? Ou, a afeição anda ligada às finezas que me testemunharam? O meu infortúnio e nenhum mérito me enchem de timidez para pronunciar-me. Poderia dizer que seria presunção tomar como amizade as mostras de compaixão que lhes arrancou a minha triste sorte; e que, ao fazer justiça à ardente caridade de cristãos tão ilustres, seria uma temeridade atribuir-lhes sentimentos de que sua honra se não julgaria ufana. Não sei definir. Sensível por certo e grato à menor prova de affecto ou estimação que me dêem, seria injusto, da minha parte duvidar um instante que entre aqueles que me distinguem com tributos desta natureza, inexplicados, cinco, ao me-

nos, não tenham por mim uma amizade sólida, sincera e constante.

Um amigo verdadeiro, a meu ver, vale o mundo todo. Não se imagine hipérbole o eu acrescentar que, a tôdas as excelências do nosso globo e dos mundos imagináveis, prefiro essas enternecedoras e nobres amizades.

Ocupado unicamente a conservar os meus amigos, de modo algum cobiço as opulências. Desprezo-as; mas desprezo-as do fundo de alma. Sei que apenas se adquirem à custa de mil esforços e fadigas; mediante embustes e latrocínios; graças a meios ilegítimos e criminosos. Reconheço que a posse das riquezas é inseparável da avareza, do receio, da inquietação, da escravidão, das intrigas do próximo e dum apartamento cruel à hora da morte. Não as desejo, pois, não as quero. Com Owem direi apenas: *Nec paupertatem, nec opes desidero magnas. Nolo parum, nimium non volo, sed mihi sat.*

Este simples voto, o único que faço para suprir ao que me é necessário, parece-me ainda, algumas vezes, inútil. E é quando, ao meditar que a natureza se satisfaz com coisa de pouca monta, *cum paucis natura contenta*, persisto em crer que Deus nunca nos nega de que viver. Demais, se mingua o indispensável à máquina humana, morremos e acabaram de vez as precisões.

Dirão: há viver e viver; viver farta e comodamente e viver na angústia e na miséria. Como homem que experimentou um e outro regime res-

ponderei que à parte a imaginação tudo dá no mesmo.

Objectar-se-me há ainda: morrer de fome é um triste acabamento. De acordo. Mas que dita há no trespassse daqueles que estoiram de fartura e glotonaria? Creio, ainda, que para um homem que morre de penúria se contam mil mortos de indigestão. *Dira fame nullos peremit, gula devorat omnes.*

A ordem na desigualdade com que a Providência estatuiu o mundo é, em verdade, tão espantosa que aos sentidos profanos parece desordem. O prolóquio italiano «a mula do papa tem melhor mangedoura que o bispo de Orviêto» resume a moral da equidade terrestre. Mas não precisava de ir buscar uma sentença tão longe. Em Londres conheço eu um homem em cuja residência estão acesos quotidianamente cinco ou seis fogões. Num dêles arde por dia mais carvão do que quanto me seria necessário durante um mês. E para isto, apenas, para aquecer um canzarrão que não leva outra vida que estar deitado.

A minha alma, em face de tôdas estas reflexões, só acalenta uma aspiração: olvido do passado, resignação no presente e firme esperança numa felicidade vindoura. Não peço mais nada a Deus, e confio na sua grande misericórdia que me não recusará tais dons.

Mais uma vez, à imitação doutros escritores que antes de mim pintaram sua negra sorte, no último lanço da vida, alto proclamarei com eles: *Terra fremat, regna alta crepant, ruat Orbis et Oreus*, não ficarei assombrado se Deus me assistir da sua graça.

XLIII

CARTA DO AUTOR A SENHORA, V***, ONDE DEMONSTR
TRA QUE, SE É IMPRÓPRIO, NÃO ESTÁ INTERDITO
ÁS DAMAS O PAPEL DE EMBAIXATRIZES

Minha Senhora. Consultando Vossa Mercê várias
pessoas, todas fôram unânimes a responder que
tanto a pragmática como as leis proibem às mulheres
representar os soberanos em qualidade de embaixa-
dores.

Afim de evitar controvérsias, poderia convir que
tôdas as ilustres pessoas consultadas lhe falaram a
verdade. Como, porém, uma declaração tão perem-
ptória me obrigaria a pôr ponto nesta carta e que
V.^a M.^{ca} me taxaria de preguiçoso, permito-me
adverti-la que foi mal informada sôbre o assunto,
pois não são as leis, mas apenas o uso que veda às
mulheres o exercerem o ministério público de em-
baixatrizes.

Como não está nos hábitos correntes, imaginam
que deve existir uma lei qualquer que estorve os prin-
cipes de entregarem a senhoras a representação nas
côrtes estrangeiras. Tal crença é manifestamente
errônea. Pois se uma senhora pode subir ao trono,
governar um reino, nomear e delegar embaixadores,
por que razão não havia de ser investida num cargo
de muito menos latitude e responsabilidades?

Certo, há dois motivos que determinam os princí-

pes a pôr de parte as mulheres para tal género de funções. O primeiro é que conselheiros e ministros cobriam zêlos ao ser-lhes apresentada uma dama como possuindo dons de prudência, de finura, de subtileza em grau superior ao dêles para serem preteridos num pôsto a que todos geralmente aspiram. O segundo é que assente entre os homens o princípio de que as mulheres são naturalmente inconstantes a deliberar e frágeis a decidir, não parece razoável ir confiar-lhes um ministério em que se requer cabeça de ferro e pertinácia a tôda prova.

Mas se elas podem ser rainhas, regentes, governadoras duma nação, em conformidade não podem desempenhar-se com honra do papel de embaixada, onde sempre há menos magnitude de negócios e menos gravidade nos officios?! Por minha banda, de claro que sim.

Há, todavia, uma certa diferença entre rainha ou regente e uma embaixatriz. Uma rainha e tôda e qualquer princesa que esteja à testa dum Estado, tem sempre a seu lado um conselho; graças aos ministros que consultará sempre que lhe apeteça, tôdas as dificuldades serão vencidas, se não superadas, e o seu govêrno pode ser conduzido com sabedoria e acêrto. Os exemplos abundam na história. Nos nossos dias, aí está a imperatriz da Hungria para o atestar duma maneira eloquente e insofismável.

Um embaixador, pelo contrário, nunca é assistido de conselheiros; se lhos pusessem à ilharga, *ipso facto* deixaria de ser embaixador.

A natureza e os deveres dêste cargo exigem daquele que o exerce resposta rápida e assisada, faculdades de improviso, vista larga, num atar ou desatar immediato, e nisto se resume o êxito ou malôgrô duma negociação.

Dado que fôsse aceitável ladear uma embaixatriz de sábios e leais conselheiros, êstes não poderiam acompanhá-la por tôda parte, mormente não poderiam servir-lhe de qualquer socorro naquelas conjunturas em que tôda a sua delicadeza está em serem instantes e inesperados.

O duque de Ferrara, — conta Carpi no *Cérémoniel* — capacitado do mérito, habilidade e tacto da condessa ***, pensou em enviá-la a Roma afim de, como embaixatriz extraordinária, resolver negócios que tinha pendentes com o Papa. Advertido, o pontífice Paulo III insinuou ao duque que não poderia receber a condessa em qualidade de embaixatriz, houvesse em vista o escândalo que não deixaria de provocar e a indecência que resultaria para a Cúria o facto de uma dama aparecer a ventilar com cardiais e mais prelados negócios de ponderação. Foi ainda mais longe o Papa. Publicou uma bula pela qual quedou interdito receber em audiência a mulheres, fôsse qual fôsse a sua condição e qualidade, sempre que viessem revestidas do carácter de embaixatrizes.

Confesso que não seria muito decoroso ver uma dama em côrte estrangeira, transportando-se de cá para lá, acabando de deixar um ministro devasso,

surpreendido face a face com a amante, para logo se encontrar com outro, metido na cama por doença.

Além disso, seria obrigada de tratar hoje com um, amanhã com outro. O título de embaixador significando homem público, tal designação não assestaria bem numa mulher de brio e de virtude. Duvido mesmo que uma dama, chegasse a alcançar o conhecimento perfeito e a prática consumada de ardis e manhas que são o necessário apanágio de tais cargos. A menos que se não contentasse de ser um destes deminutivos de ministros, frouxos em dignificar a representação que receberam, indiferentes ao bom nome do seu soberano, fautores de êrros e fraquezas que envergonhariam a mulher mais Eva dêste mundo.

Outras circunstâncias concorrem para que uma senhora se sentisse melindrada em tal mister. A carreira tem graus, acessos, precedências. Desde que êste ou aquele embaixador lhe disputasse a primazia, à certa que iria ofender as regras da civilidade e da distinção que a prática estabeleceu em favor do belo sexo. E, não obstante, nada mais humano que o diplomata consumado reivindicar o lugar que lhe cabe ou a que mesmo não poderia eximir-se, mau grado sua extrema galhardia.

Haveria mesmo uma certa incongruência em ver-se uma dama representar formalmente ao seu soberano, em qualidade de embaixatriz. Objectar-se há, eu sei, que se um homem pode muito bem representar em côrte estrangeira a soberana da sua nação, como

sucedeu com a rainha Isabel e rainha Ana de Inglaterra e ainda sucede com a actual imperatriz reinante, por que não poderia uma dama desempenhar tal papel em nome do seu rei? Responde-se a tal reparo observando que sempre tais incumbências foram atribuidas ao homem e nunca autorizadas à mulher. A palavra homem na Escritura Sagrada, da mesma maneira que na linguagem das escolas, comprehende genericamente mulher. Quando David afirma: *a mentira é própria do homem*, subentendia os indivíduos dos dois sexos. Se pudesse dar-se uma outra interpretação ao texto, seguir-se-ia que a mulher nunca mente ou que, pelo menos, não é tão atreita à mentira como o homem. E, a ser assim, não seria preciso ir mais longe para demonstrar que a mulher é absolutamente incapaz para servir como embaixador.

Se é certo, porém, que o nome de homem comprehende o de mulher, a reciproca não é exacta, a avaliar pela voz da Bíblia, das escolas, e o próprio espirito das leis. O direito político e eclesiástico não autoriza a mulher a representar o homem, por exemplo, na cerimonia do casamento que se celebra mediante procuração. Sem recorrer a testemunhos da história, que são aos cardumes, lembrarei que eu próprio, antes de partir de Lisboa, casei na freguesia de S. José, após licença do Patriarca, com meu cunhado, Luís António de Araújo Banha, executor (?) do conselho ultramarino e dos Armazens da Corôa e cavaleiro da Ordem de Cristo, que representava a

irmã; na freguesia de S. Cristóvão, a pragmática repetiu-se, sendo eu procurador de minha irmã, ao consorciar-se com Miguel Lopes Ferreira, membro do Tribunal de Contas.

Esta prática começou a introduzir-se sob a autoridade do pontífice, há perto de dois séculos, com o arquiduque Alberto.

Estando este príncipe em Ferrara, no ano de 1595, aí contraiu matrimónio, na presença de Clemente VIII com D.^a Isabel, irmã de Filipe III, que, ausente, delegara no embaixador de Espanha. Que semelhantes poderes possam ser conferidos a uma mulher não há memória.

O carácter de embaixatriz seria, pois, pouco idóneo, seria mesmo deslustroso na pessoa duma mulher. Todavia não existe lei que lho proíba. Se um príncipe—diz Mighalius—entende confiar a mulher o exercício destas melindrosas funções numa corte estranha, está no seu direito. E o soberano a quem vai creditada tem, bem entendido, a obrigação de recebê-la, cercá-la de todas as honras e privilégios, franquezas e imunidades que são de usança com embaixadores.

Como, a falar verdade, não tenho lembrança de que tal hipótese alguma vez se realizasse, receio muito, contra o modo de ver de Mighalius, que um príncipe a que fôsse proposta tal deputação recusaria o beneplácito, com o receio de inovar. Se, para mais, fôsse católico, de certeza que invocaria o precedente de Paulo III, alegando que a bula do Papa,

acêrca de tal matéria, tinha força de lei geral, admitida pelo Universo.

Está averiguado que, indirectamente, isto é sem credenciais, muitas damas trataram e concluíram negociações importantes, respeitantes, até, a paz e guerra. Em harmonia, eram admitidas e recebidas com tôdas as honras nas côrtes estranhas. Á conferência geral que teve por sede S^t. Omer— diz Du Chesne— o duque de Borgonha delegou a duqueza, sua mulher. Em atenção à pessoa que representava, collocaram-na logo à direita do cardial de Winchester a quem, pela sua alta jerarquia, coube a presidência.

No tratado de Cambrai, assinado em 1508, mediante o qual Luis XII de França se aliou com o Imperador contra a República de Veneza, Margarida, duqueza de Saboia, foi nomeada para estudar e redigir os artigos da Liga, de par com o cardial de Amboise.

No ano de 1670, o rei de França enviou a Inglaterra a duqueza de Orléans, sua cunhada; e, sob o pretexto de visitar o rei seu irmão, aí se demorou, munida de instruções e poderes necessários, o tempo de poder concluir a aliança contra os Holandeses.

A condessa de Ericeira, estando regente do reino D.^a Catarina na ausência de el-rei D. Pedro II, frequentemente conferenciava com os ministros estrangeiros sôbre os negócios mais momentosos do Estado, o que ninguêem censurava, dados os seus muitos conhecimentos, mérito, e prática que tinha de várias línguas.

Há, porém, uma diferença sensível em tratar negócios públicos em qualidade de particular e em tratá-los com carácter official. É certo que um arranjo, celebrado em virtude de prerogativas conferidas a uma mulher, deve ter e tem, com efeito, a mesma fôrça, vigor, e pêso que todo e qualquer tratado concluso e chancelado por um embaixador. É esta a opinião, que sustento no *Plénipotentiaire parfait et imparfait* que estou a compor e destino à publicidade, baseado sôbre os feitos e porte de dois diplomatas portuguezes, o conde de Tarouca e D. Luís da Cunha, ambos célebres em tôda a Europa, tanto por suas capacidades como por seus feitos.

Permita-me V.^a M.^ç de acrescentar ainda uma reflexão, e é que a brandura e as lágrimas sendo as armas invencíveis da beleza, uma formosa embaixatriz que soubesse usar delas, sem canseiras e sem grandes gastos de tempo ultimaria as negociações mais complicadas. E isto é tão evidente, que se algum dia os príncipes estabelecerem como norma outorgar às damas a dignidade diplomática, de ante-mão o ganho de causa lhes está assegurado em tôda casta de pretensões, as mais impraticáveis, e nas pendências as mais gravosas. Não há prodígio, não há maravilha que se não deva esperar duma dama que ao mérito e à beleza aliasse o prestígio de representar o rei. A idea só duma tão brilhante personagem é a tal ponto sedutora que mais me não permite que declarar-me de V.^a M.^ç etc.

XLIV

NOMES ILUSTRES EM POSSE DE PLEBEUS E VILÕES

Não há um único apelido em Portugal que não pertença, simultaneamente, à fidalguia mais estreme e à gentilha mais baixa. A primeira familia em Portugal, por antiquidade, nobreza, serviços prestados à nação, proezas dos seus heróis, alianças com as casas mais distintas da Europa, é sem dúvida a de Bragança. Senhora do trono desde 1640, com D. João IV, no trono se conserva com D. José I. Pereira, Portugal, Mascarenhas, são como Bragança, apelidos do mais puro sangue. Pois, não obstante, por uma costumeira tão velha como os próprios pergaminhos da nação, estes nomes andam na plebe e na burguesia. Um sapateiro chama-se João de Mascarenhas tão real e legalmente como o marquês de Gouveia; um gato-pingado Francisco de Portugal, em competição com o marquês de Valença; um lacaio assina Jaime Pereira como o duque do Cadaval, e um escravo estadeia o nome do fundador da dinastia, João de Bragança.

Os judeus, ou cristãos novos, usam também liberalmente destes apelidos; alguns, mesmo, intitulam-se de Cunha, nome que pertence ao cardial, primeiro Inquisidor do Reino, dando-se o caso do magistrado condenar ao fogo pessoas suas homónimas que, para os estrangeiros ignorantes da onomástica portugue-

sa, poderiam passar por oriundos da mesma cepa, isto é seus parentes.

E é de crer que alguns parentes do cardinal tenham figurado em autos de fé, visto que não são apenas judeus, protestantes ou maometanos, réus de poligamia, bigamia ou sortilégio, mas autênticos cristãos, inocentes cristãos, as suas vítimas. Seria, porém, absurdo, pelo facto de se chamarem Cunhas, imaginar que o inquisidor do mesmo nome, mandara ao patíbulo numerosos parentes seus.

Os judeus que dia a dia abandonam Portugal e se veem asilar, na Inglaterra e na Holanda particularmente, trouxeram os nomes das primeiras famílias do reino, Pereiras, Carvalhos, Andrades, etc. Oliveira não é tão frequente entre elles; pelo menos ignoro que haja em Londres algum com este nome, e na Holanda, durante os quatro anos que lá vivi, apenas me foi dado encontrar uns dois ou três.

O vulgo, isto é, os ignorantes destes países supõem que tais cognomes são privativos de judeus e daí o crerem que todo e qualquer português assim chamado é israelita. E nada mais revoltante que ver-se um homem exposto a perguntas desta natureza, por via de regra acompanhadas de motejos e desdém. Mais duma vez fui objeto de mortificações deste género. Impertinentes e molestas, como não podia deixar de ser, respondia com o meu mais soberano desprezo à estupidez ou impudor que as ditava. E será aqui a oportunidade de varrer a inconveniência cometida por um individuo que tinha a

obrigação de ser comedido nos seus juízos, e mais culto em relação à sua craveira de homem público. Chama-se Babel e deu-se o caso de nos encontrarmos a jantar em casa dum amigo, precisamente a 22 de agosto de 1750.

Num dado momento a conversação incidiu sôbre Pereira Fidalgo, enviado de Portugal em Londres.

— Pereira... — observou Babel. — É judeu, não? —
— Que razões o levam a julgar que é judeu? —
preguntei.

— Que razões?! O facto de haver em Londres muitos judeus que se chamam assim...

Vejam a agudeza do raciocínio! Para cúmulo, êste senhor era, consoante me disse, das relações de Pereira. Mas que não fôsse, uma insinuação, tão cheia de malignidade, não honrava nada um ministro. Além de que havia desprimor em ter como colega a um judeu, o seu dever era conhecer os usos, costumes e leis da côrte portuguesa, pois se subtende nesta espécie de funcionários um conhecimento geral da pragmática das diferentes nações. E, ter-se-ia poupado a grossaria, visto a côrte de Lisboa ser terminante quanto a excluir os judeus de cargos públicos e acima de tudo, da representação do soberano no estrangeiro. O snr. Babel não seria capaz de fornecer um só exemplo em contrário.

Mas uma de duas: ou o meu desastrado interlocutor ignorava os regimentos da côrte portuguesa e nesse caso luzes muito escassas colheu o homem que blasona ter corrido a Europa inteira em exercí-

cio de funções diplomáticas; ou não ignorava, e não tem desculpa a linguagem empregada, que só me não causaria pasmo na bôca dum holandês da ralé. Se, porventura, pretendeu gracejar, tampouco reputo semelhantes términos compatíveis com o sentimento de amigo, como inculca se-lo com o Enviado de Portugal.

Mas ocorre-me uma suspeita: como a religião protestante, que abracei, concita todos os dias contra mim o ódio dos católicos, talvez que Babel seja papista e o seu desígnio fôsse ultrajar-me. Não sabia elle, ainda, o interêsse que me anima pela nobreza, antiquidade e pureza da familia Pereira que é a cepa da minha. Os meus parentes mais chegados ostentam, com o nome, as armas dos Pereiras e ao mesmo eu estou autorizado por alvará real. Todos os nobiliários do reino, tôdas as histórias nacionais e estrangeiras são unânicos, quanto à sua fidalguia e linhagens, para que seja necessário dar aqui testemunhos disso. Limito-me a notar que o direito que tem um judeu português de se apropriar dum nome illustre, em nada ofusca aqueles a que pertence de verdade. E, portanto, é um absurdo, uma estupidez de grosso calibre concluir da homonímia de judeu e português que éste é judeu também.

O nome próprio do sr. Babel é que se presta a equívocas interpretações. Franceses e italianos attribuem-lhe um sentido pouco lisonjeiro para o amor próprio. De facto, tem um ar de alcunha. Parece mesmo um daqueles que Leti no *Cerimonial Histórico e Político* indica aos príncipes como incompati-

veis com as dignidades do Ministério Público. Tais : *Piccolomini*, *Mala-Testa*, *Testa di Ferro*, etc. Seja como fôr, seria injusto taxar o sr. Babel de fatuidade ou espírito confuso, unicamente porque o seu nome o indica.

Venerando e respeitável é o nome de rei ; honrosos os títulos de marquês, conde, cavaleiro, barão. No entanto, estas vozes andam pelas ruas da amargura. Em Lisboa conheci eu um quincalheiro que se chamava Rei, e em Amsterdão sei dum judeu, nado em Ferrara, que dá pelo chamo de Marchese. São aos cardumes os banaboias e patifes Condes de família. Nesta cidade mora um Chevalier mestre de dança, e em Viena havia uma mulher, *Baronne*, tão obscura de origem, que não conhecia mãe nem pai. Seria ridículo meter no mesmo cêsto o judeu, o marchante, o pedaço de asno, com os reis, os príncipes, tôda sorte de grandes, a pretexto de que o nome é comum. Só por pura loucura se poderia imaginar haver entre êles outro parentesco que o contraído na pessoa de Adão.

O nome de Júlio César é tão faustoso, tão augusto que, à primeira vista, se afigura não poder ser transmitido a outrem que não seja da estirpe dos imperadores. Em Portugal, porém, uma família, aliás nobre, chama-se César. Tal facto levou-me a dizer algures, noutra obra, que o rei de Portugal era um tão grande monarca que até súbditos seus eram Césares.

Um dos capelães do conde de Tarouca chamava-

-se Júlio César Valmagini; verdade que éste julgava-se parente directo do imperador romano, quando era evidente não passar de filho dum pobre pedreiro de Milão. Foi o P.^o D. José Augusto, milanês, conselheiro de S. M. Imperial, que divulgou a baixa extracção do abade Valmagini, derrotando-lhe assim a vaidade e o orgulho.

A palavra Salvador, embora dada por excelência a Jesus-Cristo, não deixa de ser usada nas pessoas. Empregam-no como nome de família e como nome de baptismo. Assim se chama, tambem, uma família israelita, assaz conhecida em Londres e Amsterdão onde se estabeleceu. A ela pertencia M.^{me} Salvador, a famosa amante de D. Luís da Cunha, causa de seus desregramentos e loucuras.

E aqui está, segundo a lógica do sr. Babel era para concluir que esta dama, sendo judia, devia proceder infalivelmente da tribu de Judá e ser parenta chegada de Jesus-Cristo.

XLV

CORNOS NATURAIS, EXTRAORDINÁRIOS, IMAGINÁRIOS,
POSTIÇOS, SIMBÓLICOS

A natureza, tendo dotado com chifres muitos animais, que por tal apêndice se caracterizam, apraz-se por vezes a presentear, com os mesmos, individuos

de classe, a que não parecem servir de préstimo algum. Autores como Bartolino, Olao e Vormius fallam-nos, como se fôsem testemunhas presenciais, de lebres que galhos adornavam.

Entre os cavalos de raça diferente pertencentes a Filipe II, rei de Espanha, havia um que era cornupeto. Frederico III, da Dinamarca, gaba-se de possuir um corcel ornamentado de cornos, retorcidos como os dos carneiros. A descrição do exemplar pode ler-se em Vormius. Bartolino fala, também, dum gallo que tinha chifres na crista e que procriou um outro, com chifres também. Vormius, porém, pretende que eram artificiais, e ao que parece o caso nada tem de surpreendente. Basta que se tome um capão e, feita uma incisão na crista, se enxerte aí um dos esporões. Ao que parece a transplantação é possível e, segundo dizem, muito praticada pelas mulheres, na Itália, que nisso encontram divertimento. Um amigo meu empreendeu a operação, porém, sem resultado, embora a tentasse em mais duma dúzia de galos, e em períodos vários do ano. Dois dos galináceos morreram, os outros escaparam, mas em nenhum pegou a cómica enxertia.

Homens tem havido, também, de cabeça armada de galhos. Um Francisco Trouillu, que vivia em Paris pelo ano de 1599, ostentava um corno no meio da testa semelhante ao dum carneiro. Aldrovando viu no hospital de Bolonha um rapaz de dez anos que a madre-natura contemplara também com um chifre, grande como um dedo. E Severino relata ter

conhecido um alfaiate napolitano de testa enramalhada, com um pouco a mais de simetria, muito semelhante à dum veado.

Os cornos, porém, mais horríveis são os que pertencem à espécie dos imaginários. Constituem o exclusivo do homem, e galhudos são estes recrutados em tôdas as classes, em tôdas as cidades, e em todos os misteres e condições. São obra de certas esposas, tão doutas a fabricá-los como outras a fazer meia.

Êste acidente, porém, vai perdendo o que tinha de odioso e infausto. Países há na Europa onde não passa duma vicissitude sem importância. De facto, tal circunstância não devia deslustrar a honra e probidade do pobre marido enganado. «Para que alar-mar-se, inquietar-se — exclamam pessoas sensatas — dum successo tantas vezes imprevisito e sem motivo plausível, estranho à vontade e consciência do esposo? O melhor, em tais casos, é fazer vista grossa e cara alegre.»

Há sujeitos, porém, que convertem a galhadura numa indústria, e os cornos imaginários trocam por verdadeiros cornos de abundância. Muitas reflexões e anedotas podia tecer sôbre esta matéria, contando o que vi e ouvi a diversas pessoas através de diversas nações. Mas não paga a pena e, nisto, perfilho a opinião ajuizada:

«O crime cometido pela esposa infiel é motivo de vergonha para o marido, assim o quis o mundo, assim seja; de modo nenhum, porém, o marido é atin-

gido pela infâmia e indignidade da mulher, a menos que não seja conivente.»

A par dos cornos imaginários, havia e há os cornos simbólicos, matéria vasta para quem deseje versá-la.

O altar dos holocaustos, colocado num dos átrios do Templo, era adornado por um corno a cada um dos quatro cantos. A significação de tal emblema tem sido motivo fértil e não esgotado à discussão.

Spencer, um dos grandes tratadistas desta matéria capital, observa sem contestação possível que os cornos eram emblemas do poder real e até do poder divino. «*A um aceno teu, o meu corno enristar-se há como o do licorne*» — exclama o profeta para Deus, nos Psalmos. No mesmo livro divino, se reza: «*Abaterei os cornos dos maus, mas os cornos dos justos serão realçados*».

Nos escritos sagrados, freqüentemente os impérios são representados por esta imagem. A religião católica, tão pouco, quedou estranha a esta simbolização.

S. Cornélio é, em Portugal, o padroeiro dos animazinhos galhudos. A igreja do santo, situada nos Olivais, vizinhanças de Lisboa, vê-se cheia de chifres vários e de diferente grandeza, ofertas propiciatórias dos fiéis. Os Capuchinhos, sob cuja jurisdição está a igreja, traficam com êles, fabricando-os de tôdas as formas e feitios. Chamam-lhes cornos bentos ou corinhos de S. Cornélio e são de muita virtude para preservar os animais de males ruins e os homens de quebranto. É um comércio como outro qualquer. Eu mesmo paguei alguns por bom dinheiro, que o diga o

P.^e Simão, para os pendurar ao pescoço do meu cavallo ou na cinta atrás das costas.

O barão de Spanheim, numa obra de grande tómo, demonstra com muita cópia de argumentos e testemunhos que os cornos além de serem consagrados aos deuses eram o símbolo da fôrça e da vitória para reis e conquistadores. O mais ambicioso de todos os mortais, Alexandre Magno, era apelidado de Corníger ou Cornuto e tinha empenho em que o pintassem com as pontas de ariete à imitação de Júpiter Amon, de quem se inculcava filho.

«Aqui está um ornamento — diz o barão em tom de chalaça — que não sei se alguém teria gôsto em ver na cabeça do pai ou do avô.»

E admira-se que um distintivo de grandeza se tenha convertido em objecto de achincalhe, com servir para designar o enxovalho que chapinha sôbre o esposo por deslealdade da mulher.

Já do tempo de Artemidoro se empregava a expressão *pôr os cornos* em referência ao individuo que induzia uma mulher a adultério. O próprio imperador Andrónico Coméno mandou representar corrupetamente a desgraça dum marido logrado.

Moisés é figurado pelos imaginários, ornado de cornos. Cornos aqui, querem dizer, porém, raios do sol. Assim se depreende da fala que tem para os israelitas:

«Desejáveis ter no meio de vós a figura dum bezerro? Tende-la na minha frente. Olhai bem para ela e diizei-me se lhe podeis suportar o resplendor?»

XLVI

DA MANEIRA COMO SE PAGAM CRIMES NESTE MUNDO
E DUM FRADE
QUE NÃO QUIS ENVERGONHAR O HÁBITO DA SUA ORDEM

«O lacedemónio Euribiades, generalíssimo da armada dos gregos, aliados contra os persas, não podendo suportar — conta Rollin — que Temístocles general dos atenienses, homem moço, sustentasse com calor uma opinião contrária à sua, levantou o bastão para êle em gesto ameaçador. — Bate, — respondeu Temístocles sem se perturbar — mas escuta. Surprêso com uma tal moderação, Euribiades deu-lhe ouvidos. E, havendo travado batalha no estreito de Salamina, consoante o parecer do jovem ateniense, ganhou a célebre vitória que salvou a Grécia e grangeou para Temístocles uma glória imorredoura.»

«Que fariam os nossos oficiais no lugar de Temístocles?» — pergunta Rollin.

Respondo eu que seriam capazes de adoptar a attitude de D. Juan de la Cueva em Lisboa, há cêrca de vinte e dois anos.

Tinha êste jovem oficial a prosápia de exigir de tôda gente o título de senhoria, sem o que se negava a tratar de excelência as pessoas de patente superior à sua, até o próprio general, marquês de Minas. Êste senhor, que comandara os exércitos portuguezes na última guerra com Espanha, passava

efectivamente por homem soberbo, altivo e duma arrogância fora das marcas. Ora um dia, ao anoitecer, que fôra visitar os padres do Quintal, da congregação de S. Filipe de Néri, ao sair da porta topou-se com Juan de la Cueva que entrava. O official começou trocando com êle as palavras proverbiais de saudação, mas como reparasse que o marquês lhe não dava senhoria, não empregou também o tratamento de excelência. Afrontado, o general ao mesmo tempo que o invectivava, erguia o bastão. Ia a descarregar, mas rápido como o raio, La Cueva varava-o lado a lado com uma estocada. Quando caiu no chão, era homem morto. O padre que o acompanhara à porta, e era precisamente o seu confessor, mal teve tempo de lhe dar a absolvição pelo pulso. La Cueva soube subtrair-se a tôdas as buscas e evadir-se para Espanha.

A morte trágica do marquês de Minas é um exemplo que prova punir Deus os homens neste mundo em proporção dos seus crimes.

«Mete a espada na bainha, — disse Jesus a S. Pedro — pois quem com ferro mata com ferro morre.»

Nunca a severidade da sentença divina se applicou mais justamente que ao marquês, réu de morte violenta, e análoga à sua por mais dum motivo, na pessoa do corregedor. A ocorrência deu-se um dia que havia festividade na casa professa dos jesuitas.

Estava o corregedor de guarda à porta reservada à comitiva real, apresentaram-se o marquês de Minas e o conde de Atalaia.

— Hajam de perdoar, — disse-lhes o official — mas por aqui não podem entrar.

— Não podemos entrar, por que?

— Esta entrada está reservada a el-rei. São as ordens que recebi...

— Essas ordens não se entendem conosco. Deixe entrar...

— Vossas excelências teem ali ao lado duas portas abertas a quem vem. Queiram ir por lá.

— Estamos aqui, havemos de entrar por aqui.

— Já disse, por aqui não passam.

E como se obstinassem de parte a parte, pretendendo os dois fidalgos uma tolerância a que o corregedor não podia anuir sem quebra dos seus deveres, agarrando-se êle à sua justa teima, depois de o insultarem e o conde de Atalaia lhe fustigar o rosto com o chapéu, o marquês de Minas puxou da espada e enterrou-lha no peito. O homem caiu morto e os dois nobres trataram logo de se pôr a salvo, passando as fronteiras. O marquês de Minas pôde volver a Portugal, agraciado pelo rei, onde veio a morrer às mãos de La Cueva. O conde de Atalaia, êsse, refugiou-se em Alemanha, acabando por entrar ao serviço do imperador. Faleceu em Viena, depois de longa e estiolante moléstia, acompanhada de acessos de loucura, incompreendida dos cirurgiões.

O conde de Atalaia deixou muito que contar em Lisboa. Uma das suas aventuras referia-a êle mesmo com desenvolto garbo e sainete. E foi: era ainda novo tinha por amante uma linda rapariga,

destas que dão um pontapé numa estrela quanto mais na fidelidade, é só prestar-se a maré. Mas a moça tinha medo d'ele, senão respeito, dado o seu génio assomadiço, pronto à desforra, e, pelo mesmo motivo, ninguém se atrevia a cobiçá-la.

Um belo dia, porém, o inimigo entrou na praça. O inimigo era um frade franciscano, filho do glorioso patriarca de Assis, que em matéria de privilégios se julgou no direito de disputar com os regalos do fidalgo.

Tudo corria à maravilha entre a sécia e o frade, quando uma criada de dentro advertiu o conde do desacato que lhe faziam. E o logrado planeou a desafronta. De acôrdo com a servilheta, deu parte à sua amante duma caçada a que fôra convidado e, em consequência, se despediu dela até a volta. E, sem mais, foi esconder-se à espera que o rascociro do frade viesse à vinha.

Ora o franciscano, mal pôde arrumar as coisas do Senhor, acorreu aos braços da beldade sequioso de carícias e cheio delas. A sua irmãzinha em Cristo recebeu tôdas as mostras de consolação divina que um ministro sagrado pode dar. E era meio-dia repousavam lado a lado, adormecidos como dois justos, quando fortes argoladas soaram à porta.

— Jesus, é por lá o senhor conde! — exclamou a criada de dentro.

O fradinho, nú como a mãe o deitou ao mundo, enfiou, desatinado de todo, para baixo da cama.

Entretanto a moça, com uma pressa que destoava do seu ar aflito, ia abrir a porta ao amo.

Entrou o conde de rompante na alcova e, apercebendo-se da vestimenta do frade, sem grandes buscas deu com o paradeiro do moicante.

— Saia cá para fora — trovejou.

O pobre lobo intimidado saiu debaixo da cama.

— Diabo ou frade, — tornou o conde — não te toco. Mas põe-te lá fora, já... sem perda dum instante.

O frade ia a deitar a mão às vestes, mas o conde atalhou-o.

— Não, hás de ir como estás... E já!

Deitou-se o frade aos joelhos do conde a clamar o perdão do seu pecado. A tudo o conde respondia:

— Não dou a morte. Mas já disse, põe-te no olho da rua...

— Mate-me, meu senhor, mate-me! Antes quero morrer que ser exposto ao escárneo e vergonha do público.

E como o conde continuasse irreductível, entre outras vozes chorosas, soltou estas o frade:

— Desgraçado de mim, mil vezes desgraçado! Por que não me matou minha mãe ao nascer, e já agora eu não desonrava o sacratíssimo nome do nosso grande padre S. Francisco! Mas daqui não saio despido como estou. Seria um ultrage sem nome à minha ordem, seria arrastar pela lama o hábito seráfico, o expor-me eu, indigno irmão, aos apupos e vaias da população.

No ânimo do conde, que era membro da Ordem

Terceira, calaram as razões do frade. E generosamente proferiu :

— Vista-se.

Envervou o frade a sua túnica e, ainda o cordão não apertara, puxou de duas pistolas e meteu-as à cara do conde :

— Agora, digo eu, rua, se tem amor à vida!

E era tão desenganado o gesto do frade, tal fulgor havia em suas pupilas, que o conde tomou a resolução de se retirar.

O conde a sair pela porta, o frade e a amante a desaparecer atrás d'êle, com tudo o que puderam arrebanhar.

Muitas e demoradas diligências fez o conde de Atalaia para descobrir o refúgio do masmarro e da concubina. Mas perdeu tempo, dinheiro e paciência.

XLVII

ACÊRCA DA CONSTANCIA E CORAGEM NAS MULHERES

As mulheres são fracas e inconstantes por natureza. Salomão, o sábio dos sábios, que as conhecia melhor que ninguém, comparava-as ao vento. «O homem que tenha uma mulher — diz êle — e a queira guardar para si só, parece-se com o louco que pretenda agarrar o vento com as mãos.»

Verdade é ter havido mulheres duma fortaleza e

magnanimidade tais que não há memória de semelhante entre os homens. Assim, a formosa Lena preferiu trincar a língua e escarrá-la à face do algoz que fazer revelações quanto à morte do tirano. Epicáris, entre delatar a conjura contra Nero ou a morte, antes quis morrer.

A atitude duma ou doutra mulher, indomável no meio dos suplicios, não infirma o meu juízo.

São raros estes exemplos, mas que não fôsem, que desdobrassem ante meus olhos uma longa lista de mulheres enérgicas e desenganadas, o meu conceito ficaria de pé. Acaso as fraquezas dum Sansão, dum Hércules, dum David, dum S. Pedro e dum ror de personagens, tão vergonhosas ante a constância de certas heroínas, seria argumento bastante para provar que os homens são mais fracos que as mulheres?

Maneira de me convencer do contrário, um católico remetia-me há tempos para a leitura do martirologio, onde S.^{ta} Bárbara, S.^{ta} Luzia, S.^{ta} Catarina, e muitas outras virgens, aparecem toucadas duma auréola de firmeza e abnegação que obscurece a dos mártires mais famosos. Como tais historietas não me eram estranhas, fiz-lhe ver o muito de falso que contem, apenas digno de desprezo, e as puerilidades de que enxameiam, apenas aceites por imaginações de simples.

Gratuito se me afigura também o raciocínio que confere às mulheres valor e intrepidez iguais às dos homens, dado que fôsem admitidas aos mesmos

exercícios que éles. A educação dos sexos é, com efeito, diferente.

«Ao homem — escreve Melmoth, *The Letters of sir Thomas Fitzosborne* — desde a infância se lhe oferecem à emulação os modelos mais eloquentes de nobreza e de carácter. À mulher, pelo contrário, à medida do seu crescimento, mais e mais se lhe comprime o espírito e se aperta a seus olhos a noção da vida. Antes valia não ter educação nenhuma a possuir uma tão errónea. Neste particular, os homens adoptaram as ideas maometanas, contrárias aos seus interêsses. A sação da vida em que somos susceptíveis de mais fortes dedadas é regida pela imperiosidade do sexo. A máxima de Catão é verdadeira em todos os tempos e para todos os povos: *as mulheres governam naqueles que governam nos outros*. Não seria, pois, mais inteligente formar as mulheres na arte da governação, uma vez que directa ou indirectamente estão destinadas a tomar as rédeas do poder?»

Melmoth, bém entendido, não pretende converter as mulheres em guerreiras e conquistadoras. A seu modo de ver, uma Boadicea em armas é tão ridícula como Aquiles vestindo saia e anquinhas. Outro-sim, imagino eu que o sistema de educação decantado por Melmoth, não virá a criar sabichonas, capazes de reger cátedra de teologia ou de filosofia. Ao condenar a *República* de Platão neste particular, o seu pensamento transparece. Ambiciona a mulher, seguindo a escola da natureza e do bom senso, de

sciência aprendendo o que basta para ser discreta sem artifício e culta sem affectação. Numa palavra, gostaria de vê-las a tôdas encarnando aquella *Hortênsia* que pinta a capricho, exemplar raro, concebido para inebriamento e delícia dos homens.

Seria êste o ideal, mas como mulheres dêste quilate escasseiam no mundo, não adoptar à letra a máxima do misantropo :

*La meilleure est toujours en malice féconde ;
C'est un sexe engendré pour damner tout le monde.*

Formada em moldes largos de educação, a mulher quedaria, porém, o que é—mais frágil e inconstante que o homem. E graças, porque a fragilidade é a sua maior fôrça e a inconstância, porventura, dos seus agrados, o mais sedutor de todos.

XLVIII

GRANDES SENHORES, HOMENS DOUTOS E LISONJEIROS

«Se disserdes aos homens, mormente a senhores da alta roda, que Fulano é pessoa de virtude, responder-vos hão :

— Que a guarde !

Se o seu espirito é esclarecido e encanta e distrai, redarguir-vos hão :

— Pois que lhe preste!

É criatura muito lida e viajada e falais da sua cultura, bocejarão:

— Tem horas? — ou: Que tal vai o tempo?

Mas, se lhes trouxerdes a noticia que há um mequetrefe que emborca dum trago um copázio de aguardente e que varias vezes repete a façanha durante a refeição, contai que hão de exclamar:

— O quê, vira três ou quatro copos num comer?! Traga-me êsse homem. Pode ser ainda hoje?

Leva-se-lhes o fenómeno, digno de se mostrar numa barraca de feira a tanto por cabeça, e honrar-se hão com a sua familiaridade.» Assim escreve La Bruyère nos *Caractères*.

De ordinário, é êste o desprezo a que os grandes votam os homens de bem e de saber, mas que não tem nada de surpreendente. Irrazoável seria o êles tributarem estima a qualidades que não só lhes são inúteis, mas até prejudiciais.

E por isto, porque o gôsto dos grandes não é ouvir a verdade nem a boa e sã doutrina, mas unicamente as vozes compostas e calculadas da lisonjaria. Não se compraz com outra espécie de alimento o seu amor próprio. E, em conformidade, seu bel-prazer é cercar-se de aduladores sempre prontos a incensar, a enaltecer o que só merece encolher de ombros, e a rebaixar o que é muito digno de aplausos. Não lhes servem para a roda homens de carácter e de saber, pois que a êstes mingnam as malas-artes do embuste e lhes repugna humilhar o espírito

até a mentira e a vil bajulação. Êles mesmos fogem de sua beira, certos que sua altivez e lisura só poderia causar àqueles sombra e contratempo. Abandonam aos profissionais da louvaminha um comércio que por nada lhes quadra.

— Mas a companhia de tais criaturas é-nos muito útil — dizem os grandes. — Prestam-nos serviços de vária ordem, divertem-nos sem nos ferir e sem nos enterrar a unha. Teem a arte de se tornar atraentes e dão-se mil penas para perceber nossos desejos; demais, nem nos contradizem, nem se permitem a toleima de saber mais do que nós.

Por sua vez, alegam dos grandes, os lisonjeiros :

— São boas pessoas! A bôlsa déles está sempre aberta, dão-nos a sua afeição, compartilhamos de suas alegrias e sumptuosidades. O peor é que teem o génio volúvel e caprichoso. Bruscamente, da melhor disposição de ânimo, passam à intratabilidade mais insuportável. E então rabujam, injuriam, chegam a correr-nos ao pontapé e à paulada. Dir-se-iam diabos escapos do meio do inferno.

Um favorito do imperador Carlos VI, espanhol e, além de espanhol ignorante, falava assim a respeito dos nobres que servia. A um outro em Lisboa, caudatário do rei de Portugal, chamado Manuel numa palavra, ouvi idêntica linguagem.

Há grandes senhores, afáveis e humanos, mas as mais das vezes, a bondade nêles não passa duma aparente e artificiosa virtude. Mas cultivam-na porque lhes serve à maravilha, a bem dos seus desígnios.

e projectos da ambição. Mediante ella, acolhendo de bom semblante, animando os tímidos, indo ao encontro dos desageitados, buscam alcançar o renome de magnânicos. Não vão longe em dádivas e na execução de promessas. Mas em palavras de afago, e de esperança, são férteis. Tudo se desvanece em vago e sonoro fraseado.

O carácter do conde de Tarouca e do irmão, o marquês de Alegrete, era assim mesmo. As máximas atrás ditas sobre cortesãos as suas máximas.

Agora, por muito profundos que sejam os grandes e por muita arte que empreguem de maneira a parecer ser o que fingem e a dissimular o que são, a sua malignidade transparece por debaixo do artificio. Tôda a gente está ao par de seus ardis; as pessoas, matreiras e escarmentadas, não se deixam lograr pelo aparato de feitos cometidos pelos grandes, pôsto que o seu esplendor ofusque.

Ainda há, é certo, quem admire as suas cavalariae altas, mas, em compensação, não falta quem tenha por ellas o mais soberano desprezo.

«Aquele que aspira a ser árbitro entre os homens só tem um meio de chegar: humanizar-se sem affectação.»

Este apotegma de boa política, cristão e recommendável, constitui uma regra de vida para o príncipe Eugénio de Saboia, o marquês de Valença e o filho dêste, conde de Vimioso, e ainda alguns outros que são o encanto e as delícias da sociedade.

Como êstes, nobres há de ânimo rasgado, solícitos a proteger artistas e sábios, prontos a premiar

a virtude. Com êles, o progresso das artes, e o melhoramento moral do mundo, vão além de palavras vãs.

Sabem que as grandezas são caducas, por vezes não mais que abominação aos olhos de Deus. A glória aparece-lhes como um dom transitório e contingente e, discretamente, como o actual rei da Prússia, despojam-se dela em prol do bem universal. Numa palavra, são filósofos animados de espírito cristão.

Rectos para com Deus, buscam se-lo para com os homens, mostrando-se, além disso, favoráveis, humanos, familiares, amigos dos seus amigos e benévolos para com estranhos. E, pouco a pouco, uma simpatia natural aproxima-os da sociedade, tornando-lhes o nome bemquisto e a memória para sempre venerável.

XLIX

SUPLÍCIOS AO SERVIÇO DOS DEUSES E DE DEUS

Dei-me ao trabalho de investigar sôbre que fundamento se estriba a Inquisição para se arrogar o título de Santo-Oficio. Apurei que os inquisidores, tão escravos das paixões como os outros homens, são os mais scelerados de todos. O seu múnus, longe de possuir o menor carácter de santidade, não traduz senão selvajaria e crueza. Numa palavra, cheguei à conclusão de que êste tribunal era o menos santo, o menos justo, que jamais existiu depois que o mundo é mundo.

Dentre outras, a mais provada pela tôrva instituição tem sido e é a raça israelita. Pouco importa que a lei que professam haja sido ditada pela bôca do próprio Deus. Outro-sim, nenhuma consideração merece a dificuldade que teem em despir-se duma religião, e de seus preconceitos, bebida com o leite. Os judeus são traquejados, encarcerados, e, depois de lhes confiscarem bens e fazenda, queimados sem misericórdia.

Quem o havia de julgar? Chamam auto-de-fé ao cruel aparato, por ser um sacrificio votado a Deus e ao mesmo tempo testemunho público de fé em Cristo e de horror pela antiga lei.

Uma moral destas é diametralmente oposta a que o divino Salvador prègou e legou aos homens. Onde está a caridade, suporte mútuo, que tanto recomendou duns para os outros? A doçura, a persuasão, a prédica, eram os unicos meios a que recorria para ganhar os bons e simples e confundir os incrédulos. Não verberou êle um dos discipulos quando fazia menção de empregar a fôrça? Lançou, porventura, alguma vez mão do suplicio, do sequestro, para converter judeus e pagãos? Não, e todavia aqueles que se arvoraram em zelosos defensores da sua doutrina, aqueles que se ufam de cristãos por excelência, ousam, sob capa de piedade e devoção, cometer as maiores crueldades, de todo incompatíveis com a crença num Deus infinitamente bom e misericordioso!

Há uma grande relação entre os métodos dos

inquisidores portuguezes e os dos sacerdotes do México, nos tempos bárbaros.

Entre os muitos tributos que o povo pagava a Montezuma havia o estipêndio anual dum certo número de pessoas destinadas ao holocausto dos ídolos. As mais das vezes eram os padres que fixavam a quantidade de vítimas necessária. Bastava-lhes dizer ao rei que os deuses estavam com fome para logo se proceder ao levantamento do imposto. Os sacerdotes tinham assim uma oportunidade preciosa para se vingar daqueles que faltassem, a êles ou aos seus manipansos, com a vénia requerida.

Á imitação dos hierofantes mexicanos, os inquisidores preparam periodicamente um sacrificio de muitas vítimas, que queimam em solene auto-de-fé.

Que teem imolado e imolam ainda pessoas inocentes aos ídolos abomináveis das suas paixões é aserto que ninguêm poderá negar. Abundam as provas e são públicos os testemunhos. O laço de parentesco com os padres do México é êste — barbárie, crueldade, torpeza.

O único ponto divergente é que os mexicanos tinham de levar a deprecada ao rei sempre que se tratava de saciar o apetite dos deuses; os inquisidores teem plenos poderes e tôda a autoridade necessária para dar corpo à sua má fé e aos anelos secretos de vingança. Além de pregoeiros da fome dos ídolos, são os senhores de indicar quando e quais as reses que devem ser sacrificadas. Em summa, são os acusadores, os esbirros, os carcereiros, os

juizes e os carrascos dos miseráveis a que deitaram a garra.

Os autores que teem escrito sôbre o reinado de Montezuma, são concordes em dizer que nunca houve dominação mais absoluta e despótica. Como espantar-se, pois, que todos os que tenham dissertado sôbre o Santo-Officio o taxem da jurisdição mais atroz, mais carniceira, mais infame como nunca houve memória em tempo algum, quer sob o regimen dos tiranos mais insignes quer no meio das tribus mais selvagens. Para cumulo da Inquisição, nem estes nem aquelles se prezavam de possuir um culto, emanado da revelação divina.

Os inquisidores empenham-se, particularmente, em sacrificar os estrangeiros que possam caçar, judeus, protestantes, mouros ou turcos. Nesta queda se parecem com os scitotauros, povos da Scítia, que tinham a mesma paixão pelos naturais doutras raças.

Afectam os inquisidores uma compostura austera e melancólica, sôbre parecer triste e severo. O nome de scitropos lhes quadra à maravilha, por sob êle os gregos designarem estes semblantes tristonhos, de estudado geito e hipocrisia certa.

Sacrificam gente a Deus como, na remota antiguidade, se procedia para com Moloque. Maneira de testemunhar a grandeza dum credo, como aquella do rei mexicano, ao enviar um deputado a Cortez:

— Senhor, aqui estão cinco escravos. Se és um deus viril e gostas de cevar teu apetite em sangue, come-os, nós te traremos mais; se és um deus beni-

gno, eis incenso para te perfumares; se és um homem, aceita estas aves e estes frutos.

Odiosos se tornaram ainda os inquisidores, mandando destruir e queimar um ror de bons livros. Êles e êsse papa Pio V, canonizado santo, que pôs a república das letras em riscos de perder o que resta de Tito-Lívio. O historiador em nada contendeu com a Igreja Romana e muito menos com a Inquisição, pois que, felizmente para essa época, nem uma nem outra existiam. Seria por um principio de inveja ou de obscurantismo que o pontífice intentou condenar Tito-Lívio? Seria porque nas *Decadas* senadores e outras illustres personagens, de que os papas tenham a pretensão de derivar, são tratados sem amor? Mas seria recomendação de sobra para Tito-Lívio ser tido como herético e a sua obra ser inscrita no Index?

Vergonhosamente para os inquisidores, succede aos livros, que proibem, o mesmo que a certos mártires, cujo zêlo, piedade e constância correram mundo graças aos suplicios que lhes infligiram.

Quási tôdas as cabeças de judeus que foram queimados em Lisboa encontram-se pintadas em pequenos painelinhos rectangulares e dispostos em guisa de retratos na igreja dos inquisidores, que é a do convento de S. Domingos, situada no Rossio. Tal prática é evidentemente copiada do paganismo, certo que os sacerdotes tinham o costume de oferecer aos deuses infernais a cabeça do criminoso que morria excomungado.

Os justicados pelo Santo-Officio envergam um traje tão grotesco como pavoroso, chamado sambenito e samarra.

Aqueles a que, depois de vestir o sambenito, é poupada a vida, são deportados, com perda total de bens, e condenados a trazer perpetuamente a sinistra vestimenta.

A samarra está de alto a fundo sarapintada de diabos que voam, saltam, cabriolam, no meio de línguas de fogo. São uma espécie de camisolas, embebidas em alcatrão e cheias de enxôfre, afim de serem mais combustíveis.

A estas camisolas ardentes, chamavam os pagãos *tunica molesta*. Mais molestas e horríveis que o arreio em que cingem os judeus não podiam ser! Quando ante meus olhos se levanta a figura dum destes miseráveis, assim enroupados, com uma mitra de papel, em laia de carapuça de palhaço na cabeça, lembam-me os versos de Vergílio: *Et tunica maniacas et habent redimula mitrae*. Rémulo troçava, desta maneira, dos trajos singulares dos embaixadores troianos enviados por Eneas a el-rei Latino.

Os inquisidores exterminam por morte nefanda todos os que abjuram dos erros e idolatrias da Igreja de Roma. Da mesma forma, os imperadores otomanos faziam executar todos os que repudiavam as imposturas dos profetas.

Depois de queimados os corpos, as cinzas dos supliciados de Lisboa são lançadas ao Tejo. Já os pagãos usavam de igual cerimónia. O Ródano era

o depositário das cinzas dos cristãos carbonizados no patíbulo.

Obstinam-se os inquisidores em obrigar os judeus a assistir às práticas divinas, confessar-se, ouvir missa, acompanhar os votos, tôdas as cerimónias, em suma, da Igreja. Os soberanos, sob cujo jugo os judeus tantas vezes generam, exerceram sôbre êles mil sevícias e crueldades, mas nunca atentaram contra os seus direitos de consciência, nem pensaram em desviá-los de sua fé. Cativos no Egipto, em Babilónia, vassallos dos sucessores de Alexandre, não consta que fôsem compelidos a sacrificar aos deuses dos gentios. Estava reservado ao mais ímpio dos reis, Antioco Epifânio, pelos cortesãos cognominado blasfemamente de *Divindade illustre*, estava-lhe reservado dar ao mundo o exemplo tão escandaloso como tirânico de forçar as almas obrigando-as a aceitar o culto que seu alvedrio decretava. Êste rei, duma impiedade e orgulho anunciados por Daniel, sendo o iniciador das perseguições religiosas, deixou imitadores através dos tempos.

Um dos meios de que Antioco lançou mão para constranger os judeus a renunciar à sua lei consistia em forçá-los a assistir às cerimónias do paganismo. Proíbiu-lhes, além disso, de frequentarem o Templo, de praticar acto público de religiosidade, e de circuncidar os recém-nascidos. Os transgressores eram castigados com a pena de morte. Numa palavra, as medidas de repressão chegaram a ponto de proibir que os particulares guardassem em casa os livros da lei.

Não são, como se vê, diferentes os meios de que o Santo-Officio lança mão para aniquilar o judaísmo, sem olhar a que os tiranos de Roma os tinham pôsto em prática quando davam combate à religião nascente de Jesus-Cristo.

Se alguém quisesse persuadir outrem duma verdade geométrica, recorrendo, como meio de convicção, à ameaça, às promessas, à violência e suplicio, de-certo que até os próprios inquisidores aquilatariam de absurdo um empreendimento de tal ordem. Igualmente, não será absurdo recorrer a meios análogos em matéria de religião? Era empregando a ameaça, seguida dos mais crueis tratos que os pagãos procuravam levar a apostatar os prosélitos de Moisés ou de Jesus. Então, como agora, não encontravam os perseguidores nada de mais eficaz para quebrantar as almas.

Como êles, reuniram os inquisidores os suplicios mais dolorosos para vencer, segundo dizem, a obstinação dos judeus e a contumácia dos pretendidos heréticos. A simples resenha de desumanidades perpetradas contra pessoas, que se não podem arguir de crime contra o Estado ou os bons costumes, é uma condenação eloquente dos métodos dessas almas soberbas e ferozes — vergar as consciências ao sabor de seus desígnios. Os suplicios, comumente usados pelos pagãos, eram a cruz, o cavalete, a roda, o fogo, as feras, o trabalho nas minas, de mistura com o que o mau instinto soube inventar de mais bárbaro. Se crucificados, eram abandonados.

no calvário até expirar. Sucedia, às vezes, levarem dias inteiros na agonia. Sentenciados à fogueira, queimados pouco a pouco, lentamente, de modo a prolongar o martírio.

«Os tormentos de mais voga — conta o abade Fleury — consistiam em deitar os réus sôbre um cavalete com cordas atadas aos pés e às mãos e que roldanas a distância retesavam; em suspendê-los pelos braços com grandes pesos aos pés; em moê-los à paulada, ou vergastá-los com chibatas e azorragues guarnecidos de pontas de ferro, chamados escorpiões, ou correias de couro com bolas de chumbo nas extremidades. Uma grande parte dos supliciados morriam no acto da tortura. A outros estendidos ao comprido, iam-nos chamuscando com archotes ou causticando pouco a pouco com lâminas de ferro em brasã, ou rasgavam-nos com garras e pentes de ferro a ponto que chegavam a pôr-lhes as vértebras a nú e até as entranhas; acontecia, também, o lume sufocá-los, com entrar pelas chagas nos pulmões. Quando os pacientes persistiam em sua fé, sôbre as chagas derramavam-lhes fel e vinagre, ou reabriam-lhas se começavam a cicatrizar.»

Mas havia outros sistemas de tortura, como pendurar o penitenciado pelos pés a ramos de árvore, que eram dobrados até terra a poder de pulso, e largados de salto. Açoutando o ar, o corpo do mártir quebrava-se em suas partes rígidas. Revestiam-nos também de camisas embebidas em matérias gordurosas e pegavam-lhes o fogo. E o archote humano ar-

dia até resto, até à consunção derradeira do corpo. Encerravam-nos, ainda, no ventre dum touro de bronze e sob êle acendiam uma fogueira. Atiravam-nos a caldeiras cheias de azeite a ferver ou de chumbo liquido. Ungiam-lhes o corpo com mel e expunham-nos atados a um poste às môscas e às vespas. Faziam-nos embarcar num velho batel e no meio do mar incendiavam-no.

A natureza humana confrange-se até a fibra mais íntima à simples enumeração destas atrocidades. Não obstante, os inquisidores as praticam, senão tôdas, uma grande parte delas, tais como a roda, o cavalete, os azorragues, os escorpiões, as camisas inflamáveis, o fogo em suas variantes, e outros suplicios de igual fereza. Em Londres há muitos judeus que o podem jurar e mesmo um cristão, Jean Custô, protestante francês, lapidário de profissão. Basta ler a obra, por êle escrita sôbre os tormentos que padeceu em Lisboa, no tribunal do Santo-Oficio, para se reconhecer o comedimento das nossas palavras.

Tais crueldades exercidas por ministros que professam a lei de Jesus-Cristo contra homens de credo análogo, não teem exemplo entre os povos mais atrasados. Em tudo, menos na religião comum, poderiam encontrar pretexto para se matar.

Conta Lactâncio que quando o corpo dos mártires ficava lacerado dos tratos, imediatamente se ocupavam dêle com todo o desvêlo, de modo a uma vez curado, poder ser novamente sujeito ao suplicio. Idêntico sistema adoptaram os inquisidores.

Nunca êles costumam aplicar a tortura, sem que ao pé esteja médico ou cirurgião, para indicar o momento em que o paciente chegou ao limite do sofrimento sensível e a sua vida corre perigo. Os próprios me confessaram as circunstâncias em que se dá a sua intervenção. Bem entendido, não é por estímulo de caridade ou humanidade que os chamam; mas sim, para que a presa, destinada a outras e outras torturas, lhes não escape pela morte. Alguns, não obstante a assistência do médico, perecem às primeiras provas. É acreditável, a propósito dêstes falecimentos extemporâneos, que os próprios inquisidores venham publicar que as vítimas tinham sido acusadas indevidamente e que, reconhecendo a sua inocência, lhes reservem entérro eclesiástico? É; é acreditável, porque já tem sucedido mais duma vez e nós podemos testemunhá-lo.

Para que ir mais longe em assunto tão negregado e revoltante? Dói à alma revolver tal acervo de crueldades; levam a descrever de Deus práticas cometidas em seu santo, misericordioso, justiceiro nome.

L

DIAS FUNESTOS

Católicos há que consideram como infortunados e nefastos certos dias da semana e do ano. Os portugueses, especialmente as pessoas da familia Mene-

zes, absteem-se de tentar tarefa alguma de importância na terça-feira. É dia aziago — alegam — e não viajam nem empreendem acção de fôlego.

Entre outras superstições que reinam ainda em Inglaterra, de preferência na população, ouvi a três pessoas diferentes que a sexta-feira é dia funesto, impróprio a cometimentos. O sábado, pelo contrario, é dia favorável.

Já Tournefort tinha feito a mesma descoberta, respeitante à credulidade dos turcos. «Alguém se lembrou, modo de derrancar os marinheiros, que se estava a 26 de maio, dia dos mais desgraçados do ano. Foi quanto bastou para se nos dilatar a partida dumas boas horas. Ocorreu-me, tambem, que não havia mel no navio e que, em face dos doentes que levávamos, era preciso arranjá-lo. Responderam-me que era dia aziago, que Deus Nosso Senhor se amercearia dos doentes.»

Os pagãos, igualmente, tinham certos dias por impropícios, infames e de mau agouro. Chama-lhes Tito-Lívio *religiosi dies* ou dias de superstição. Nónio Marcelo intitula-os de *atri dies* ou dias funestos. Aos mesmos dá Festo o nome de *Directum*.

Veem de longe, como se vê, as superstições e ameaçam, não obstante a cartilha e as muitas luzes do progresso, ir longe ainda.

LI

JUIZO INFALÍVEL DO ANO DE 1751.

Junho

É contra a prudência e a boa civilidade fazer apostas durante este mês. Apostar é nem mais nem menos que desmentirem-se as pessoas reciprocamente.

Não há meio termo para o invejoso. De duas uma: ou se corrige radicalmente, ou então prepara-se a ser o seu próprio carrasco.

Muitas pessoas, com menosprêzo da tranquillidade, planearão vastos cometimentos no principio deste mês de junho. E tudo será fumo. Antes que acabe o mês, estarão na sepultura.

A sinceridade de tal modo se sumiu à face da terra, que os sapientes e, sobretudo as mulheres, hão de considerar de boa virtude o uso da desconfiança.

A filosofia, que é capaz de nos inspirar o mais generoso desdém pelas riquezas, não poderá pôr-nos a coberto da insolência dos ricos.

Todo jogador de profissão pode estar certo este mês de que perde. Que mais não seja, perde o tempo.

Um homem refugia-se no seu escritório. Lê, escreve, vela apenas em conservar os amigos. Não

intriga, o gôsto pelos prazeres ainda os mais innocentes desvanece-se em sua alma. Não seria uma razão para o deixarem em paz? Mas não; sem o terem lido, sem terem praticado com êle, atassalham-no, criticam-no, cobrem-no de vitupério. É o caso de dizer: *blasphemant que ignorant*.

Durante êste mês de junho, ninguém pode estorvar os corvos de crocitar nos ares, as rãs de coaxar no charco, os lóbos de uivar nos bosques, muito menos se poderão tolher os néscios de denegrir o que não está ao seu gôsto e de contradizer o que não entendem.

Animais há que turvam a água em que se espelha a sua deformidade; pessoas, também, engenham-se em velar a consciência com mêdo que transpareça a sua espiritual hediondez.

Aqueles que falecerem no corrente dêste mês à certa que não podem presenciar a destruição do Anticristo e o cumprimento de muitas e excelentes profecias respeitantes à paz e glória da Igreja Cristã.

Muitos viventes, homens e mulheres, não obstante a sua idade propecta, mais e mais se hão de agarrar êste mês à idea de viver. Esquecem que carregam um fardo e fazem carregá-lo pela terra nossa mãe.

As belas-artes e as sciências teem um lado pouco interessante; é o dar-se em espectáculo a parvos e a invejosos.

Da mesma maneira que flores e fôlhas são indício de vida numa planta, as obras pias são no homem testemunho de cristandade.

Durante êste repulante junho pouca distância haverá entre a alegria e a tristeza, a sabedoria e a loucura, o fausto e a indigência, a vida e a morte. São extremidades, na existência, que se tocam. *Deus super omnia.*

FIM DO VOLUME PRIMEIRO



INSTITUTO DE FÍSICA E QUÍMICA
DE CARVALHO



ÍNDICE

O anátema do Papa pode ser mortal..... 10
 A natureza do crime do bom ladrão..... 11
 O homem ignorante poderá salvar-se..... 14
 Queixas do autor contra seus poderosos inimigos..... 16
 Baptismo da Linha..... 18
 A propósito da transubstanciação..... 19
 Acêrca dos grandes e das pessoas que lhes andam à
 roda..... 30
 Acêrca dos medicos..... 31
 Senhores ricos e guarda-portões..... 36
 A propósito do beijo no pé do Papa..... 37
 Juízo infalível do ano de 1751 — *Janeiro*..... 40
 A propósito do amor..... 43
 Sobre a pobreza..... 72
 Carácter de clitandro..... 73
 A propósito do lobisomem..... 77

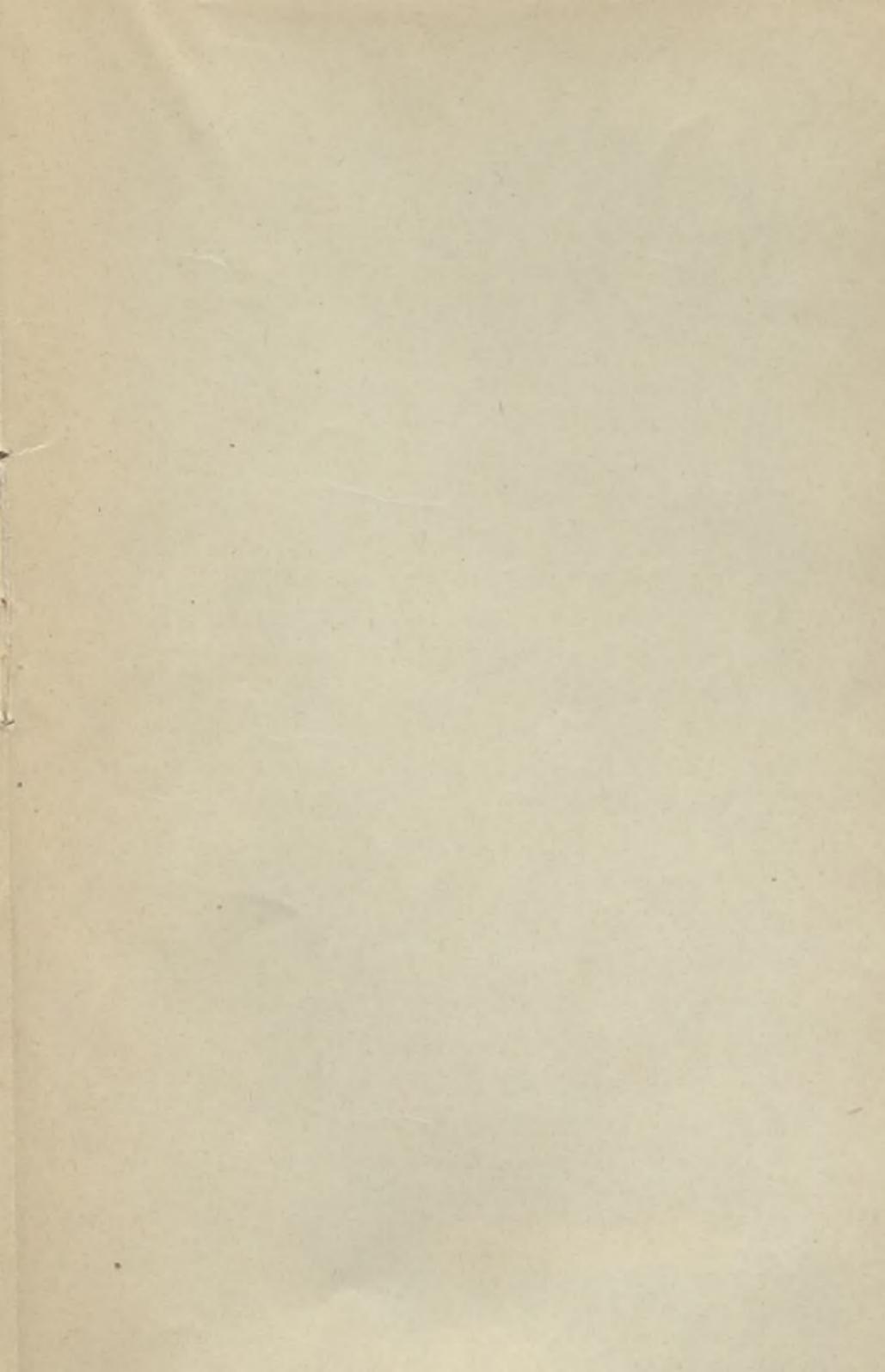
Paginas

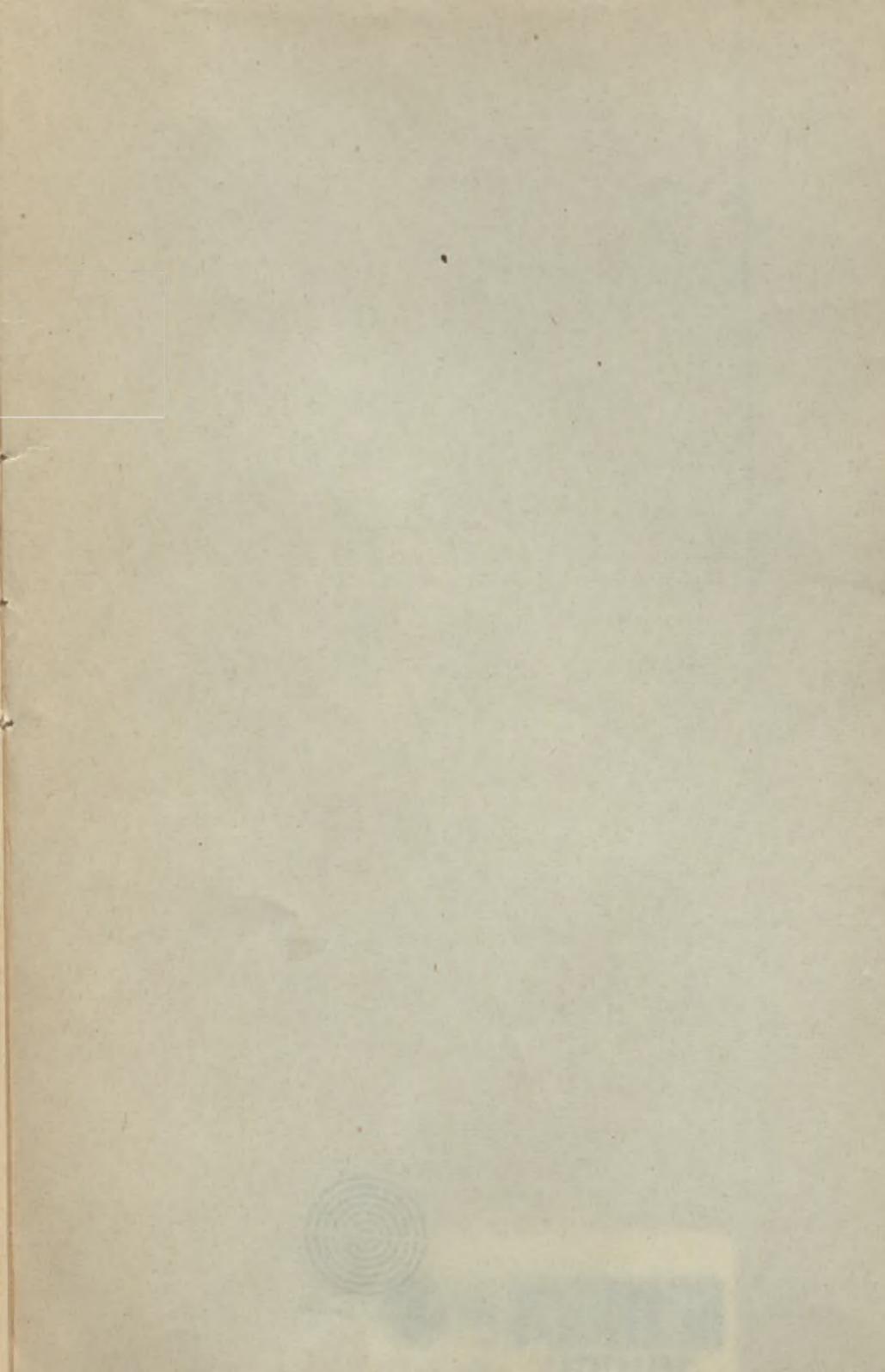
Introdução de Aquilino Ribeiro

Prefácio do autor.....	1
Acêrca da falsa aparência.....	8
O poder do Papa.....	9
O anátema do Papa pode ser mortal.....	10
A natureza do crime do bom ladrão.....	11
O homem ignorante poderá salvar-se.....	14
Queixas do autor contra seus poderosos inimigos.....	16
Baptismo da Linha.....	18
A propósito da transubstanciação.....	19
Acêrca dos grandes e das pessoas que lhes andam à roda.....	30
Acêrca dos medicos.....	31
Senhores ricos e guarda-portões.....	36
A propósito do beijo no pé do Papa.....	37
Juízo infalível do ano de 1751 — <i>Janeiro</i>	40
A propósito do amor.....	43
Sobre a pobreza.....	72
Carácter de clitandro.....	73
A propósito do lobisomem.....	77

	Paginas
Juízo infalível do ano de 1751 — <i>Fevereiro</i>	80
Pessoas notáveis pela fealdade.....	83
A propósito dos gregos de hoje.....	89
Viver supérfluo e remediado.....	96
O segredo duma attitude moral.....	98
A propósito duma ordenança do Rei de Portugal onde se prova a sua muita ponderação e autoridade...	101
Acêrca da beleza.....	115
Acêrca dos endemoninhados.....	122
Tradições religiosas.....	127
Juízo infalível do ano de 1751 — <i>Março</i>	131
Curiosidades da História Natural.....	134
Acêrca dos maus tratamentos que os católicos infligem às imagens da sua devoção.....	139
A propósito de mulheres doudas.....	143
A propósito de navegação e vida do mareante.....	153
Superstições que veem de longe.....	158
Juízo infalível do ano de 1751 — <i>Abril</i>	160
Pessoas notáveis pela fôrça.....	163
Mulher sisuda e mulher garrida.....	168
Acêrca de comediantes.....	172
Fidalgos de meia tigela e fidalgos de contrabando...	180
Acêrca dos boémios.....	190
Acêrca do respeito e estima que se devem aos grandes	196
Casas onde ninguem se entende.....	199

	Páginas
Juízo infalível do ano de 1751 <i>Mai</i> o.....	200
Da minha situação presente.....	203
Carta do autor à senhora V*** onde demónstra que, se é impróprio, não está interdito às damas o pa- pel de embaixatrizes.....	208
Nomes illustres em posse de plebeus e vilões.....	216
Cornos naturais, extraordinários, imaginários, posti- ços, simbólicos.....	221
Da maneira como se pagam crimes neste mundo e dum frade que não quis envergonhar o hábito da sua ordem.....	226
Acêrca da constância e coragem nas mulheres.....	231
Grandes senhores, homens doutos e lisonjeiros.....	234
Suplícios ao serviço dos Deuses e de Deus.....	238
Dias funestos.....	248
Juízo infalível do ano de 1751 — <i>Jun</i> ho.....	250







LEONIL GONZALEZ 1972
RODOLFO DE CARVALHO



RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329721392

